

## **Indisciplina: Conceções em contexto de Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico**

**Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de  
Mestre na área da Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º ciclo do  
ensino básico**

**Joana Campos Cardoso**

**Orientadora: Professora Doutora Sónia Raquel Pereira**

**Malta Marruaz Seixas**

**2019, fevereiro**

*“O nosso trabalho tem essa magia: permite-nos evoluir constantemente, basta que assim o desejemos.” (Molina, 2015)*

Dedico-te este trabalho meu irmão, porque sei que tu mais do que ninguém estarás orgulhoso desta minha conquista. Desde aquele dia que cada passo que dou na vida é em tua homenagem, para te orgulhar. Sei que no meio das estrelas estarás feliz por esta concretização.

“Quando olhares o céu à noite eu estarei habitando uma delas, e de lá estarei rindo. E então, será para ti como se todas as estrelas rissem. Dessa forma, tu e somente tu, terás estrelas que sabem rir” Saint-Exupéry (2018)

## **Agradecimentos**

Não existem palavras suficientes para agradecer a cada pessoa que me apoiou, que acreditou em mim, que me fez não desistir e caminhou a meu lado nestes cinco anos. Assim, é com um enorme prazer que expresso o meu mais sentido agradecimento a todos os que marcaram nesta longa caminhada.

Agradeço à professora Sónia Seixas, pela disponibilidade constante, dedicação, competência e motivação. Obrigada por toda a partilha do seu conhecimento e por me fazer ver sempre mais além, pois sem tudo isso não teria sido possível concretizar este relatório. Agradeço ainda a todos os docentes, com quem tive o privilégio de trabalhar e aprender diariamente, pelo enriquecimento, tanto profissional como pessoal.

A todos os professores cooperantes e alunos, um obrigada por ter sido sempre tão bem recebida nas instituições e salas de aula, por todas as aprendizagens e vivências enriquecedoras. Foi também um bocadinho de cada um de vós que tornou possível o desenvolvimento da presente investigação.

Um agradecimento muito especial aos meus pais e avós porque sem eles nada do que vivi e aprendi nestes cinco anos teria sido possível, toda a confiança que depositaram em mim fez-me crescer e querer sempre saber e viver mais, todas as vossas palavras de incentivo fizeram-me ir à luta e vencer com honra. Tudo para vos deixar orgulhosa como filha/neta e como pessoa.

Não poderia deixar de agradecer ao meu João por toda a paciência, motivação e apoio incondicional. À minha irmã Sara, que desde criança caminha a meu lado nas vitórias e derrotas. E aos meus amigos e amigas por me mostrarem o verdadeiro sentido da amizade.

Seguidamente quero agradecer às amigadas que fiz ao longo do meu percurso académico, ressaltando as minhas irmãs de coração Ana Rita e Ana Sofia, por todo o companheirismo, amizade e confiança, tanto nos melhores momentos como nos mais difíceis, erguendo a cabeça e nunca desistindo.

Por fim um obrigada aos meus amores peludos de quatro patas por todas as lambidelas de amor.

A todos um muito obrigada do fundo do coração!

## Resumo

O presente relatório final de estágio surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) realizado na Escola Superior de Educação de Santarém, sendo composto por duas partes.

A primeira parte contempla uma análise/processo reflexivo relativo ao percurso realizado nas práticas de ensino supervisionada em Creche, Jardim de Infância e 1ºCEB. Na segunda parte, destaca-se a componente investigativa, na qual se pretende estudar alguns membros da comunidade educativa, estudando as suas conceções relativas à (in)disciplina, descrevendo as estratégias por eles implementadas para prevenir/corrigir certos comportamentos das crianças, identificando algumas dificuldades sentidas na sua gestão, assim como a interferência que a indisciplina tem no processo de ensino-aprendizagem.

Os dados foram obtidos através de entrevistas, a duas educadoras, quatro professores e oito alunos, e notas de campo que permitiram refletir e confrontar o dito com o praticado, verificando as formas de intervenção de cada docente de acordo com os comportamentos praticados.

Após a organização e análise dos dados, realizou-se uma comparação entre os mesmos e a revisão da literatura, chegando assim, a diversas conclusões pertinentes ao estudo. É de salientar a inexistência de uma única estratégia que possamos aplicar a um grupo ou de uma única opinião sobre o tema, pois todos os alunos são diferentes, todas as práticas são distintas, assim como todas as visões sobre as situações. No entanto, a nossa forma de atuar tem de ter por base uma boa observação das manifestações dos comportamentos de indisciplina, diversificando as estratégias e promovendo o ensino-aprendizagem na nossa sala de aula.

**Palavras-chave:** Indisciplina; Disciplina; Estratégias; Prevenção; Ensino-Aprendizagem.

## **Abstract**

This final internship report comes within the ambit of the Master's Degree in Pre-Primary Education of the 1st Cycle of Basic Education (CEB) accomplished of Escola Superior de Santarém, being this compound in two parts.

On one hand, the first part, takes into account the analysis/process reflexive of the supervised teaching practices in Kindergarten and first cycle of basic education. In the second part, is highlighted the research component, in which one intends to study some members of the educational community, studying their conceptions of (in)discipline, describing the strategies they have implemented to prevent/correct certain behaviors in children, identifying some difficulties felt in its management, as well as the interference that indiscipline has in the teaching-learning process.

The data were obtained through interviews, two educators, four teachers and eight students, and field notes that allowed to reflection and confront the said with the practiced, verifying the forms of intervention of each teacher according to the behaviors practiced.

After the organization and analysis of the data, was made a comparison between them and the literature review, arriving at several conclusions pertinent to the study. It is protruding that there is no single strategy that we can apply to a group or a single opinion on the subject, because all students are different, all practices are different, as are all visions about situations. However, our way of acting must be based on a good observation of the manifestations of behaviors of indiscipline, diversifying strategies and promoting teaching-learning in our classroom.

**Keywords:** Indiscipline; Discipline; Strategies; Prevention; Teaching-Learning.

## **Lista de Siglas**

CEB – Ciclo do Ensino Básico

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

JI – Jardim de Infância

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PDI – Plano de Desenvolvimento Individual

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PNL – Plano Nacional de Leitura

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

UAE – Unidade de Apoio Especializado à Educação de Alunos com Multideficiência

UC – Unidade Curricular

UEE – Unidade de Ensino Estruturado

# Índice

Agradecimentos.....	iv
Resumo .....	v
Abstract .....	vi
Lista de Siglas .....	vii
Índice.....	viii
Índice de Anexos .....	xi
Índice de Tabelas .....	xiii
Índice de Figuras .....	xiv
Introdução.....	1
Parte I – Estágios .....	3
1.1. Estágio em Creche.....	3
1.2. Estágio em Jardim de Infância .....	12
1.3. Estágio em 1ºCiclo do Ensino Básico - 1ºano .....	21
1.4. Estágio em 1ºCiclo do Ensino Básico - 4ºano .....	32
2. Percurso de Desenvolvimento Profissional - Autodiagnóstico .....	41
Parte II – Exercício Investigativo .....	45
1. Percurso do Desenvolvimento Investigativo .....	45
2. Revisão da Literatura .....	46
2.1. Definição de (in)disciplina .....	46
2.2. Tipos de comportamentos de indisciplina.....	47
2.3. Fatores da Indisciplina .....	49
2.4. Um olhar sobre a indisciplina e o processo de ensino-aprendizagem .....	51
2.5. Prevenção de indisciplina.....	53
3. Metodologia para recolha e análise de dados .....	56
3.1. Tipo de Estudo.....	56

3.2. Sujeitos da Amostra .....	57
3.3. Instrumentos de Recolha de Dados .....	57
3.4. Procedimentos Investigativos.....	58
4. Recolha dos Dados Investigativos.....	60
4.1. Análise dos dados recolhidos.....	60
4.1.1. Interpretação dos dados das Educadoras .....	60
4.1.2. Interpretação dos dados dos Professores .....	65
4.1.3. Interpretação dos dados dos Alunos .....	72
4.1.4. Análise global e comparativa dos dados.....	74
Considerações Finais .....	77
Referências Bibliográficas .....	84
Anexos .....	91
Anexo 1 – Planificação Atividade “Caixas com Alimentos”	
Anexo 2 – Grelha de Avaliação da Atividade “Caixas com Alimentos”	
Anexo 3 – Planificação da Atividade “Balões Luminosos”	
Anexo 4 – Grelha de Avaliação da Atividade “Balões Luminosos”	
Anexo 5 – Grelha de Avaliação de Rotina	
Anexo 6 – Teia do Projeto “Exploradores da Ciência”, implementado no Jardim de Infância	
Anexo 7 – Planificação da Atividade “Recriação da pintura com carimbagem de frutos”	
Anexo 8 – Grelha de Avaliação da Atividade “Recriação da pintura com carimbagem de frutos”	
Anexo 9 – Planificação da Atividade “Fabricação do pão”	
Anexo 10 – Grelha de Avaliação da Atividade “Fabricação do pão”	
Anexo 11 – Teia do Projeto “A Minha Inclusão no Meio”, implementado no 1ºano do 1ºCEB	
Anexo 12 – Planificação da Atividade “Matematicamente socializando”	
Anexo 13 – Planificação da Atividade “Criação de uma história através de um quadro”	

Anexo 14 – Teia do Projeto “A Tecnologia na Educação”, implementado no 4ºano do 1ºCEB

Anexo 15 – Planificação da Atividade “Promoção de boas práticas ambientais e o estudo da política dos 5 R’s”

Anexo 16 – Ranking de Avaliação da Atividade “Promoção de boas práticas ambientais e o estudo da política dos 5 R’s”

Anexo 17 – Planificação da Atividade “A Carta”

Anexo 18 – Grelha de Avaliação da Atividade “A Carta”

Anexo 19 – Quadro de identificação dos sujeitos docentes

Anexo 20 – Quadro de identificação dos sujeitos discentes

Anexo 21 – Guião das entrevistas realizadas às Educadoras

Anexo 22 – Guião das entrevistas realizadas aos Professores

Anexo 23 – Guião das entrevistas realizadas aos Alunos

Anexo 24 – Guião das Notas de Campo

Anexo 25 – Transcrição da entrevista da Educadora 1 (E1)  
– Transcrição da entrevista da Educadora 2 (E2)

Anexo 26 – Transcrição da entrevista da Professora 1 (P1)  
– Transcrição da entrevista da Professora (P2)  
– Transcrição da entrevista da Professora 3 (P3)  
– Transcrição da entrevista do Professor 4 (P4)

Anexo 27 – Transcrição das entrevistas dos Alunos

Anexo 28 – Quadro das entrevistas das Educadoras

Anexo 29 – Quadro das entrevistas dos Professores

Anexo 30 – Quadro das entrevistas dos Alunos

Anexo 31 – Nota de Campos elaborada no contexto de 1ºano

Anexo 32 – Nota de Campos elaborada no contexto de Jardim de Infância

Anexo 33 – Nota de Campos elaborada no contexto de 4ºano

## Índice de Anexos

Anexo I – Planificação Atividade “Caixas com Alimentos” .....	88
Anexo II – Grelha de Avaliação da Atividade “Caixas com Alimentos” .....	91
Anexo III – Planificação da Atividade “Balões Luminosos” .....	92
Anexo IV – Grelha de Avaliação da Atividade “Balões Luminosos” .....	95
Anexo V – Grelha de Avaliação de Rotina .....	96
Anexo VI – Teia do Projeto “Exploradores da Ciência”, implementado no Jardim de Infância.....	97
Anexo VII – Planificação da Atividade “Recriação da pintura com carimbagem de frutos” .....	99
Anexo VIII – Grelha de Avaliação da Atividade “Recriação da pintura com carimbagem de frutos” .....	105
Anexo IX – Planificação da Atividade “Fabricação do pão” .....	107
Anexo X – Grelha de Avaliação da Atividade “Fabricação do pão” .....	113
Anexo XI – Teia do Projeto “A Minha Inclusão no Meio”, implementado no 1ºano do 1ºCEB.....	116
Anexo XII – Planificação da Atividade “Matematicamente socializando” .....	118
Anexo XIII – Planificação da Atividade “Criação de uma história através de um quadro” .....	121
Anexo XIV – Teia do Projeto “A Tecnologia na Educação”, implementado no 4ºano do 1ºCEB.....	125
Anexo XV – Planificação da Atividade “Promoção de boas práticas ambientais e o estudo da política dos 5 R’s” .....	126
Anexo XVI – Ranking de Avaliação da Atividade “Promoção de boas práticas ambientais e o estudo da política dos 5 R’s” .....	130

Anexo XVII – Planificação da Atividade “A Carta” .....	131
Anexo XVIII – Grelha de Avaliação da Atividade “A Carta” .....	134
Anexo XIX – Quadro de identificação dos sujeitos docentes.....	136
Anexo XX – Quadro de identificação dos sujeitos discentes.....	137
Anexo XXI – Guião das entrevistas realizadas às Educadoras.....	138
Anexo XXII – Guião das entrevistas realizadas aos Professores.....	141
Anexo XXIII – Guião das entrevistas realizadas aos Alunos.....	144
Anexo XXIV – Guião das Notas de Campo.....	146
Anexo XXV – Transcrição da entrevista da Educadora 1 (E1).....	147
– Transcrição da entrevista da Educadora 2 (E2).....	151
Anexo XXVI – Transcrição da entrevista da Professora 1 (P1).....	157
– Transcrição da entrevista da Professora (P2).....	163
– Transcrição da entrevista da Professora 3 (P3).....	170
– Transcrição da entrevista do Professor 4 (P4).....	176
Anexo XXVII – Transcrição das entrevistas dos Alunos.....	181
Anexo XXVIII – Quadro das entrevistas das Educadoras.....	184
Anexo XXIX – Quadro das entrevistas dos Professores.....	188
Anexo XXX – Quadro das entrevistas dos Alunos.....	196
Anexo XXXI – Nota de Campos elaborada no contexto de 1ºano.....	198
Anexo XXXII – Nota de Campos elaborada no contexto de Jardim de Infância.....	199
Anexo XXXIII – Nota de Campos elaborada no contexto de 4ºano.....	200

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 - Categorias e Subcategorias emergentes do discurso das Educadoras.....	61
Tabela 2 - Categorias e Subcategorias emergentes do discurso dos Professores.....	65
Tabela 3 - Categorias e Subcategorias emergentes do discurso dos Alunos.....	73

## Índice de Figuras

Figura 1 - Exploração olfativa de uma das caixas de alimentos com grãos de café. ....	9
Figura 2 - Exploração, através do paladar, de uma das caixas de alimentos que continha arroz.....	9
Figura 3 - Exploração em grupo dos balões no interior do edredão, ao som de uma música.....	10
Figura 4 - Exploração individual do balão, com as várias partes do corpo. ....	10
Figura 5 - Pintura com carimbagem.....	17
Figura 6 - Pintura com carimbagem.....	18
Figura 7 - Fabricação de pão por parte dos alunos.....	19
Figura 8 - Fabricação de pão por parte dos alunos.....	19
Figura 9 - Execução do jogo "Matematicamente Socializando".....	29
Figura 10 - Execução do jogo "Matematicamente Socializando".....	29
Figura 11 - Criação de uma história, tendo como ponto de partida a pintura do artista plástico. ....	31
Figura 12 - Recriação de uma pintura de um artista plástico.....	31
Figura 13 - Execução do jogo Kahoot denominado "A qualidade do Ambiente".....	39
Figura 14 - Execução do jogo Kahoot denominado "A qualidade do Ambiente".....	39
Figura 15 - Elaboração de uma produção escrita em forma de carta, tendo como destinatário o Gigante Egoísta.....	40



## Introdução

Com o objetivo de obtenção de grau de mestre em ensino de Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Santarém, foi elaborado o presente relatório de estágio no âmbito da unidade curricular (UC) de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada (PES) II. Este relatório tem como propósito documentar o percurso de desenvolvimento profissional, assim como as aprendizagens, dúvidas e questões adquiridas, sustentadas e superadas com a prática, em ligação com a produção de conhecimento profissional sustentado no processo de intervenção pedagógica.

No que concerne à estrutura do relatório, este apresenta-se dividido em duas partes: a primeira parte diz respeito à intervenção desenvolvida ao longo da Prática de Ensino Supervisionada (PES) em Pré-Escolar e 1ºCEB, já a segunda parte contempla a dimensão investigativa realizada ao longo do mestrado, estudo esse sobre Indisciplina: concepções em contexto de Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

A parte I contempla uma reflexão crítica, tendo por base os conhecimentos adquiridos na PES, de modo a compreender a construção de aprendizagens significativas aquando da minha prática. Foi neste sentido que a PES contribuiu para desenvolver competências de análise e de intervenção nos contextos de Pré-Escolar e 1ºCEB, em conjunto com as didáticas específicas e outras componentes de formação, proporcionando uma iniciação crescente à prática profissional. Assim, nesta secção é possível observar-se a caracterização dos contextos sociogeográficos das instituições de Creche, Jardim de Infância e 1º CEB em que decorreram as práticas de ensino supervisionada; a caracterização das mesmas, das salas e dos alunos; os projetos implementados durante as intervenções; as atividades destacadas de cada projeto; a avaliação das aprendizagens e o percurso de desenvolvimento profissional - autodiagnóstico.

Na parte II, é apresentado o percurso investigativo, no qual se conhecem as perspetivas dos docentes e estudantes face à (in)disciplina. Esta secção tem como objetivo dar a conhecer as concepções referentes à indisciplina, existentes no Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico, focando as estratégias implementadas pelos docentes para prevenir/corrigir os comportamentos das crianças, identificando as dificuldades sentidas pelos professores face à gestão de comportamentos de indisciplina e analisando se existem ou não diferenças entre rapazes e raparigas relativamente aos comportamentos de indisciplina. Assim, esta parte está dividida nos seguintes tópicos: (1) percurso do desenvolvimento investigativo; (2) revisão da literatura; (3) metodologia para a recolha e análise de dados, na qual é apresentado o tipo de estudo, os sujeitos da amostra, os instrumentos de recolha de dados e os procedimentos investigativos; (4) recolha dos dados investigados, na qual são analisados os dados recolhidos, interpretando os dados das educadoras, dos professores e

dos alunos e termina com uma análise comparativa dos dados de todos os sujeitos estudados. Por último encontramos uma reflexão final centrada em todo o percurso desenvolvido no decorrer do mestrado, as considerações retiradas do estudo, as futuras investigações realizar, bem como a contribuição que este relatório tem para a minha formação pessoal e profissional.

## **Parte I – Estágios**

### **1. Contextos de Estágio**

Neste capítulo procederei à apresentação dos contextos nos quais realizei os diferentes estágios da prática de ensino supervisionada e nos quais coloquei em prática o meu projeto de investigação. Irei sustentar esta apresentação com a caracterização das instituições, dos espaços/salas nos quais estive inserida, dos grupos que tive hipótese de acompanhar e terminarei com uma abordagem aos projetos desenvolvidos em cada contexto, destacando duas atividades por estágio e a avaliação geral do projeto.

No decorrer desta descrição reflexiva irei percorrer os estágios por ordem de acontecimentos, tendo como primeira referência o estágio em contexto de Creche realizado entre os meses de dezembro de 2016 e janeiro de 2017, de seguida o estágio em contexto de Jardim de Infância ocorrido entre os meses de abril e junho de 2017, como terceiro o estágio em contexto de 1ºCiclo do Ensino Básico (CEB) numa sala de 1º ano, durante os meses de novembro de 2017 a janeiro de 2018 e por fim em contexto também de 1ºCEB numa sala de 4ºano, entre os meses de abril e junho de 2018.

#### **1.1. Estágio em Creche**

##### **Caracterização da Instituição**

O estágio em contexto de Creche foi realizado numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) do distrito de Santarém, localizada numa zona urbana do concelho. É uma instituição de cariz religioso, católico, sem fins lucrativos, que tem como missão desenvolver a intervenção na área social, prestando respostas e serviços adequados às necessidades das pessoas e da comunidade em particular, promovendo o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas nela inseridas. É uma instituição direcionada a apoiar idosos e crianças em cinco unidades distribuídas por Santarém.

A presente unidade disponibiliza o contexto de Creche e Jardim de Infância à comunidade. Esta foi fundada em setembro de 1985 e desde aí acolhe crianças dos 3 meses aos 6 anos de idade prezando pela qualidade pedagógica, oferta de equipamentos e de um conjunto de espaços e ambientes a pensar no crescimento saudável e harmonioso das crianças.

A valência de Creche surge nesta IPSS como uma resposta alternativa de qualidade social e pedagógica na primeira infância, esta constitui uma das primeiras experiências da criança num sistema organizado fora do seio familiar.

O Projeto Educativo desta instituição denomina-se “Educar para Sorrir” e tem como objetivo, responder às necessidades de bem-estar e desenvolvimento das crianças nela presentes, cooperando com a comunidade educativa para o alcance e concretização do mesmo. O estabelecimento do projeto tem como princípios promover um conjunto de cuidados, de forma adequada ao nível de segurança, higiene e nutrição e desenvolver condições apropriadas às características individuais de cada criança, recorrendo a diferentes estratégias para o seu alcance.

A instituição encontra-se dividida em dois setores consoante o contexto: setor 1 correspondente ao Berçário; Sala de 1 ano e Sala dos 2 anos, o setor 2 correspondente à Sala dos 3, 4 e 5 anos.

Todas as salas da instituição encontram-se adequadas à faixa etária a às necessidades de cada criança, potenciando momentos tanto de aprendizagem como de brincadeira. O edifício é também composto por uma cozinha, um refeitório partilhado entre a sala dos 2 anos e o Jardim de Infância e um refeitório mais pequeno com uma copa integrada para a sala de berçário e de 1 ano. A instituição também dispõe de um espaço exterior, na minha opinião, pouco adequado às necessidades das crianças, existindo duas piscinas, um escorrega e um espaço amplo, mas perigoso para brincar.

### **Caracterização da Sala**

Foi na sala de 1 ano, referida anteriormente, que tive a oportunidade de estagiar. Esta sala verifica-se ideal para o número de crianças que dela fazem parte, apresentando-se bastante ampla e iluminada. Esta dispõe de uma temperatura amena, uma vez que tem ar condicionado e aquecimento no fraldário, que se encontram diariamente ligados.

A sala é composta por espaços distintos, organizados de maneira a dar resposta às necessidades de desenvolvimento do grupo e de cada criança em particular. Segundo Portugal, *“a organização do espaço pode facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar a curiosidade, potenciar autonomia e relações interpessoais positivas.”* (2012, p.12).

Estes espaços encontram-se devidamente identificados, dispondo de uma zona com livros para consulta das crianças, uma estante com brinquedos disponíveis e acessíveis a todos, uma casinha para brincadeira autónoma e duas zonas de tapete, uma com um espelho para que as crianças se consigam ver e explorar o seu eu e o outro e a segunda zona de tapete para que possam usufruir deste tanto individualmente como em grupo, essencialmente nos momentos de contagem de histórias.

O espaço disponível para o desenvolvimento das crianças da sala de 1-2 anos, na minha opinião, está bastante bem conseguido, com áreas diversificadas passíveis de serem movidas para outros espaços, não se encontrando estanques a uma zona específica,

podendo existir a interação entre diversas áreas. Deste modo, é de verificar que a divisão por áreas é fulcral e possibilita às crianças a noção de organização do espaço, tendo cada brinquedo um lugar específico na altura de arrumar, não invalidando a sua mistura durante o tempo de brincadeira. Segundo Portugal,

*“Um contexto adequado responde às novas e crescentes necessidades de mobilidade da criança (os espaços e equipamentos desafiam a criança na sua mobilidade crescente e fornecem-lhes novas perspetivas do mundo), promove a sua autonomia e o seu interesse pelas rotinas bem como a capacidade da criança em se envolver num leque cada vez mais diversificado de atividades.”*  
(2012, p.10).

Para além das zonas destinadas à brincadeira e ao desenvolvimento, a sala também está equipada com dois placards, um no qual está evidenciada a temática da sala e outro onde estão identificadas as fotografias de cada criança e a data alusiva ao seu aniversário; dois armários, um deles onde está guardado o Projeto Pedagógico, os Planos de Desenvolvimento Individual (PDI), assim como outros documentos influentes na sala, e outro armário que contém materiais de trabalho e as bolachas para o momento do bom dia; uma arrecadação onde se encontram as camas para a hora da sesta, bem como outros objetos potenciadores de aprendizagens e por fim, uma casa de banho com fraldário.

O Projeto Pedagógico da sala tem como tema “Era uma casa muito engraçada”, e pretende criar um elo de ligação entre a família e a sala, permitindo que os pais acompanhem a evolução dos seus filhos, bem como a importância que a creche tem no seu desenvolvimento. A educadora tinha como objetivo promover um vínculo entre a família e a instituição, uma vez que são dois contextos sociais que contribuem para a educação das crianças. Segundo Portugal (2012) as qualidades dos cuidados oferecidos tanto em casa como na creche são determinantes das competências, comportamento e desenvolvimento da criança.

### **Caracterização do Grupo**

Relativamente ao grupo de crianças, este era composto por 8 crianças do sexo feminino e 7 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 10 e os 28 meses. Existindo uma criança com necessidades educativas especiais (NEE) que ainda se encontrava em processo de avaliação para ter o apoio e as adequações específicas à sua NEE. Este grupo apresenta-se multietário, o que origina um desenvolvimento rápido e fácil das crianças em particular e automaticamente do grupo em geral.

Três das quinze crianças integrantes no grupo acompanham a educadora desde o berçário, o que facilitou a aquisição das regras e rotinas da sala. As restantes doze, apesar de não terem acompanhado a educadora conseguiram da mesma forma adaptar-se à sala, através da observação dos outros e da convivência entre grupo.

No que diz respeito à dinâmica do grupo, este apresenta-se bastante ativo, curioso, comunicativo e autónomo na realização das diferentes atividades da rotina, tudo isto é verificado devido à vasta estimulação por parte da educadora. É um grupo que está bastante desperto para novas aquisições no que diz respeito à linguagem, sendo esta explorada através da contagem de histórias, pequenos teatros, lengalengas e canções. A nível das interações o grupo explora bastante os brinquedos da sala, sendo muito curioso aquando do aparecimento de novos. Contudo as interações entre as crianças são fracas, existindo mais interação com os adultos da sala, o que potencia, essencialmente, uma ligação entre criança-objeto-adulto.

Relativamente à comunicação a maior parte das crianças realiza poucas vocalizações, recorrendo maioritariamente a gestos para comunicar com os adultos. Contudo já sabem reconhecer e identificar o nome dos restantes colegas, mas ainda não reconhecem o seu próprio nome.

Ao nível da motricidade, todas as crianças já têm a marcha adquirida e movimentam-se de forma autónoma, exceto uma que ainda gatinha utilizando os objetos como apoio para se levantar e caminhar. Ao nível da alimentação, a autonomia do grupo é também bastante visível, nenhuma criança necessita de auxílio dos adultos para se alimentar, exceto a criança mais nova do grupo à qual era prestada essa ajuda.

No geral, este é um grupo fácil de trabalhar e que motiva a minha prática de dia para dia, uma vez que são crianças bastante participativas e curiosas, sempre predispostas a novas explorações. Aquando da aplicação de estratégias diversificadas torna-se fácil cativar a atenção destas, conseguindo de forma mais rápida e eficaz despontar novas aprendizagens e ganhar a sua confiança.

## **Projeto Elaborado**

De acordo com as características do grupo e a sua rotina, compreendi que em contexto de Creche as experiências proporcionadas às crianças têm de partir da estimulação sensorial, sendo que desta forma são estimulados os sentidos das mesmas, desencadeando assim aprendizagens significativas. Tal como é evidenciado nos estudos de Palmer (1980), citado por Jensen (2002) torna-se essencial para a criança criar algo novo que promova e enriqueça a estimulação sensoriomotora precoce, dados os seus benefícios no processo de aprendizagem e ao longo de toda a vida. Deste modo e em interligação com

o Projeto Educativo da instituição “Educar para Sorrir” e com o Projeto Pedagógico da sala, “Era uma casa muito engraçada” foi desenvolvido um projeto permitindo que a criança através da exploração estivesse envolvida na ação e adquirisse aprendizagens significativas ao mesmo tempo que usufruía de várias experiências prazerosas.

Segundo Portugal (1998, p.30), *“a pele é o órgão sensorial mais extenso e o tocar, a manipulação que o bebé experiencia, tem um importante papel no seu desenvolvimento e bem-estar”*, assim, não faria sentido se o projeto desenvolvido não tivesse enquadrado nesta base, acabando por ficar intitulado de “Exploração Sensorial”.

Este projeto foi colocado em prática com a finalidade de desenvolver atividades que explorassem os cinco sentidos, a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar, contudo os sentidos mais estimulados foram a visão, a audição e o tato. Nestas idades as sensações são de extrema importância para a criança, dando-lhe a conhecer o mundo que a rodeia. Tal como evidencia Piaget, no estágio sensório-motor, a criança começa a construir esquemas de ação através do contacto com o meio sem representação ou pensamento. Com a implementação deste projeto foi tido também como base a criação de momentos mais dinâmicos e não orientados por parte do adulto. Sendo este simples mediador, de forma a proporcionar às crianças momentos de exploração livre de forma a terem um papel ativo na sua aprendizagem. Tal como é referido pelo Ministério de Educação, *“o reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e agente do seu processo educativo (...). Cabe ao/a educador/a apoiar e estimular esse desenvolvimento e aprendizagem (...).”* (2016, p.9)

Partindo da temática das sensações, o foco seguinte foram as planificações semanais, onde estas foram elaboradas com base nas necessidades e nos interesses de cada criança e do grupo. Estas pretenderam dar ênfase aos processos e não aos produtos, focando a importância do procedimento, de como foi feito e experienciado por cada criança os momentos de atividade exploratória. Assim, a produção das planificações foi pensada para semanalmente existir uma continuidade com base numa temática (na primeira semana individual a temática focou-se na exploração de alimentos não só com o sentido do paladar; na segunda semana individual a temática incidia na exploração das cores) a ser trabalhada e explorada pela criança, partindo sempre da leitura de uma história como elo de ligação à atividade exploratória.

Para alcançar os objetivos pretendidos com a implementação do projeto tentei promover o desenvolvimento de todos os sentidos de forma a que as crianças tivessem um contacto alargado a todos os níveis sensoriais. Na primeira semana de intervenção individual que me pertenceu planear, realizei quatro atividades, sendo estas, uma caixa de gelatina com animais, frascos com cheiros diversos (reconhecíveis ou não), tapete sensorial de tinta e caixas com diversos alimentos. Na segunda semana individual promovi um ambiente

tranquilo através de balões luminosos, criei uma exploração de garrafas e bolsas sensoriais e por fim para finalizar o estágio bem como o projeto potencieei um misto de explorações com o mote anteriormente explorado pelo grupo (garrafas sensoriais auditivas, visuais e olfativas, caixas de cartão com tecidos de várias texturas, tenda e túnel sensorial, instrumentos musicais, tapete sensorial, bolsas sensoriais e balões luminosos).

O facto de diariamente ter apostado na criação autónoma de materiais versáteis, ao invés de materiais “pré-definidos” aos quais as crianças já estão habituadas a contactar na sala, fez com que o envolvimento delas fosse maior, promovendo assim aprendizagens subjacentes a esta exploração. Tal como é evidenciado por Post e Hohmann (2011), os materiais versáteis dão maior liberdade de exploração às crianças, não estando predeterminados nem limitados a uma ação.

### **Atividades Destacadas**

Assim, de um modo geral, todas as atividades enunciadas anteriormente correram da melhor maneira, uma vez que foram ao encontro dos objetivos estipulados, despontando aprendizagens significativas e um envolvimento notório das crianças. Contudo saliento duas das que mais gosto me deu colocar em prática, que são elas “Caixas com alimentos” e “Balões Luminosos”.

A atividade das “Caixas com alimentos” encontra-se planificada em anexo (Anexo I). Esta atividade iniciou-se com quatro caixas sensoriais, cada uma com um alimento: massa, arroz, farinha e grãos de café, é de referir que para a realização da atividade foram tidas em conta alergias ou intolerâncias alimentares. Uma vez que o tapete é o seu local de conforto e confiança, foi aí que se deu início a exploração. Num primeiro momento pedi às crianças que observassem, na minha mão, os alimentos sem lhes tocarem, em género de análise, para perceber se estes tinham ou não adquirido o sentido da visão.

Após esta fase inicial em grande grupo, avancei para o segundo momento da atividade, onde à volta de uma mesa, as crianças em pequenos grupos poderiam explorar os diferentes alimentos com a visão e com o tato. Com este segundo momento, deu-se início à exploração livre de modo a perceber os sentimentos transmitidos pelas crianças ao tatearem cada alimento.

Quando se deu início a exploração da primeira caixa, da farinha, as reações foram bastante idênticas, demonstrando estranheza e pouco à vontade com o alimento, uma vez que era desconhecido para as crianças, acabando mesmo por existir pouca ligação criança-alimento. Quando transpus para as restantes caixas, tanto a da massa como a do arroz as explorações já variaram da primeira, uma vez que para além da exploração do tato e da visão, dada por mim como objetivo inicial, as crianças instintivamente exploraram o paladar,

formulando outro objetivo que anteriormente não tinha tido em conta. Finalizando com os grãos de café as reações foram um misto das três caixas anteriores, assim como a farinha era também um alimento estranho para as crianças, contudo a exploração passou não só pelo tato e visão, mas também pelo paladar.

Refletindo sobre esta atividade, concluo que os objetivos delineados foram atingidos e no decorrer da mesma, apercebi-me do desenvolvimento das crianças para possíveis novos objetivos. Tais como, a exploração do paladar, a qual não tinha sido prevista anteriormente, mas que com ela potenciou aprendizagens significativas nas crianças, acabando todas por experimentar por imitação do colega.

Ao longo da atividade senti-me “obrigada” a adequar as estratégias traçadas inicialmente, uma vez que me apercebi que toda a exploração se tornaria mais rica se as crianças a realizassem, não individualmente como teria planeado mas sim em pequenos grupos, como forma de verem e interagirem com as outras crianças e as suas explorações, bem como o facto de colocar aleatoriamente os alimentos nas mesas e não os deixar compactados dentro das caixas, pois deste modo as crianças estiveram livres durante toda a estimulação.

Assim, em forma de avaliação da atividade observei que o envolvimento das crianças foi total, proporcionando a oportunidade destas explorarem os alimentos de forma livre, contactando com alguns desconhecidos, assim como potenciar a exploração em pequenos grupos fazendo com que a criança saiba partilhar os objetos e o espaço com outra(s) criança(s), registando todos estes processos sob a forma de fotografias. A avaliação da presente atividade pode ser consultada em anexo (Anexo II).



*Figura 1 - Exploração olfativa de uma das caixas de alimentos com grãos de café.*



*Figura 2 - Exploração, através do paladar, de uma das caixas de alimentos que continha arroz.*

A atividade dos “Balões Luminosos” encontra-se planificada em anexo (Anexo III). Esta iniciou-se com a criação de um momento de curiosidade, antes de mostrar os objetos que

iriam explorar comecei por apagar as luzes e fechar as persianas. Da parte de dentro da arrecadação para a sala, fiz surgir balões de várias cores que no seu interior continham luzes.

No momento da atividade adaptei as estratégias anteriormente criadas e optei por criar uma divisão em três grandes momentos de exploração.

De início coloquei os balões no interior de uma capa de edredão e deixei que as crianças explorassem de forma livre. As reações foram variadas, algumas crianças sentiram-se confiantes para se envolverem logo desde início, mexendo nos balões e até mesmo atirando-se para cima deles. Outras tiveram receio de se aproximar pois não percebiam o que continha o interior do edredão e só depois de as cativar à exploração e de ganharem confiança é que se sentiram aptas a explorar.

O segundo momento da atividade passou por colocar uma música clássica e com as crianças deitadas no tapete, movimentei o edredão por cima delas como forma de relaxamento. A adesão a este momento foi total, todas as crianças usufruíram do ambiente calmo. Com esta parte da atividade, compreendi que com crianças desta faixa etária, a duração do momento de relaxamento não pode ser muito extensa pois eles começam a dispersar quando é ultrapassado o seu tempo de interesse.

Como terceiro e último momento, libertei os balões do edredão potenciando a brincadeira livre, de forma a observar as várias experiências individuais e as aprendizagens retiradas por cada criança. As reações foram múltiplas, bem como as explorações, desde se deitarem em cima do balão e reboarem, até explorarem os efeitos do balão de forma conjunta, como também explorarem a textura do balão com a boca.

Como reflexão da exploração, verifiquei que os objetivos colocados na planificação foram atingidos e transpostos consideravelmente, uma vez que a exploração feita aos balões ultrapassou a utilização das mãos, promovendo um envolvimento geral do corpo, assim como as crianças não se prenderam a uma exploração individual do seu balão. Considero que o facto de ter adaptado as estratégias no decorrer da atividade se tornou bastante enriquecedor para as crianças a vários níveis, tanto no domínio cognitivo como motor. A avaliação da presente atividade pode ser consultada em anexo (Anexo IV).

De um modo geral, apreendi que nem tudo o que temos inicialmente elaborado é passível de ser concretizado acabando por ser adequando aquando da prática, bem como do grupo com quem nos encontramos a desenvolver.



## **Avaliação do Projeto**

Como todos os projetos, também este teve uma avaliação, realizada com base em duas componentes, uma analítica em que surge uma breve análise do que foi elaborado e experienciado tanto por mim como pelo grupo e crianças e outra reflexiva em que me debati com diversas questões decorrentes da prática e, mais especificamente do projeto. Deste modo a avaliação passou pelo método de observação direta, escutada e atenta do grupo, sendo este um elemento avaliativo de enorme relevância que permitia verificar qual a intencionalidade da criança. Como refere Parente,

*“Observar e escutar a criança torna-se, assim, essencial para conhecer, para adequar as propostas, quer ao nível dos cuidados quer da educação e, ainda, para revelar as aprendizagens das crianças. Educadores de infância e outros adultos da creche têm de levar a cabo observações cuidadas e intencionais e escutar cada criança a fim de poderem garantir que as rotinas de cuidados, as atividades e as experiências de aprendizagem planeadas e proporcionadas deem resposta às necessidades das crianças e das famílias.”*

(2012, p.5)

Também foi avaliado através de registo fotográfico, bem como da elaboração de grelhas de observação inspiradas em Laevers. Estas grelhas permitiram verificar a escala de envolvimento de cada criança e o empenho do adulto nas atividades propostas, bem como nos momentos de rotina. Apresenta-se um exemplo de uma grelha de rotina em anexo (Anexo V).

Assim, o balanço que faço a este projeto é bastante positivo pois com a implementação do mesmo foi possível ter em consideração vários parâmetros necessários à sua realização, apoiado sempre numa análise crítica, de forma a existir um melhoramento semana após semana. Para que nos últimos dias fosse possível dar a conhecer o melhor da prática exercida ao longo do estágio, através de um quadro observacional, tanto para os pais como para a restante comunidade educativa, de modo a que fosse possível transparecer para o exterior da sala as experiências vivenciadas pelas crianças, fazendo uma ponte com o Projeto Pedagógico da Sala, que inclui a família como elemento chave na prática educativa.

## **1.2. Estágio em Jardim de Infância**

### **Caracterização da Instituição**

O estágio de intervenção em Jardim de Infância foi realizado numa instituição de cariz público, situada no centro da cidade de Santarém. Trata-se de um estabelecimento que abrange crianças desde o contexto de Jardim de Infância até ao do 1ºCEB.

A presente instituição começou a funcionar em 1997 até ao presente ano, contudo com o passar dos anos, devido à grande afluência de crianças, foi edificado em 2015 o um novo estabelecimento com o objetivo de albergar com melhores condições um maior número de crianças.

O estabelecimento encontra-se dividido em duas valências, a de Jardim de Infância (topo Norte) e a de 1º Ciclo do Ensino Básico (topo Sul). Na valência de Jardim de Infância estão integradas quatro salas, das quais três se encontram em funcionamento (sala amarela, laranja e vermelha), acolhendo crianças dos 3 aos 6 anos de idade. Cada uma dispõe de um espaço amplo e luminoso que permite às crianças deslocarem-se facilmente e explorarem os vários objetos nela existentes, no seu interior está disponível uma casa de banho que é partilhada por cada duas salas. Cada sala tem também uma porta de acesso ao espaço exterior (recreio) que é comum a toda a zona do Jardim de Infância, sendo este também amplo e diversificado nos materiais constituintes, dispondo de um escorrega, uma casinha, uma caixa de areia, triciclos e minis jardins.

Dispõe também de uma sala conjunta a esta valência onde é realizado o acolhimento, sendo esta uma sala de convívio e socialização entre as crianças e as educadoras. Relativamente à valência de 1º CEB esta é constituída por oito salas de aula (duas para cada ano), dispõe também de uma biblioteca/centro de recursos, uma sala lúdica e três gabinetes de apoio à aprendizagem (terapia ocupacional, terapia da fala e psicóloga). Existem duas zonas comuns a estas duas valências, que são o Polivalente/Ginásio onde são realizadas atividades de expressão físico-motora, tendo ao dispor diversos materiais para a concretização destas; e o Refeitório onde é confeccionado o almoço.

Os recursos humanos disponíveis na instituição diferem de acordo com três categorias, o pessoal docente composto por 15 adultos (5 do Jardim de Infância e 10 do 1ºCEB), o pessoal não docente composto por 10 adultos (7 assistentes operacionais de quadro e 3 assistentes operacionais do programa de inserção) e 220 crianças (65 do Jardim de Infância e 155 do 1ºCEB), todos estes intervenientes promovem o sucesso e a qualidade de todo o sistema educativo.

Toda a escola é regida por um Projeto Educativo comum a todo o Agrupamento, que entrou em vigor no ano de 2014 estando em vigor durante um triénio, uma vez que a presente instituição foi inaugurada um ano após a entrada em vigor do projeto não se encontra evidenciada de forma direta no mesmo. Contudo muitas das referências a baixo descritas foram obtidas através de conversas informais com a coordenadora.

As linhas orientadoras do Projeto Educativo, que estão na base da atuação, tanto dos educadores como dos professores do estabelecimento de ensino, assentam em diversos aspetos nomeadamente: numa escola inclusiva que pretende abranger todas as crianças de diferentes áreas geográficas, culturais e socioeconómica; numa escola multicultural que procura acolher crianças de diferentes culturas; numa escola que combata o insucesso escolar diminuindo os níveis de abandono e retenção nos diferentes níveis de ensino; numa escola para a cidadania onde se pretende que as crianças adquiram valores sociais e morais; uma escola aberta que envolva não só docentes mas também os encarregados de educação; uma escola que utilize as tecnologias de comunicação e informação como veículo motivador de aprendizagem.

### **Caracterização da Sala**

A sala na qual desenvolvi o estágio é ampla e iluminada, apresentando as condições ideais para as crianças que acolhe. Esta encontrava-se dividida em sete áreas de interesse, sendo estas: a casinha, a garagem, o computador, a expressão plástica, a área das ciências, a biblioteca e os jogos de mesa. É visível, em todas estas áreas, que os equipamentos necessários para o desenvolvimento de cada atividade se encontravam ao alcance das crianças, bem visível/identificado, sendo assim usufruído e posteriormente arrumado de forma autónoma pelas mesmas.

Para além das áreas interiores, a sala detinha de um acesso à zona exterior, sendo esta a preferencial das crianças, uma vez que nesta podiam brincar livremente e é uma área em constante promoção da formação pessoal e social existindo uma constante socialização entre todas as crianças das várias salas.

A disposição da sala estava estudada estrategicamente para poder sofrer alterações no decorrer do ano letivo, apresentando três mesas, nas quais as crianças eram divididas por

idades, duas redondas que eram de trabalho para os grupos dos 4-5 e dos 5-6 anos e uma mesa retangular para o grupo dos 3-4 anos. Dispondo, também, de inúmeros placards onde a educadora coloca os trabalhos realizados pelas crianças.

Na minha opinião, a sala encontrava-se bem equipada e adequada à idade que suportava, tendo todos os materiais necessários para um bom desenvolvimento das crianças a todos os níveis. É também de realçar a organização e a confortabilidade dentro da mesma, assim como a vantagem de ser flexível. Assim sendo, “(...) *o ambiente precisa de proporcionar ordem e flexibilidade se quiser responder aos interesses da criança sempre em mudança, promover as escolhas que esta vai fazendo e ajudá-la a ganhar a sensação de controlo sobre o seu mundo imediato.*” (Post & Hohmann, 2011, p.102), deste modo, a criação de um espaço organizado de acordo com as especificidades do grupo, bem como a capacidade da educadora em tornar esse mesmo espaço flexível proporciona na criança um desenvolvimento do controlo do seu mundo e das suas brincadeiras.

### **Caracterização do Grupo**

A sala amarela, era composta por 23 crianças, das quais 10 são do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade. Sendo um grupo multietário tinha dez crianças com 3 anos, cinco crianças com 4 anos, três crianças com 5 anos e cinco crianças com 6 anos. Este grupo tinha uma criança com 3 anos de idade que sofre de uma doença degenerativa incapacitante e congénita e que se desloca em cadeira de rodas, sendo totalmente dependente dos adultos para efetuar todo o processo de deslocação.

De um modo geral, o grupo era bastante ativo, curioso, comunicativo e autónomo na realização das diferentes atividades da rotina e brincadeiras. Apresentava-se totalmente desperto para novas aquisições a todos os níveis, sendo que o seu maior foco de interesse passava pela área do conhecimento do mundo, posteriormente explorada por mim e pelo meu par de estágio durante a prática. Perante as diferenças de idades era notória a agitação em sala, contudo, a adaptação de estratégias para captar a sua atenção e concentração alcançaram os fins esperados, sendo que nos últimos dias de estágio a tranquilidade já era visível.

As áreas de conteúdo para as quais o grupo evidencia ter mais potencialidades são a Área de Expressão e Comunicação, relativamente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, no que diz respeito ao interesse por ouvir e recontar histórias; o domínio da Educação Artística, no qual as crianças gostavam de fazer dramatizações com recurso a fantoches, ouvir e reproduzir melodias, bem como demonstravam interesse por jogos de movimento em grande e pequeno grupo. A Área do Conhecimento do Mundo,

estava muito presente no quotidiano das crianças, uma vez que se envolviam bastante no mundo social e natural, tendo à disponibilidade diversos recursos materiais, no exterior, para a sua exploração. Este grupo suscitava também interesse por atividades livres/orientadas no exterior, sendo estas realizadas com grande entusiasmo e dedicação por parte das crianças.

Neste grupo, a maioria das crianças, nomeadamente 15, frequentavam atividades de animação e apoio à família fora do horário letivo nas instalações da escola, sendo que apenas uma criança frequentava um centro de estudos fora da instituição.

De um modo geral, tratava-se de um grupo bastante estimulado a todos os níveis de conhecimento, estando sempre dispostos a aprender e a desenvolver novos conteúdos. O facto de ser um grupo multietário também potenciou um desenvolvimento no ambiente educativo para uma aprendizagem cooperativa, tanto em grande como em pequenos grupos, onde todos aprendiam e todos ensinavam de forma retribuída. Segundo Fontes e Freixo (2004) *“a aprendizagem cooperativa, organizada em grupos, permite que os alunos adquiram determinados valores e competências e exercitem atitudes ligadas à cooperação”*. (p.60)

Deste modo, considero que foi uma vantagem trabalhar com um grupo diversificado ao nível das idades, uma vez que era notória a sua união, não só com a criança que apresentava NEE, mas entre todas elas, a entreatuda e o espírito de equipa vencia naquela sala/grupo. Assim, era visível que todas as crianças estavam bem integradas no grupo, participando em todas as atividades, nos momentos de brincadeira livre e na partilha e comunicação em sala, ou fora dela.

## **Projeto Elaborado**

Tendo em conta os primeiros dias de observação do grupo, conversas informais com a educadora e análise do Plano Anual de Atividades foi possível avaliar qual(is) a(s) área(s) de conteúdo de maior interesse por parte das crianças, bem como as menos desenvolvidas pela educadora. Neste sentido, tornou-se pertinente desenvolver o projeto de intervenção no âmbito da Ciência, visto ser uma temática familiar ao grupo a nível externo à escola e pouco desenvolvida e explorada em sala.

Deste modo, o projeto intitulou-se de “Exploradores da Ciência” tendo como base a exploração, quer do meio natural e social, quer de vários materiais, que são um pilar fundamental no desenvolvimento da criança, sendo esta experiência um fio condutor para o conhecimento de si e do mundo, articulando-a com as diversas áreas de conteúdo referentes nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Tal como refere o Ministério da Educação, *“devendo as diferentes áreas ser abordadas de uma forma globalizante e integrada”*. (2016, p.10)

Sendo este um tema de grande importância quer a nível pessoal, quer social, foi definido como grande objetivo a transmissão de valores e conhecimentos através da preservação do meio natural e social promovendo o conhecimento destes, bem como as necessidades requerentes. Assim, as finalidades do projeto tinham por base a promoção do ímpeto exploratório interligado com a ciência e a abordagem de diversos aspetos científicos que ultrapassassem as vivências imediatas das crianças. Deste modo, ao abordar as ciências foram explorados os saberes relacionados tanto com a construção da identidade da criança como com o conhecimento do meio social onde vive, relativamente ao meio físico e natural.

Tomando esta temática de extrema complexidade, o ponto de partida, teve por base as conceções prévias das crianças de forma a dar início aos conceitos básicos a ela associados, aprofundando e contextualizando-as com as bases científicas que este tema necessita, sempre adequando à faixa do grupo (3-6 anos).

Com a definição de objetivos e finalidades seguem-se as planificações que foram realizadas com base nas necessidades e nos interesses de cada criança e do grupo. A produção das planificações teve sempre na sua origem uma continuidade com base numa temática a ser trabalhada e explorada pela criança. O início de cada semana era feito com a leitura de uma história que fazia ligação com tudo o que iria ser trabalhado nos dias seguintes. Na primeira semana de intervenção individual que me pertenceu planejar, deu-se início à leitura de uma história na qual a temática abordada eram os frutos e a partir daí o trabalho foi desenvolvido em torno dos frutos e legumes, analisando a sua distinção e necessidades, criando a germinação de uma leguminosa e a sua tabela de análise, bem como a análise de uma pintura e posterior recriação com carimbagem de frutos. Já na segunda semana individual através das temáticas dos animais e da criação de pão abordadas na contagem de uma história, desenvolvi uma abordagem experiencial aos animais e à fabricação do pão, terminando a semana com a elaboração de um portefólio de aprendizagens em conjunto com o grupo. Pode consultar-se em anexo a teia do projeto (Anexo VI).

Em todas as semanas de intervenção os materiais apresentados ao grupo foram pensados, criados e explorados por mim e pelo meu par antes de qualquer prática em contexto de sala e todos eles tinham como objetivo a exploração de saberes relacionados tanto com a construção da identidade da criança como com o conhecimento do meio físico, natural e social.

### **Atividades Destacadas**

Todas as atividades planejadas tiveram o alcance pretendido, indo ao encontro dos objetivos estipulados e despontando aprendizagens notórias nas crianças e no grupo. Desencadeando sempre que necessárias adaptações momentâneas para que existisse uma melhor aquisição de conhecimentos. Contudo saliento duas das que melhor evidenciam a exploração autônoma e ativa do grupo, sendo elas “Recriação da pintura com carimbagem de frutos” e “Fabricação do pão”.

A atividade de “Recriação da pintura com carimbagem de frutos” encontra-se planejada em anexo (Anexo VII). Esta teve início com a apresentação ao grupo de uma pintura de um artista francês, Paul Cezanne, onde estavam recriados diversos frutos e a partir desta observação da pintura questionei o grupo sobre o que estava representado na mesma. As respostas foram inúmeras “vejo laranjas e maçãs”, “uma mesa com frutos”, “frutos dentro da tigela” e “uma cafeteira”, de seguida perguntei quais as cores que mais se destacavam no quadro, sendo a resposta unânime “vermelho e laranja, pois são as cores dos frutos que na imagem estão representados”. Analisada a estética da pintura coloquei a criatividade das crianças em ação, questionando-as de forma ordeira e respeitosa sobre o possível título da obra, também aqui existiram as mais variadas respostas.

De seguida e por opção da educadora, dividi o grupo de acordo com a faixa etária, começando a trabalhar com o grupo dos 3-4 anos. Na mesa estavam diversas tintas, pincéis, duas maçãs (uma partida ao meio e outra em quatro) e duas peras (uma partida ao meio e outra em quatro). Após a observação dos materiais deixei a criatividade das crianças fluir e analisar a forma como estas os iriam explorar e após uma criança começar a pintar uma metade de maçã e a decalcar na folha, por imitação as restantes também o fizeram e conseguiram alcançar o objetivo por mim definido. Após verificarem o decalque do fruto na folha todos se envolveram na atividade criando as suas obras de arte através da exploração de todos os frutos e tintas.

O grupo que se seguiu foi o dos 4-5 anos, neste, foi notória a diferente exploração que as crianças fizeram comparativamente ao grupo anterior, a exploração das tintas e dos frutos já não foi evidente, mas sim a concretização de um produto final esteticamente belo, as crianças encontravam-se com um maior envolvimento na parte concreta da carimbagem. O último grupo a realizar a atividade foi o dos 5-6 anos, e também neste foi visível a variação de exploração de acordo com as restantes faixas etárias. Estas crianças talvez por já serem mais velhas exploraram maioritariamente a cor, criando padrões com os frutos, apresentando assim um maior envolvimento com as tintas. Foi notória também neste grupo a interação entre as crianças, pedindo as cores e os frutos uns aos outros e auxiliando-se na pintura dos mesmos.

Como balanço da atividade, concluo que os objetivos anteriormente traçados foram atingidos e através disso, considero que o envolvimento e as aprendizagens recorrentes da

atividade foram bastante visíveis em todo o grupo. Verificando também que existiram envolvimento muito disparem consoante a faixa etária e uma grande entreatada e preocupação com o colega, mais evidente nas crianças de mais idade. A avaliação da presente atividade pode ser consultada em anexo (Anexo VIII).



Figura 6 - Pintura com carimbagem.

A atividade da “Fabricação do pão” encontra-se ( ). Esta iniciou-se com a contagem de uma história intitulada de “A galinha ruiva”. Após a análise, por parte das crianças, do que continha a capa, o seu interior e o lema que advinha da história, desenvolvemos o processo, ou seja, que a espiga de trigo sofria até à fabricação do pão. Assim, dividi o grupo em dois mais pequenos começando a desenvolver a atividade com as crianças dos 3 e 4 anos, enquanto as restantes elaboravam o desenho da história como forma de registo síntese. Reunido o grupo, fiz com que estes evidenciassem quais os ingredientes que necessitavam para fazermos o pão. Foi notório que a farinha de trigo e a água todos conseguiram identificar, contudo o óleo e o sal não foram alcançados. Dispondo os ingredientes na mesa, uma das crianças referiu que necessitávamos de uma coisa para nos orientarmos, apesar de não saber dizer que era uma receita conseguiu referir essa falta. Com a receita e os ingredientes prontos para começar a elaborar a massa iniciei a leitura da receita, neste momento foi necessário o meu auxílio uma vez que as crianças não conseguiam ter noção das quantidades. Contudo, após as medidas exatas, as crianças transpunham para o alguidar um copo com os ingredientes. Para que todos tivessem a mesma oportunidade de participação todas depositaram a mesma quantidade e no final todos em conjunto amassaram a massa. À exceção de uma criança, que não quis tocar na massa, mesmo vendo os restantes colegas a mexer.

Criada a massa questionei o grupo “será que o pão já está pronto para comermos?” todas as crianças tiveram noção de que o pão que estão habituados a comer não se encontra naquele estado, referindo então que este ainda necessitava de ir ao forno. Para complementar esta afirmação disse ao grupo que mesmo antes do pão ir ao forno ainda

necessitava de repousar, apresentando-lhes um novo conceito “levedar”, explicando-lhes que só passadas 2-3 horas é que a massa estava nas condições adequadas para se levar ao forno.

De seguida, passei à fabricação da massa com as restantes crianças dos 4, 5 e 6 anos. Visto serem as crianças mais velhas, as estratégias colocadas em prática foram de longe diferentes às do período da manhã, todas as crianças conseguiram adivinhar os ingredientes que necessitávamos, bem como sabiam que precisávamos de uma receita para nos guiarmos. E qual não foi o meu espanto, quando uma das crianças conseguiu identificar as quantidades que necessitávamos de cada ingrediente, tendo sido capaz de ler a receita para os colegas. Após colocarem as quantidades de cada ingrediente no medidor decidi explorar com eles as medidas não convencionais, ou seja, que eles fossem capazes de transpor do medidor para um copo como forma de verem a quantos copos equivalia a medida. A intervenção das crianças foi tal que todos quiseram participar, mesmo as crianças com mais dificuldade e que não sabia identificar os números foram ajudadas pelas restantes crianças para conseguirem estar envolvidas na fabricação. Após a junção dos ingredientes amassaram-nos com um enorme agrado, não tendo problema nenhum em sujar as mãos, acabando por disputarem entre eles quem tinha amassado mais.

Posto isto, mostrei aos grupos o crescimento da massa para eles compreender a reação que esta sofreu durante as horas em que se encontrou a levedar. Foi notório o espanto das crianças ao verem o crescimento da mesma, todos ficaram boquiabertos, uma vez que não sabiam desse fenómeno.

Como reflexão final da atividade, considero que todos os momentos se tornaram enriquecedores para as crianças, tanto nos momentos de novas aquisições como nos de complementação às suas conceções prévias. O facto de ser uma atividade mais prática em que literalmente as crianças “colocaram as mãos na massa” fez com que o seu envolvimento e percepção fossem muito maiores. A avaliação da presente atividade pode ser consultada em anexo (Anexo X).



*Figura 8 - Fabricação de pão por parte dos alunos.*



*Figura 7 - Fabricação de pão por parte dos alunos.*

Na percepção de educadora verifiquei que os objetivos colocados na planificação foram atingidos consideravelmente, conseguindo alcançar todas as crianças, bem como estimulá-las ao envolvimento, respeitando sempre cada uma delas e as suas vontades. Considero que o facto de ter adaptado as estratégias à faixa etária com que estava a trabalhar no momento proporcionou maiores conhecimentos e despontou novas aprendizagens para todo o grupo em geral.

Foi através da elaboração de planificações que consegui regular e orientar a prática educativa, conseguindo fazer uma melhor organização diária de forma a documentar todas as evidências recorrentes no dia. A percepção de que uma planificação não é um documento estanque fez com que diariamente ocorressem modificações, uma vez que ao refletir sobre a intervenção sentia que necessitava de um melhoramento e ajuste de acordo com alguns critérios. Assim, segundo Roldão, “*o conhecimento resultante da prática não se reporta à legitimação de qualquer prática, mas ao conhecimento que resulta de uma reflexão analítica de professores competentes*” (2007, p.178), podemos verificar que o docente além de agir na sua prática tem de ter uma capacidade analítica e reflexiva sobre a mesma.

### **Avaliação do Projeto**

Como forma de avaliação da eficácia e eficiência do projeto foi elaborada uma grelha de observação, esta grelha permitia analisar uma situação concreta da atividade, verificar a escala de envolvimento de cada criança e a interação com o grupo. Este elemento avaliativo permitiu uma observação tanto particular como geral de cada criança de acordo com a sua faixa etária. Outra forma de avaliação, no final das cinco semanas de intervenção, foi criado um portefólio de aprendizagens onde se apresentavam refletidas as diferentes atividades elaboradas no âmbito do projeto seguido dos conhecimentos adquiridos pelo grupo. É de referir que estes conhecimentos foram enunciados pelas crianças aquando da apresentação das fotografias das atividades, dizendo elas próprias as suas aprendizagens individuais e do grupo.

De forma sucinta, o balanço feito a este projeto foi muito positivo, uma vez que foram alcançados todos os parâmetros delineados anteriormente e necessários à sua realização, tendo sempre na retaguarda uma análise crítica à intervenção, como forma de melhorar enquanto futura profissional. Esta análise crítica foi concebida através de reflexões diárias, tanto individualmente como com a educadora e professora cooperante, que permitiram uma abertura de horizontes e uma maior visibilidade nas potencialidades que o projeto tinha.

Como forma de divulgação do mesmo e das aprendizagens adquiridas pelas crianças, foram expostas na sala todas as atividades elaboradas como forma de reavivar a memória do que foi criado e para recorrerem a estas aquando o surgimento de dúvidas. Por outro

lado, a divulgação para os Encarregados de Educação foi realizada através do portefólio criado conjuntamente com as crianças, onde constam as diversas atividades/aprendizagens adquiridas pelos seus educandos durante a implementação do projeto. Neste seguimento, sentimos necessidade de mostrar aos Encarregados de Educação o nosso trabalho, também para estarem integrados não só na nossa prática, mas também nas experiências dos seus educandos, como refere Parente (2012), *“a partilha de informações recolhidas entre os profissionais e os pais ajuda a tomar decisões sobre a continuidade do processo de cuidar e educar a criança”*. (p.6).

### **1.3. Estágio em 1ºCiclo do Ensino Básico - 1ºano**

#### **Caracterização da Instituição**

O estágio de intervenção em 1ºCiclo do Ensino Básico – 1º ou 2º anos foi realizado numa instituição de cariz público, situada perto do centro da cidade de Santarém. Trata-se de um estabelecimento que abrange crianças desde o contexto de Jardim de Infância (dos 3 aos 5-6 anos) até ao 1ºCEB (1º, 2º, 3º e 4º anos de escolaridade).

O edifício no qual funciona a escola é antigo, do tipo Plano dos Centenários. Tratava-se de uma arquitetura típica que se tornou imagem de marca de Portugal, com um exemplar em cada região, sendo que a presente escola foi construída de raiz no ano de 1947.

O espaço interior da EB/JI é constituído por dois blocos de dois andares. No piso superior do primeiro bloco podemos encontrar uma sala de apoio, intitulada Ninho e uma sala de 3ºano. No rés-do-chão deste primeiro bloco existem duas salas de aula de 1º e 4º ano e ainda uma ligação com um telheiro para o refeitório e espaço exterior. Por sua vez, no piso superior do segundo bloco localiza-se a biblioteca e a sala de professores, enquanto que no rés-do-chão funciona uma sala de 2ºano, o Jardim de Infância e uma sala de apoio a diversas atividades, designada de polivalente.

O espaço exterior é amplo e comum a toda a comunidade educativa – Jardim de Infância e 1ºCEB – o que promove assim a realização de atividades lúdicas e a interação entre os pares. Encontra-se ao dispor dos alunos um campo de futebol, um escorrega com caixa de areia, uma mesa de piquenique e um vasto espaço verde.

No que concerne aos recursos humanos disponíveis na instituição, o pessoal docente é composto por 1 educadora, 5 professoras titulares, sendo que uma delas também desempenha o papel de coordenadora, 1 professora de ensino especial, 1 professora de apoio educativo, 10 dinamizadores de atividades extracurriculares, 5 assistentes operacionais (4 assistentes operacionais de quadro e 1 assistentes operacionais do

programa ocupacional) e 101 alunos (18 de JI e 83 de 1ºCEB), sendo que todos estes intervenientes promovem o sucesso e a qualidade de todo o sistema educativo.

A escola tem como guia o Projeto Educativo da Instituição, que se encontrava integrado no Projeto Educativo do Agrupamento, tendo este entrado em vigor no ano de 2013 até ao presente ano.

As linhas orientadoras deste Projeto Educativo, que estão na base da intervenção dos docentes assentam em diversos princípios e valores, são eles: uma escola inclusiva onde todos têm lugar, promovendo a participação de todos os parceiros, alunos, encarregados de educação, funcionários e professores, regendo-se por valores universais e humanistas. Sendo das principais prioridades promover uma escola de dignidade, disciplina, responsabilidade e autoridade, partindo do princípio de que a escola não se esgota na educação, mas é sim o seu centro.

### **Caracterização da Sala**

A sala na qual desempenhei a minha prática de ensino supervisionada tratava-se de uma sala mista, composta por dois anos distintos de escolaridade, sendo que a turma de 1º ano se encontrava do lado esquerdo da sala e o 2º ano do lado direito. A sala apresentava capacidade para 34 alunos, embora na turma existissem apenas 23.

Esta sala caracteriza-se por ser ampla e ter diversos materiais pedagógicos à disposição dos alunos, tais como jogos pedagógicos para ocupação do tempo livre, materiais ligados à aprendizagem da matemática como ábacos verticais, sólidos geométricos, geoplanos e também alguns desenhos para colorir e folhas brancas para desenharem. Em relação à luminosidade apesar de ter três bons focos de luz, o facto das janelas estarem tapadas por uma árvore faz com que esta seja reduzida.

O seu interior é constituído por mesas, cadeiras, um quadro interativo, um projetor, um computador, um quadro de ardósia e vários armários de arrumação dos diversos materiais pedagógicos. As suas paredes evidenciavam as aprendizagens dos alunos, uma vez que os trabalhos que se encontravam expostos eram da autoria dos mesmos, verificando-se envolvimento na sua realização, tal como afirma Sanches (2001) *“exigir o envolvimento dos alunos é provavelmente o aspeto mais importante das estratégias de aprendizagem”*. (p.45).

No decorrer das intervenções executadas em estágio, as paredes foram totalmente renovadas com os novos trabalhos, como forma dos alunos observarem as suas evoluções, bem como a evolução dos conteúdos programáticos.

A organização do ambiente educativo permitia que dentro da sala seja existissem condições para trabalhar três conteúdos diferentes, uma vez que para além de dois níveis educativos diferentes existiam dois alunos num patamar intermédio de aquisição, não

estando nem no 1º ano nem no 2ºano. Deste modo e com o auxílio de dois quadros a professora tinha de gerir a sua atuação de forma a que fosse possível alcançar todos os alunos. No entanto, tornava-se complicado, mas não impossível, da professora titular de turma alcançar todas as dificuldades dos alunos, sendo que há dúvidas surgidas ao mesmo tempo e conteúdos que têm de ser dados a um nível enquanto o outro nível estava a realizar trabalho autónomo. Durante o período de estágio esta dificuldade foi atenuada, uma vez que nos encontrávamos três professoras na sala e conseguíamos gerir e auxiliar o grupo de forma mais positiva e fácil.

O Plano de Turma pelo qual a professora titular se orientava visava desenvolver as capacidades dos alunos nas diversas áreas curriculares de português, matemática, estudo do meio e expressões artísticas, assim como na superação das suas dificuldades, recorrendo a diversos métodos para gerir a sua prática, com estratégias de intervenção, materiais didáticos, gestão de grupo, entre outras. Relativamente à disciplina de maior dificuldade ou de menor interesse perante o grupo, a professora utilizava estratégias transversais a todas as áreas curriculares, promovendo um trabalho interdisciplinar de forma a motivar os alunos através de áreas do seu interesse para alcançar os conteúdos matemáticos de menor interesse. Essas estratégias transversais passavam por trabalhar as disciplinas de forma articulada em maior ou menos grau. Segundo Pereira, cabe ao professor criar essa articulação tendo como critério a

*“Multidisciplinariedade, de modo a focar as diversas áreas de conteúdo; interdisciplinaridade quando se possibilitam interações entre essas diversas áreas e transdisciplinaridade quando estas interações são realizadas de forma transversal, trabalhando não só as áreas de conteúdo, mas todos os conhecimentos e aprendizagens consequentes das mesmas, que articulados entre si fazem emergir novos saberes, novas experiências e assim sucessivamente.”*

(2012, p.16)

O trabalho pedagógico e a gestão do tempo letivo tinham como base a intencionalidade educativa da professora, sendo que esta visa em toda a sua atuação a promoção das aprendizagens de uma forma ativa e dinâmica. Para que as aprendizagens acontecessem, a professora tinha em conta as características individuais das crianças, uma vez que o grupo apresentava uma estrutura heterogénea. Existia sempre uma adequação do processo de ensino a cada criança e às suas necessidades, de forma a existir uma diferenciação pedagógica.

### **Caracterização do Grupo**

A sala de 1º e 2º anos era composta por 23 crianças, 14 a frequentar o 1ºano e 8 a frequentar o 2ºano, sendo que dois dos alunos de 2ºano encontram-se a fazer trabalho intermédio entre os dois anos. Visto se tratar de uma turma mista, a professora cooperante propôs que nos centrássemos somente no grupo do 1ºano de escolaridade, assim sendo este é constituído por 5 alunos do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos de idade. Nesta sala era notória a heterogeneidade no grupo, uma vez que os alunos se encontram em vários níveis de desenvolvimento, no que concerne às aprendizagens e às competências sociais.

As disciplinas para as quais a maioria do grupo evidencia ter mais potencialidades eram o Estudo do Meio, visto se tratar de uma temática mais simples e familiar e as Expressões Artísticas, pois era uma área que pedia o seu envolvimento físico na concretização das atividades. No que diz respeito às restantes disciplinas, ao nível do Português alguns alunos apresentavam dificuldades na leitura e na consciência fonémica o que dificultava a compreensão de algumas palavras ou frases. No âmbito da Matemática eram evidentes em grande parte do grupo dificuldades ao nível do cálculo mental e da regressão e progressão numérica o que fazia com que necessitem de recorrer a um material didático para realizarem contagens. Nas Expressões, mais especificamente na Plástica, a maior fragilidade apresentada por alguns alunos prendia-se com o recorte e colagem de materiais, uma vez que esta técnica foi pouco desenvolvida no Pré-Escolar.

Após esta análise geral é de referir que a turma ao se apresentar heterogénea, as características apresentadas não assentam em todos os alunos da mesma forma, enquanto o aluno A apresenta dificuldades na progressão numérica, é bom na consciência fonémica, e o contrário se sucede com o aluno B. De um modo geral, apesar de todas as fragilidades dos alunos, estes conseguem envolver-se mais facilmente e inteiramente na dinâmica das aulas quando contactam com materiais didáticos ou jogos.

No que diz respeito à dinâmica da turma, esta caracterizava-se como agitada e conversadora, mas que apesar disso, no momento do trabalho onde o sujeito ativo das aprendizagens são eles próprios, o seu foco passava a ser o de aprender tornando-se bastante interessados, comunicativos e recetíveis a novas aprendizagens. Ao nível da socialização, a turma necessitava de trabalhar os aspetos relacionados com a interação pessoal, para que futuramente conseguisse, de forma mais positiva interagir com os restantes colegas e comunidade escolar.

Deste modo, a prática de ensino tornou-se bastante desafiadora, uma vez que se tratava de um grupo com inúmeras oscilações ao nível do desenvolvimento e da aprendizagem, existindo crianças que necessitavam de um apoio mais individualizado,

enquanto outras conseguiam autonomamente realizar o trabalho proposto. Assim, verificou-se uma grande discrepância no que diz respeito aos ritmos de aprendizagem da turma, devendo estes ser respeitados, possibilitando que todos consigam chegar ao mesmo objetivo considerando os interesses e as capacidades de aprendizagem de cada aluno, precavendo assim o insucesso escolar (Allan & Tomlinson, 2002).

## **Projeto Elaborado**

Após a observação do presente grupo e através de conversas informais com a professora cooperante identificou-se uma grande fragilidade no que diz respeito à atuação destes alunos como cidadãos e agentes sociais em contexto escolar, uma vez que os comportamentos praticados não eram os mais corretos para com os outros, existindo faltas de respeito e agressões físicas e verbais entre os alunos e às vezes para com os adultos da escola. A definição de regras também não estava presente no seu dia a dia, acabando por perturbar o seu rendimento escolar bem como o dos colegas. Deste modo, foi sentida uma necessidade de incidir, no sentido de melhorar os pontos referidos, de forma a que em conjunto com os alunos essas fragilidades fossem transformadas em potencialidades, permitindo-lhes um melhor crescimento enquanto cidadãos sabendo integrar-se no meio.

Neste sentido, o projeto de intervenção designou-se por “A minha inclusão no meio”, partindo da necessidade pedagógica de focar a Educação para a Cidadania como fio indutor para as restantes áreas curriculares, apoiado sempre na documentação pedagógica institucional, no Projeto Educativo e no Plano de Turma, bem como nos Programas e Metas Curriculares do 1ºCiclo do Ensino Básico.

Este projeto articulou-se com o Projeto Educativo do Agrupamento na medida em que este tinha como missão formar indivíduos com uma sólida formação pessoal, social, com espírito pluralista, que sejam capazes de dialogar de forma aberta e com espírito crítico, promovendo a entreajuda e o espírito de convivência entre toda a comunidade escolar. A sua articulação com o Plano de Turma partiu das opções estratégica e metodológicas que a professora tinha para desenvolver ao longo do ano letivo em que se destacava o desenvolvimento de atividade de interajuda e de autoconfiança, implementando o espírito de grupo na turma, criando também diálogos coletivos e debates para fomentar o espírito crítico. A interligação com os Programas e Metas Curriculares prendeu-se com a forma como foram geridos os conteúdos a abordar, servindo como guião para as aulas o Programa de Educação para a Cidadania, programa pouco utilizado pela professora.

Visto ser este um tema de grande importância a nível pessoal e social, os objetivos que se pretendiam alcançar passaram por:

- recorrer ao reforço positivo e à utilização de materiais didáticos como forma de motivação e integração dos alunos na sala;
- transmitir valores e conhecimentos através do envolvimento dos alunos na criação de regras;
- conhecer os seus direitos e deveres enquanto intervenientes na sociedade;
- promover a entreajuda entre os pares;
- fazer crescer nos alunos um espírito democrático e crítico perante o que os rodeia;
- privilegiar uma atitude cívica no relacionamento interpessoal e social.

Tal como é evidenciado pelo Ministério de Educação,

*“Enquanto processo educativo, a educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo.”*

(2013, p.1)

Apresentando como tema principal de projeto a Educação para a Cidadania, este foi desenvolvido todas as semanas, quer de forma direta quer de forma indireta, através de atividades que despertassem nos alunos o seu interesse e motivação para práticas corretas de interação/socialização, bem como simples práticas diárias que têm por base o cumprimento de regras de educação perante eles mesmos e os outros.

Sendo este um tema de extrema complexidade, as conceções prévias dos alunos foram um instrumento importante como forma de iniciação dos conceitos básicos da temática, aprofundando e contextualizando-os com as bases cívicas que esta necessita, sempre adequando à faixa etária presente na turma. Deste modo, a intervenção passou não só pelos conhecimentos teóricos, mas essencialmente pela parte prática que destes advinham, fazendo com que os alunos aprendessem praticando, interligando as duas vertentes. Assim como diz Paulo Freire,

*“sem teoria, na verdade, nós nos perdemos no meio do caminho. Mas, por outro lado, sem prática, nós nos perdemos no ar. Só na relação dialética, prática-teoria, nós nos encontramos e, se nos perdemos, às vezes, nos reencontramos por fim”* (2001, p.135).

Para sustentar um desenvolvimento e uma evolução do presente projeto foram elaboradas planificações com base na turma em questão, com atividades, estratégias para essas mesmas atividades, o que se pretendia que os alunos aprendessem e a forma de

avaliação das aprendizagens. Como forma de dar ênfase à aprendizagem dos alunos e às suas dificuldades foram propostos semanalmente exercícios que visavam uma continuidade das temáticas para uma melhor compreensão dos conteúdos abordados. A elaboração das planificações teve sempre em conta as planificações mensais do Agrupamento e os objetivos que a professora pretendia que fossem alcançados pela turma durante o tempo de intervenção.

Com este projeto pretendia-se que os alunos conhecessem o meio no qual estão inseridos, conhecessem e respeitassem as regras da escola, se relacionassem com os outros aprendendo regras de conduta, compreendessem a importância do trabalho colaborativo para a sua interação e socialização com os outros e adquirir novos conhecimentos através da transversalidade entre áreas curriculares. De acordo com Abrunhosa (2008) é dever da escola promover um currículo que apresente esta transversalidade, de modo a contribuir para a formação cultural e ética dos alunos.

Deste modo, as estratégias passavam pelo trabalho individual, a pares ou em grupos, pela realização de debates em grande grupo no final de cada aula, na criação de regras em conjunto com os alunos, proporcionando momentos de partilha dando voz aos alunos e criando interdisciplinaridade curricular. Para tudo isto ser fidedigno foram utilizados instrumentos de avaliação como registo de observação em sala de aula, análise de trabalhos individuais ou em grupo (processos/produtos), avaliações semanais da prática, análise das mudanças comportamentais dos alunos e um portefólio de aprendizagens enunciadas pelos alunos.

Das atividades elaboradas, nem todas estavam alinhadas com o projeto de intervenção. Na primeira semana de intervenção individual foram realizadas atividades lúdicas que incidiram na área de Matemática, abordando o conteúdo de números e operações através de jogos no exterior. Assim como as partes do corpo e a sua simetria e as estações do ano, temáticas relacionadas com o Estudo do Meio e por fim relacionando com a área curricular de Português iniciou-se a letra “m” recorrendo a trava-línguas onde a repetição da letra fosse evidente, bem como a apresentação de uma canção para a Festa de Natal. Deste modo, a relação com o projeto passou mais por pequenas conversas diárias sobre atitudes e comportamentos, debates finais sobre as temáticas trabalhadas, nos quais teriam de haver respeito pelo outro quando este falava, esperando pela sua vez para falar, assim como o recurso a materiais lúdicos para motivar os alunos para a aprendizagem.

Já na segunda semana individual procedi à consolidação da letra iniciada na semana anterior e dei início a uma nova letra, a letra “n”. Nesta semana foi criado em conjunto com os alunos um pictograma relacionado com as diferenças existentes na turma, neste caso específico a cor dos olhos. Ainda na área da Matemática foram trabalhados os números de 11 a 15 com recurso a ábacos verticais e colares de contas. No final desta semana, os

alunos fizeram uma interpretação e recriação de uma obra geométrica de Nair Afonso, por fim, deu-se a leitura e interpretação da obra do inverno referente à estação do ano vivida no momento. Pode consultar-se em anexo a teia do projeto (Anexo XI).

É de referir que todas as aulas planeadas tinham como grande objetivo a interligação de conteúdos e a transversalidade curricular, não estudando de forma estanque as temáticas. Em blocos de aulas correspondentes ao Português eram trabalhados também conteúdos da área de Matemática que pudessem ser estudados em interligação, de forma a tornar o ensino mais interligado entre si.

Em todas as semanas de intervenção foram introduzidos novos materiais didáticos, como dados para trabalhar a matemática, dominós de contas, fantoches de histórias, quadros de regras, que permitiram aos alunos um maior envolvimento nos vários conteúdos abordados. Os alunos utilizaram estes materiais como forma de ultrapassarem as dificuldades encontradas em cada área curricular, estas dificuldades foram superadas também através de uma interação entre os vários pares na resolução dos problemas. Todos os materiais tinham como objetivo a exploração de saberes relacionados com as várias áreas curriculares, fazendo uma transversalidade com a Cidadania e Desenvolvimento presente nessas mesmas áreas. Essa transversalidade era realizada antes do término da aula, através de diálogos, ordeiros, nos quais os alunos davam a sua opinião sobre o trabalho desenvolvido e sobre o que mais e menos gostaram.

### **Atividades Destacadas**

As planificações elaboradas permitiram uma melhor orientação da prática educativa e foi através destas que o trabalho foi organizado de forma a documentar o dia a dia. Neste sentido saliento duas atividades das que proporcionaram maior envolvimento da turma e que se encontram enquadradas na temática do projeto de intervenção, assim como no âmbito da minha investigação.

A primeira atividade de nome “Matematicamente socializando” encontra-se planificada em anexo (Anexo XII). Esta atividade foi desenvolvida durante a aula destinada à área curricular de Matemática, no entanto teve incidência também na área de Cidadania e Desenvolvimento. Esta atividade teve início no espaço exterior, não só como forma de motivar as crianças, por estarem num ambiente que lhe agrada, como também por ser um espaço pouco utilizado durante a sua prática educativa. A atividade teve como foco a identificação da cardinalidade dos números, intercalando com as regras de educação e de convivência com os outros.

Neste sentido, solicitei que a turma criasse uma roda e a atividade consistiu na distribuição de uma placa, com um número, a cada aluno. Após verificarem a sua placa e a

dos colegas passei a explicar as regras do jogo para dar início ao mesmo. No decorrer do jogo eu encontrava-me como mediadora do mesmo, solicitando um número (exemplo: nº1), tendo esse número de realizar/dizer algo (exemplo: diz bom dia) a outro número (exemplo: nº5; “o número 1 tem de dizer bom dia ao número 5”) e assim sucessivamente. Todos os alunos foram evocados mais do que uma vez, onde realizaram uma ação ou disseram algo aos seus colegas. Considero que o envolvimento do grupo foi notório, no entanto existiram certas ações que por serem demasiado pessoais alguns alunos não se sentiram à vontade de realizar. Por existirem esses constrangimentos achei por bem na última semana de estágio voltar a realizar o jogo para ver se com as aprendizagens adquiridas até ao momento teriam criado um maior à vontade entre o grupo. E verifiquei uma evolução enorme na execução do jogo, existindo uma entreajuda na realização das tarefas e um maior à vontade na socialização.

Com o término do jogo, regressámos à sala e realizámos um pequeno diálogo sobre as aprendizagens e as evoluções ao nível das práticas corretas de interação/socialização. Com esta atividade lúdica articulada com o diálogo final foram aplicadas várias estratégias do projeto, como o trabalho em grupo como forma de interação e entreajuda, a utilização de materiais didáticos para a aprendizagem e o debate criando uma síntese do trabalho, no qual os alunos tinham de respeitar o outro e a sua opinião criando momentos de argumentação.

Como balanço da atividade, concluo que os objetivos estipulados para a tarefa foram alcançados, principalmente no âmbito da Cidadania, que se prendiam com a compreensão das regras de educação e de convivência com os outros. Não durante a primeira execução, mas sim na segunda, na qual se verificaram grandes evoluções e um maior envolvimento por parte da turma. O facto de realizar esta atividade com ações tão pessoais foi também uma estratégia para o desenvolvimento da minha investigação, uma vez que a proximidade que estes alunos apresentavam era somente em momentos de conflito e de indisciplina.



Figura 9 - Execução do jogo "Matematicamente Socializando".



Figura 10 - Execução do jogo "Matematicamente Socializando".

A segunda atividade encontra-se planificada em anexo (Anexo XIII). Esta foi desenvolvida no âmbito das Expressão e Educação Plástica interligada com a Matemática, tendo como elemento indireto a Educação para a Cidadania, no âmbito da partilha de conhecimentos, do respeito pela opinião do outro e do espírito crítico perante o seu trabalho e o dos colegas. O início da tarefa decorreu com a apresentação de um artista plástico e de diversas obras da sua autoria, até abordar a obra que iria ser trabalhada na aula. Com o visionamento da obra, tanto no computador como em papel, os alunos exploraram-na referindo as cores predominantes e o que é que esta lhes suscitava. De seguida criei um diálogo com a turma onde foi potenciada a transversalidade com a Matemática abordando as figuras geométricas visíveis no quadro, “Que figuras geométricas estão presentes?”, “Quantos retângulos estão visíveis?” e “Quantos quadrados, círculos e triângulos estão representados?”.

Após a interpretação da obra, os alunos foram divididos em grupos de 4 elementos, de forma a existir um trabalho colaborativo e uma troca de materiais (guaches e pincéis). O objetivo prendia-se com a reprodução do quadro o mais parecido que conseguissem, tendo como ponto principal as figuras geométricas. Uma vez que a turma ficou um pouco agitada e acabou por terminar a atividade antes do final da aula coloquei uma música relaxante sem vocal para que todos se acalmassem e aguardassem o toque.

Esta tarefa teve um segundo momento de exploração, que ocorreu no dia seguinte, no qual cada aluno apresentou a sua recriação da obra, explicando o que nela continha à restante turma. Seguido do momento de apresentação solicitei que todos em conjunto observássemos a obra original e após um instante de inspiração e criatividade criassem um título para a mesma. As ideias foram bastante criativas, desde “Construções Geométricas” passando por “Cidade de retângulos”, alcançaram o título final de “A Estrada Geométrica”. Com a vasta imaginação para definir o título propus que os alunos continuassem a dar asas à sua criatividade/imaginação e que falassem um pouco sobre o que viam no quadro, conseguindo depois criar uma história que envolvesse a “Estrada Geométrica” e tudo o que nela estava representado. Dispus as cadeiras da turma em roda e sentei-me com eles para podermos estar mais próximos e concentrar as atenções para o trabalho pretendido. Após o diálogo inicial começaram a fluir ideias bastante boas para a história. Uma vez que os alunos ainda não têm conhecimentos para elaborar um texto, fui eu mesma que o redigi conjugando a imaginação deles. O produto final foi um texto bastante imaginativo no qual prevalecia totalmente a criatividade da turma, sem esquecer os pontos cruciais da obra, as figuras geométricas.

Como reflexão final da atividade considero que o facto de ter sido criada uma continuidade de um dia para o outro é sempre uma mais valia para os alunos, promovendo uma introdução a um conteúdo tendo por base instrumentos anteriormente trabalhados, tal

como sugere Woodhead (1981) citado por Marchão (2002, p.34) “*continuidade não implica repetição, implica introdução ao que é novo, a novas tarefas, apoiadas em significados construídos e experienciados*”.

Assim como a atividade também promoveu o trabalho em pequenos ou grande grupo, sendo este importante para que exista uma melhor convivência e socialização positiva entre os alunos, tentando desta forma amenizar os conflitos existentes entre os mesmos. A Lei de Bases do Sistema Educativo (1986) aponta explicitamente para a necessidade da Educação para a Cidadania, mostrando a importância do trabalho de grupo, Segundo o Capítulo I, Artigo 7º Alínea e), o sistema educativo deverá “*facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho*”.



Figura 12 - Recriação de uma pintura de um artista plástico.

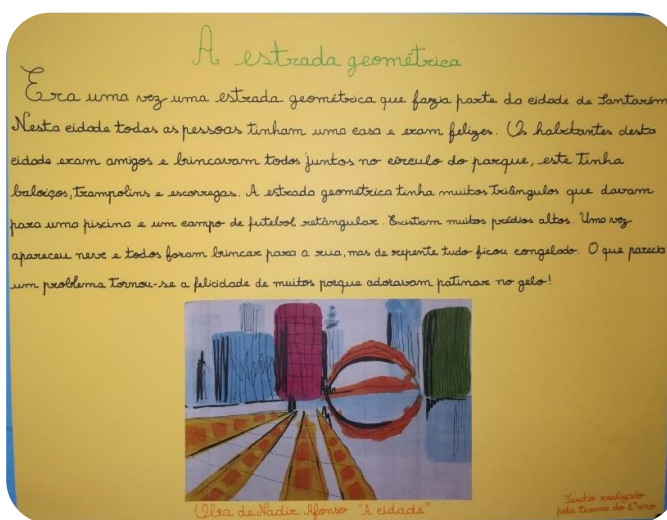


Figura 11 - Criação de uma história, tendo como ponto de partida a pintura do artista plástico.

## Avaliação do Projeto

Como balanço da minha intervenção e do planeamento da prática educativa, considero que todas as planificações foram ao encontro do pretendido, apesar de surgirem pequenas modificações que inicialmente não estavam previstas, mas que não influenciaram em nada a minha atuação. Contudo, tentei adaptar sempre a planificação à prática e ao momento vivenciado para que surgissem atividades adequadas a cada aluno e à turma, de forma a criar um clima de coesão entre o “praticado” e o “planificado”.

É de verificar que no decorrer das semanas me senti cada vez mais singular em relação ao projeto que tínhamos implementado e à forma como este estava a surtir efeito nos alunos, observando cada vez mais o interesse pelos conteúdos temáticos, denotando

também uma evolução na inserção de atividades didáticas, as quais não eram recorrentes no seu quotidiano. Esta confiança na transmissão de conhecimentos e implementação do projeto só foi crescendo através das reflexões que fazia diariamente sobre a minha prática interventiva. Segundo Alarcão (2002) é através da prática reflexiva que os profissionais constroem e reconstróem o seu conhecimento no campo de ação. Neste sentido a reflexão tornou-se recorrente na minha prática, uma vez que fazia com que olhasse mais especificamente para a minha ação e conseguisse compreender o que estava bem e o que teria de ser melhorado para a seguinte intervenção, de forma a promover naqueles alunos mais conhecimentos.

Deste modo, o balanço que faço deste projeto é muito positivo, tendo em conta a avaliação feita aos alunos no decorrer do mesmo considerando que após as sete semanas houve um melhoramento das suas práticas cidadãs, conseguindo despontar nos mesmos comportamentos positivos tanto para com eles como perante os colegas. Considero que no decorrer do estágio consegui fazer uma boa leitura da turma, analisando as suas fragilidades, atuando de forma direta, tendo por base uma análise crítica sobre cada atuação minha, mas essencialmente sobre a evolução, ou não, dos alunos, de forma a melhorar semana após semana.

Após o término da prática de ensino supervisionada e como forma de divulgação do projeto e das aprendizagens adquiridas pelos alunos, procedemos à exposição na sala de todas as atividades elaboradas ao longo da nossa passagem e implementámos um chefe diário na turma, como forma de motivação ao bom comportamento e à entreajuda. A divulgação para a restante comunidade escolar foi realizada através de um portefólio de aprendizagens, no qual constaram as diversas atividades/aprendizagens adquiridas pelos alunos durante a implementação do projeto, aprendizagens essas ditas e estruturadas por eles.

#### **1.4. Estágio em 1ºCiclo do Ensino Básico - 4ºano**

##### **Caracterização da Instituição**

A instituição na qual desenvolvi o estágio de intervenção de 1ºCiclo do Ensino Básico – 4ºano localiza-se no centro da cidade de Santarém. O edifício no qual funciona a escola é datado de 1984 e é uma escola de tipologia P3, ou seja, com inspiração arquitetónica nos países nórdicos.

A presente instituição é de carácter público e é ministrada pelo Ministério da Educação, sendo a coordenadora, apoiada no Projeto Educativo, a gestora de todas as documentações e a base de todo o funcionamento do estabelecimento.

No estabelecimento existe uma valência de 1º CEB em funcionamento, do 1º ao 4º ano de escolaridade. Esta escola tem ainda disponível duas unidades para integrar crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), sendo uma delas a Unidade de Apoio Especializado à Educação de Alunos com Multideficiência (UAE) e outra a Unidade de Ensino Estruturado (UEE).

O espaço interior da escola básica divide-se em dois blocos, em que cada bloco tem dois pisos com três salas e uma zona comum. Existe também um polivalente, no qual se realizam atividades direcionadas para as áreas de Expressão e onde se efetuam convívios e festas em que se envolve toda a comunidade escolar, sendo também o espaço onde os alunos passam os intervalos nos dias de chuva. De realçar ainda a existência de uma biblioteca integrada na rede de bibliotecas escolares, uma sala de professores, um gabinete da coordenação do estabelecimento, uma reprografia, uma cozinha, casas de banho e arrecadações. O espaço exterior é amplo e comum a toda a comunidade educativa, o que promove assim a realização de atividades lúdicas e a interação entre pares. Estando assim ao dispor dos alunos um campo de futebol, um escorrega com pista de obstáculos, várias mesas de piquenique e um vasto espaço verde.

No que concerne aos recursos humanos disponíveis na instituição, o pessoal docente é composto por 20 professores, entre os quais titulares de turma, professores de apoio e professores destinados às unidades, 8 assistentes operacionais e por volta de 300 alunos, em que todos estes intervenientes promovem o sucesso e a qualidade de todo o sistema educativo.

A instituição tem como guia o Projeto Educativo integrado no Projeto Educativo do Agrupamento, este entrou em vigor no ano de 2017 e decorre até ao ano de 2020.

As linhas orientadoras do referido Projeto Educativo do Agrupamento, que estão na base da atuação dos docentes assentam em diversos princípios e valores que são eles: uma escola inclusiva, uma escola multicultural, promovendo o combate ao insucesso escolar, uma educação para a cidadania, uma articulação entre os diversos ciclos de ensino do agrupamento, uma escola aberta e uma utilização das tecnologias de comunicação e informação como veículo motivador da aprendizagem.

### **Caracterização da Sala**

A sala correspondente à turma na qual realizei estágio situa-se no segundo bloco da escola, no rés-do-chão. Esta caracteriza-se por ser ampla, com diversos materiais

pedagógicos à disposição dos alunos. Em relação à luminosidade a sala apresenta vários focos de luz natural, tendo em toda a sua extensão 8 janelas com vista para o espaço exterior.

No seu interior esta contem mesas, cadeiras, um quadro interativo, um projetor, um computador, um quadro de ardósia, um ar condicionado que regula o ambiente no interior da sala e vários armários de arrumação dos materiais pedagógicos.

A organização do ambiente educativo não se apresenta estanque, existindo uma mudança regular, caso haja necessidade da parte do professor ou da parte dos alunos. A disposição das mesas e das cadeiras varia consoante o objetivo da aula, podendo estar em formato de “u”, de “e”, a pares ou em grupos, deste modo o facto de ser uma sala ampla permite estas mudanças em prol das aprendizagens dos alunos. Segundo Damião (1996), embora os professores *“não possam decidir, em absoluto, o espaço interior e exterior da escola, podem, contudo, geri-lo de maneira a otimizar o desenvolvimento”*. (p.93)

Relativamente ao Plano de Turma pelo qual o professor titular se orienta, este visa desenvolver as capacidades dos alunos nas diversas áreas curriculares, assim como a superação das suas dificuldades, recorrendo a todos os intervenientes do processo educativo. Relativamente às disciplinas de maior fragilidade ou de menor interesse perante o grupo, o professor utiliza estratégias transversais a todas as áreas curriculares. No âmbito do Português a prática incide sobre leituras de textos ou livros presentes no Plano Nacional de Leitura (PNL), na interpretação dos mesmos, no conhecimento de vários autores e sua bibliografia e na realização de exercícios de gramática. Ao nível da Matemática o professor incide no desenvolvimento do cálculo mental e do raciocínio lógico-matemático, através da exploração de jogos didáticos e de situações problemáticas do dia a dia. Em relação à disciplina de Estudo do Meio, o trabalho passa por incentivar nos alunos o gosto por saber mais sobre o seu meio próximo e distante, desenvolvendo o sentido crítico sobre o presente e o passado histórico. No que diz respeito à área curricular das Expressões Artísticas, esta visa desenvolver a criatividade dos alunos, bem como as várias técnicas expressivas implícitas.

### **Caracterização do Grupo**

A turma do 4ºano era composta por 25 crianças, 15 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Nesta turma encontravam-se integradas duas alunas de diferentes nacionalidades, uma de origem Síria e outra de origem Ucraniana e ainda quatro alunos abrangidos pelo

Decreto-Lei nº3/2008 integrados num Currículo Específico e num Plano Específico, executando atividades individuais e personalizadas.

Estes alunos abrangidos pelo Decreto-Lei acima referido apresentavam necessidades educativas de carácter permanente, dois ao nível de Perturbações no Espectro do Autismo, um dos alunos com um Défice Cognitivo e dificuldades ao nível da linguagem e o quarto ao nível de Paralisia cerebral. Apenas um dos alunos, com perturbações no Espectro do Autismo de nível moderado/funcional acompanhava a turma diariamente, os restantes alunos realizavam um acompanhamento pontual, estando na sala somente uma hora por dia, de forma a não perderem a sua integração na turma.

O presente grupo tinha alunos com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos, sendo que um dos alunos com NEE tinha 15 anos.

Estes alunos caracterizavam-se por serem muito participativos e por se envolverem ativamente no processo de ensino e aprendizagem, encontrando-se bastante motivados e interessados na realização de tarefas destinadas ao seu ano de escolaridade. A turma apresentava também bastante autonomia na realização de tarefas do dia-a-dia, conseguindo organizar o seu espaço e os seus materiais, assim como demonstravam autonomia na concretização das propostas didáticas solicitadas pelo professor. Esta autonomia também se verificava nos momentos em que terminavam alguma tarefa, uma vez que tinham ao seu dispor um livro para leitura individual, ao qual recorriam como forma de fomentação da sua Educação Literária.

A disciplina para a qual o grupo evidenciava ter maiores potencialidades era o Português, uma vez que a maioria dos alunos conseguia com bastante facilidade compreender e interpretar os textos lidos, bem como estruturar corretamente uma produção de texto. As Expressões Artísticas também era uma área de grande potencialidade, mais especificamente a Expressão e Educação Físico-Motora e Dramática, sendo que nestas expressões o grupo evidenciava facilidades ao nível das suas capacidades condicionais, coordenativas e de exploração que providenciavam o seu sucesso nestas áreas. Na área da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) a turma também demonstrava um grande à vontade com a tecnologia, apreciando atividades no âmbito da mesma.

No que diz respeito às suas fragilidades, estas prendiam-se com a resolução de situações problemáticas e interpretação de enunciados escritos. Deste modo, as áreas nas quais os alunos apresentavam mais dificuldades eram a Matemática, no que concerne à concretização de problemas, conversões de unidades de medidas e noções de direção (vertical e horizontal) e o Estudo do Meio, na qual as dificuldades se prendiam com a identificação em mapas mundo dos locais terrestres e marítimos e com a aquisição de alguns conteúdos implícitos à área curricular.

## Projeto Elaborado

O projeto elaborado em contexto de estágio intitulou-se “A Tecnologia na Educação”, tendo como ponto de partida o interesse e a motivação dos alunos para a utilização de tecnologias, sendo este projeto um fio condutor para o desenvolvimento das restantes áreas curriculares, apoiado sempre em documentação pedagógica institucional, Projeto Educativo e Plano de Turma e nos Programas e Metas Curriculares do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Após a observação do grupo foi sentida uma necessidade, pela minha parte e do meu par de estágio, de nos debruçarmos sobre a inserção das novas tecnologias na sala de aula, de forma que os alunos conseguissem tanto de forma autónoma como em grupo utilizar as tecnologias para fins de pesquisa, recolha, seleção da informação e acima de tudo aquisição de novos conhecimentos com esta nova fonte.

Neste sentido considerámos pertinente desenvolver o projeto no âmbito da TIC, uma vez que se trata de uma temática pouco explorada em contexto escolar, não só por falta de tempo do docente, mas essencialmente por falta de materiais tecnológicos ao dispor dos alunos. De acordo com Amante (2007), “(...) a resposta possível não está na tecnologia, mas sim nas pessoas e nas instituições”. (p.60).

De acordo com Damásio (2007), o avanço que se tem vindo a sentir no mundo da tecnologia cresce em paralelo com as mudanças ocorridas no campo educativo. Deste modo, o crescimento, de ambas as partes, contribui para uma melhoria significativa da qualidade do ensino, e proporciona assim um maior contacto com a tecnologia em contexto escolar.

Assim, tem-se como desafio perspetivar as TIC como motor de mudança, potenciando o desenvolvimento dos alunos enquanto cidadãos presentes numa sociedade em constante evolução tecnológica e tendo de se adaptar a essas transformações e integrá-las nas suas práticas diárias.

Como forma de acompanhar o desenvolvimento da sociedade, apresentámos um objetivo geral e vários objetivos específicos para o desenvolvimento do projeto. Tivemos como foco para o objetivo geral a promoção e o contacto com as TIC em contexto educativo, criando assim objetivos específicos tais como:

- a promoção de uma aprendizagem ativa recorrendo às TIC como forma de pesquisa de informação, na qual os alunos procuram, selecionam e tratam a informação necessária;
- a adaptação das práticas escolares a uma nova realidade social;
- a realização de jogos didáticos em diversas plataformas online;
- tornar a aprendizagem mais dinâmica utilizando as TIC para apresentar trabalhos em formato digital, individualmente ou em grupo;
- a aquisição de noções básicas de robótica, com recurso a robots manipuláveis.

Outra das razões que nos levou a apostar neste tipo de projeto prendeu-se com a utilização da aplicação ClassDojo na dinâmica diária da turma. Esta aplicação mantinha os professores conectados com os alunos e com os encarregados de educação permitindo ao professor atribuir pontos em determinadas competências como forma de motivar e incentivar os alunos a serem melhores. Nesta aplicação era possível também a partilha de fotografias e vídeos sobre o que estava a acontecer dentro da sala de aula, permitindo aos encarregados de educação estar em contacto permanente com as práticas educativas.

Em contexto de 1ºCiclo do Ensino Básico as TIC são promovidas de modo integrado e em articulação com as diferentes áreas curriculares, não apresentando assim um estatuto transversal ao currículo. Neste sentido, segundo o Ministério da Educação, o professor deve *“(..). assegurar a todos os jovens o acesso às tecnologias da informação e comunicação como condição indispensável para a melhoria da qualidade e da eficácia da educação e formação à luz das exigências da sociedade do conhecimento”*. (2003, p.3)

Ainda no âmbito das práticas pedagógicas, Almeida (2004) refere que as TIC favorecem a interdisciplinaridade e permitem um ensino através da utilização de jogos didáticos, nomeadamente em novas plataformas online. Neste sentido, o professor consegue com muito mais facilidade detetar as dificuldades dos alunos, aumentar a sua motivação e ao mesmo tempo diversificar as suas metodologias de ensino.

Assim, seguindo as bases do Ministério da Educação e os argumentos de Almeida (2004), este projeto desenvolveu-se ao longo de cinco semanas, quer de forma direta quer de forma indireta através de planificações para a promoção das TIC na educação em sala de aula. Com recurso a plataformas online foram realizados jogos (Kahoot) sobre a qualidade do ambiente alusivos ao Estudo do Meio e sobre as classes de palavras, conteúdo de Português, também foi elaborado um Padlet, plataforma online, para que os alunos numa aula de Matemática de iniciação aos volumes partilhassem e comentassem entre si os desenhos que tinham elaborado sobre vistas de cubos de encaixe. Recorremos também ao PowerPoint para fazer uma aula expositiva sobre a elaboração de uma carta, conteúdo de Português, assim como duas alunas de diferentes nacionalidades recorreram também ao programa para fazerem uma apresentação à turma sobre a sua cultura, costumes e tradições. Utilizámos também um robot numa aula de Português de forma a trabalhar conteúdos programáticos dados recentemente. É de referir que todas estas atividades realizadas foram colocadas na ClassDojo para que os encarregados de educação tivessem enquadrados nas nossas aulas e nas temáticas dadas. Pode consultar-se em anexo a teia do projeto (Anexo XIV).

### **Atividades Destacadas**

De uma forma abrangente considero que as aulas planificadas tiveram conteúdos importantes para o desenvolvimento global dos alunos, tanto a nível da aquisição de novos conhecimentos, como de consolidação das aprendizagens realizadas anteriormente. Neste sentido saliento duas das atividades que proporcionaram um maior envolvimento e uma aprendizagem mais dinâmica por parte da turma e que se encontram enquadradas na temática do projeto de intervenção.

A primeira atividade encontra-se planificada em anexo (Anexo XV). Esta foi executada no âmbito de Oferta Complementar, tendo como tema a saúde ambiental, que evidencia a promoção de boas práticas ambientais e o estudo da política dos 5R's.

Esta temática é sempre muito interessante para os alunos, uma vez que se trata de algo bastante presente no seu dia a dia. Uma vez que os alunos já tinham algumas bases relativas ao assunto iniciei a aula com uma parte mais teórica, em que pedi a alguns que lessem a informação presente no manual de Estudo do Meio relacionada com a qualidade do ambiente. Relativamente a essa informação, os alunos exploraram através de uma imagem os fatores negativos nela presentes, abordando assim vários incidentes que o ser humano provoca e que levam a indícios de poluição. De seguida os alunos procederam também à leitura de outro texto informativo do manual sobre o seu papel na preservação do ambiente, onde dialogámos de seguida sobre as práticas que estes têm ou deveriam ter para reduzir os impactos ambientais.

No momento seguinte foi elaborada uma atividade mais prática, na qual os alunos se encontravam divididos por grupos para realizarem um jogo. Após a divisão, procedi à distribuição de um tablet por cada grupo, seguido da explicação do jogo do Kahoot denominado de "A qualidade do ambiente". Este jogo foi criado de raiz por mim e pelo meu par de estágio, com o objetivo de abordar a temática da saúde ambiental de forma mais lúdica e envolvente para os alunos. Como seguimento da aula expliquei as regras do jogo e os procedimentos que cada grupo/aluno teriam de executar para responder de forma acertada às questões que surgissem projetas.

Ao longo do jogo fui criando paragens, sempre que necessário, para falar sobre a matéria e colocar questões relacionadas com as práticas diárias dos alunos. Quando o jogo terminou foram observados os rankings e as pontuações obtidas, explorando através do site os erros cometidos em cada pergunta, desmistificando assim dúvidas que com o desenrolar do jogo não tivessem ficado esclarecidas.

Com o término da atividade fiz uma reflexão da prática e do que os alunos aprenderam com ela e considero que apesar de ser um tema cada vez mais abordado ainda existem pequenas lacunas nas atitudes das crianças, que posteriormente se transportam para os pais, familiares, amigos... Deste modo, a aposta nesta atividade mais lúdica e dinâmica como forma dos alunos aprenderem boas práticas ambientais teve como objetivo promover

uma visão diferente do que é a reciclagem, das atitudes boas e menos boas dos cidadãos e da importância que a saúde ambiental tem nas nossas vidas. E, no meu ponto de vista, constatando os rankings obtidos no final do jogo e as dúvidas esclarecidas considero que a temática ficou intrínseca nas futuras atitudes dos alunos e consequentemente nas dos que os rodeiam. Também o facto de ter criado um jogo ao invés de recorrer a um já feito também foi um ponto positivo, pois consegui abordar todos os conteúdos que pretendia destinar à aprendizagem da turma naquele momento. A avaliação da presente atividade pode ser consultada em anexo (Anexo XVI).



*Figura 13 - Execução do jogo Kahoot denominado "A qualidade do Ambiente".*



*Figura 14 - Execução do jogo Kahoot denominado "A qualidade do Ambiente".*

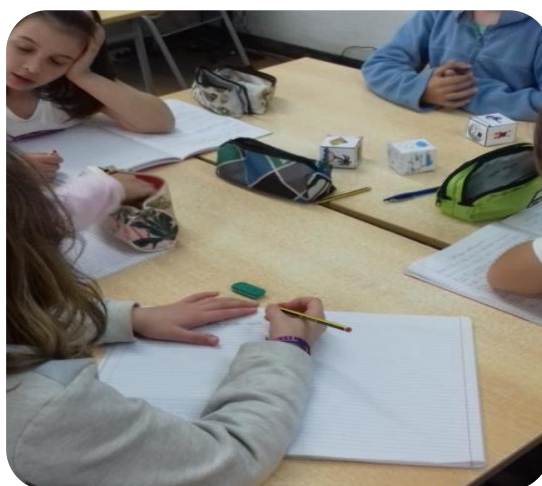
A segunda atividade encontra-se planificada em anexo (Anexo XVII). Esta atividade foi elaborada na aula de Português, na qual apresentei um PowerPoint sobre a tipologia textual da carta. Esta apresentação começou por um questionamento aos alunos sobre o seu conhecimento relativo à temática. Após os alunos apresentarem um vasto conhecimento sobre a estrutura e as características da carta visionámos a apresentação, ao mesmo tempo que a complementávamos com novas aprendizagens.

Como momento seguinte, os alunos escreveram uma carta, consoante as características visionadas, direcionada ao Gigante Egoísta, personagem principal da história trabalhada no dia anterior "O gigante egoísta". Inicialmente os alunos preencheram o envelope com as indicações do destinatário de cada um e com as indicações do remetente, o gigante. Após o preenchimento do envelope iniciaram a carta, na qual tinham como ponto de partida a seguinte frase "Sr. Gigante...Venho por este meio pedir-lhe para deixar de ser egoísta porque...", sendo que a partir deste ponto, cada aluno, contruiu o seu texto autonomamente.

Quando terminadas as cartas, os alunos colocaram-nas dentro do envelope para de seguida serem recolhidas e avaliadas consoante a sua textualização e os requisitos necessários à elaboração da carta. Na aula seguinte, após as correções e avaliação feitas,

as cartas foram novamente distribuídas e cada aluno leu a sua à restante turma. Após esta leitura foram selecionadas as melhores cartas para ficarem disponíveis na plataforma ClassDojo.

Como avaliação da aula, considero que os objetivos foram alcançados, os alunos conseguiram escrever uma carta de acordo com as características apresentadas e uma vez se tratar de uma temática já conhecida pelo grupo, foi mais facilmente trabalhada. A correção ortográfica também foi um ponto importante, pois os alunos tomaram conhecimento dos erros cometidos e conseguiram melhorá-los para as produções escritas seguintes. A avaliação da presente atividade pode ser consultada em anexo (Anexo XVIII).



*Figura 15 - Elaboração de uma produção escrita em forma de carta, tendo como destinatário o Gigante Egoísta.*

### **Avaliação do Projeto**

Ao longo das semanas de intervenção utilizei vários instrumentos de avaliação, tanto para avaliar a minha prática, como para avaliar as evoluções dos alunos, de forma a verificar quais as capacidades que estes já tinham adquiridas, quais as atividades em que demonstravam maior envolvimento e aquelas em que sentiam mais dificuldades. Através de grelhas de avaliação consegui verificar mais objetivamente quais as dificuldades sentidas, de forma a adequar estratégias para as atenuar e melhorar o desempenho individual de cada aluno, melhorando progressivamente o desempenho da turma. Os documentos que recolhi para avaliação eram posteriormente entregues aos alunos para que estes tivessem conhecimento dos seus erros, levando-os assim a uma melhoria constante. De acordo com vários autores, este feedback é fundamental para o progresso das aprendizagens dos alunos, contribuindo para que se tornem mais autónomos na avaliação e regulação dos seus desempenhos e possam encontrar formas de os melhorar (Tunstall & Gipps, 1996; Fernandes, 2005; Brookhart, 2008).

No final das cinco semanas de intervenção, realizei, em conjunto com o meu par de estágio, um jornal da turma, no qual se apresentavam refletidas as aprendizagens dos alunos ao longo da nossa passagem pela turma e os objetivos propostos para o projeto desenvolvido no âmbito da tecnologia. É de referir que as aprendizagens alcançadas durante as semanas foram enunciadas pelos alunos, tendo cada um a responsabilidade de refletir sobre uma área curricular. A comunidade escolar teve contacto com o nosso projeto através da partilha do jornal impresso, assim como os Encarregados de Educação também tiveram a possibilidade de aceder ao jornal online, através da aplicação de comunicação entre a turma e o professor, ClassDojo. Assim verificamos que a divulgação do projeto foi bem aceite por toda a comunidade escolar, tendo recebido alguns feedbacks orais e na aplicação sobre as atividades implementadas e a adequação dos objetivos à faixa etária, ao grupo e à intencionalidade educativa.

Em suma, o projeto tornou-se um guia, de forma a ser documento de referência e reflexão na minha futura prática. Este possibilitou-me aprendizagens significativas ao nível da integração das tecnologias dentro da sala de aula, uma vez que este ambiente é estimulador de práticas que envolvam os alunos a descobrir por si, dando resposta a problemas do quotidiano de forma integrada com as diversas áreas curriculares. Segundo Pretz (2008) a educação das TIC deve ser parte integrante dos currículos, tendo em conta o interesse, a motivação e as experiências do quotidiano dos alunos, promovendo-os à descoberta de soluções para as mais diversas ações.

## **2. Percurso de Desenvolvimento Profissional - Autodiagnóstico**

Neste ponto pretendo elaborar um autodiagnóstico, de forma reflexiva, sobre todas as aprendizagens adquiridas ao longo do meu percurso de formação. Nele destaco também as dificuldades com que me deparei, bem como as formas de superação das mesmas, assim como o notório crescimento ao longo da prática.

Nas valências das primeiras idades em que me encontrei a estagiar as aprendizagens adquiridas foram muito específicas, no entanto passíveis de serem transmitidas entre os ciclos de ensino, assim como foram bastante notórias algumas dificuldades, que em contextos diferentes foram sido superadas com a experiência da prática de ensino supervisionada.

Em contexto de Pré-Escolar é de destacar a importância que o papel de educador tem logo nas primeiras idades *“A educação dos 0 aos 6 anos é decisiva como pilar para o desenvolvimento educativo das crianças e é fator de equidade”* (Recomendação n.º 3/2011). Com base nesta premissa outros valores seguem como guia de um bom profissional, a proximidade ao meio da criança e a escuta da mesma são fatores que potenciam uma

harmonia na educação das crianças e um desenvolvimento global das mesmas. Segundo Silva (2009) quanto mais próxima for a relação entre a escola e as famílias, maior o sucesso educativo das crianças e foi nesta base que orientei o meu percurso enquanto estagiária.

Como educadora devo apresentar sempre uma visão da criança como agente ativo das suas próprias aprendizagens, sendo ouvida e escutada em todos os momentos, não descurando os seus interesses e dando-lhe voz para se exprimir. De acordo com Formosinho e Gambôa *“a escuta (...) deve ser um processo contínuo no quotidiano educativo, um processo de procura de conhecimento sobre as crianças, seus interesses, motivações, relações, saberes, intenções, desejos (...)”* (2011, p. 33).

Estes contextos requerem uma observação ainda mais atenta e cuidada ao longo de todos os momentos diários, não só nos momentos de atividade, mas sobretudo nos momentos de rotina das crianças. A rotina deve ser conhecida pela criança e intencionalmente planeada pelo educador, desta forma, segundo Oliveira-Formosinho (1998), deve ser vista como a transformação do tempo num *“tempo de experiências educacionais ricas e interações positivas”* (p.71). Como forma de provar a qualidade destas experiências e regular a prática educativa surgem instrumentos de avaliação, como é o caso das grelhas de Laevers, que foram uma mais valia para analisar a escala de envolvimento das crianças ao longo da minha prática.

Com o decorrer das práticas nestes primeiros contextos considero que demonstrei sempre um à vontade na interação com as crianças, bem como consegui ganhar a confiança de cada criança gradualmente, adequando-me ao ritmo de cada uma. A forma de captar a atenção do grupo e de despertar a sua curiosidade também foram aprendizagens que adquiri ao longo do meu percurso académico e que foram evoluindo com a prática educativas proporcionadas.

Em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico as planificações tornam-se um elemento mais organizado e repartido pelas evidências curriculares. Este guia vai-se tornando, com a prática, cada vez mais coeso e de fácil concretização, conseguindo orientar o trabalho de um professor, de forma a alcançar os resultados pretendidos em cada aula. No entanto, após este momento de planificação e de atuação surge um elemento chave na educação, a prática reflexiva, é através desta que os profissionais constroem e reconstroem o seu conhecimento no campo de ação (Alarcão, 2002). Neste sentido a reflexão tornou-se recorrente na minha prática, uma vez que possibilitou que olhasse mais especificamente para a minha ação enquanto docente e conseguisse compreender o que estava bem e o que teria de ser melhorado para a seguinte intervenção.

Um professor seguro e confiante dos seus saberes formará com certeza um aluno mais confiante e seguro dos seus conhecimentos. É neste sentido que uma das práticas que adotei neste contexto passou por estudar/pesquisar antes de qualquer intervenção. Mendes

afirma que *“na relação com os alunos, a segurança do professor é também representada como uma característica muito importante que decorre, em grande parte, do domínio dos conhecimentos científicos e da planificação do seu trabalho.”* (2014, p.169). Neste sentido após algumas leituras e pesquisas efetuadas compreendi que planejar a prática de forma cuidada e aprofundada transmite, tanto a nós como aos alunos, segurança na execução das aulas e foi esse um dos ensinamentos providos dos estágios.

A avaliação, assim como nos contextos anteriores foi o ponto de maior aposta e dedicação, uma vez que se trata de uma das ferramentas educativas mais abrangentes, e que só com a experiência se tornam de mais fácil concessão. Assim, o meu trabalho e dedicação na concretização de instrumentos de avaliação ter-se desenvolvido com o avanço dos estágios, pois só através destes instrumentos conseguimos analisar a qualidade do nosso ensino. Barreiras e Pinto referem que a avaliação é vista *“como um instrumento de certificação de aprendizagem, de controlo de qualidade do sistema educativo, mas, também como um instrumento ao serviço do ensino e da aprendizagem”* (2005, p. 37).

De todas as aprendizagens, duas delas acompanharam-me ao longo da minha formação, considerando-as como pontos que melhor domino. Estas passam por encontrar estratégias nos momentos de atuação, como forma de facilitar as aprendizagens dos alunos, individualizando a prática consoante as capacidades e necessidades, bem como a colocação de voz perante a turma para captar a atenção das crianças para os momentos de aprendizagem, sendo a colocação de voz mais alta ou mais baixa consoante a ocasião. Tal como refere Teixeira (2002), uma das estratégias que um professor deve adotar passa por fazer uma boa colocação de voz, articular bem as palavras e encontrar formas de através de recursos fónicos garantir a atenção dos alunos. Após algumas leituras durante os contextos, compreendi que o recurso a esta estratégia teria uma visibilidade notória na captação de atenção dos alunos, pois ao colocar a minha voz, essencialmente num tom baixo, deixando os alunos de me ouvir parcialmente, estes faziam silêncio para me conseguirem escutar.

No entanto durante este percurso surgiram também dificuldades que se prenderam com a gestão do tempo, tanto pela extensão das atividades como pela rápida concretização das mesmas, esta dificuldade acompanhou-me desde o primeiro ao último estágio. Tentei sempre encontrar soluções para a combater, no entanto só na última prática de ensino supervisionada é que considero tê-la superado na totalidade. Através da ajuda do professor cooperante e através da elaboração de planificações o mais descritivas possível, evidenciando todos os momentos educativos com tempos definidos, foi a estratégia mais fiável para deixar de ser uma dificuldade e passar a ser uma aprendizagem, que me irá acompanhar ao longo da vida profissional.

No desenvolvimento da prática foram-me surgindo questões às quais tentei sempre obter resposta, desmistificar os dilemas existentes como forma de saber mais e poder atuar

perante esses ensinamentos e estratégias que considerasse fiáveis. E foi no meio de uma dessas questões que me surgiu o tema ao qual me encontro a investigar, para que na minha futura prática consiga atuar da melhor maneira possível quando surgem momentos de indisciplina, ou trabalhar para que a disciplina seja parte integrante da minha atuação enquanto docente. Encontrar estratégias, adaptá-las a casos concretos, promover a autorregulação dos alunos e não distinguir a forma de atuar consoante o género dos mesmos, são situações que me fazem questionar e com as quais me irei deparar no futuro e que pretendo que sejam trabalhadas e estudadas da melhor maneira possível.

Refletindo sobre o meu desenvolvimento profissional, refiro que todos estes estágios me possibilitaram um excelente e essencial contacto direto com a prática, de forma a desenvolver inúmeras competências para o meu futuro profissional, deparando-me sempre com obstáculos que teriam de ser superados, alguns foram, outros serão, com o tempo de experiência.

No entanto sei que ainda há um longo caminho a percorrer, muito aspetos a melhorar e a compreender, mas como afirma Paulo Freire,

*“Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.*

(1991, p.58)

## Parte II – Exercício Investigativo

### 1. Percurso do Desenvolvimento Investigativo

O presente exercício investigativo surgiu como forma de responder a questões que ficaram pendentes ao longo da prática educativa na licenciatura, indo ao encontro de algumas dúvidas circunstanciais, que passam pela forma como os profissionais gerem a (in)disciplina em contexto educativo e pelas estratégias que conseguem mobilizar para promover a disciplina.

Afonso (1999, p.1), afirma que o desenvolvimento da indisciplina tem-se tornando num “*dos maiores problemas da escola*”. Deste modo, achei pertinente seguir a minha investigação neste sentido, uma vez que pretendo, à luz do estudo de autores, confrontar e compreender a forma como os profissionais atuam em circunstâncias de desordem e como previnem ou apaziguam casos de indisciplina na sua sala.

Assim, este estudo partiu das seguintes questões orientadoras:

- a) O que se entende por (in)disciplina na educação pré-escolar e no 1ºCiclo do Ensino Básico segundo cada educador/professor e criança?;
- b) Quais as estratégias utilizadas pelos educadores/professores para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina?;
- c) Quais as principais dificuldades sentidas pelos professores?;
- d) Haverá diferenças entre os rapazes e as raparigas na manifestação de comportamentos de indisciplina?;
- e) Haverá interferências da indisciplina no processo de ensino-aprendizagem?.

Partindo destas questões orientadoras de investigação, formularam-se os seguintes objetivos:

- 1) Compreender a perceção que os sujeitos têm de (in)disciplina, tanto em contexto de pré-escolar como de 1ºciclo do ensino básico;
- 2) Descrever as estratégias identificadas para prevenir/corrigir os comportamentos das crianças;
- 3) Identificar as dificuldades que os professores sentem face à gestão dos comportamentos de indisciplina;
- 4) Verificar se existem diferenças entre rapazes e raparigas relativamente aos comportamentos de indisciplina (ao nível das conceções dos sujeitos da amostra).
- 5) Verificar se existem interferências da indisciplina no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

## 2. Revisão da Literatura

### 2.1. Definição de (in)disciplina

O conceito de disciplina tem evoluído ao longo dos anos, apresentando, segundo diversos autores, mudanças no seu paradigma conceitual.

Para Brazelton e Sparrow,

*“A disciplina tem a ver com o ensino e não com a punição. Não acontece de um dia para o outro. Exige repetição e paciência. O objetivo de longo prazo para a disciplina é promover o auto-controlo, para que a criança seja capaz de estabelecer os seus próprios limites.”* (2013, p.13).

Com esta citação os autores pretendem desmistificar a ideia de negativismo que se encontrava associada ao termo, argumentando que a disciplina não se apresenta ligada à “*punição*”, mas sim ao “*ensino*” e ao caminho que tem de ser percorrido para o autocontrolo da criança.

Em oposição, Estrela afirma que o termo disciplina pode apresentar vários significados,

*“(...) além de designar um ramo do conhecimento ou matéria de estudo, tem assumido ao longo dos tempos diferentes significações: punição; dor; instrumento de punição; direção moral; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade; obediência a essa regra.”* (2002, p.17).

Esta afirmação remete-nos para uma dualidade do tema, apresentando ambos os sentidos, positivo sendo “*um ramo do conhecimento ou matéria de estudo*” e negativo, destacando maioritariamente as sanções aplicadas ao não cumprimento de regras.

Ao analisar o termo acima apresentado verificamos que a confrontação com o seu significado negativo é diária, no entanto não é esse significado que deve ser tido em conta. A disciplina sustenta-se então pelo processo de elaboração de um conjunto de regras para um fim benéfico da criança, harmonizando o sistema normativo e o sistema produtivo da aula. É a partir da relação pedagógica que o professor estabelece com os alunos que torna mais fácil, por parte dos educandos “*aceitar e entender as regras como posturas a serem tomadas e com a possibilidade de existirem mudanças nas mesmas*” (Estrela, 2002, p. 65). Através desta relação a disciplina é promovida, tornando-se os alunos mais participativos

em todo o seu processo escolar, tornando-se agentes ativos na concretização das regras da sala de aula e na vida diária enquanto estudante.

Este termo está também muito associado a fatores externos à criança, como por exemplo a família. Brazelton e Sparrow (2013) referem que a disciplina de cada criança depende dos sonhos de cada família, as esperanças e os medos que têm para o futuro do seu filho, no que concerne ao mundo que os rodeia, ou seja, uma criança não nasce (in)disciplinada ou rebelde, estas características advêm do seu meio envolvente, tendo sido despontadas ao longo das suas etapas de desenvolvimento.

Após uma confrontação com o lado positivo da disciplina torna-se importante compreender o seu lado negativo, a (in)disciplina e quais as implicações que este acarreta.

Neste sentido, Estrela (1994, p.15) refere que *“o conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas”*. Igualmente para Amado (1999) a indisciplina trata-se do não cumprimento de regras ou práticas de comportamentos desviantes por parte de um aluno, de um pequeno grupo ou de toda a turma, podendo ser esses comportamentos contínuos ou ocasionais, causando perturbações na sala de aula. No mesmo sentido, Veiga (2007, p.15) refere que a indisciplina é vista como *“a transgressão das normas escolares, prejudicando as condições de aprendizagem, o ambiente de ensino ou o relacionamento das pessoas na escola”*.

Ainda tendo em conta o termo (in)disciplina e recorrendo ao Parecer n.º 3/2002 do Conselho Nacional de Educação (Decreto-Lei n.º 241/96), assume-se que a indisciplina são todos os comportamentos que tenham como objetivo perturbar os procedimentos de aprendizagem que acontecem na escola, dificultando assim o exercício da função docente e perturbando a convivência da comunidade educativa no geral.

De um modo geral, a (in)disciplina está associada a fatores internos e externos, esta pode ser analisada pelos aspetos sociais, familiares e cognitivos da criança, através do contexto em questão. Tomamos assim como visão da indisciplina a negação de disciplina, na qual o incumprimento de regras, a frágil adaptação do aluno ao grupo, ou a excessiva autoridade do professor, o que não promovendo uma ação ativa nos alunos.

## **2.2. Tipos de comportamentos de indisciplina**

De acordo com Sebastião, Alves e Campos (2003) a prática de comportamentos manifestados pelos alunos e legitimados pelo professor em contexto regulador da prática educativa são tidos como disciplinados, enquanto que atos e condutas não legitimados pelo professor são considerados comportamentos de indisciplina.

No momento em que analisamos os comportamentos praticados, torna-se difícil identificar em concreto uma situação de indisciplina, uma vez que só as podemos considerar tendo em conta diversos fatores que lhes estão subjacentes, como é o caso do contexto e dos intervenientes propriamente ditos no qual se desenvolveu o comportamento (Carita & Fernandes, 1997; Rego & Caldeira, 1998; Estrela & Amado, 2000).

Como forma de caracterizar mais facilmente os comportamentos de indisciplina Estrela (1986) cria três categorizações distintas: comportamentos perturbadores do rendimento da turma (deslocações, brincadeira...), comportamentos perturbadores da comunicação em sala de aula (conversas, interrupções...) e comportamentos que violam os hábitos sociais vigentes (posturas incorretas, incumprimento de horários...).

Ainda no mesmo seguimento Amado (1989) apresenta três eixos referentes aos comportamentos de indisciplina que se organizam em: relação professor-aluno, no qual os alunos tendem a atingir a autoridade e responsabilidade do professor; relação aluno-aluno, que diz respeito aos comportamentos que visam perturbar as relações entre pares; e o processo de aula, que tem a ver com a perturbação do normal funcionamento da aula, a organização, gestão e o rendimento do grupo.

Com a evolução do conceito para os tempos modernos, Amado e Freire (2009) procederam a uma reformulação dos três eixos, passando assim a chamar-se de três níveis de indisciplina. O primeiro nível remete-nos para os “desvios às regras de trabalho”, o segundo nível evidencia as “perturbações das relações entre pares” e o terceiro dá enfoque aos “problemas da relação professor-aluno”.

O primeiro nível referente aos “*desvios às regras de trabalho*” manifesta-se na perturbação da aula através do incumprimento das regras necessárias ao seu bom funcionamento. Como forma de especificar esses desvios, os autores fazem evidência a um estudo efetuado por Amado (1998) em que este categoriza quatro níveis de desvios: “*desvios às regras da comunicação verbal*” (através de conversas, comentários, barulhos e confusão), às “*regras da comunicação não-verbal*” (através de risos, olhares, gestos e posturas), às “*regras da mobilidade*” (deslocações não autorizadas e brincadeiras) e ao “*cumprimento da tarefa*” (falta de material, falta de pontualidade e falta de assiduidade).

O segundo nível de indisciplina “*perturbação das relações entre pares*” está associado à relação entre os alunos, este nível de indisciplina pode manifestar-se através de condutas de agressividade e violência, chegando, por vezes, a ter contornos de atos de delinquência. Neste nível estão integrados comportamentos manifestados por agressões verbais (chamar nomes), danos físicos (bater, empurrar), morais (criar intrigas, excluir de jogos e brincadeiras) e patrimoniais (roubar, danificar objetos), ou seja, comportamentos que perturbam o bem-estar e a dignidade dos alunos na escola. No entanto, este é um nível que vai diminuindo com a idade e com os anos de escolaridade, mas, ainda assim, segundo os

autores, existem registos de pequenos grupos, do género masculino que não acompanham os comportamentos ao seu crescimento, mantendo um comportamento agressivo. O estudo de Estrela (2002, p.68) mostra que os professores consideram os rapazes mais indisciplinados do que as raparigas, *“os rapazes são considerados mais ativos, independentes, assertivos e indisciplinados do que as raparigas, e estas são consideradas mais obedientes, estudiosas e interessadas do que os rapazes. Os rapazes suscitam, em geral, mais agressividade e crítica.”*

O terceiro e último nível de indisciplina, *“problemas da relação professor-aluno”*, é composto por comportamentos dos alunos perante o professor, que coloca em causa a autoridade e estatuto, prejudicando assim o ambiente da sala de aula e acabando por infringir as regras estipuladas para o contexto. Alguns estudos mencionados pelos autores Freire (2001) e Amado (1998) revelam a ocorrência de comportamentos muito heterogêneos neste nível, despontando indisciplina através de agressões físicas, ameaças e insultos, contestações à ação disciplinadora, desobediência ao estatuto do professor e da instituição.

Segundo Estrela e Amado (2000) a destabilização do ambiente educativo prende-se maioritariamente pela frequência de certos comportamentos do que pela sua gravidade propriamente dita. Deste modo, estudos apresentados por Rego e Caldeira (1998) e Vaz da Silva (1996) sugerem que os professores ignorem determinados comportamentos desviantes, que permitam a continuidade do trabalho em aula, focando a sua atenção somente para situações que considerem mais graves.

### **2.3. Fatores de indisciplina**

Podemos afirmar, que se trata de um tema de extrema complexidade, tanto ao nível da variedade de formas e de expressões que os comportamentos podem assumir, às regras e valores que estão em causa, às consequências que o fenómeno acarreta para o(s) sujeito(s) envolvido(s), mas essencialmente na complexidade que assenta na multiplicidade de fatores desencadeantes do comportamento.

Segundo Amado e Freire

*“a investigação científica que desde há décadas se tem vindo a dedicar a esta problemática, não só confirma essa mesma multiplicidade de fatores, como tem demonstrado a causalidade circular e a influência mútua de todos eles. Podemos deste modo falar em vários aglomerados de fatores.”* (2013, p.58)

Os fatores acima referidos dividem-se em quatro grandes temas, que são eles: *fatores inerentes à pessoa do indivíduo “desviante”, fatores dependentes do contexto familiar, fatores de ordem social e política e fatores de ordem pedagógica e escolar.*

Relativamente aos fatores inerentes à criança é de salientar que muitas delas têm problemas de ordem psicopatológica, tais como distúrbios de personalidade, instabilidade emotiva, baixa autoestima e, todos estes fatores associados a uma história de vida pessoal e familiar atribulada causam um percurso escolar de insucesso com comportamentos de indisciplina (Trzesniewski, Moffitt, Caspi, Taylor & Maughan, 2005, citado por Amado & Freire 2013).

Os fatores associados ao contexto familiar que contribuem para o desvio comportamental das crianças estão associados a algumas disfuncionalidades familiares marcantes desde cedo. Todos estes fatores originam crianças infelizes e incompreendidas, que poderão tornar-se agressivas e encarrilar por comportamentos de indisciplina. De acordo com Dishion e McMahon (1998) citado por Amado e Freire (2013), estes acontecimentos sucedem-se, uma vez que se verificam muitos erros nas práticas educativas das famílias, tais como a escassa coesão e ausência de comunicação entre os membros, a presença de estilos impróprios de autoridade, ausência de supervisão nas atividades escolares, entre outras práticas, que acabam por representar consequências na vida das crianças, permitindo-lhes um crescimento sem normas nem orientações éticas.

Todos estes fatores de ordem familiar atravessam as mais diversas classes sociais, não sendo deste modo a característica socioeconómica uma variável correlacionada com a indisciplina (Campos, 2007).

No que concerne aos fatores de ordem social e política incluímos as famílias de classes populares e famílias oriundas de culturas distintas da dominante. Estas por vezes apresentam valores e crenças socializadoras que não correspondem ao exigido em contexto escolar (Campos, 2007), deste modo, *“são várias as vidências que dificultam a sua inserção na escola, tais como a falta de continuidade entre os valores, a linguagem e a cultura da escola e das famílias.”* (Amado & Freire, 2013, p.59).

Por fim os fatores de ordem pedagógica e escolar conjugam-se num aglomerado de fatores dispersos e variados que vão desde a organização das turmas e dos currículos, passando pelo clima da escola, pela relação e gestão pedagógica, incluindo também o modo como os professores transmitem os seus conhecimentos, os estilos de autoridade nas intervenções com os alunos e o modo como estes alunos “legitimam” essa autoridade (Merle, 2005; Gouveia-Pereira, 2004).

Amado e Freire revelam que,

*“A estes fatores de carácter relacional do professor (...) há ainda que acrescentar todo um conjunto de condições importantes ao nível da vivência geral e do clima escolar. Torna-se fundamental, (...) a existência de uma liderança «forte» e participativa. E essa força além de advir da capacidade de implicar toda a gente (professores e alunos) nos mais diversos pormenores e decisões da vida da comunidade, advém-lhe também da capacidade de atrair e de implicar as famílias num projeto educativo comum.” (2013, p.60)*

Deste modo a inclusão das famílias no contexto educativo poderia combater o fator família como uma das causas de comportamentos desviantes nas crianças, uma vez que as práticas desenvolvidas em ambiente familiar exercem influência na educação de atitudes e comportamentos das crianças, tomando os adultos como exemplos a seguir. Neste sentido, tendo por base diversos estudos realizados por Justo e Silva (2005) e Oliveira (2005), as relações humanas afetivas variam de acordo com as práticas vivenciadas no contexto relacional e social que as rodeia, assim existiria uma maior ligação entre a escola e a família como forma de combater este fator de indisciplina.

Assim, e uma vez que as crianças são vistas como esponjas que absorvem e agem de acordo com os exemplos observados no seu quotidiano, em contexto de casa, na escola nos meios de comunicação entre outros (Silva, 2014), as ações praticadas, tanto em casa como na escola, têm de ser medidas e adequadas para que não haja uma reprodução de maus comportamentos.

#### **2.4. Um olhar sobre a indisciplina e o processo de ensino-aprendizagem**

Alarcão e Tavares evidenciam que,

*“A aprendizagem, no seu todo, encarada como ação educativa, tem como finalidade ajudar a desenvolver no educando as capacidades que lhe permitam ser capaz de entrar numa relação pessoal com o meio em que vive (físico e humano) servindo-se, para esse efeito, das suas estruturas sensoriomotoras, cognitivas, afetivas e linguísticas.” (2003, p.89-90)*

Neste sentido, o processo de ensino-aprendizagem retrata uma estrutura complexa, apresentando várias incógnitas, principalmente quando se pensa em ensino de qualidade. Associado a este ensino de qualidade surge a disciplina como parte integrante da prática de ensino, sem ela dificilmente se alcança o sucesso escolar. Silva em complementação ao discurso acima referido realça que, *“os comportamentos indisciplinados violam as regras,*

*prejudicam o processo de ensino-aprendizagem e as interações na sala de aula e na escola* (2001, p. 11).

Assim, a estipulação clara de regras, em conjunto com os alunos, é um elemento facilitador do processo de ensino-aprendizagem. Amado, num dos seus estudos, afirma que as regras são criadas tendo por base dois grandes objetivos:

*“(...) por um lado surgem, como instrumentos de socialização, visam criar «estruturas de pensamento» que permitam dar sentido às relações sociais. Por outro lado, elas surgem como recursos práticos da "gestão da aula" de modo a que, através delas, se possam regular as interações e se consigam alcançar os objectivos de ensino-aprendizagem que é pressuposto presidirem às actividades.”* (2001, p.99)

Sem estas regras surgem práticas desviantes de comportamentos, causando assim a indisciplina escolar, que se encontra totalmente desassociada do processo de ensino-aprendizagem, pois influencia notoriamente a sua qualidade e viabilidade. Recorrendo à opinião de alguns autores esta afirmação é sustentada de diversas formas. Estrela (2002, p.15) afirma que a prática de comportamentos inadequados origina uma *"desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas e/ou da perturbação ao nível do funcionamento da aula"*; Silva & Neves (2004, p.38) evidenciam que *"a manifestação de atos/conduitas, por parte dos alunos, que têm subjacentes atitudes que não são legitimadas pelo professor no contexto regulador da sua prática pedagógica e conseqüentemente, perturbam o processo normal de ensino-aprendizagem"*; Estrela (2007, p.24) identifica o surgimento da indisciplina como o *"oposto à disciplina ou ordem necessária às aprendizagens escolares"*; Por fim, Jesus (1999, p.31) refere que *"os comportamentos e atitudes que os alunos apresentam são como perturbadores e inviabilizadores do trabalho que o professor pretende realizar"*.

Considerando os argumentos apresentados constatamos que, *"a disciplina e a aprendizagem são duas faces de uma mesma moeda"* sendo que estas não podem ser separada (Barroso, 2004, p.10). O professor tem como papel fundamental gerir o equilíbrio entre estes dois elementos, ou seja, definir regras, em conjunto, para a sala de aula, lidar com o comportamento dos alunos e definir conseqüências para estes, tentando que não surjam momentos de interrupção.

É importante tomar consciência de que quando existe disciplina, os alunos estão mais concentrados e aderem com maior facilidade às atividades propostas, o que leva ao prazer no ensino, para ambas as partes intervenientes. Por outro lado, se não existir um ambiente harmonioso, recorrendo frequentemente a repressões poderá suceder momentos de desmotivação e ansiedade, tanto para o professor, como para a turma. Deste modo, verifica-

se a influencia que os comportamentos de indisciplina têm no processo de ensino-aprendizagem, tanto ao nível do docente como ao nível do discente, se o ambiente em sala for gerador de aprendizagens sabemos que na sua base existe disciplina, caso contrário torna-se difícil de tal acontecer.

## 2.5. Prevenção de indisciplina

Saber como atuar face a comportamentos desviantes dos alunos na sala de aula, com o objetivo de criar condições propícias ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem é um problema que os professores enfrentam para prevenirem a indisciplina.

Segundo Estrela,

*“Não há, portanto, receitas aplicáveis a qualquer situação ou a qualquer turma e as soluções são em geral construídas momento a momento, sob a pressão dos acontecimentos e a necessidade de uma resposta imediata e adequada, exigindo hábitos de reflexão na ação.”* (2002, p.98)

De acordo com os estudos realizados no âmbito deste domínio, são utilizadas estratégias como forma de melhorar ou corrigir comportamentos de indisciplina, estas prendem-se com medidas de prevenção e de resposta, incluindo medidas corretivas e punitivas. No entanto não devem ser tomadas como fórmulas a aplicar, cada situação tem a sua intervenção e cada docente tem a sua reflexão perante a mesma.

### a) Medidas de Prevenção

Prevenção trata um *"conjunto de ações, mais ou menos coordenadas, que atuam por antecipação face a esse mesmo fenómeno"* (Amado & Freire, 2009, p.134) com o objetivo de melhorar ou corrigir fatores de perturbação e desvio (Amado, 2000).

Amado e Freire (2009) e Estrela (2002) realçam a importância da prevenção e a débil eficácia dos processos de correção, identificando assim três tipos de ação para a prevenção: primária, secundária e terciária, referindo que o que distingue a boa intervenção face aos problemas de indisciplina é a forma como os docentes e as instituições antecipam os problemas apelando à sua prevenção.

O primeiro nível de prevenção baseia-se na aplicação de medidas dirigidas às crianças desde cedo, bem como às suas famílias e comunidade envolvente à criança.

No que concerne ao olhar global sobre a prevenção primária, destaca-se o *desenvolvimento de competências de comunicação* para que a criança aprenda a aceitar a

opinião dos outros ouvindo e respeitando o seu momento, a *educação para os valores*, para permitir à criança orientar a sua vida sob os valores mais adequados a cada contexto, a evolução de um *autoconceito positivo e realista*, a criação de momentos de *participação ativa dos estudantes na vida educativa* e, por fim, a criação de *condições ambientais favoráveis* que permitam a criação de boas relações interpessoais.

Assim, cabe ao professor, enquanto mediador, utilizar um conjunto de estratégias e práticas para estimular nos alunos a vontade para aprender, a capacidade de comunicação interpessoal, cooperação e coesão da turma. Optar por trabalhos cooperativos permite aos alunos melhorar as relações pessoais, a autoestima, a integração dos alunos com necessidades educativas especiais, entre outros aspetos.

No entanto, todas estas aplicações de medidas têm de ter por base *definições de regras* que contribuem para a prevenção de situações conflituosas (Amado & Freire, 2009). Se o professor iniciar o estabelecimento dessas mesmas regras com os alunos, reforçando e solicitando os comportamentos desejáveis, sendo coerente com a sua palavra ao longo da aplicação e utilizando, somente quando necessário, repreensões apropriadas e justas, a aceitação e o cumprimento por parte dos alunos é feito de forma mais fácil e com um sentido compreensível para os mesmos.

Estrela (2007) realça a importância que o sistema normativo tem nos primeiros dias de aulas, uma vez que é nesse momento que os alunos irão averiguar a coerência das regras definidas, criando automaticamente uma avaliação sobre a autoridade e a personalidade do docente.

A *organização e a gestão da aula* é outra das preocupações iniciais e que está intimamente relacionada com a promoção da disciplina. Assim, Rey (2009) afirma que esta tarefa é bastante importante para o desenvolvimento do trabalho educativo em função dos interesses didáticos que o docente tem para cada aula e do impacto que a má organização da aula pode ter no ambiente desta.

O estabelecimento de rotinas torna-se relevante em todos os contextos educativos, uma vez que permite estruturar o desenvolvimento de atividades e faz com que se avance para uma maior estabilidade discente (Rey, 2009).

No ponto de vista de Carita e Fernandes (1997) o que torna os professores eficientes não se prende com o modo como estes controlam a indisciplina, mas o modo como a previnem. De acordo com o aparecimento das situações, o seu principal foco prende-se com o desenvolvimento da autonomia e do autocontrolo dos alunos.

A prevenção secundária trata, Segundo Amado e Freire, o "*conjunto de ações do professor na turma ou na escola em geral (em articulação com a família) que constituem respostas corretivas e formativas aos comportamentos perturbadores do bom funcionamento do grupo ou da organização*" (2009, p.151). Este tipo de atuação corretiva

tem como objetivo o controlo de situações ou de comportamentos observados, no entanto a interpretação destes comportamentos está dependente de diversos fatores e varia, não só de acordo com o sujeito interveniente, mas de acordo com o sujeito observador.

A mediação de conflitos é também determinante de forma a evitar que esses conflitos interpessoais resultem em situações de agressividade ou violência. Segundo Amado e Freire (2009, p.154) “*este é o procedimento indicado para resolver pacificamente os conflitos, dado que o problema não está no conflito em si, mas na sua má gestão*”.

A última prevenção, terciária, é destinada aos casos mais persistentes de indisciplina. Nos estudos elaborados por Amado e Freire (2009) é notório que estes comportamentos se encontram inteiramente relacionados com fatores como o insucesso escolar, a baixa autoestima e a ausência de aptidões pessoais e sociais. Assim, a intervenção a este nível é feita no âmbito do fortalecimento das capacidades do interveniente, em vez de procurar justificações para a sua ação.

Vettenburg (2000) realça a importância de utilização, por parte da escola, de um plano de ação, com três fases. No primeiro estágio, o professor ao ser confrontado com as primeiras dificuldades, deverá prestar apoio ao aluno. No segundo estágio, ao se deparar com situações que não podem ser resolvidas apenas por si, deverá recorrer a outros serviços especializados na instituição (psicólogo, assistente social...). Se, estes serviços concluírem que o aluno necessita de um acompanhamento mais personalizado, deverão encaminhá-lo para um serviço externo.

#### b) Medidas de Resposta

Ainda que seja consensual a importância da prevenção ao nível da indisciplina, nem sempre é possível evitar certos comportamentos, assim, segundo Amado (1998) não se pode deixar de considerar que as medidas de resposta a esses comportamentos fazem parte das alternativas docentes, através de procedimentos corretivos ou de punição.

Mais do que a punição, os procedimentos corretivos pretendem controlar e corrigir os desvios de forma a preservar a integridade da restante turma. É de salientar que estas medidas podem variar, de acordo com a personalidade do docente e da relação que este tenha estabelecido com os seus alunos. Assim, Amado (2001) propõe uma classificação em três tipos de procedimentos corretivos, sendo eles: a correção pela *integração/estimulação*, pela *dominação/imposição* e pela *dominação/ressocialização*.

A correção pela *integração/estimulação* corresponde à resolução dos problemas através de diálogo com os alunos, não prevenindo, mas corrigindo. Amado (2000, p.29) evidencia que neste contexto, “*prevalecem as bases pessoais do poder do professor, as bases de*

*poder normativo (o apelo às regras) ou a partilha de poderes com os alunos",* permitindo que estes expressem o seu ponto de vista.

Neste tipo de procedimento são utilizadas algumas estratégias, que em situação de prevenção são igualmente passíveis de serem aplicadas, tais como: *o elogio; o reforço imediato; a premiação por bom comportamento; as promessas e negociações,* com o objetivo de prevenir comportamentos indesejados; *as tentativas de persuasão* através da estimulação da autoestima e da exemplificação de comportamentos de colegas.

A correção pela *dominação/imposição* passa por atitudes de intimidação ou ameaças. A eficácia destas medidas depende, em muito, da reputação do professor, ou seja, as medidas são tanto mais eficazes quanto mais o professor conseguir gerir a aula e cumprir com as ameaças feitas. Desta forma, está a cargo do professor aplicar a advertência que mais considerar adequada, de acordo com as medidas corretivas enunciadas nos artigos 26º e 27º contemplados na Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro referente ao Estatuto do Aluno e Ética Escolar dos Ensinos Básico e Secundário.

Por fim a correção pela *dominação/ressocialização* trata formas de atuação que não surgem como um castigo, mas sim como forma de dar mais uma oportunidade ao aluno de cumprir com os objetivos educativos propostos (exemplo: mudar de lugar, solicitar uma tarefa para cumprir num outro espaço...). Ainda na Lei referida anteriormente, artigo 24º a realização de tarefas e atividade de integração na escola são exemplos de tarefas a atribuir ao aluno, contribuindo assim *"para o esforço da sua formação cívica com vista ao desenvolvimento equilibrado da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens".*

Já as medidas punitivas, de acordo com Amado (2001) são encarados pelos professores como algo transcendente à negociação e podem estar presentes no regulamento interno da escola. Estas medidas colocam término à indisciplina, *"por um tempo curto, mas não produz uma mudança de comportamento duradoura"* (Curwing, 1987, citado por Amado, 2001, p.176), no entanto surgem como elemento atenuante do ato se forem aplicadas no imediato.

Considerado todas as estratégias enunciadas anteriormente e tendo por base os estudos efetuados por Estrela (1994) e Vaz da Silva (2005), os professores têm à sua disposição um vasto leque de medidas intervenção, tendo de as adequar mediante a sua análise da situação em que os comportamentos ocorrem.

### **3. Metodologia para recolha e análise de dados**

#### **3.1. Tipo de Estudo**

Esta investigação, de natureza naturalista apresenta um paradigma metodológico de investigação qualitativa. Deste modo procurou-se construir conhecimento sobre “Indisciplina: concepções em contexto de pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico”, assumindo características fiáveis de investigação na própria prática. Fernandes (1991) refere que este tipo de estudo se centra numa investigação naturalista, ou seja, é realizada no terreno no qual decorre a investigação, tendo como foco a compreensão mais profunda dos problemas, passando por investigar o que está na base de certos comportamentos, atitudes ou convicções.

Segundo Afonso (2014) a investigação qualitativa atenta à necessidade de recolha de informação fiável e sistemática sobre aspetos particulares da realidade social, recorrendo a procedimentos empíricos com o intuito de gerar e interligar conceitos que permitam compreender essa realidade.

Tendo a investigação uma base qualitativa, através da realização de entrevistas, também se apresenta numa natureza naturalista, pois no terreno foram concebidas notas de campo como recolha de observações para comprovar certas afirmações ditas nas entrevistas, como forma de confrontação do falado ao praticado.

### **3.2. Sujeitos da Amostra**

O presente estudo teve como participantes educadores, professores e alunos pertencentes ao concelho de Santarém.

Os primeiros sujeitos da amostra foram duas educadoras, uma de Creche (IPSS) e uma de Jardim de Infância (público), que se encontram atualmente a exercer funções educativas.

Como segundos sujeitos da amostra surgiram quatro professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, uma professora de 1ºano, uma de 2ºano, uma de 3ºano e um professor de 4ºano, que se encontram no ativo profissional. A escolha dos sujeitos recaiu sobre docentes de diferentes anos de escolaridade, de modo a existirem dados ricos para a sua análise. Em anexo podem consultar-se os quadros de identificação dos docentes estudados (Anexo XIX).

Por fim foram selecionadas oito crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico, duas crianças do 1ºano, duas do 2ºano, duas do 3ºano e duas do 4ºano, sendo que os sujeitos são de ambos os sexos. Em anexo podem consultar-se os quadros de identificação dos docentes estudados (Anexo XX).

### **3.3. Instrumentos de Recolha de Dados**

Para dar início à recolha de dados recorri a diversos instrumentos: entrevistas semiestruturadas, entrevistas não-estruturadas e registo de notas de campo, notas essas formuladas com base na observação direta dos estágios.

As entrevistas estruturadas foram elaboradas a educadoras e professores, estas apresentaram por base um guião com questões pré-estabelecidas divididas por blocos temáticos, objetivos e o formulário das questões propriamente ditas. Este guião encontra em anexo (Anexo XXI – Educadoras; Anexo XXII – Professores). Nas entrevistas estruturadas “cada entrevistado responde a uma série de perguntas pré-estabelecidas dentro de um conjunto limitado de categorias de resposta.” Afonso (2014, p.104)

Relativamente às entrevistas não estruturadas realizadas às crianças foram construídas com base num guião, mais informal, dividido por blocos temáticos, objetivos e formulário de questões. Contudo as questões eram simplesmente orientadoras do discurso, promovendo uma recolha de informação útil para confrontar com os resultados das entrevistas estruturadas. Este guião encontra em anexo (Anexo XXIII). Nas entrevistas não estruturadas “a interação verbal entre entrevistador e entrevistado desenvolvem-se à volta de temas ou grandes questões organizadoras do discurso.” Afonso (2014, p.104)

A observação direta constou em todos os momentos da prática de ensino supervisionada. Este instrumento de recolha de dados é visto como uma técnica “*útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos*”. Afonso (2014, p.98). Tendo como ponto de partida as observações de acontecimentos, de comportamentos e de atuações surgiram as notas de campo, elaboradas e descritas posteriormente.

As notas de campo surgiram como forma de documentar objetivamente as práticas observadas nos contextos e estimular o meu pensamento crítico relativamente às mesmas. Pelto e Pelto (1987) citado por Afonso afirma que, “*as notas de campo devem ser concretas e não vagas, sublinhando que em qualquer caso, o investigador deve descrever as próprias observações e não as inferências elementares derivadas dessas observações.*” (2014, p.100). Deste modo as notas de campo apresentam-se descritas numa tabela com duas colunas, uma na qual descrevo as evidências vistas e ouvidas em contexto da prática e outra na qual, posteriormente, realizei uma reflexão da ocorrência, de acordo com o meu ponto de vista. Este guião encontra em anexo (Anexo XXIV).

Ao utilizar este conjunto de instrumentos verifica-se que existe um maior rigor e credibilidade numa investigação de carácter qualitativo. É essencial utilizar vários instrumentos para a recolha dos dados que validem esses mesmos dados de acordo com as informações recolhidas através dos sujeitos da amostra, através da revisão documental.

### **3.4. Procedimentos Investigativos**

A investigação teve origem em várias fases na recolha e análise dos dados. A primeira fase deste exercício investigativo decorreu ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, recorrendo à observação direta de algumas práticas em sala de aula. Foi durante este período que suscitaram mais dúvidas e que me levaram a leituras sobre a problemática, de forma a tornar o quadro teórico mais sólido. Segundo Serafini e Pacheco (1990), *“a observação desempenha um papel de regulação no processo de tomada de decisões de um professor”* (p.1)

Ou seja, este procedimento possibilita que durante a prática pedagógica sejam observadas e identificadas as necessidades, interesses e motivações dos alunos para uma melhor atuação docente. Algumas destas observações descritas em notas de campo tornaram o meu trabalho reflexivo facilitado, uma vez que sempre que algo, adequado ao meu tema de investigação, surgia havia uma posterior descrição dos incidentes e atuações, acompanhado de uma reflexão pessoal sobre os mesmos.

A fase seguinte foi dedicada à implementação de entrevistas semiestruturadas aos docentes. Estes guiões foram diferentes para as educadoras e para os professores, existindo perguntas coincidentes e outras mais direcionadas à faixa etária do público a lecionar. O guião realizado às duas educadoras é composto por treze questões, divididas em quatro blocos temáticos, sendo que o guião dos professores é composto por quinze questões divididas em cinco blocos temáticos. As entrevistas encontram-se transcritas em anexo (Anexo XXV – Educadoras; Anexo XXVI – Professores). Estas antes de serem gravadas, foram submetidas a um pedido de autorização aos sujeitos, no qual foi esclarecido o tema em questão, a finalidade da entrevista e a confidencialidade do sujeito em estudo.

De seguida surgiu a necessidade de criar entrevistas não-estruturadas às crianças, como forma de posteriormente comparar as suas respostas à luz do que foi dito pelos docentes. Este guião é composto por oito questões, divididas em três blocos temáticos. As entrevistas encontram-se transcritas em anexo (Anexo XXVII). Estas entrevistas foram gravadas, tendo a autorização do docente titular de turma. Iniciaram-se com a criação de um clima de empatia e motivação com o entrevistado, criando assim uma relação de confiança com as crianças de forma a promover uma entrevista mais informal que me possibilitasse a recolha de informações pertinentes ao estudo.

Por fim procedeu-se à análise de conteúdos obtidos nas entrevistas dos docentes, em que as respostas registadas apresentam uma base de codificação pré-estabelecida. Esta análise seguiu os procedimentos de Bardin, nomeadamente a identificação das unidades de sentido e a sua categorização em categorias e subcategorias. Por fim, esta análise originou

uma posterior interligação com as notas de campo e com as entrevistas às crianças, de forma a criar uma discussão dos resultados mais coesa. De acordo com Bardin, ao

## **4. Recolha dos Dados Investigativos**

Neste capítulo serão analisadas as entrevistas realizadas às educadoras, professores e alunos e posteriormente retiradas as principais conclusões à luz do que é defendido pelos autores. Após as análises distintas dos dados será feita uma análise global das entrevistas dos docentes e dos alunos, confrontando com as informações obtidas em notas de campo.

### **4.1. Análise dos dados recolhidos**

Como momento seguinte à recolha dos dados iniciou-se a sua organização, tendo em conta os procedimentos de análise de conteúdos de Bardin (1977). Esta organização teve como princípio a codificação, que representa o tratamento da informação recolhida, ou seja, passar dos dados brutos do texto (entrevistas) para a informação somente necessária, através da técnica de recorte. É de referir que nem todo o texto foi tido em consideração, uma vez que existem informações que não se adequavam ou não acrescentavam informação pertinente às questões da investigação. Deste modo, através da técnica de recorte foram extraídos somente os discursos importantes de serem analisados na investigação.

Seguidamente passei à seleção das unidades de sentido, ou seja, agrupei os dados recolhidos anteriormente em temas, de acordo com a forma do discurso. Esses temas criados são apresentados nas tabelas com a denominação de categorias e subcategorias. Por fim, foi elaborada a frequência de cada unidade de sentido, assim sempre que a unidade se repetia, a frequência consequentemente aumentava. Esta frequência é apresentada na tabela como número de unidade de sentido.

À medida que o tratamento de dados ia sendo elaborado, os dados foram colocados em tabelas, de modo a criar uma leitura mais fácil e direta das amostras da investigação. Assim, as tabelas encontram-se organizadas por Blocos Temáticos, Categorias, Subcategorias, Exemplos de Unidade de Sentido, Número de Unidade de Sentido (Número de U.S.) e Número de Sujeitos. Estas tabelas com os exemplos de unidades de sentido encontram-se em anexo (Anexo XXVIII – Educadoras; Anexo XXIX – Professores; Anexo XXX – Alunos).

#### **4.1.1. Interpretação dos dados das educadoras**

De seguida será apresentada uma tabela de categorias e subcategorias emergentes da análise do discurso das educadoras. E posteriormente uma análise de cada categoria à luz do que os autores defendem.

Tabela 1 - Categorias e subcategorias emergentes do discurso das educadoras.

Bloco temático	Categorias	Subcategorias	Número de U.S.	Número de sujeitos	
Bloco 1 – Definição de (in)disciplina	Adequação do termo “indisciplina” em contexto de pré-escolar	Concordância com a adequação do termo	3	2	
	Definição de disciplina	Cumprimento de regras	4	1	
		Estar atento	1	1	
		Brincadeira	2	1	
		Respeito/partilha	3	1	
	Definição de indisciplina	Irrequietude/agitação	4	2	
		Visibilidade	5	1	
	Comportamentos de indisciplina	Não cumprimento de regras	3	2	
		Má educação	1	1	
		Falar em demasia	2	1	
		Desrespeito pelo outro	3	1	
	Comportamentos de disciplina	Cumprimento de regras	1	1	
		Aceitação pessoal	3	1	
		Participação	2	1	
		Respeito pelo outro	4	1	
	Fatores que condicionam a manifestação de comportamentos de disciplina/indisciplina	Fatores externos - família	3	2	
		Fatores externos - sociedade	3	1	
		Organização do ambiente educativo	1	1	
		Integração da criança na sala	1	1	
		Postura da educadora	1	1	
Bloco 2 – Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina	Estratégias de promoção de disciplina	Elaboração de regras conjuntas	5	1	
		Afeto e diretividade	3	1	
	Intervenção face a situações de indisciplina	Conversas com as crianças	2	1	
		Conversas com a família	3	1	
		Penalizar	1	1	
		Conversar/compreender	3	2	
		Valorizar a criança	1	1	
	Estratégias de gestão de grupo preventivas da indisciplina	Adaptar à criança	1	1	
		Ocupação da Criança	2	1	
		Afetividade	3	1	
		Estratégias de promoção da autorregulação das crianças	Relaxamento através da prática pedagógica	4	2
	Entreajuda		4	1	
	Bloco 3 –	Diferenças de	Inexistência de diferenças	1	1

Diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina	comportamentos entre rapazes e raparigas	Rapazes	2	1
		Raparigas	2	1
	Atuação diferenciada consoante o sexo	Igual atuação	3	2
Bloco 4 – Indisciplina e Aprendizagem	Interferências da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem	Destabilização do grupo	1	1
		Atenção na aprendizagem	3	2

No que respeita à primeira questão “adequação do termo «indisciplina» em contexto pré-escolar” as entrevistadas apresentam uma concordância do termo ao contexto. Começando por definir disciplina, esta é vista na base do cumprimento de regras “*é um grupo que cumpre as regras da sala ... obedece ao que se lhe diz.*” (E1), passa pelo prestar de atenção “*uma criança que presta atenção àquilo que se lhe diz.*” (E1), vivem num clima de respeito e partilha “*tenta não magoar o amigo ... tenta partilhar o que tem com amigo.*” (E2) e neste seguimento uma criança que sabe brincar “*é uma criança que brinca... uma criança que sabe brincar com os outros.*” (E1).

Relacionando a opinião das entrevistadas com os autores estudados, Estrela (2002) remete-nos também para a disciplina como a aceitação e o entendimento de regras, por parte das crianças, respeitando-se a si e aos outros.

No que concerne à questão seguinte “definição de indisciplina” ambos os sujeitos da amostra referem que este termo passa por apresentar atitudes de agitação e irrequietude “*são crianças demasiado agitadas ... que se tornam muito agitadas.*” (E2), “*há o estar irrequieto e há o ser irrequieto.*” (E1). Assim como a permanência de atitudes de visibilidade perante os outros “*querem ser sempre os primeiros ... querem sempre passar à frente dos outros ... tentam sempre dar nas vistas ...*” (E2). De acordo com Amado (1999) a indisciplina remete-nos para a prática de comportamentos desviantes por parte de um aluno, ou grupo, através de diversas atitudes e formas de estar.

As questões seguintes apresentam-se com subcategorias contrárias, ou seja, os comportamentos de indisciplina apresentados pelas educadoras são o oposto aos comportamentos de disciplina. Tendo como comportamentos de indisciplina o não cumprimento de regras “*não cumprir as regras ... ser desobediente.*” (E1), “*às vezes são desobedientes.*” (E2); a má educação “*há miúdos que não têm uma base de boa educação.*” (E2); o falar em demasia “*ser muito falador ... falar quando não é oportuno.*” (E1); e o desrespeito pelo outro “*não considerar o outro ... falta de respeito pelo outro.*” (E2). Assim, em confrontação, os comportamentos de disciplina passam pelo cumprimento de regras “*uma criança com regras, que cumpre as normas.*” (E1); aceitação pessoal “*é uma pessoa que tem respeito por si própria ... gosta de si e aceita-se como é.*” (E2); participação ativa “*é participativo ... participa de forma organizada.*” (E2); e respeito pelo outro “*aceita os outros como são ... respeita a vez do amigo ... partilha coisas com o amigo.*” (E2).

Estes comportamentos de disciplina são apresentados também por Estrela (1986) como comportamentos contrários aos de indisciplina, tendo estes sido categorizados como comportamentos perturbadores do rendimento da turma, da comunicação em sala de aula e que violam os hábitos sociais vigentes. Ainda segundo o Parecer n.º 3/2002 do Conselho Nacional de Educação (Decreto-Lei n.º 241/96), assume-se que a indisciplina são todos os comportamentos que se prendem com a perturbação da aprendizagem e a transgressão de regras definidas anteriormente.

Relativamente aos fatores que condicionam a manifestação de comportamentos nas crianças, ambas referem que o grande problema passa pelas famílias *“fatores externos que condicionam o comportamento das crianças ... o ambiente em casa.”* (E1), *“não é só a família que tem culpa.”* (E2). No entanto enunciam que a sociedade, a organização do ambiente educativo, a integração da criança na sala e a postura da educadora também são fatores que levam a estes comportamentos. As entrevistadas encontram-se assim de acordo com Amado e Freire (2013), segundo estes, os fatores condicionantes dos comportamentos passam por fatores inerentes ao indivíduo, fatores dependentes do contexto familiar, de ordem social e política e pedagógicos e escolares.

O segundo bloco direcionado para as estratégias de intervenção ao nível dos comportamentos de (in)disciplina, as entrevistadas referem que para promover a disciplina é necessária a elaboração de regras conjuntamente com as crianças *“é construir regras com eles ... essas regras devem ser debatidas com as crianças para que elas entendam aquilo que podem ou não fazer.”* (E1), assim como a integração do afeto e da diretividade no dia a dia, *“promover uma relação que às vezes vá oscilando entre uma certa diretividade ... jogando com um bocado dos afetos à mistura.”* (E2).

Face à segunda categoria “intervenção face a situações de indisciplina” as educadoras atuam muito na base de *conversas* *“tento sempre falar com as crianças ... devemos conversar com os pais, saber a situação exterior ... tentar negociar com as crianças e conversar com elas sobre as coisas/atitude.”* (E1), *“perceber o que é que se passa com aquela criança ... tentaria conhecê-la e depois atuar como pudesse.”* (E2) e penalizações *“educar passa por penalizar alguma coisa.”* (E2). Picado (2009) evidencia que os professores devem recorrer à punição como forma de diminuição dos comportamentos perturbadores das crianças.

Remetendo para a categoria “estratégias de gestão do grupo preventivas da indisciplina” os sujeitos referem que a valorização da criança é um fator importante, bem como a adaptação de cada situação à criança. A ocupação da criança, não havendo tempos «mortos» é crucial *“há uma coisa que eles gostam muito de fazer é ajudar-nos ... e estão ocupados.”* (E1), tal como a existência de momentos de *afetividade* *“crianças que*

*manifestem mais indisciplina são as que precisam de maior afeto ... estabelecer com elas uma relação de afetividade.” (E2).* Brust (2009) afirma que os docentes devem adotar uma metodologia flexível, adaptando e individualizando as suas intervenções, tendo sensibilidade para compreender os problemas e apresentando disponibilidade para ajudar as crianças, assim elas vão se sentir mais confiantes e compreender que têm alguém que se preocupe consigo. Esta afirmação vai ao encontro da afirmação de ambas as educadoras no desenvolvimento das entrevistas.

A última questão do presente bloco tem como categoria “estratégias de promoção da autorregulação das crianças”, neste ponto as duas educadoras afirmam que executar atividades de relaxamento através de práticas pedagógicas é uma forma das crianças se autorregularem *“se fizer uma atividade de expressão físico-motora ... uma aula de relaxe ... expressão musical.” (E1), “realização de atividades mais calmas.” (E2).* No entanto a Educadora 1 acrescenta que promover a entreajuda também é benéfico para este processo *“tanto criar neles um espírito de grupo ... um espírito de interajuda ... pensar sempre também no outro.” (E1).*

No seguinte bloco a temática direciona-se para a diferença entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina. As educadoras têm opiniões bastante distintas sobre este tema, a Educadora 1 afirma que não existem diferenças *“não, eu acho que não há diferenças” (E1),* enquanto que a Educadora 2 refere a existência de diferenças *“eu acho que os rapazes no geral resolvem as coisas de uma forma mais objetiva, chegam e dizem ... dão umas palmadas ou um pontapé.”, “as miúdas vão mais para o lado das intrigas, do conflito.” (E2).* Indo ao encontro da literatura, Graune (2008) diz que os rapazes possuem mais problemas de indisciplina na escola que as raparigas, contrariando assim a opinião da Educadora 1.

No entanto perante estas distinções a forma de atuação não difere consoante o sexo da criança, tanto a Educadora 1 como a Educadora 2 atuam de forma igual *“não, é idêntica” (E1), “não, é igual para ambos.” (E2).* Esta concordância de respostas vai ao encontro do que Alvarez e Viera (2014) defendem relativamente ao caminho que se tem de percorrer no que diz respeito à igualdade de géneros. Estes autores promovem a igualdade de género perante diversas ações, incluindo o comportamento de rapazes e raparigas na escola.

Como último bloco é apresentada a categoria “interferência da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem”, ambas as educadoras concordam que quaisquer comportamentos de indisciplina prejudicam os momentos de aprendizagem, quer a nível de atenção *“sim, sim a nível de atenção da criança e também do grupo.” (E1), “claro que sim, a sua falta de concentração claro que vai condicionar a aprendizagem.” (E2),* quer a nível de

destabilização do grupo “*acaba por influenciar o grupo, destabilizando-o.*” (E1). Estes argumentos são fundamentados também por Silva (2001), que refere que os comportamentos de indisciplina ao quebrarem as regras prejudicam o processo de ensino-aprendizagem e conseqüentemente as interações na sala e na escola.

De um modo geral, ambas as educadoras evidenciam a adequação do termo “indisciplina” ao contexto, referindo a irrequietude e o incumprimento de regras como comportamentos de indisciplina. Para as docentes, os fatores externos são considerados uma das razões para a manifestação desses comportamentos, e neste sentido, elas tentam recorrer a estratégias variadas para combater a indisciplina. É de verificar também que todos estes comportamentos recaem numa interferência no ensino-aprendizagem, tanto da criança individualmente como do grupo.

#### 4.1.2. Interpretação dos dados dos professores

De seguida será apresentada uma tabela de categorias e subcategorias emergentes da análise do discurso dos professores. E posteriormente uma desmistificação de cada categoria à luz do que a literatura defende.

*Tabela 2 - Categorias e subcategorias emergentes do discurso dos professores.*

Bloco temático	Categorias	Subcategorias	Número U.S.	Número de sujeitos
Bloco 1 – Definição de (in)disciplina	Definição de disciplina	Comportamento/interação	5	3
		Respeito pelo outro	1	1
		Cumprimento de regras	3	2
		Mobilização das competências cognitivas	4	1
		Saber estar	2	2
	Comportamentos de disciplina	Atenção	5	2
		Participação	3	1
		Regras	11	3
		Comportamento	3	2
	Integração de disciplina na sua prática		4	2
	Definição de indisciplina	Atitudes/comportamentos	6	3
		Incumprimento de regras	3	2
		Desmotivação	1	1
	Comportamentos de indisciplina	Perturbar	3	3
		Incumprimento de regras	2	2
	Fatores que condicionam a manifestação de comportamentos de disciplina/indisciplina	Fatores externos – ambiente familiar	6	3
Físico/psicológicos		3	2	

		Chamadas de atenção	2	2	
		Irrequietude	1	1	
		Desmotivação	1	1	
		Ambiente educativo	1	1	
Bloco 2 – Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina	Estratégias de promoção de disciplina	Valorização de valores	1	1	
		Aquisição de regras	2	2	
		Castigos	2	1	
		Comunicado para casa	2	1	
		Registo de ocorrência	1	1	
		Agir de imediato	3	1	
	Intervenção face a situações de indisciplina	Castigos/penalizações	4	3	
		Comunicados para casa	2	2	
		Registo de ocorrência	1	1	
		Autorreflexão	1	1	
	Estratégias de gestão de grupo preventivas da indisciplina	Organização do ambiente educativo	9	3	
		Responsabilizar a criança	2	2	
		Reforços positivos	6	2	
		Ocupação da criança	2	2	
		Recompensar	1	1	
		Afetos	1	1	
		Estipulação de regras	1	1	
		Aulas dinâmicas	2	2	
		Agir de imediato	1	1	
		Retorno à calma	2	1	
Estratégias de promoção da autorregulação das crianças	Construção de regras	1	1		
	Valorização da criança	1	1		
	Pedagogia de relaxamento	3	1		
	Conversas	1	1		
	Autorreflexão	1	1		
Bloco 3 - Dificuldades sentidas na gestão de comportamentos de indisciplina	Dificuldades na gestão dos comportamentos de indisciplina	Existência de dificuldades	3	3	
		Comportamentos cíclicos	1	1	
		Inadequação	1	1	
		Autorregulação	1	1	
		Causas familiares	1	1	
		Turmas extensas	2	1	
		Inexistência de dificuldades	2	1	
	Estratégias para ultrapassar essas dificuldades	Anotações de comportamento	1	1	
		Adaptação de estratégias	2	1	
		Conversa em grupo	1	1	
		Autorreflexão	2	1	
Bloco 4 – Diferenças entre sexos na	Diferenças de comportamentos entre rapazes e raparigas	Existência de diferenças	5	4	
		Rapazes	5	3	

manifestação de comportamentos de indisciplina		Raparigas	6	4
	Atuação diferenciada consoante o sexo	Igual atuação	6	4
Bloco 5 – Indisciplina e Aprendizagem	Interferências da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem		8	4

Para a maioria dos professores da amostra, disciplina tem na sua base comportamentos e interações que devemos apresentar em determinados sítios, *“a forma como os alunos lidam com os colegas, com as auxiliares e com os professores... a forma como socialmente interagem uns com os outros.”* (P1), *“valores e comportamentos que temos de assumir perante a sociedade, perante o grupo, perante a turma.”* (P2), *“é os alunos saberem o que é o espaço de uma sala de aula e comportarem-se com as devidas regras.”* (P3). No entanto o cumprimento de regras também é referido por metade dos sujeitos como definição de disciplina *“comportarem-se com as devidas regras.”* (P3), *“o saber esperar ... respeito pelas regras.”* (P2), assim como o saber estar num determinado local *“saber estar...”* (P2) e *“saberem estar dentro de uma sala de aula.”* (P3). O Professor 4 também define disciplina como a importância da mobilização das competências cognitivas *“estarem com atenção ... aptos para adquirir ...”* (P4) e a predisposição para aprender *“o facto de os alunos estarem predispostos para a aprendizagem.”* (P4). Em confrontação com a literatura estudada também Franco, Apolinário e Pereira (2009) afirmam que a disciplina assume uma obediência às regras e aos superiores, apresentando um bom comportamento e uma submissão às normas pré-estabelecidas pelo todo. Ainda neste sentido Evans (2005) apresenta-nos uma definição mais completa e de acordo com as respostas enunciada em cima, referindo que o comportamento disciplina está ligado a dois aspetos, o respeito e a obediência. Relativamente ao respeito, este diz respeito aos colegas e aos docentes, não desrespeitando a comunidade escolar. Quanto à obediência, esta envolve o cumprimento de regras de estar e atuar, iniciando-se assim um domínio a nível pedagógico.

Associada a esta definição, os docentes referem que um comportamento disciplinado implica um prestar de atenção *“tem a ver com a forma como está atento ou não à aula.”* (P1), *“são aqueles alunos que estão atentos ... realizam as tarefas não se distraindo e não brincando.”* (P3). Três dos quatro professores ressaltam o cumprimento de regras como um elemento importante *“é uma criança que cumpre as regras da sala de aula.”* (P2), *“são crianças que colocam as questões levantando o dedo primeiro para as colocar ... sabem esperar pela sua vez.”* (P3) e *“falam apenas e só quando têm autorização para o fazer.”* (P4). Também a forma como os alunos se comportam tem destaque para este estudo e é referido por dois professores *“são crianças que sabem estar sentados.”* (P3) e *“são crianças ou grupos que ouvem o que o professor tem a dizer ... que não falam e não têm comportamentos desviantes com os colegas.”* (P4). De uma forma global, todos os atos e

condutas manifestados pelos alunos e legitimados pelos professores no contexto regulador da prática são considerados comportamentos de disciplina (Sebastião, Alves & Campos, 2003). Deste modo o que foi dito pelos docentes são comportamentos que ao serem legitimados em sala de aula são considerados disciplinados e motivadores de uma boa aprendizagem.

No que concerne à integração da disciplina na sua prática diária dois docentes referem que passa muito por educar os comportamentos dos alunos *“passamos a maior parte do tempo a educar estes comportamentos ... educar para a disciplina.” (P2)*, *“passamos um dia interior a chamá-los à atenção.” (P3)*.

Em oposição ao tema anteriormente analisado, para a maioria dos professores, a definição de indisciplina tem por base comportamentos e atitudes menos adequadas *“é o não permitir que o trabalho se desenvolva de forma positiva ... é a falta de respeito e a falta de educação.” (P1)*, *“não saber estar e não respeitar o espaço dos outros ... é gozar com os outros.” (P2)*, *“é não respeitarem o professor” (P3)*. Também referem que o incumprimento de regras se traduz em indisciplina *“é não cumprirem as regras.” (P3)*, *“é o não saber respeitar o outro ... não respeitar a sua vez de falar.” (P2)*. Tal como os docentes, Veiga (2007) apresenta a mesma opinião face à indisciplina, ou seja, esta é vista como a transgressão das regras escolares, prejudicando as condições favoráveis à aprendizagem, o ambiente de ensino e o relacionamento com as pessoas da escola.

Tal como referido anteriormente, a indisciplina transparece-se em diversos comportamentos, como são o caso de perturbações no ambiente da sala e nos momentos de aprendizagem *“um elemento que não permita o desenvolvimento das tarefas em colaboração está a perturbar a realização do trabalho.” (P1)*, *“interromper os raciocínios.” (P2)*, *“uma criança indisciplinada acaba por prejudicar tudo...fazer com que o professor tenha de parar a aula...” (P4)*. Assim como no incumprimento de regras é assumido por dois docentes como um comportamento prejudicial no âmbito da disciplina *“não cumprir basicamente as regras de sala de aula.” (P2)*, *“não cumprirem as regras...” (P3)*. Amado e Freire (2009) apresentam também uma caracterização dos diversos comportamentos de indisciplina, focando o incumprimento das regras necessárias ao bom funcionamento da aula e também as perturbações entre pares que prejudicam tanto os alunos como o próprio professor nos momentos de aula.

A todos estes comportamentos advêm fatores que levam à sua manifestação, designados pelos professores como fatores intrínsecos à criança. Como fatores externos é referido o ambiente familiar *“há muitos fatores, sejam razões familiares, sejam até razões financeiras ... a forma como estão em casa, como as coisas se desenvolvem em casa.” (P1)*, *“todos estes comportamentos deveriam ser treinados em casa.” (P2)*, *“muitas vezes eles têm estes comportamentos em reflexo daquilo que ouvem, daquilo que vivem em casa.”*

**(P3)**. No que concerne aos fatores internos ao aluno, os professores referem maioritariamente manifestações físicas/psicológicas *“há muitos fatores, seja distúrbios psicológicos ... situações que tenham a ver com a alimentação, a forma como estão.” (P1)*, *“é uma causa natural, os miúdos são todos diferentes, uns mais agitados, uns menos agitados...” (P2)* e também chamadas de atenção perante os outros, ou consigo mesmos, *“muitos deles é uma chamada de atenção, alguns é mesmo uma chamada de atenção para com eles, para darem nas vistas.” (P3)*, *“fatores relacionados com alunos que sintam a necessidade de ser o centro das atenções.” (P4)*. Amado e Freire (2013) referem exatamente o que foi analisado no discurso dos docentes, que são fatores inerentes à criança que levam a que eles tenham essas manifestações, problemas de ordem psicopatológica, instabilidade emocional ou baixa autoestima aliados a uma história de vida pessoal e familiar atribulada originam comportamentos indisciplinados.

O segundo bloco é destinado a estratégias e formas de intervenção dos docentes perante os comportamentos de (in)disciplina.

A primeira questão é destinada às “estratégias de promoção da disciplina”, e é visível as diferentes formas de agir de cada professor. Apenas há uma concordância entre dois professores, no que diz respeito à aquisição de regras *“no início do ano começam pelas regras e passam-nas para o caderno diário.” (P3)*, *“promovo a disciplina com um conjunto de regras que vão sendo trabalhadas logo no início do ano.” (P4)*. A valorização de valores *“tento que eles percebam e deem valor aos valores, ao valor da amizade, ao valor da partilha, ao valor do respeito mútuo.” (P2)*, o recurso a castigos *“sempre que não cumprem as regras escrevem no caderno diário.” (P3)*, a comunicação para os encarregados de educação *“escrevem no caderno de casa o que fizeram e os pais tomam conhecimentos.” (P3)* e o agir de imediato para solucionar o problema *“à medida que as situações começam a surgir elas têm de ser imediatamente travadas, combatidas, não deixar que a situação evoluía.” (P4)*, são outras estratégias aplicadas por cada docente na sua sala, consoante a turma e o comportamento em questão. Brazelton & Sparrow (2013) referem que a forma como se deve trabalhar a disciplina em nada estará ligada à “punição”, mas sim ao “ensino” e ao caminho que tem de ser percorrido para o autocontrolo da criança. No entanto cada docente aplica as suas estratégias de promoção consoante os seus pareceres de disciplina.

Em oposição à forma de promoção surgem as “intervenção face às situações de indisciplina”, estas de acordo com três dos quatro professores prendem-se com castigos/penalizações *“às vezes vamos pelo caminho mais rápido que é pôr os meninos de castigo ... penalizações” (P1)*, *“às vezes um castigo individual ou coletivo.” (P2)*, *“escrever o nome no quadro, já sabem que ficam de castigo.” (P3)*. Os comunicados para casa também são formas de intervenção utilizadas por dois docentes *“às vezes tem de ser através de*

*recados para casa.” (P2), “comunicação aos pais.” (P3). O professor 4 apela mais a que o aluno faça uma autorreflexão sobre a sua ação “fazê-los perceber que além de se estarem a prejudicar a eles estão também a prejudicar a turma na aprendizagem.” (P4). Também de acordo com Amado (1998) o recurso a procedimentos corretivos ou de punição são alternativas dos docentes para lidarem com estas situações, mas mais do que a punição, os procedimentos corretivos pretendem controlar e corrigir os desvios de forma a preservar a integridade do grupo.*

Como forma de prevenir a indisciplina surgem também várias estratégias. Três professores assumem que a organização do ambiente educativo poderá ser uma delas “a troca de lugares para prevenir os comportamentos dos alunos.” (P1), “rodar os grupos de trabalho.” (P2), “manter um bom ambiente de aula.” (P4), a ocupação da criança em todos os momentos da aula representa outra estratégia passível de ser aplicada, “se a aula for uma aula divertida, eles nem vão ter tempo de entrarem em comportamentos de indisciplina (...).” (P4), “tento pelo menos arranjar maneira de ter sempre tarefas para que eles estejam sempre ocupados (...) assim não têm tempo para perturbar.” (P1). Dois professores evidenciam que responsabilizar a criança em certos momentos faz com que eles adquiram responsabilidade “dar responsabilidade aqueles miúdos que são mais mal comportados faz com que eles assumam responsabilidade.” (P2), “fazê-los ser o chefe da turma.” (P3). A estratégia de reforçar positivamente também tem importância para dois dos quatro docentes “dou muitos reforços positivos.” (P2), “elogiar aqueles que se portam bem (...) temos de elogiá-los e mostrar aquilo que eles têm de bom, elogiar muitas vezes.” (P3). Também é de destacar as aulas dinâmicas como forma de motivar os alunos não havendo forma de desvio para a indisciplina “se forem coisas motivantes e se for uma aula mais dinâmica eles não têm comportamentos indisciplinados.” (P4), “mostro-lhes vídeos, fazemos atividades que apelam ao cumprimento e à valorização das aproximações, das partilhas.” (P2). Rey (2009) afirma que a organização do ambiente educativo, tal como a maioria dos docentes indica, é uma estratégia bastante importante para o desenvolvimento do trabalho educativo, e a má gestão do mesmo pode ter impactos negativos no ambiente da aula, deste modo a aposta numa boa organização do ambiente educativo aliado à criação de aulas dinâmicas e interativas faz com que os momentos de aprendizagem sejam ainda mais produtivos. Ainda segundo Amado (2000), o recurso ao reforço positivo, ao elogio, à premiação por bom comportamento são algumas das estratégias de prevenção de comportamentos de indisciplina, cada vez mais utilizada pelos docentes nas suas intervenções.

Como última questão do segundo bloco surgem as estratégias de promoção de autorregulação das crianças. Neste segmento as respostas foram variadas, não existindo nenhum ponto de concordância entre os docentes. A construção de regras em conjunto com os alunos é uma estratégia adotada pela professora 1 “diálogo com os alunos para eles

*próprios dizerem quais são as regras de comportamento dentro da sala de aula.” (P1).* A professora 3 utiliza uma pedagogia de relaxamento para autorregular os alunos *“fiz com eles sofrologia, é uma técnica de relaxamento (...) outras vezes também ponho uma música para eles se acalmarem.” (P3).* Já o professor 4 recorre a conversas ou autorreflexões sobre comportamentos que devem ser adotados pelos alunos *“acabam por ser lições de moral que lhes dou.” (P4), “tentar fazê-los entender que há situações que não devem ocorrer.” (P4).* Com a revisão da literatura surgiram dois autores que evidenciam algumas destas estratégias mencionadas pelos docentes. Silva (2001) refere que a criação clara de regras, em conjunto com os alunos, é um elemento facilitador do processo de autorregulação das crianças, o que faz também com que exista um melhor processo de ensino-aprendizagem. Já Amado (2000) apela ao diálogo com os alunos para antecipar ou resolver problemas que surjam mediante situações de conflito ou de indisciplina.

O bloco três é destinado às dificuldades sentidas pelos professores na gestão de comportamentos de indisciplina.

Na primeira questão dois dos docentes referem que existem dificuldades na gestão comportamental, no que concerne à prática de comportamentos *cíclicos* *“um aluno que por norma tem um comportamento muito irrequieto e perturbador e mesmo mau comportamento é cíclico.” (P1),* no que diz respeito à inadequação das crianças aos meios onde estão *“não se sabem adequar aos meios e aos contextos.” (P2)* e também devido à extensividade das turmas na atualidade *“por mais que eu queira individualizar o meu ensino não consigo ... acho que bastava reduzir as turmas.” (P2).* O professor 4 não refere a existência de dificuldades devido à estipulação de regras logo desde o início do ano letivo e devido à criação de uma ligação entre o que se passa em casa e na escola.

Após serem enumeradas dificuldades na gestão de comportamentos surgem regras para ultrapassar essas dificuldades, que passam pela adaptação de estratégias a cada caso concreto *“é arranjar estratégias, se não dá esta vamos tentar outra ... vamos adequando e vamos tentando.” (P2)* e também pelo apelo a conversas de grupo como forma de colocar os alunos a pensar e refletir sobre cada caso em concreto *“depois é conversar com todos «será que aquele comportamento está correto?».” (P3).*

Como penúltimo bloco surgem as diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina. Todos os docentes responderam de forma unânime à questão, referindo que existem diferenças consoante o sexo do aluno, distinguindo as atuações dos rapazes das atuações das raparigas. O professor 4 refere que *“os rapazes tendem a ser mais indisciplinados ... turmas com mais raparigas são turmas em que há mais quezílias entre elas.” (P4).* Já o professor 3 evidencia que *“os rapazes é mais pela*

*violência ... elas mais pelas intrigas e pela chantagem.” (P3). O professor 2 afirma que “eles têm aquele comportamento de rapaz, as brigas, eles são mais na parte da violência ... elas se for preciso são mais conflituosas, são mais mesquinhas.” (P2).*

No entanto apesar de concordarem que existem diferenças consoante o sexo do aluno nas manifestações de comportamentos de indisciplina, as suas formas de atuar não diferenciam de acordo com o mesmo, ou seja, a atuação por parte dos quatro docentes é igual tanto para rapaz como para rapariga.

No último bloco das entrevistas surge a existência ou não de interferência da indisciplina no processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido todos os sujeitos da amostra concordam que existe interferência *“sim, na própria e na dos colegas ... é prejudicial para ambos.” (P1), “muito, porque eles não se concentram, eles não conseguem aprender ... e acaba também por destabilizar o restante grupo.” (P2), “sim muito porque eles não estão com atenção, não estão concentrados, não estão dispostos a aprender e tudo isso acaba por influenciar o grupo.” (P3), “sem dúvida, porque situações de indisciplina não são geradoras de aprendizagem ... quanto mais indisciplina houver dentro de uma sala de aula menos aprendizagem há por parte dos alunos.” (P4).* A inexistência de ligação entre indisciplina e ensino-aprendizagem é também identificada por Barroso (2004) afirmando que somente a disciplina e a aprendizagem é que são consideradas duas faces de uma mesma moeda e não podem estar desassociadas. Assim como Barroso, também Jesus (1999) sustenta o seu pensamento na inviabilização que os comportamentos de indisciplina têm perante o trabalho do professor e perante todo o processo de ensino-aprendizagem que lhe está subjacente.

Em síntese, os professores consideram indisciplina como o recurso a comportamentos perturbadores da aprendizagem e do bom ambiente da sala de aula, recorrendo a inúmeras estratégias para os travar, promovendo o ensino-aprendizagem. Referem-se maioritariamente a fatores externos como uma causa para a manifestação de comportamentos de indisciplina, assim como consideram a existência de diferenças entre rapazes e raparigas na manifestação desses comportamentos.

#### **4.1.3. Interpretação dos dados dos alunos**

De seguida será apresentada uma tabela de categorias e subcategorias emergentes da análise do discurso dos alunos. E posteriormente uma análise de cada categoria à luz do que os autores defendem.

Tabela 3 - Categorias e subcategorias emergentes do discurso dos alunos.

Bloco temático	Categorias	Subcategorias	Número de U.S.	Número de sujeitos
Bloco I – Definição de (in)disciplina	Definição de indisciplina	Incumprimento de regras	2	2
		Desorganização	1	1
		Faltar às aulas	1	1
Bloco II - Mau comportamento (associado à Indisciplina)	Atuação do professor perante o comportamento	Ralha	4	4
		Realização tarefas extra	1	1
		Castigo	3	3
		Trocar de sala	1	1
		Chamada de atenção	1	1
		Retirada de pontos ClassDojo	1	1
Bloco III - Incumprimento de regras (associado à Indisciplina)	Regras de sala de aula	Comportamento/atitude a praticar	10	6
		Comportamentos/attitudes a não praticar	10	6
	Atuação do professor perante o incumprimento de regras	Ralha	2	2
		Fica chateada	2	2
		Realização de tarefas extra	1	1
		Castigo	2	2
		Chamada de atenção	1	1
		Retirada de pontos ClassDojo	1	1

Na tabela acima descrita aparecem somente algumas questões que suscitam interesse para o estudo, uma vez que as outras questões foram somente respondidas com “sim, não, mais ou menos”. No entanto, a interpretação dos dados será realizada de forma global com resposta a todas as questões. Esta interpretação e análise trata-se da última parte do processo geral de análise de dados, na qual se procura reconstruir os dados analisados como um todo estruturado e significativo, explicitando os produtos de investigação e a interpretação que se faz dos mesmos (Gómez et al.,1999), tendo em conta os objetivos de investigação.

O primeiro bloco diz respeito à definição de indisciplina. Com a primeira questão procurei compreender se os alunos sabiam o que era indisciplina, cinco das oito crianças não sabiam de que se tratava, uma respondeu mais ou menos e só o aluno 6 e 7 sabiam o significado. Estes dois alunos descrevem indisciplina como o incumprimento de regras “é quando não cumprimos as regras.” (A6), “pessoas que quebram algumas regras.” (A7), desorganização “acho que são pessoas desorganizadas, que não têm disciplina.” (A7), e também como pessoas que faltam às aulas “é quando nós faltamos às aulas.” (A6).

Na primeira questão do segundo bloco três alunos afirmam que a sua turma se comporta mal e os restantes cinco referem que “tem dias ... mais ou menos ... depende dos

dias". Após esta questão surge uma outra na qual pretendo que os alunos evidenciem qual a atuação, se é que há alguma, por parte dos professores nestas situações. É de verificar que quatro alunos referem que a professora ralha *"a professora ralha para nós nos portarmos bem."* (A3), três alunos afirmam que a professora os coloca de castigo como forma de atuação *"põem os nomes no quadro."* (A5), *"mete essas pessoas de castigo."* (A7), *"põe-nos de castigo."* (A8) e um dos alunos descreve também que a professora coloca o aluno indisciplinado a realizar tarefas extra *"a professora manda-nos fazer tarefas."* (A4).

O terceiro e último bloco diz respeito às regras, na primeira questão todos os oito alunos confirmam a existência das mesmas na sua sala de aula. A questão seguinte tem como objetivo especificar algumas dessas regras, os alunos referem comportamentos e atitudes a praticar *"tenho de pedir autorização para ir à casa de banho."* (A1), *"tenho de meter o dedo no ar."* (A2), *"estar com atenção."* (A3), *"pormos o dedo no ar para falar."* (A7) e comportamentos e atitudes a não praticar *"não sujar a sala."* (A4), *"não magoar os colegas."* (A5/A6), *"não podemos falar sem pôr o dedo no ar."* (A8).

De seguida foi realizada outra questão de forma a compreender se as turmas cumprem ou não as regras da sala de aula, é de verificar que as respostas foram divididas entre "sim, não, às vezes, alguns cumprem...". A esta pergunta encontra-se associada a oitava, na qual os alunos evidenciam "qual a atuação do professor perante o incumprimento de regras". É de verificar que as estratégias dos professores são exatamente as mesmas, seja referente a comportamentos de incumprimento de regras ou perante maus comportamentos, ou seja no que concerne à sua atuação não existe distinção entre ambos. Tal como podemos verificar nas respostas dos alunos, o aluno 3 e o aluno 5 dizem que a professora ralha, o aluno 1 e 2 referem que a professora fica chateada, o aluno 6 e 1 dizem que a professora os coloca de castigo e o aluno 7 diz que a atuação do professor se prende com chamadas de atenção para que numa ocasião futura não se suceda.

De um modo geral, os alunos consideram que existem regras que devem ser cumpridas em sala de aula, sabendo enumerar essas mesmas regras. No entanto nem sempre são cumpridas o que leva a uma atuação por parte do docente. Neste sentido, os docentes recorrem maioritariamente às mesmas estratégias de atuação, não havendo uma distinção entre maus comportamentos e incumprimento de regras, sendo estes argumentos apresentados na análise feita ao discurso dos alunos.

#### **4.1.4. Análise global e comparativa dos dados**

No decorrer da análise dos dados fulcrais para a investigação é de verificar uma concordância entre fragmentos do discurso das educadoras, dos professores e dos alunos.

Relativamente ao entendimento de disciplina, tanto os professores como as educadoras referem que esta definição advém do cumprimento de regras estabelecidas para cada contexto e do respeito que a criança tem pelo outro e pelo meio que as envolve. Neste sentido, os comportamentos que lhe estão associados têm por base o regimento pelas regras acima referidas, assim como a intervenção através de uma participação ativa e organizada, seja individual ou coletivamente.

No que concerne à indisciplina ambos os grupos de docentes afirmam que o incumprimento das regras é um desvio à disciplina, bem como determinadas atitudes e comportamentos de agitação ou irrequietude que os alunos demonstram também o são. Neste ponto, também os alunos que detinham algum conhecimento sobre definição de indisciplina referiram o incumprimento de regras como algo que lhe está subjacente. Assim, tal como a disciplina, também a indisciplina tem comportamentos implícitos, e de concordância entre os docentes, como o não cumprimento das regras estabelecidas e a perturbação das aulas e dos momentos de aprendizagem devido, em grande parte às conversas paralelas que se estabelecem entre os alunos, o que faz com que se distraiam a si e aos colegas.

Os fatores condicionantes das atuações de (in)disciplina também apresentam pontos comuns entre as duas classes de sujeitos, que são eles os fatores externos à criança, muito associado às famílias, ao ambiente de casa e às permissões que as crianças têm por parte dos familiares e à organização do ambiente educativo, que por vezes não é tão adequado ao grupo que o contempla.

No bloco referente às estratégias e formas de intervenção dos docentes as respostas também tiveram pontos comuns. Tanto as educadoras como os professores utilizam como uma das estratégias de promoção da disciplina a elaboração de regras em conjunto com os alunos explicando e debatendo o correto e o incorreto de praticar. Esta estratégia apesar de ser referida como utilizada na prática, em contexto de estágio foi visível a necessidade da sua utilização numa atividade específica, o que não se sucedeu e levou a uma reflexão da minha parte. Cruzando com as minhas notas de campo (Anexo XXXI), pode-se verificar um momento de atividade em que a docente responsável pelo grupo não considerou a opinião dos alunos na elaboração das regras a executar naquele determinado momento. Antes do início da tarefa, as regras deveriam ter sido debatidas com os alunos, não só por necessidade dos mesmos, mas essencialmente para lhes fazer sentido quando o seu cumprimento.

A forma de intervenção face a situações de indisciplina varia consoante o observador, ou seja, poderão existir formas de atuar diferentes ou idênticas, consoante a ação. No entanto as conversas com as famílias ou o envio de comunicados para casa após uma situação de desvio ou indisciplina surgem nos recursos praticados por ambas as classes

docentes, assim como o recurso a castigos ou penalizações no momento das práticas indisciplinadas. Também os alunos referem que os castigos são um recurso recorrente dos professores, assim como as penalizações, num caso específico referido por um aluno a penalização na aplicação utilizada em sala de aula “ClassDojo”. As chamadas de atenção, conversas ou autorreflexões são também estratégias utilizadas pelos docentes e referidas pelos alunos como executadas na prática. Relativamente a este ponto de estudo surgiu uma nota de campo, que se encontra em anexo (Anexo XXXII), que incide nos diálogos, debates e autorreflexões que devem existir após um incidente. Estas estratégias deverão ser utilizadas não só como forma de resolução de problemas no momento, mas essencialmente como medida preventiva para que não se repitam no futuro.

Ainda neste bloco foram evidenciadas estratégias de prevenção da indisciplina, comuns a professores e educadores, tais como a valorização da criança utilizando muitas vezes reforços positivos para as motivar à aprendizagem, manter sempre a criança ocupada de forma a que não tenha tempo de entrar em comportamentos de indisciplina e recorrer aos afetos, pois muitas vezes as práticas de indisciplina surgem por falta de afetividade. Também os alunos referem que os professores previnem a indisciplina recorrendo a castigos ou à realização de tarefas extra, como forma de ocupação dos tempos “mortos”.

Com esta investigação surgiu também a necessidade de compreender se os docentes consideram existir diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina, os quais referiram, na maioria, que existem diferenças. Afirmando que maioritariamente os rapazes têm comportamentos mais no âmbito da violência, despontando mais brigas e situações de indisciplina, enquanto que as raparigas são mais conflituosas, mais mesquinhas e atuam muito pela chantagem. Ainda assim, após estas diferenças referem que a sua atuação é idêntica para ambos, não fazendo distinção pelo género, mas sim pelo comportamento praticado. Olhando para as notas de campo (Anexo XXXIII), encontramos uma alusiva a uma intervenção à qual assisti num dos estágios. Apesar dos rapazes serem considerados mais indisciplinados, agitados e perturbadores, estes não deveriam ser prejudicados ou castigados de forma diferente das raparigas. A atuação deveria depender essencialmente sobre a ação praticada e não sobre o género do interveniente, o que não se sucedeu na aula que tive oportunidade de assistir. Esta atuação específica fará com quem em casos futuros, as alunas, em particular, se comportem de forma indisciplinada perante os rapazes porque o castigo recairá sempre sobre eles.

Como última análise surge a interferência que a indisciplina tem no processo de ensino-aprendizagem, todos os sujeitos afirmaram existir interferência, tanto para o aluno que está em situação de indisciplina como para o restante grupo, pois acaba por desencadear todos os alunos, destabilizando a aula e prejudicando a aprendizagem.

Ao analisar todos os instrumentos de recolha de dados verifico que, assim como as entrevistas, também as notas de campo se tornaram uma mais valia de comparação de dados, entre o discurso executado e o praticado nos momentos de intervenção. Neste sentido, verifico que algumas das vezes o que foi dito como estratégia, como forma atuação ou como regra a seguir, na prática não se verificou exatamente. Assim, concluo que a forma de atuar muitas das vezes, é a que consideramos mais adequada no momento e, a nossa disposição, o nosso sistema nervoso e psicológico também recaem diretamente sob isso, influenciando-a.

Em suma, é de salientar a inexistência de uma única estratégia que possamos aplicar a um grupo ou de uma única opinião sobre um determinado tema, pois todos os alunos são diferentes, todas as práticas são distintas, assim como todas as perceções sobre as situações. Deste modo, a forma de atuar e de observar os acontecimentos tem de ser diversificada e específica, intervindo sempre da forma mais adequada e possível a cada caso concreto.

## **Considerações Finais**

A concretização deste relatório final de estágio revelou-se uma mais-valia, tanto pessoalmente como profissionalmente, pois levou-me a executar um exercício reflexivo e analítico da prática profissional ao longo de todo o caminho trilhado durante o mestrado, no âmbito da Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Ao longo das práticas educativo-pedagógicas, existiu uma oportunidade constante de acompanhar o trabalho desenvolvido por diversos profissionais da educação, o que me levou a melhor compreender todas as tarefas inerentes a esta profissão, assim como as funções que os docentes devem desempenhar para exercerem uma boa prática, sejam estas realizadas dentro ou fora da sala. Esta visão global possibilitou-me inúmeras aprendizagens nos mais diversos contextos e nos mais diversos parâmetros, desde a prática, à teoria, passando pelas diferentes aplicações de estratégias que se podem fazer e alcançando a importância que a parte social tem no mundo da educação.

Ao nível do Pré-Escolar é de destacar a importância que as rotinas têm na adequação das crianças ao contexto. Estas rotinas imperam como meio de aprendizagem e desenvolvimento integral da criança e, tal como afirmam Hohmann e Weikart (2011), “oferece um enquadramento estável no qual as crianças (...) podem sem perigo iniciar, reflectir sobre a mesma, modificar e expandir as experiências de aprendizagem pela acção” (pág.227).

É de realçar também a minha capacidade de adequar a prática à individualidade de cada criança, proporcionando momentos de bem-estar e de envolvimento total ao longo do dia. Tanto em atividades planificadas, como nos momentos de higiene ou de alimentação, cada criança tem os seus tempos e as suas capacidades. No decorrer das práticas supervisionadas estes momentos de individualidade foram sempre tidos em consideração.

Num dos estágios, uma das crianças estava a iniciar a sua adaptação ao bacio, deste modo, o tempo que nele demorava não era o mesmo das outras crianças que já se encontravam adaptadas. Neste sentido, não poderia exigir rapidez à criança nem controlar o seu tempo em comparação aos restantes colegas, deixando-a o tempo necessário entretida com o seu brinquedo. Por outro lado, também numa das atividades planificadas individualizei a minha prática. A atividade tinha como recursos uma tenda e um túnel sensorial, nenhuma das crianças teve receio de entrar e explorar livremente os recursos, à exceção da criança mais nova, uma vez que se tratava de um objeto desconhecido à sala. Neste sentido proporcionei-lhe o tempo necessário à sua familiarização com o objeto, começando por brincar com ela no exterior e somente quando esta ficou apta a uma exploração autónoma dos recursos é que disfrutou, em conjunto com os restantes colegas, iniciando assim a sua travessia do túnel.

No que respeita ao 1ºCEB, as minhas maiores aprendizagens centram-se na capacidade de diversificar estratégias, não me focando somente no manual escolar, mas

sim recorrendo a materiais manipuláveis variados e apelativos, deixando os alunos explorarem sempre autonomamente. Por outro lado, também procurei encontrar estratégias adequadas à necessidade de cada aluno, recorrendo também às capacidades dos colegas como forma de originar uma partilha de conhecimentos entre eles. Por exemplo, numa aula de matemática, um dos alunos não conseguia realizar uma adição autonomamente, desta forma recorri à contagem com o auxílio dos dedos, não resultando, recorri à contagem por objetos concretos do seu estojo. Em certos casos, estas estratégias não resultaram, o que fez com que recorresse ao colega do lado como outra estratégia de explicação. O colega ao explicar a sua forma de pensar e os passos que executou para resolver a adição fazia com que, muitas vezes, os alunos que inicialmente não conseguiam dar resultado à expressão numérica acabassem por compreender e realizar individualmente as restantes contagens.

Ao proceder a uma visão abrangente dos estágios realizados no seio deste mestrado, concluo que todos eles foram marcados pelo apelo à reflexão e pelo questionamento diário após cada intervenção. Nesta perspetiva, é importante referir que, em todos os contextos, a minha ação passou por diversas etapas fundamentais como, observar, planear, agir, avaliar e comunicar, de forma a fornecer uma resposta atempada e adequada aos interesses e necessidades do grupo em geral e, numa vertente mais individualizada, a cada aluno.

Deste modo, existiu uma consciencialização perante o papel de um professor reflexivo, bem como a importância que a atualização constante por parte de cada profissional tem em busca de novas e eficazes estratégias, como forma de melhorarmos a nossa intervenção educativa. Só assim se conseguem eliminar os erros ou pontos menos positivos na nossa prática, apresentando receptividade na mudança e estando aptos a uma constante transformação e crescimento enquanto docentes educativos. Segundo Sá-Chaves,

*“A reflexão (...) constitui-se uma condição imprescindível ao desenvolvimento, quer na dimensão profissional de acesso aos conhecimentos específicos de cada profissão, sejam de natureza científica, tecnológica ou contextual, quer na dimensão pessoal de acesso ao conhecimento de si próprio.” (2007, p.14)*

Seguindo as práticas descritas anteriormente, os interesses e ideias prévias das crianças são peças fulcrais para o educador/professor adaptar a sua prática, a fim de se planificarem atividades condutoras de aprendizagem. Nas minhas intervenções procurei sempre dar voz às crianças, partindo das suas motivações, de forma a estabelecer uma maior intencionalidade educativa, através de atividades enriquecedoras e estimulantes nos mais diversos níveis, social, físico ou psicológico.

No entanto, como em todos os percursos, não são somente momentos bons que nos acompanham, também surgem dúvidas, receios, inquietações e dificuldades, mas são

essencialmente estes pontos que nos fazem crescer e superar os nossos medos. I

Inicialmente, o cumprimento das planificações e a componente avaliativa foram um verdadeiro desafio, visto que ambos se encontram indissociáveis, ou seja toda a prática tem de se fazer acompanhar de uma componente avaliativa. Deste modo, e após algumas leituras, conversas com docentes cooperantes, professores supervisores e até mesmo entre colegas, estas dificuldades adequadas a diversas estratégias revelaram-se menos acentuadas, essencialmente com o avançar das práticas letivas. Guimarães e Cardona (2012) referem-se à avaliação como sendo *“um meio que fornece uma visão completa e compreensiva da realização da criança (...) permite conhecer o que a criança sabe o que é capaz de fazer, quais são os seus interesses e motivações.”* (p. 93)

Esta partilha de conhecimentos entre os diversos membros da comunidade educativa foram uma mais valia para a consciencialização de que a ação de um bom profissional não deve ser realizada individualmente. Ao alargarmos os horizontes e ao estarmos predispostos a aprender com os outros faz com que estejamos em constante crescimento e evolução e é tudo isto que torna a nossa prática melhor e, conseqüentemente, assegura a passagem de melhores valores e melhores conhecimentos no campo do saber.

Todas estas aprendizagens e receios originaram diversas questões que desencadearam a dimensão investigativa do presente relatório. Após várias leituras surgiu a problemática a estudar e, conseqüentemente, os objetivos: Compreender a perceção que os sujeitos têm de (in)disciplina, tanto em contexto de Pré-Escolar como de 1ºCiclo do Ensino Básico; Descrever as estratégias identificadas para prevenir/corrigir os comportamentos das crianças; Identificar as dificuldades que os professores sentem face à gestão dos comportamentos de indisciplina; Verificar se existem diferenças entre rapazes e raparigas relativamente aos comportamentos de indisciplina; Verificar se existem interferências da indisciplina no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

De acordo com os objetivos acima descritos e consoante a análise das entrevistas realizadas aos sujeitos da amostra foi possível obter inúmeras respostas.

Relativamente ao primeiro objetivo todos os sujeitos mencionaram que a disciplina advém do cumprimento de regras estabelecidas, em conjunto com as crianças, para cada contexto e do respeito que a criança tem pelo outro e pelo meio que a envolve.

No que concerne à indisciplina ambos os grupos de docentes afirmam que o incumprimento das regras é um desvio à disciplina, bem como determinadas atitudes e comportamentos de agitação ou irrequietude que os alunos demonstram.

O segundo objetivo leva-nos a compreender quais as estratégias utilizadas pelos docentes para gerir/prevenir comportamentos das crianças. Deste modo verificámos que tanto as educadoras como os professores utilizam como uma das estratégias de promoção da disciplina a elaboração de regras em conjunto com os alunos explicando e debatendo o

correto e o incorreto de praticar. A prevenção da indisciplina surge também no âmbito da valorização da criança, recorrendo muitas vezes a reforços positivos e a afetos para a motivar à aprendizagem. A ocupação do tempo é também mencionada como uma estratégia aplicada, pois quanto menos tempo a criança estiver desocupada, mais facilmente entra em comportamentos de indisciplina.

Neste mesmo sentido Wong e Wong (1998), Gordon (1998) e Curwin e Mendler (2001), citados por Gil (2016) reforçam o que foi referido, ou seja, consideram fundamental para a prevenção da indisciplina a definição de regras com os alunos, regras e consequências que deverão ser aplicadas de forma consistente. Outros autores referem ainda que, dar aos alunos tarefas que contenham partes fáceis e difíceis, é também uma estratégia, para que todos consigam acertar e realizar facilmente algumas tarefas, como forma de motivação, assim como ter atividades suplementares, de enriquecimento e interesse para os alunos que terminam as tarefas rapidamente é outro recurso a que o professor poderá recorrer para precaver situações de indisciplina.

Relativamente ao terceiro objetivo, é de verificar a existência de dificuldades na gestão comportamental, no que concerne à inadequação das crianças aos meios onde estão, também devido à extensão das turmas na atualidade, bem como à influência que os fatores externos, nomeadamente a componente familiar, têm na manifestação dos comportamentos dos alunos.

O penúltimo objetivo refere-se às conceções dos sujeitos estudados relativamente à existência de diferenças, ou não, entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina. Tanto uma das educadoras, como todos os professores, referem que existem diferenças, afirmando que maioritariamente os rapazes têm comportamentos mais violentos que acarretam brigas e situações de indisciplina, enquanto que as raparigas são mais conflituosas e atuam perante a componente psicológica da chantagem. Somente uma educadora afirmou não existirem diferenças nos comportamentos das crianças de acordo com o seu género.

Como último objetivo ao qual procurei dar resposta, surge a verificação de interferências da indisciplina no processo de ensino-aprendizagem. Todos os sujeitos afirmaram existir interferência, tanto para o aluno que manifesta comportamentos de indisciplina como para o restante grupo, pois os comportamentos de indisciplina praticados por um aluno acabam por destabilizar a turma e a aula, o que prejudica consequentemente a aprendizagem.

Em relação à perspetiva dos alunos verifica-se que estes não conhecem o termo indisciplina, ainda assim, sabem que existem regras em cada espaço que têm de ser cumpridas. No entanto, verifica-se que nenhuma das crianças evidenciou participar nessa construção de regras. Referem também que os professores atuam sempre que há um mau comportamento ou um incumprimento de regras, no entanto também descrevem que as

estratégias de atuação são sempre as mesmas, ou seja, não diferenciam os dois tipos de desvio.

O recurso às notas de campo surgiu como uma oportunidade de confrontação às respostas dadas pelos docentes, criando uma reflexão posterior sobre o que dizem colocar em prática e as suas intervenções propriamente ditas. É de verificar que nem sempre há consenso entre o que é dito e feito, no entanto é compreensível que em certas ocasiões não se atue da “melhor forma”, mas sim da forma que é possível.

Esta dimensão investigativa contribuiu não só para superar certos receios que tinha relacionados com a problemática, mas também para perceber que não nos podemos somente restringir a uma estratégia, pois cada criança é uma criança, cada caso é um caso, cada turma é uma turma e a nossa intervenção vai oscilar de acordo com tudo isso. Deste modo, é importante que o professor consiga conhecer os seus alunos e com eles definir regras e estratégias para diminuir os comportamentos indisciplinados.

Posso também afirmar que a realização deste trabalho investigativo me abriu horizontes para novas pesquisas, dentro das quais surgiu uma necessidade de compreender a influência que os fatores externos, referidos por todos os docentes, têm nos comportamentos das crianças, podendo ser aprofundado tanto com as crianças, como com os pais. Deste modo, se existir uma melhor compreensão do ambiente familiar, mais facilmente se compreendem certos comportamentos e atempadamente se recorre a uma intervenção, ou seja, é necessária a existência de uma cooperação entre a escola e a família.

Como limitações ao presente estudo, identifico a dificuldade sentida na recolha de informação literária, no que concerne à indisciplina na sala de aula, uma vez que existe uma abordagem enorme à temática, no entanto a maioria das investigações foram realizadas no 2º e 3º ciclos do Ensino Básico, havendo ainda poucas referências tanto ao 1ºCEB como ao Pré-Escolar. Outras das limitações prenderam-se com o tamanho reduzido da amostra, bem como com a forma como esta foi selecionada, uma vez que se tratou de uma amostra por conveniência, ao invés de uma amostra aleatória.

Em suma, sinto-me bastante satisfeita com todo o percurso por mim trilhado, uma vez que originou o meu crescimento tanto a nível pessoal como profissional. Arco com uma enorme bagagem educativa para o percurso que ainda me falta percorrer nesta profissão, tanto com aprendizagens, como com questões que têm o seu tempo para serem esclarecidas. Assim, concluo que este foi um processo bastante enriquecedor, uma vez que desenvolvi capacidades, mobilizei conhecimentos e tentei sempre encontrar novas aprendizagens em tudo o que fazia, aproveitando cada oportunidade ao máximo, ajudando cada criança a crescer e essencialmente a valorizar as pequenas coisas da vida.

*“A educação não pode ser vista como um depósito de informações. Há muitas maneiras de transmitir o conhecimento, mas o ato de educar só pode ser feito com afeto, esta ação só pode se concretizar com amor.” Chalita (2001, p.12)*

## Referências Bibliográficas

- Abrunhosa, S. (2008). *Conceções dos professores do 1º ciclo do ensino básico sobre a educação para a cidadania: Competências do professor no âmbito da abordagem transversal da educação para a cidadania*. Lisboa, universidade de lisboa.
- alarcão, A., Amado J. & Jesus, S. (1999). *Sentido da escolaridade, indisciplina e stress nos Professores*. Coleção cadernos do CRIAP. Porto: Asa Editores.
- Afonso, N. (2014). *Investigação naturalista em educação*. Um guia prático e crítico. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Alarcão, I. (2002). Escola reflexiva e desenvolvimento institucional: que novas funções supervisivas? In Freire, J. & Oliveira-Formosinho, J. (org.), *A Supervisão na Formação de Professores: da Sala à Escola*. Porto: Porto Editora, 218- 238.
- Alarcão, I., & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica - uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Allan, S. & Tomlinson, C. (2002). *Liderar Projectos de Diferenciação Pedagógica*. Porto: Edições ASA.
- Almeida, M. (2004). *Inclusão Digital do Professor. Formação Prática Pedagógica*. São Paul: Articulação Universidade Escola.
- Alvarez, T. & Vieira, C. (2014). O papel da educação no caminho que falta percorrer em Portugal na desconstrução dos estereótipos de género: breves reflexões. *Exedra – Revista Científica ESEC*.
- Amado, J. (1989). *A indisciplina numa escola secundária – análise de participações disciplinares*. Dissertação de Mestrado (policopiado). Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação.
- Amado, J. (1998). Pedagogia e actuação disciplinar na aula. *Revista Portuguesa de Educação*, XI (2), 35-55.
- Amado, J. (2000). *A Construção da Disciplina na Escola - Suportes teórico-práticos*. Porto: ASA Editores.
- Amado, J. (2001). *Interacção Pedagógica e Indisciplina na Aula*. Porto: Asa Editores.
- Amado, J. & Freire, I. (2009). *A(s) indisciplina(s) na escola – Compreender para prevenir*. Coimbra: Almedina.

- Amado, J. & Freire, I. (2013). Uma visão holística da(s) indisciplina(s) na escola. In J. Machado & J. Matias Alves (org.), *Melhorar a Escola. Sucesso escolar, disciplina, motivação, direcção de escolas e políticas educativas*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa/CEDH & SAME, 55-71
- Amante, L. (2007). Infância, escola e novas tecnologias. In F. A. Costa, H. Peralta, & S. Viseu (org.), *As TIC na Educação em Portugal. Concepções e Práticas*. Porto: Porto Editora, 52-53.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barroso, J. (2004). *Ordem disciplina e organização pedagógica. Comunicação apresentada na conferência "Violência e violências da e na Escola"*, realizado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação na Universidade do Porto.
- Brazelton, T. & Sparrow, J. (2013). *O método de Brazelton – A criança e a disciplina*. Lisboa: Editorial Presença.
- Brookhart, S. (2008). *How to give effective feedback to your students*. Virgínia: ASCD.
- Brust, J. (2009). *A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental*. Universidade estadual de Londrina, Centro De Educação, Comunicação E Artes.
- Campos, L. (2007). *Disciplina e indisciplina na aula: uma perspetiva sociológica*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais.
- Carita, A. & Fernandes, G. (2002). *Indisciplina na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.
- Chalita, G. (2001). *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente.
- Damásio, M. J. (2007). *As Tecnologias da Informação e da Comunicação e o Processo Educativo*. (1ª edição). Nova Veja, pp. 45-126.
- Damião, M. (1996). *Pré, inter e pós acção: planificação e avaliação em pedagogia*. Coimbra: Editora Minerva.
- Decreto Lei nº46/1986 de 14 de outubro. Diário da República nº237/1986 – I Série. Lei de Bases do Sistema Educativo. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto Lei nº 68/2002 de 21 de março. Diário da República II Série. Parecer 3/2002, Conselho Nacional de Educação. Ministério da Educação. Lisboa.
- Decreto Lei nº 51/2012 de 5 de setembro. Diário da República nº172/2012 – I Série. Ministério da Educação. Lisboa.

- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes: Uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora, (4ª edição).
- Estrela, M. (1986). *Une étude sur l' indisciplin en classe*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Estrela, M. (2002). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora.
- Estrela, M. (2007). A Indisciplina, os professores e a sua formação. In S. Caldeira (Coord.). *Des(ordem) na Escola: mitos e realidades*. Coimbra: Quarteto, 23-42.
- Estrela, M., & Amado, J. (2000). Indisciplina, violência e delinquência na escola: Uma perspectiva pedagógica. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 34 (1,2 e 3), 249-271.
- Evans, M. (2005). El problema de la indisciplina desde la perspectiva de la gestión directiva en escuelas públicas del nivel básico. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, v. 10, n. 27, p. 1133-1148.
- Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas da investigação em educação. *Revista Noesis* (18), 64-66.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editora.
- Fontes, A. & Freixo, O. (2004). *Vygotsky e a aprendizagem cooperativa*. Lisboa: Edição Livros Horizonte.
- Franco, D., Apolinário, F. & Pereira, V. (2009). Uma análise crítico-pedagógica sobre a conceção docente diante da indisciplina no âmbito escolar. In *Pedagogia em Ação*, vol. 1, nº2, 55-61.
- Freire, P. (1991). *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, (4ª edição).
- Freire, P. (2001). *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez. (b), (5ª edição)
- Freire, I. (2001). *Percursos Disciplinares e Contextos Escolares – Dois estudos de caso*. Tese de Doutoramento não publicada. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Gil, A. (2016). *Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de Português e das Línguas Clássicas no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário ou de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário*. Mestre. Universidade Nova de Lisboa.

- Gómez, G., Flores, J. & Jiménez, E. (1999). *Metodologia de la Investigación Cualitativa*. Málaga: Ediciones Aljibe. (2ª edição)
- Gouveia-Pereira, M. (2008). *Perceções de Justiça na Adolescência. A Escola e a legitimação das Autoridades Institucionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Graune, (2008). Meninos são uma catástrofe na escola: quota de professores homens no magistério alemão pode ser uma solução? [Versão Eletrónica] *Revista Espaço Académico*, 86, p. 1-5.
- Guimarães, C. & Cardona, M. (Orgs). (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psicosoma.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens. Um guia para pais e educadores*. Porto: Asa.
- Jesus, S. (1999). *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?*. Coleção cadernos do CRIAP. Porto: Asa Editores.
- Justo, J. & Silva, N. (2005). *Indisciplina / disciplina: ética, moral e ação do professor*. Porto Alegre: Mediação.
- Laevers, F. (1994). *"The Leuven Involvement Scale for Young Children LIS-YC. Manual and video tape, experiential education series, n.º 1"*. Leuven. Centre for Experimental Education.
- Marchão, A. (2002). Continuidade educativa nas 1.ªs etapas da Educação Básica (Educação de Infância e 1.º Ciclo). *Revista Aprender* (26), p.3. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre.
- Merle, P. (2005). *L'Élève humilié. L'École, un espace de non-droit?* Paris: PUF.
- Ministério da Educação - Direção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário. (1991). *Organização curricular e programas – Expressão e Educação Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica*. Lisboa: Ministério da Educação - Direção Geral de Educação.
- Ministério da Educação. (2003). *Programa de Tecnologias de Informação e Comunicação*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Ministério da Educação. (2013). *Educação para a Cidadania – Linhas Orientadoras*. Lisboa: Ministério da Educação - Direção Geral de Educação.

- Ministério da Educação / Silva, L. I. Marques, L., Mata, L. e Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento de Educação Básica.
- Molina, M. (2015). *Socorro, sou professor!*. Madrid: Bookout. (3ª edição)
- Oliveira, M. (2005). *Indisciplina escolar: determinantes, consequências e ações*. Brasília: Líber Livro Editora.
- Parente, C. (2012). *“Observar e Educar na Creche”*. Confederação Nacional das Instituições de solidariedade. Porto: CNIS.
- Pereira, I. (2012). As expressões como forma de articulação das diferentes áreas do saber. Relatório final de estágio. Universidade do Minho. Instituto de Educação.
- Picado, L. (2009). *A indisciplina em sala de aula: uma abordagem comportamental e cognitiva*. [Consultado a 13 novembro de 2018]. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0484.pdf>
- Portugal, G. (1998). *“Crianças, Famílias e Creches – Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche”*. Porto: Porto Editora.
- Portugal, G. (2012). *“Finalidades e Práticas Educativas em Creche: das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo em creche”*. Porto: CNIS.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (4ª edição).
- Pretz, J. (2008). *Intuition versus analysis: Strategy use and experience in complex everyday problem solving. Memory and Cognition*.
- Rego, I. & Caldeira, S. (1998). Perspectivas de professores sobre a indisciplina na sala de aula: Um estudo exploratório. *Revista Portuguesa de Educação*, XI (2), 83-107.
- Rey, B. (2009). *Discipline en classe et autorité de l’enseignant*. Bruxelles: De Boeck.
- Roldão, M. (2007). “Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional”. *Revista Brasileira de Educação*.
- Sá-Chaves, I. (2007). *Portefólios reflexivos – Estratégia de formação e supervisão* (3ª ed.). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Saint-Exupéry, A. (2018). *O Príncipezinho*. Lisboa: Assírio & Alvim.

- Sanches, R. (2001). *Comportamentos e estratégias de atuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Sebastião, J., Alves, N. & Campos, J. (2003). *Violência na escola: das políticas aos quotidianos*. Acedido outubro, 25, 2018, em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292003000100003](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292003000100003)
- Serafini, O. & Pacheco, J. (1990). A observação como elemento regulador da tomada de decisões: a proposta de um instrumento. *Revista Portuguesa de Educação*, Universidade do Minho, III (2), 1-19.
- Silva, M. (2001). *Indisciplina na aula – Um problema dos nossos dias*. Porto: Edições ASA.
- Silva, N. (2014) *Ética indisciplina e violência nas escolas*. Petrópolis, RJ: vozes. (7ª edição)
- Silva, P. & Neves, I. (2004). O que leva os alunos a serem (in)disciplinados? Uma análise sociológica centrada em contextos diferenciados de interação pedagógica. *Revista de Educação*, XII (2), 37-57.
- Tunstall, P. & Gipps, C. (1996). Teacher feedback to young children in formative assessment: a typology. *British Research Journal*, XXII, 389-404.
- Vaz da Silva, F. (1996). Adaptações mútuas e processos de negociação. *Revista Portuguesa de Educação*, IX (2), 161-186.
- Vaz da Silva, F. (2005). *Gestão da sala de aula: prevenção da indisciplina na escola*. In I. Sim-Sim (Coord.), *Necessidades educativas especiais: Dificuldades da criança ou da escola* (p. 92-112). Texto Editora.
- Veiga, F. (2007). *Indisciplina e Violência na Escola: Práticas Comunicacionais para Professores e Pais*. Coimbra: Almedina. (3ª Edição).
- Vettenburg, N. (2000). Violência nas escolas: uma abordagem centrada na prevenção. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV, (1, 2 e 3), 223-247.



## Anexos

### Anexo I – Planificação Atividade “Caixas com Alimentos”

<p><b>Instituição:</b> Centro Social Interparoquial de Santarém – Creche São Domingos  <b>Estagiárias:</b> Ana Rita Madeira e Joana Cardoso  <b>Sala de 1 Ano</b>  <b>Supervisora:</b> Helena Luís  <b>Educadora:</b> Nélia Montez</p>						
13 de janeiro de 2017						
Horário	Momentos	Domínios	Objetivos	Atividades	Estratégias	Avaliação
7h30 – 9h00	<b>Acolhimento</b>					
9h00 – 9h30	<b>Reforço da manhã</b>					
9h30 – 10h00	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	Gerais: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		Este momento organiza-se pela ordem de chegada à instituição. A higiene é também feita de acordo com as necessidades de cada criança. Quatro crianças já estão a aprender a utilizar o bacio e as restantes ainda usam fralda.	Observação direta.
10h00 – 10h30	<b>Atividade Orientada</b>	Domínio Cognitivo	Geral: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Demonstrar atenção;</li> </ul>	Leitura de uma história sensorial	A estagiária inicia este momento com	Observação direta; Registo Fotográfico.

			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adquirir novo vocabulário;</li> <li>• Desenvolver a linguagem oral;</li> <li>• Promover a sensorialidade.</li> </ul> <p>Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as várias sensações;</li> <li>• Desenvolver o contacto com diferentes texturas;</li> <li>• Reconhecer as personagens da história.</li> </ul>	“O grande livro de Tom e Lea”.	uma caixinha de música, quando as crianças estiverem mais calmas inicia-se a leitura e interação da história. A outra estagiária está sentada com eles no tapete a auxiliá-los.	
10h30 – 11h00	<b>Atividade Exploratória</b>	Domínio Motor	<p>Geral:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover a sensorialidade;</li> </ul> <p>Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sentir e reconhecer as texturas;</li> <li>• Reconhecer as cores;</li> <li>• Promover o contacto com alimentos;</li> <li>• Identificar os alimentos.</li> </ul>	Dispor quatro caixas cada uma com um alimento (arroz, massa, farinha e grãos de café). Cada criança sente as várias diferenças entre os alimentos, não havendo o perigo de ingestão.	Nesta atividade participam individualmente uma criança por estagiária, promovendo o contacto com alimentos de diferentes texturas e cores.	Observação direta; Registo fotográfico.
11h00 – 11h30	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		Neste momento do dia as crianças lavam as mãos e colocam os babetes para se prepararem para o almoço.	Observação direta.
11h30 – 12h30	<b>Almoço</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Estimular o gosto pelos diferentes alimentos;</li> </ul>		As estagiárias auxiliam no almoço, quando necessário, interagindo sempre	Observação direta.

			<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver a comunicação.</li> </ul>		com as crianças.	
12h30 – 12h45	<b>Preparação para a sesta; Sesta.</b>					
12h45 – 15h00						
15h00 – 15h30	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	Gerais: <ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver a autonomia;</li> <li>Conhecer o corpo;</li> <li>Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		As estagiárias levam as crianças individualmente para a muda da fralda. E sentam 4 crianças das mais velhas no bacio, interagindo com as mesmas.	Observação direta.
15h30 – 16h00	<b>Lanche</b>	Formação Pessoal e Social	Gerais: <ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver a autonomia;</li> <li>Adquirir regras de convivência social.</li> </ul>		As estagiárias sentam as crianças e auxiliam-nas a comer, interagindo com as mesmas.	Observação direta.
16h00 – 16h30	<b>Brincadeira livre</b>	Domínio Cognitivo; Formação Pessoal e Social; Domínio Criativo.	Gerais: <ul style="list-style-type: none"> <li>Promover a interação com os pares;</li> <li>Promover a aquisição da responsabilidade e da partilha/resolução do conflito;</li> <li>Desenvolver as competências sociais e aquisição de regras de convivência social.</li> </ul>	Brincadeira livre.	As crianças podem movimentar-se livremente pela sala, brincando com os objetos disponíveis, sendo que as estagiárias vão interagindo com elas e com as suas brincadeiras.	Observação direta.

Anexo II – Grelha de Avaliação da Atividade “Caixas com Alimentos”

<b>Grelha de Observação (baseada em Laevers)</b>									
<b>Nome da Instituição:</b> Instituição X									
<b>Observador:</b> Joana Cardoso			<b>Data:</b> 22 de janeiro de 2016			<b>Nº de crianças presentes:</b> 10			
<b>Idade do observado:</b> 2 anos						<b>M/F:</b> F			
	<b>NÍVEL DE ENVOLVIMENTO</b>								
	Não observado	1	2	3	4	5	Observações	Descrição da Atividade	
<b>Adulto</b>							Esta criança é bastante reservada, no entanto com o desenvolver da atividade demonstrou-se bastante ativa na sua intervenção.	- Exploração de caixas com alimentos (arroz, massa, café e farinha).	
Sensibilidade						X			
Estimulação						X			
Autonomia						X			
<b>Criança</b>							Começou por explorar com algum receio e deslocada dos colegas, mas com o tempo explorou em parceria com os colegas, não só com o tato, mas também com o paladar e com o olfato.		
Ligação ao mundo (independência, cooperação, estar desperto para a participação)						X			
Exploração (impulso exploratório, capacidade de envolvimento)					X				
Produção de sentido (experimentar coisas diferentes e aprender com os erros)							X		

### Anexo III – Planificação da Atividade “Balões Luminosos”

<b>Instituição:</b> Centro Social Interparoquial de Santarém – Creche São Domingos <b>Estagiárias:</b> Ana Rita Madeira e Joana Cardoso		<b>Sala de 1 Ano</b> <b>Supervisora:</b> Helena Luís		<b>Educadora:</b> Nélia Montez		
25 de janeiro de 2017						
Horário	Momentos	Domínios	Objetivos	Atividades	Estratégias	Avaliação
7h30 – 9h00	<b>Acolhimento</b>					
9h00 – 9h30	<b>Reforço da manhã</b>					
9h30 – 10h00	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	Gerais: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		Este momento organiza-se pela ordem de chegada à instituição. A higiene é também feita de acordo com as necessidades de cada criança. Quatro crianças já estão a aprender a utilizar o bacio e as restantes ainda usam fralda.	Observação direta.
10h00 – 11h00	<b>Atividade Exploratória</b>	Domínio Cognitivo; Domínio Motor	Gerais: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Demonstrar atenção;</li> <li>• Promover o conhecimento das cores;</li> <li>• Promover a sensorialidade.</li> </ul> Específicos:	Leitura de uma história “Cores”.  Promover um ambiente de relaxamento, onde dentro de	Repetição da história do dia anterior para que as crianças interiorizem os vários conceitos inerentes a esta. A estagiária inicia este momento com uma	Observação direta; Grelhas de observação; Registo Fotográfico.

			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimular o sentido auditivo e visual;</li> <li>• Respeitar o espaço do outro;</li> <li>• Contactar com diversas cores através da luz do balão.</li> </ul>	um edredom estão vários balões com luzes led e ao apagar as luzes da sala provocar um efeito visual diferente, estimulando a visão. De seguida em jeito de brincadeira livre deixar que as crianças façam uma exploração mais autónoma dos balões.	caixinha de música, quando as crianças estiverem mais calmas inicia-se a leitura e interação da história. Enquanto a outra estagiária está sentada com eles no tapete a auxilia-los. Criação de um ambiente propício ao conhecimento de várias cores e que acompanhem prazerosamente o efeito que o balão faz no escuro, consoante o movimento das crianças.	
11h00 – 11h30	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		Neste momento do dia as crianças lavam as mãos e colocam os babetes para se prepararem para o almoço.	Observação direta.
11h30 – 12h30	<b>Almoço</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Estimular o gosto pelos diferentes alimentos;</li> <li>• Desenvolver a comunicação.</li> </ul>		As estagiárias auxiliam no almoço, quando necessário, interagindo sempre com as crianças.	Observação direta.
12h30 – 12h45	<b>Preparação para a sesta; Sesta.</b>					

12h45 – 15h00						
15h00 – 15h30	<b>Higiene</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Conhecer o corpo;</li> <li>• Adquirir o controlo dos esfíncteres.</li> </ul>		As estagiárias levam as crianças individualmente para a muda da fralda. E sentam 4 crianças das mais velhas no bacio, interagindo com as mesmas.	Observação direta.
15h30 – 16h00	<b>Lanche</b>	Formação Pessoal e Social	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Adquirir regras de convivência social.</li> </ul>		As estagiárias sentam as crianças e auxiliam-nas a comer, interagindo com as mesmas.	Observação direta.
16h00 – 16h30	<b>Brincadeira livre</b>	Domínio Cognitivo; Formação Pessoal e Social; Domínio Criativo.	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover a interação com os pares;</li> <li>• Promover a aquisição da responsabilidade e da partilha/resolução do conflito;</li> <li>• Desenvolver as competências sociais e aquisição de regras de convivência social.</li> </ul>	Brincadeira livre.	As crianças podem movimentar-se livremente pela sala, brincando com os objetos disponíveis, sendo que as estagiárias vão interagindo com elas e com as suas brincadeiras.	Observação direta.

Anexo IV – Grelha de Avaliação da Atividade “Balões Luminosos”

Grelha de Observação (baseada em Laevers)									
<b>Nome da Instituição:</b> Instituição X									
<b>Observador:</b> Joana Cardoso			<b>Data:</b> 25 de janeiro de 2016			<b>Nº de crianças presentes:</b> 12			
<b>Idade do observado:</b> 1 ano						<b>M/F:</b> M			
	NÍVEL DE ENVOLVIMENTO								
	Não observado	1	2	3	4	5	Observações	Descrição da Atividade	
<b>Adulto</b>							Esta criança envolveu-se na totalidade da atividade. Explorou o balão de forma autónoma e individual, não tendo qualquer interação com o restante grupo. Qualquer movimento executado pelo adulto era repetido pela criança.	- Exploração de balões com luzes led.	
Sensibilidade						X			
Estimulação						X			
Autonomia						X			
<b>Criança</b>									
Ligação ao mundo (independência, cooperação, estar desperto para a participação)							X		
Exploração (impulso exploratório, capacidade de envolvimento)							X		
Produção de sentido (experimentar coisas diferentes e aprender com os erros)							X		

**Anexo V – Grelha de Avaliação de Rotina**

<b>Grelha de Observação (baseada em Laevers)</b>								
<b>Nome da Instituição:</b> Instituição X								
<b>Observador:</b> Joana Cardoso			<b>Data:</b> 23 de janeiro de 2016			<b>Nº de crianças presentes:</b> 9		
<b>Idade do observado:</b> 1 ano						<b>M/F:</b> F		
	<b>NÍVEL DE ENVOLVIMENTO</b>							
	Não observado	1	2	3	4	5	Observações	Descrição da Rotina
<b>Adulto</b>							Esta criança é bastante autónoma, tanto no momento da refeição com nos restantes momentos do dia. É uma criança que se envolve com bastante facilidade em todas as rotinas/atividades, tentando cooperar com as restantes crianças. O facto de lhe dar autonomia para comer fez com aprendesse, por ele, a utilizar corretamente os talheres.	- Hora do almoço.
Sensibilidade						X		
Estimulação						X		
Autonomia						X		
<b>Criança</b>								
Ligação ao mundo (independência, cooperação, estar desperto para a participação)							X	
Exploração (impulso exploratório, capacidade de envolvimento)							X	
Produção de sentido (experimentar coisas diferentes e aprender com os erros)							X	

**Anexo VI – Teia do Projeto “Exploradores da Ciência”, implementado no Jardim de Infância**

<p><b><u>O que as crianças podem aprender:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Características do meio social, físico e natural;</li> <li>- Identificar as diversas temáticas associadas à ciência;</li> <li>- Preservar e valorizar o meio ambiente;</li> <li>- Compreender o processo de germinação de leguminosas;</li> <li>- Distinguir fruto de legume;</li> <li>- Conhecer formas de revestimento dos animais;</li> <li>- Construir pictogramas e tabelas;</li> <li>- Conhecer as diferenças e semelhanças entre animais e plantas.</li> </ul>	<p><b><u>Estratégias a serem desenvolvidas:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver atividades exploratórias;</li> <li>- Estimular o interesse e a curiosidades da criança pelo meio;</li> <li>- Proporcionar o questionamento sobre novos conhecimentos;</li> <li>- Pesquisas no computador;</li> <li>- Realizar experiências (trabalho prático) – como o processo de germinação e plantação;</li> <li>- Elaborar pictogramas e tabelas;</li> <li>- Aceder sempre às ideias prévias/conhecimentos prévios das crianças através do diálogo/registo.</li> </ul>	<p><b><u>Como iniciar:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Partindo das conceções prévias sobre cada temática;</li> <li>- Partindo do meio próximo à criança para chegar a conhecimentos científicos desconhecidos.</li> </ul>	<p><b><u>Recursos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Livros de histórias infantis sobre cada temática;</li> <li>- Visita de estudo à Quinta do Arrife;</li> <li>- Materiais naturais (plantas, frutos, etc.);</li> <li>- Materiais da nossa elaboração e das crianças.</li> </ul> <p><b><u>Apresentação final:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Portefólio das atividades desenvolvidas no decorrer das semanas de intervenção, tendo como principal objetivo divulgar as aprendizagens adquiridas pelas crianças. Este portefólio será estará disponível na sala, para consulta de todos os Encarregados de Educação, como forma destes tomarem conhecimento sobre as tarefas realizadas pelos seus educandos.</li> <li>- Este portefólio de aprendizagens, tal como o nome indica enuncia o percurso das crianças na nossa intervenção, tendo sido enunciado por elas essas mesmas aprendizagens.</li> </ul>
<p><b><u>Conexões com outras matérias e saberes:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, através da leitura e interpretação de histórias;</li> <li>- Domínio da Matemática, através da criação de tabelas, pictogramas e noções de medida;</li> <li>- Domínio da Expressão Artística: Educação Física, através de jogos realizados no ginásio; Educação Visual, através de diversas pinturas com diferentes materiais.</li> <li>- Área da Formação Pessoal e Social, presente em todo o trabalho educativo.</li> </ul>	<p><b><u>Tema: “Exploradores da Ciência”</u></b>  <b>Subtemas: Profissões, Plantas, Frutos e Legumes, Animais</b>  <b>Área do Conhecimento do Mundo</b></p>		

<p><b><u>Atividades em grupo:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Escutar a contagem das histórias;</li> <li>- Plantação/Germinação;</li> <li>- Exploração com lupas.</li> <li>- Interpretação de pinturas;</li> <li>- Tabelas e pictogramas.</li> </ul>	<p><b><u>Atividades individuais:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de pinturas;</li> <li>- Interpretação das histórias;</li> <li>- Questionamentos;</li> <li>- Desenho dirigido.</li> </ul>	<p><b><u>Avaliação:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Registos de observação;</li> <li>- Trabalhos realizados individualmente e em grupo (processos/produzidos);</li> <li>- Grelhas / Fichas de Registo;</li> <li>- Recolha de elementos audiovisuais;</li> <li>- Quadros de Planificação;</li> <li>- Portefólio.</li> </ul>
---	---	---

## Anexo VII – Planificação da Atividade “Recriação da pintura com carimbagem de frutos”

<b>Instituição:</b> Centro Escolar EB Sacapeito Noémia da Silva		<b>Sala do Bibe Amarelo</b> (3-6 anos)		<b>Educadora:</b>		
<b>Estagiárias:</b> Ana Rita Madeira e Joana Cardoso			<b>Supervisora:</b> Elisabete Linhares			
Semana Intervenção Joana Cardoso - 19 de maio de 2017						
Duração	Área de Conteúdo - Domínio/Subdomínio	Objetivos	Atividade / Estratégias	Recursos		Avaliação
				Humanos	Materiais	
<b>9h00 às 09h45</b> <b>(Acolhimento)</b>						
<b>9h45 às 10h20</b> <b>(Atividade nas áreas ou dirigidas)</b>	Área de Expressão e Comunicação <ul style="list-style-type: none"> <li>Domínio da Educação Artística Subdomínio: Artes Visuais</li> </ul>	<u>Objetivos Gerais:</u> - Analisar e interpretar uma pintura de Paul Cezanne; - Recriar a pintura de Paul Cezanne com recurso a carimbagem de frutos.  <u>Objetivos Específicos:</u> - Apreciar e realizar uma análise crítica sobre a imagem; - Identificar elementos da natureza morta, nomeadamente os	<u>Atividade:</u> - Interpretação da pintura de Paul Cezanne “Maçãs e laranjas”; - Recriação da pintura recorrendo à técnica da carimbagem de frutos.  <u>Estratégia:</u> A atividade inicia-se com a apresentação por parte da educadora de um artista plástico, Paul Cezanne, acompanhado do seu retrato e pintura, fazendo a ligação em conjunto com as crianças sobre o que se encontra representado na pintura e a temática desenvolvida ao longo da semana.  De seguida, as crianças analisam o quadro oralmente dando opiniões sobre o	- Educadora; - Crianças.	- Imagem da pintura “Maçãs e laranjas”; - Retrato do pintor Paul Cezanne; - Papel reciclado; - Tintas; - Carimbos com frutos (maçã e pera).	<u>Observação direta:</u> - Observar se as crianças participam ativamente na atividade; - Avaliar se as crianças fazem a análise crítica da imagem; - Verificar se o grupo identifica os elementos representativos da natureza morta (frutos); - Averiguar se as

		<p>frutos;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular a criatividade e a imaginação;</li> <li>- Manipular e experimentar diversas técnicas e materiais.</li> </ul>	<p>mesmo, de forma ordeira e individual para que todo o grupo consiga acompanhar as apreciações ditas e sem repetições, referindo as cores predominantes, que frutos veem na imagem, o que constitui a imagem para além dos frutos, se a composição parece real, entre outros pontos de análise.</p> <p>Como forma de promover a criatividade do grupo, a educadora pede que as crianças depois da observação feita, sugiram títulos para a obra, após as sugestões das crianças a educadora refere o nome da pintura “Maçãs e laranjas”.</p> <p>De seguida, a educadora reúne o grupo dos 5-6 anos e inicia com estes a recriação, de forma individual, da pintura anteriormente analisada, recorrendo aos elementos predominantes retratados na mesma. Esta recriação será elaborada com recurso a diversas tintas, bem como carimbos de frutas como forma de utilizarem outra técnica de pintura e compreenderem que podemos criar com alimentos.</p> <p>Enquanto este grupo se encontra a recriar a pintura, os restantes brincam livremente nas diversas áreas.</p>			<p>crianças conseguem manusear o fruto como carimbo.</p>
--	--	--	--	--	--	--

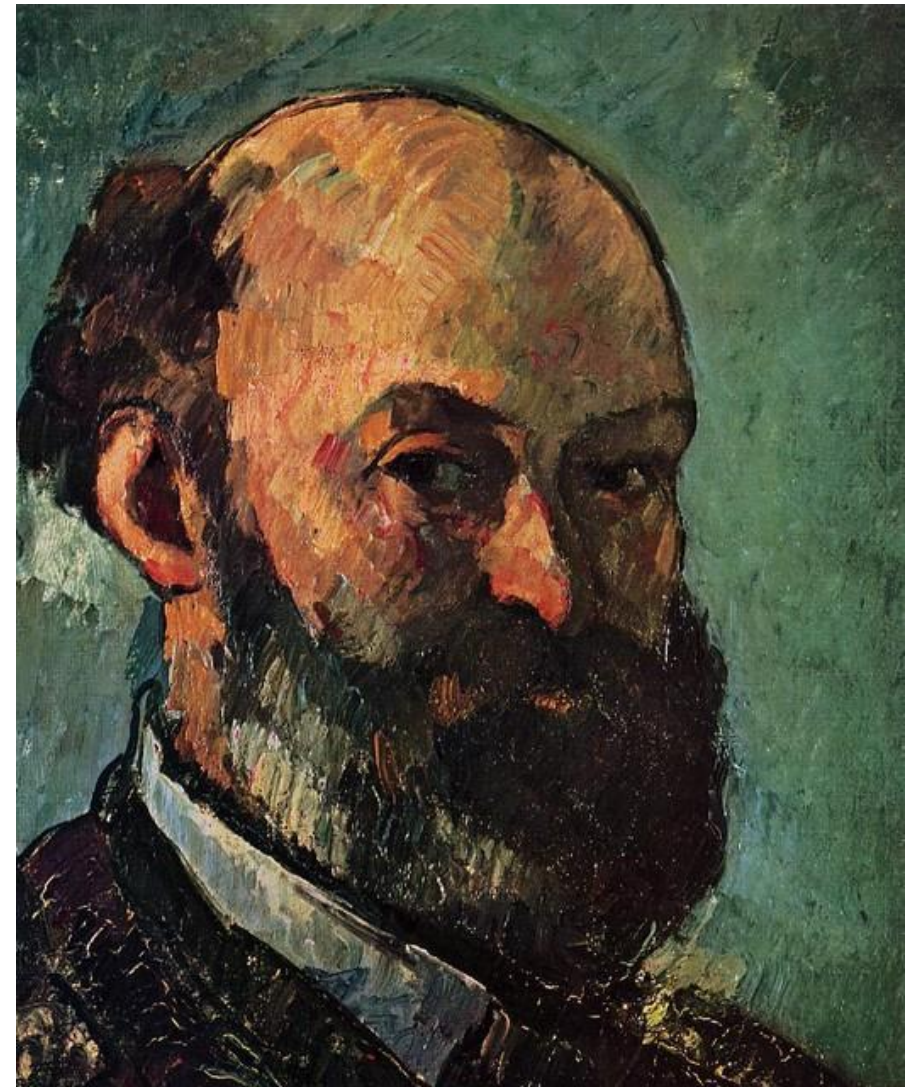
10h20 às 11h00 (Preparação do lanche / Lanche)						
11h00 às 11h30 (Recreio)	<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Convivência democrática e cidadania</li> </ul> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Domínio da Educação Física</li> </ul>	<p><u>Objetivos Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver diversas formas de interação social, o respeito pelos outros e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha;</li> <li>- Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros;</li> <li>- Explorar livremente o espaço, o movimento e os materiais;</li> <li>- Respeitar e valorizar o ambiente natural e social.</li> </ul>	<p><u>Atividade:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Brincadeira livre no exterior.</li> </ul> <p><u>Estratégia:</u></p> <p>Este momento prende-se com a exploração livre do espaço exterior, bem como com a socialização entre as crianças das três salas do jardim de infância.</p> <p>As crianças exploram os materiais que têm à disposição, tais como, caixa de areia, triciclos, escorrega, casinha e minijardins, tanto individualmente como em conjunto.</p> <p>A educadora auxilia o grupo/crianças sempre que necessário e interage com as mesmas nos seus momentos de brincadeira, realizando questões pertinentes à atuação das crianças no momento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educadora;</li> <li>- Auxiliar;</li> <li>- Crianças.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recreio.</li> </ul>	<p><u>Observação direta:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Averiguar se as crianças desenvolvem interações sociais com as restantes crianças;</li> <li>- Averiguar se as crianças participam ativamente nos momentos de brincadeira livre.</li> </ul>
11h30 às 12h30 (Preparação do almoço / Almoço)						
12h30 às 13h15 (Recreio)	<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Convivência democrática e cidadania</li> </ul> <p>Área de Expressão e Comunicação</p>	<p><u>Objetivos Gerais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver diversas formas de interação social, o respeito pelos outros e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha;</li> </ul>	<p><u>Atividade:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Brincadeira livre no exterior.</li> </ul> <p><u>Estratégia:</u></p> <p>Este momento prende-se com a exploração livre do espaço exterior, bem</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educadora;</li> <li>- Auxiliar;</li> <li>- Crianças.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recreio.</li> </ul>	<p><u>Observação direta:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Averiguar se as crianças desenvolvem interações sociais com as</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>Domínio da Educação Física</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros;</li> <li>- Explorar livremente o espaço, o movimento e os materiais;</li> <li>- Respeitar e valorizar o ambiente natural e social.</li> </ul>	<p>como com a socialização entre as crianças das três salas do jardim de infância.</p> <p>As crianças exploram os materiais que têm à disposição, tais como, caixa de areia, triciclos, escorrega, casinha e minijardins, tanto individualmente como em conjunto.</p> <p>A educadora auxilia o grupo/crianças sempre que necessário e interage com as mesmas nos seus momentos de brincadeira, realizando questões pertinentes à atuação das crianças no momento.</p>			<p>restantes crianças;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Averiguar se as crianças participam ativamente nos momentos de brincadeira livre.</li> </ul>
<p><b>13h15 às 15h00</b> <b>(Atividade nas áreas ou dirigidas)</b></p>	<p>Área de Expressão e Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Domínio da Educação Artística Subdomínio: Artes Visuais</li> </ul>	<p><u>Objetivo Geral:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Recriar a pintura de Paul Cezanne com recurso a carimbagem.</li> </ul> <p><u>Objetivo Específico:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Recorrer à sua criatividade para a elaboração da pintura;</li> <li>- Explicar para o grupo o que criaram;</li> <li>- Estimular a criatividade e a imaginação;</li> <li>- Manipular e experimentar diversas</li> </ul>	<p><u>Atividade:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Recriação da pintura recorrendo à técnica da carimbagem.</li> </ul> <p><u>Estratégia:</u></p> <p>No seguimento da atividade realizada no período da manhã, a educadora propõe agora ao grupo dos 3-4 anos e 4-5 anos a recriação da pintura, de forma individual, referindo através da pintura com pincéis e tintas o que é que a pintura lhes transmite, recorrendo aos elementos predominantes retratados na mesma.</p> <p>Enquanto estes grupos se encontram a recriar a pintura, as restantes crianças brincam livremente nas diversas áreas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educadora;</li> <li>- Crianças.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel reciclado;</li> <li>- Tintas;</li> <li>- Carimbos com frutos (maçã e pera).</li> </ul>	<p><u>Observação direta:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar se as crianças participam ativamente;</li> <li>- Verificar se as crianças conseguem fazer uma reprodução aproximada da pintura;</li> <li>- Averiguar se as crianças conseguem manusear o carimbo de forma</li> </ul>

		técnicas e materiais.	<p>Esta recriação será elaborada com recurso a diversas tintas, bem como carimbos de frutas como forma de utilizarem outra técnica de pintura e compreenderem que podemos criar com alimentos.</p> <p>No final da atividade e após todos terem terminado a recriação irão mostrar ao grupo como forma de síntese do dia, explicando a sua pintura e os elementos que nela estão presentes.</p> <p>Como forma de verificação dos conhecimentos construídos ao longo da semana será realizada uma pequena conversa sobre a temática que foi abordada, verificando se as crianças sabem identificar um fruto, um legume e as diferenças existentes entre ambos.</p>			<p>correta.</p> <p><u>Registo Fotográfico</u></p> <p><u>Grelha de observação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar se as crianças conseguem manusear o fruto como carimbo;</li> <li>- Analisar o nível de envolvimento das crianças na atividade.</li> </ul>
<p><u>Observações:</u> No período da tarde, a tarefa que estava planeada não pôde ser executada, uma vez que devido a projetos da instituição, os alunos no 1ºCiclo deslocaram-se à nossa sala para assistirem a um teatro da história “A ovelhinha preta” e a cânticos associados à multiculturalidade, evocados pelas crianças do bibe amarelo. Deste modo, no período da manhã foram compiladas todas as atividades do dia, fazendo a análise da pintura de Paul Cezanne e a recriação da mesma, feita pelas crianças através da carimbagem dos frutos.</p>						

**Materiais utilizados para a Atividade:**

- Pintura de Paul Cezanne “Maçãs e Laranjas” / Retrato do pintor



**Anexo VIII – Grelha de Avaliação da Atividade “Recriação da pintura com carimbagem de frutos”**

Grelha de Observação das Atividades nos diversos momentos de rotina										
<b>Nome da Instituição:</b> Instituição Y										
<b>Observador:</b> Joana Cardoso			<b>Nº de crianças presentes:</b> 18			<b>Data:</b> 19 de maio de 2017				
FAIXA ETÁRIA 5 – 6 anos	CONTEXTO DE OBSERVAÇÃO (Ex. áreas, recreio, atividade orientada...)	SITUAÇÕES OBSERVADAS (descrição do que foi observado/ aprendizagens de acordo com os objetivos)	NÍVEL DE ENVOLVIMENTO					INTERAÇÃO COM O RESTANTE GRUPO		OBSERVAÇÕES
			1*	2**	3***	4****	5*****	Interage	Não interage	
David	<u>Atividade Exploratória:</u> - Recriação da pintura de Paul Cezanne através da carimbagem de frutos.	Inicialmente sentiu-se curioso na exploração dos frutos para a carimbagem. Contudo, dispersou facilmente.			X			X		
Constança P.		Explorou todos os frutos, estando bastante envolvida na técnica da carimbagem.					X	X		
Leonor		Interagiu com o restante grupo, ajudando quem tivesse dúvidas. Encontrou-se envolvida no decorrer da atividade.				X		X		
Rosário		Demonstrou alguma dificuldade da pintura dos frutos, no entanto estava bastante				X		X		

		empenhada na concretização da pintura.								
António		Esteve ativo durante a atividade, contudo dispersava com muita facilidade.			X			X		
Duarte R.		Demonstrou-se bastante ativo na exploração da técnica da carimbagem, interagindo com o restante grupo.					X	X		
Tiago		Participou ativamente no início da atividade, mas com o passar do tempo ficou desmotivado, perdendo o interesse.			X			X		Considero que a perda de interesse no decorrer da atividade não se prendeu com esta, mas sim com complicações pessoais.
Luísa										Não esteve presente no dia da atividade.

Legenda:

\*Sem envolvimento; \*\*Fraco nível de envolvimento; \*\*\*Nível de envolvimento mediano; \*\*\*\*Bastante envolvido; \*\*\*\*\*Totalmente envolvido.

**Anexo IX – Planificação da Atividade “Fabricação do pão”**

Instituição: Centro Escolar EB Sacapeito Noémia da Silva		Sala do Bibe Amarelo (3-6 anos)		Educadora:		
Estagiárias: Ana Rita Madeira e Joana Cardoso		Supervisora: Elisabete Linhares		Semana Intervenção Joana Cardoso - 30 de maio de 2017		
Duração	Área de Conteúdo - Domínio/Subdomínio	Objetivos	Atividade / Estratégias	Recursos		Avaliação
				Humanos	Materiais	
<b>9h00 às 09h45 (Acolhimento)</b>						
<b>9h45 às 10h20 (Atividade nas áreas ou dirigidas)</b>	<p>Área de Expressão e Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</li> </ul> <p>Área do Conhecimento do Mundo</p>	<p><u>Objetivo Geral:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender a mensagem da história;</li> <li>- Compreender e efetuar os vários processos de elaboração do pão.</li> </ul> <p><u>Objetivos Específicos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecer a temática que irá ser trabalhada;</li> <li>- Identificar as personagens e a ação da história;</li> <li>- Proceder a leituras de diversos suportes de escrita (receita), para a elaboração do pão;</li> <li>- Promover a associação da história às ciências naturais (animais/trigo);</li> <li>- Desenvolver uma</li> </ul>	<p><u>Atividade:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Contagem e interpretação da história “A galinha Ruiva”;</li> <li>- Fabricação de pão.</li> </ul> <p><u>Estratégia:</u></p> <p>A atividade inicia-se com as crianças sentadas no tapete e a educadora apresenta-lhes o livro, perguntando o que a capa lhes sugere e o que acham que vai ser abordado ao longo da contagem da história.</p> <p>De seguida inicia-se a contagem da história, esta é realizada de forma expressiva utilizando vários tons de voz para captar a atenção das crianças. Uma vez que a história tem como personagens diversos animais que se juntam para criar pão, remetendo para os processos que uma espiga de trigo sofre até à fabricação do mesmo, a educadora levará uma</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educadora;</li> <li>- Crianças.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro “A galinha Ruiva”;</li> <li>- Espiga de trigo;</li> <li>- 500 g de farinha de trigo com fermento (equivalente a 4 copos e meio);</li> <li>- 300 ml de água (equivalente a 2 copos);</li> <li>- 1 colher de chá de sal;</li> <li>- 2 colheres de sopa de óleo</li> </ul>	<p><u>Observação direta:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar se as crianças conseguem compreender e reconhecer as personagens e a ação da história;</li> <li>- Observar se as crianças conseguem identificar os diversos processos existentes até à criação do pão, bem como os ingredientes necessários;</li> <li>- Identificar se as crianças</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento do mundo físico e natural</li> <li>• Introdução à metodologia científica</li> </ul> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Matemática – Geometria e Medida</li> </ul>	<p>atitude científico-investigativa em relação a uma metodologia própria das ciências;</p> <p>- Descrever e procurar explicações para transformações no meio físico e natural (criação do pão);</p> <p>- Utilizar unidades de medida para responder a necessidades e questões do quotidiano, com recurso a medidas padronizadas (medidor) e não padronizadas (copo).</p>	<p>espiga de trigo para que as crianças a vejam em formato real, questionando de que cereal se trata. No final da história, questiona-se as crianças sobre as diversas ações/personagens de forma a fazerem uma interpretação da história. Esta interpretação é realizada com várias questões introdutórias: “O que sugere o título da história?”, “Qual ou quais as personagens principais da história?”, “O que acontece durante a história?”, remetendo à ação desta e por fim “Qual a temática que a história trabalha?. Todas estas questões visam a compreensão da história de modo a alcançar os objetivos pretendidos.</p> <p>Como segundo momento da manhã, as crianças serão divididas em dois grupos e de encontro ao retratado na história a educadora questiona quais os diversos processos que a espiga de trigo sofre até à criação de pão. Após as respostas das crianças a educadora reflete com estas “Será que poderíamos fabricar pão na nossa sala? Do que vamos precisar?” após as respostas, mostrar-lhes-á quais os ingredientes necessários à sua fabricação (farinha, água, óleo e sal). No centro da mesa, encontra-se um medidor que servirá para medir as quantidades indicadas na receita, esse medidor servirá para transferir os ingredientes para os copos. Individualmente, cada criança coloca um copo de cada ingrediente no alguidar</p>		<p>alimentar;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Alguidar;</li> <li>- Copo;</li> <li>- Colher de pau;</li> <li>- Receita;</li> <li>- Pano.</li> </ul>	<p>conseguem utilizar uma receita para um determinado fim;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar se as crianças conseguem transpor os ingredientes do medidor para o copo.</li> </ul> <p><u>Registo fotográfico</u></p> <p><u>Grelha de observação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar se as crianças conseguem identificar os diversos processos existentes até à criação do pão, bem como os ingredientes necessários;</li> <li>- Averiguar o nível de envolvimento na atividade;</li> <li>- Verificar a interação com o</li> </ul>
--	---	--	---	--	---	---

			<p>misturando tudo com auxílio de uma colher. Após a mistura, todas as crianças terão a possibilidade de amassar os ingredientes e analisar a constituição da massa que obtiveram. Por fim, a massa fica a repousar até ao final da tarde.</p> <p>Enquanto um grupo realiza a investigação, o restante encontra-se a realizar construções no tapete.</p>			restante grupo.
<b>10h20 às 11h00</b>						
<b>(Preparação do lanche / Lanche)</b>						
<b>11h00 às 11h30</b> <b>(Recreio)</b>	<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Convivência democrática e cidadania</li> </ul> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Educação Física</li> </ul>	<p><u>Objetivo Geral:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver diversas formas de interação social, o respeito pelos outros e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha;</li> <li>- Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros;</li> <li>- Explorar livremente o espaço, o movimento e os materiais;</li> <li>- Respeitar e valorizar o ambiente natural e social.</li> </ul>	<p><u>Atividade:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Brincadeira livre no exterior.</li> </ul> <p><u>Estratégia:</u></p> <p>Este momento prende-se com a exploração livre do espaço exterior, bem como com a socialização entre as crianças das três salas do jardim de infância.</p> <p>As crianças exploram os materiais que têm à disposição, tais como, caixa de areia, triciclos, escorrega, casinha e minijardins, tanto individualmente como em conjunto.</p> <p>A educadora auxilia o grupo/crianças sempre que necessário e interage com as mesmas nos seus momentos de brincadeira, realizando questões pertinentes à atuação das crianças no momento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Educadora;</li> <li>- Auxiliar;</li> <li>- Crianças.</li> </ul>	- Recreio.	<p><u>Observação direta:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Averiguar se as crianças desenvolvem interações sociais com as restantes crianças;</li> <li>- Averiguar se as crianças participam ativamente nos momentos de brincadeira livre.</li> </ul>
<b>11h30 às 12h30</b>						

(Preparação do almoço / Almoço)

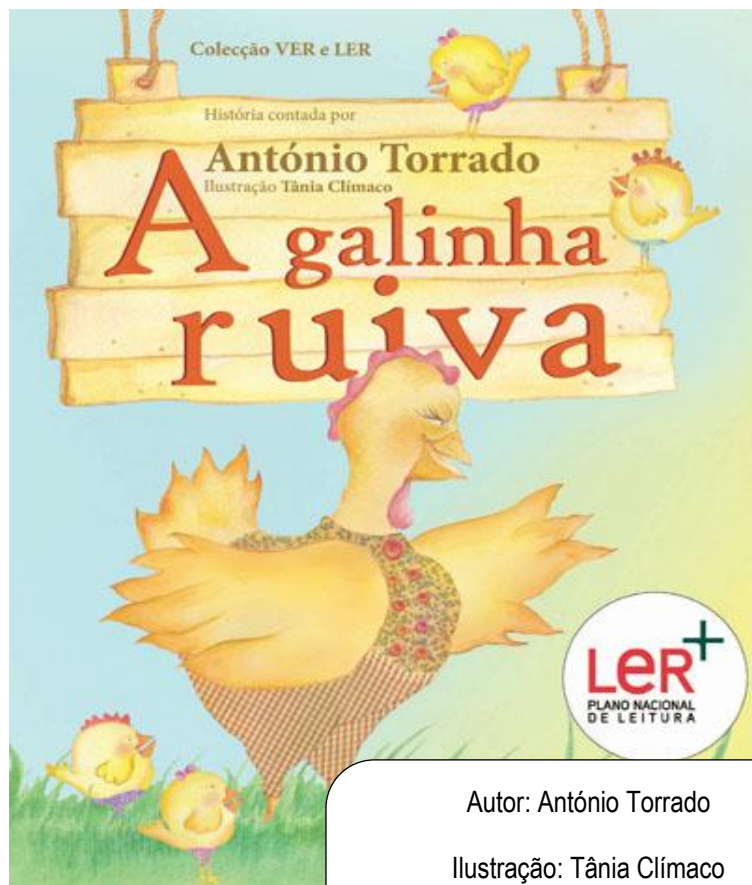
<p><b>12h30 às 13h15</b> <b>(Recreio)</b></p>	<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Convivência democrática e cidadania</li></ul> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Domínio da Educação Física</li></ul>	<p><u>Objetivo Geral:</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Desenvolver diversas formas de interação social, o respeito pelos outros e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha;</li><li>- Respeitar a diversidade e solidarizar-se com os outros;</li><li>- Explorar livremente o espaço, o movimento e os materiais;</li><li>- Respeitar e valorizar o ambiente natural e social.</li></ul>	<p><u>Atividade:</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Brincadeira livre no exterior.</li></ul> <p><u>Estratégia:</u></p> <p>Este momento prende-se com a exploração livre do espaço exterior, bem como com a socialização entre as crianças das três salas do jardim de infância.</p> <p>As crianças exploram os materiais que têm à disposição, tais como, caixa de areia, triciclos, escorrega, casinha e minijardins, tanto individualmente como em conjunto.</p> <p>A educadora auxilia o grupo/crianças sempre que necessário e interage com as mesmas nos seus momentos de brincadeira, realizando questões pertinentes à atuação das crianças no momento.</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Educadora;</li><li>- Auxiliar;</li><li>- Crianças.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Recreio.</li></ul>	<p><u>Observação direta:</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Averiguar se as crianças desenvolvem interações sociais com as restantes crianças;</li><li>- Averiguar se as crianças participam ativamente nos momentos de brincadeira livre.</li></ul>
<p><b>13h15 às 15h00</b> <b>(Atividade nas áreas ou dirigidas)</b></p>	<p>Área de Expressão e Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</li></ul>	<p><u>Objetivo Geral:</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Compreender e efetuar os vários processos de elaboração do pão.</li></ul> <p><u>Objetivos Específicos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Reconhecer a temática que irá ser trabalhada;</li><li>- Identificar as personagens e a ação</li></ul>	<p><u>Atividade:</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Fabricação de pão.</li></ul> <p><u>Estratégia:</u></p> <p>Uma vez que ficou um grupo por fazer a fabricação do pão no período da manhã, a atividade inicia-se com esse processo. A educadora relembra, com o grupo os processos que a espiga sofre até à criação</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Educadora;</li><li>- Crianças.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- 500 g de farinha de trigo com fermento (equivalente a 4 copos e meio);</li><li>- 300 ml de água (equivalente a 2 copos);</li></ul>	<p><u>Observação direta:</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Observar se as crianças conseguem identificar os diversos processos existentes até à criação do pão, bem como os</li></ul>

	<p>Área do Conhecimento do Mundo</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento do mundo físico e natural</li> <li>• Introdução à metodologia científica</li> </ul> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Matemática – Geometria e Medida</li> </ul>	<p>da história;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Proceder a leituras de diversos suportes de escrita (receita), para a elaboração do pão;</li> <li>- Promover a associação da história às ciências naturais (animais);</li> <li>- Desenvolver uma atitude científico-investigativa em relação a uma metodologia própria das ciências;</li> <li>- Descrever e procurar explicações para transformações no meio físico e natural (criação do pão);</li> <li>- Utilizar unidades de medida para responder a necessidades e questões do quotidiano, com recurso a medidas padronizadas (medidor) e não padronizadas (copo).</li> </ul>	<p>do pão, processos falados na contagem da história. Após as respostas das crianças a educadora reflete com estas “Será que poderíamos fabricar pão na nossa sala? Do que vamos precisar?” após as respostas, mostrar-lhes-á quais os ingredientes necessários à sua fabricação (farinha, água, óleo e sal). No centro da mesa, encontra-se um medidor que servirá para medir as quantidades indicadas na receita, esse medidor servirá para transferir os ingredientes para os copos. Individualmente, cada criança coloca um copo de cada ingrediente no alguidar misturando tudo com auxílio de uma colher. Após a mistura, todas as crianças terão a possibilidade de amassar os ingredientes e analisar a constituição da massa que obtiveram. Por fim, a massa fica a repousar.</p> <p>Enquanto o grupo realiza a investigação, as crianças que já fabricaram o pão encontram-se a realizar construções no tapete.</p> <p>No final da tarde, observamos o levedar da massa realizada no período da manhã e é feita uma pequena conversa referente ao processo que o pão precisa de passar até ao momento em que o podemos comer, referindo que depois deste levedar terá de ir ao forno para cozer.</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 colher de chá de sal;</li> <li>- 2 colheres de sopa de óleo alimentar;</li> <li>- Alguidar;</li> <li>- Copo;</li> <li>- Colher de pau;</li> <li>- Receita;</li> <li>- Pano;</li> <li>- Forno.</li> </ul>	<p>ingredientes necessários;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar se as crianças conseguem utilizar uma receita para um determinado fim;</li> <li>- Verificar se as crianças conseguem transportar os ingredientes do medidor para o copo.</li> </ul> <p><u>Registo fotográfico</u></p>
--	--	--	--	--	---	---

## Materiais utilizados para a Atividade:

- Livro “A galinha Ruiva”;

- Receita do pão.



Autor: António Torrado

Ilustração: Tânia Clímaco

Editor: Soregra

Coleção: Ver e Ler

### **Ingredientes**

- 500g de farinha de trigo com fermento (equivalente a 4 copos e meio);
  - 300 mL de água morna (equivalente a 2 copos);
    - 1 colher de chá de sal;
  - 2 colheres de sopa de óleo alimentar.

### **Preparação**

- Num alguidar coloque a farinha;  
Misture a água morna com o sal e o fermento. Mexer bem até diluir, em seguida acrescente ao alguidar que contém a farinha;
- Envolver tudo com uma colher e de seguida amassar com as mãos;
  - Cobrir com um pano e deixar levedar 1 ou 2 horas.

**Anexo X – Grelha de Avaliação da Atividade “Fabricação do pão”**

Grelha de Observação das Atividades nos diversos momentos de rotina										
<b>Nome da Instituição:</b> Instituição Y										
<b>Observador:</b> Joana Cardoso			<b>Nº de crianças presentes:</b> 21			<b>Data:</b> 30 de maio de 2017				
FAIXA ETÁRIA 3 – 4 anos	CONTEXTO DE OBSERVAÇÃO (Ex. áreas, recreio, atividade orientada...)	SITUAÇÕES OBSERVADAS (descrição do que foi observado/ aprendizagens de acordo com os objetivos)	NÍVEL DE ENVOLVIMENTO					INTERAÇÃO COM O RESTANTE GRUPO		OBSERVAÇÕES
			1*	2**	3***	4****	5*****	Interage	Não interage	
Afonos	<u>Atividade Exploratória:</u> - Fabricação do pão.	Apresentou-Se interessada e respondeu sempre na fase do questionamento. No momento de amassar tomou logo a iniciativa.					X	X		
Francisco		No momento do questionamento tentou sempre responder, assim como na fase da junção dos ingredientes esteve sempre participativo. Contudo não quis amassar.				X		X		
Carolina		Apesar de ser muito introvertida, participou na fase do questionamento. No				X		X		

		início teve receio de amassar, mas ao ver os colegas e o facto de estes a incentivarem fez com que perdesse o medo e se envolve-se bastante.								
Valentina		Esteve bastante participativa em todo o processo. Encontrando-se mais envolvida na fase de amassar. Estando sempre disposta a auxiliar os colegas.					X	X		
Bianca		Apesar de ser uma criança muito retraída, participou e envolveu-se bastante no processo de amassar. Contudo só interveio nessa fase.			X			X		
Laura		Mostrou-se desperta no momento do questionamento, prevendo sempre o que se iria suceder. Na fase de amassar esteve muito envolvida.				X		X		
Rui		Esta criança só se encontrou presente no momento de amassar e não teve problema nenhum de “meter as mãos na massa”, estando bastante				X		X		Esta criança necessitava de ser mais estimulada a nível sensorial, uma vez que tem uma doença degenerativa que já lhe apanhou os membros inferiores. O facto de ter

		agradada com a textura.								atividades mais de contacto com diferentes texturas faz com se sinta mais agradado e envolvido.
Bryan		Foi dos primeiros a questionar-se sobre todos os processos que o pão sofria até estar pronto a comer. Encontrou-se muito envolvido, principalmente na fase de amassar a massa.					X	X		
Lara										Não esteve presente no dia da atividade.
Duarte J.										Não esteve presente no dia da atividade.

Legenda:  
 \*Sem envolvimento; \*\*Fraco nível de envolvimento; \*\*\*Nível de envolvimento mediano; \*\*\*\*Bastante envolvido; \*\*\*\*\*Totalmente envolvido.

**Anexo XI – Teia do Projeto “A Minha Inclusão no Meio”, implementado no 1ºano do 1ºCEB**

<p><b><u>O que os alunos podem aprender:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer o meio onde estão inseridos;</li> <li>- Respeitar as regras da escola;</li> <li>- Relacionar-se com os outros, aprendendo regras de conduta;</li> <li>- Compreender a importância da utilização de jogos e tarefas didáticas para a sua aprendizagem;</li> <li>- Adquirir novos conhecimentos através da transversalidade entre áreas curriculares.</li> </ul>	<p><b><u>Estratégias a serem desenvolvidas:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalho individual, a pares e em grupos;</li> <li>- Realizar debates em grande grupo no final de cada aula;</li> <li>- Proporcionar o questionamento sobre novos conhecimentos;</li> <li>- Elaborar materiais didáticos que possibilitem a aquisição de conhecimento;</li> <li>- Criar interdisciplinaridade curricular.</li> </ul>	<p><b><u>Como iniciar:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Partir das concepções prévias dos alunos para iniciar um novo conteúdo;</li> <li>- Partir do meio próximo do aluno;</li> <li>- Realizar jogos para iniciar um novo conteúdo.</li> </ul>	<p><b><u>Recursos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Livros de histórias inseridos no PNL disponíveis para o 1ºano de escolaridade;</li> <li>- Manual escolar/cadernos de consolidação;</li> <li>- Quadro interativo;</li> <li>- Materiais didáticos elaborados pelos alunos e pelas professoras estagiárias.</li> </ul>
<p><b><u>Conexões com outras matérias e saberes:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Programa e metas curriculares de Português;</li> <li>- Programa e metas curriculares de Matemática;</li> <li>- Programa de Estudo do Meio;</li> <li>- Programa de Expressões Artísticas e Físico-Motoras;</li> <li>- Cidadania e Desenvolvimento.</li> </ul>	<p><b><u>Tema: “A minha inclusão no meio”</u></b></p>		<p><b><u>Apresentação final:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Portefólio de aprendizagens: Atividades desenvolvidas no decorrer das semanas de intervenção, tendo como principal objetivo divulgar as aprendizagens adquiridas pelos alunos;</li> <li>- Este portefólio de aprendizagens, tal como o nome indica enuncia o percurso das crianças na nossa intervenção, tendo sido enunciado por elas essas mesmas aprendizagens.</li> <li>- A divulgação do portefólio foi realizada a uma turma de 3ºano e ao jardim de infância.</li> </ul>
<p><b><u>Atividades em grupo:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Escutar a contagem de histórias;</li> <li>- Debates;</li> <li>- Experiências;</li> </ul>		<p><b><u>Atividades individuais:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de pinturas;</li> <li>- Interpretação de histórias;</li> <li>- Questionamentos;</li> </ul>	<p><b><u>Avaliação:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Registos de observação;</li> <li>- Trabalhos realizados individualmente ou em grupo</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tabelas e pictogramas;</li> <li>- Interpretação de pinturas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenho livre;</li> <li>- Resoluções de exercícios no manual/fichas.</li> </ul>	<p>(processos/produtos);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Recolha de elementos audiovisuais;</li> <li>- Avaliações Semanais;</li> <li>- Portefólio de Aprendizagens.</li> </ul>
--	--	---

## Anexo XII – Planificação da Atividade “Matematicamente socializando”

Quarta-feira, 6 de dezembro de 2017					
Áreas / Tempo	Domínios / Subdomínios / Conteúdos	Objetivos	Atividades e Estratégias	Avaliação	Recursos
Matemática e Cidadania 9h00 – 10h30	<p><b>Tema 6 – Justiça Social</b></p> <p><u>Direitos, deveres e responsabilidades:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender a relação entre direitos, deveres e responsabilidades e a sua articulação com os princípios fundamentais dos direitos humanos.</li> </ul> <p><b>Números e Operações (NO1)</b></p> <p><u>Números Naturais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Números naturais até 100.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar os seus direitos, deveres e responsabilidades perante o outro;</li> <li>- Reconhecer o cardinal dos números de 0 a 10.</li> </ul>	<p>A atividade inicia-se no exterior da sala, onde cada criança tem um cartão correspondente ao cardinal de um número, uma vez que o grupo é constituído por 15 elementos, os números terão de se repetir (0,0,1,2,2,3,4,5,5,6,7,8,8,9,10). Em roda, a professora estagiária evoca uma frase dizendo “Os alunos com o nº8 dão um abraço ao aluno com o nº10”, “O aluno com o nº 1 diz bom dia ao aluno com o nº9” (...). Após todos realizarem uma ação, regressam à sala onde serão abordados os direitos e deveres que devemos ter para com os outros e para connosco mesmos.</p> <p>Desta forma e como conclusão da atividade, a professora distribui uma ficha por cada aluno com inúmeras imagens referentes a comportamentos que os alunos/pessoas podem ou não ter perante os outros. Nesta ficha os alunos terão de ser capazes de identificar os comportamentos corretos, circundando-os e de seguida colorindo os mesmos.</p>	<p><b>Observação direta:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar se os alunos identificam o cardinal do seu número e o do restante grupo;</li> <li>- Verificar se o grupo é capaz de realizar as ações pretendidas;</li> </ul> <p><b>Registo fotográfico;</b></p> <p><b>Verificar se os alunos conseguem enumerar os comportamentos corretos/ incorretos a ter perante o outro.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 15 placas com o cardinal dos números (0,0,1,2,2,3,4,5,5,6,7,8,8,9,10);</li> <li>- Frases com ações;</li> <li>- Ficha de cidadania, direitos e deveres;</li> </ul>

### Materiais para a Atividade:

- Placas com os cardinais;



- Frases com ações;

Q m<sup>o</sup>5 dá um abraço ao m<sup>o</sup>10.

Q m<sup>o</sup>10 diz "se faz favor" ao m<sup>o</sup>4.

Q m<sup>o</sup>2 dá um sorriso ao m<sup>o</sup>7.

Q m<sup>o</sup>9 diz "boa dia" ao m<sup>o</sup>8.

Q m<sup>o</sup>3 pergunta ao m<sup>o</sup>0 "como estás?".

Q m<sup>o</sup>4 faz uma festa na cara ao m<sup>o</sup>5.

Q m<sup>o</sup>6 faz uma cócega ao m<sup>o</sup>9.

Q m<sup>o</sup>8 dá a mão ao m<sup>o</sup>1.

Q m<sup>o</sup>5 diz "olá" ao m<sup>o</sup>6

Q m<sup>o</sup>7 dá a mão ao m<sup>o</sup>2 e dão um pulo.

Q m<sup>o</sup>0 diz "obrigada" ao m<sup>o</sup>7.

Q m<sup>o</sup>1 dá um aperto de mãos ao m<sup>o</sup>3.

- Ficha de Cidadania.

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

### Direitos e Deveres

Pinta o  que representa os direitos da criança.

- Ter o direito à vida;
- Ter o direito à educação;
- Ter direito de magoar os outros;
- Participar nas atividades escolares;
- Ter o direito de estragar o que não é nosso;
- Ter o direito à família;
- Ter o direito à alimentação.



Pinta o  que representa os deveres da criança.

- Conservar a sala;
- Faltar às aulas;
- Cumprir os deveres escolares;
- Falar mal para as outras pessoas;
- Ser responsável pelas minhas coisas;
- Agredir os meus colegas;
- Cooperar com a turma e professora.



		
Lazer	Desenvolver sua inteligência	Saúde
		
Alimentação	Fazer suas próprias descobertas	Ser protegida
		
Amor e carinho	Liberdade de expressão	Descanso

### Anexo XIII – Planificação da Atividade “Criação de uma história através de um quadro”

Quarta-feira, 10 de janeiro de 2018					
Áreas / Tempo	Domínios / Subdomínios / Conteúdos	Objetivos	Atividades e Estratégias	Avaliação	Recursos
Expressão e Educação Plástica e Matemática 14h00- 15h30	<p><b>Bloco 2 – Descoberta e organização progressiva de superfícies</b></p> <p><u>Desenho:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Explorar as possibilidades técnicas de: pincéis e tinta guache.</li> </ul> <p><b>Geometria e Medida (GM1)</b></p> <p><u>Figuras geométricas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Figuras planas: retângulo, quadrado, triângulo e círculo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reproduzir uma obra de Nadir Afonso utilizando a técnica de guache;</li> <li>- Identificar na obra as várias figuras geométricas e os seus nomes.</li> </ul>	<p>A aula inicia-se com a apresentação de uma obra de Nadir Afonso que tem por base figuras geométricas. Após uma visão da obra a professora estagiária solicita aos alunos uma interpretação pessoal da mesma. E de seguida, questiona os alunos sobre as figuras presentes no quadro “Que figuras geométricas estão presentes?”, “Quantos retângulos estão visíveis?”, “Quantos quadrados, círculos e triângulos estão representados?”, entre outras.</p> <p>Após a interpretação da obra, cada aluno terá uma folha de papel cavalinho, onde tentará reproduzir a mesma utilizando a técnica de guache.</p> <p>É de referir que esta atividade terá continuação na aula seguinte de Expressões.</p>	<p><b>Observação direta:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar se os alunos conseguem interpretar a obra de arte;</li> <li>- Observar se os alunos conseguem identificar as figuras geométricas;</li> <li>- Verificar se os alunos conseguem reproduzir a obra.</li> </ul> <p><b>Registo fotográfico.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador;</li> <li>- Quadro interativo;</li> <li>- Tinta guache;</li> <li>- Obra de Nair Afonso;</li> <li>- Papel cavalinho;</li> <li>- Pincéis.</li> </ul>

**Materiais para a Atividade:**

– Obra de Nair Afonso.



Sexta-feira, 12 de janeiro de 2018

Áreas / Tempo	Domínios / Subdomínios / Conteúdos	Objetivos	Atividades e Estratégias	Avaliação	Recursos
Expressão e Educação Plástica e Português 14h00- 15h30	<p><b>Bloco 2 – Descoberta e organização progressiva de superfícies</b></p> <p><u>Desenho:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Explorar as possibilidades técnicas de: pincéis e tinta guache.</li> </ul> <p><b>Oralidade (O1)</b></p> <p><u>Compreensão e expressão:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Expressão de ideias e sentimentos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reproduzir uma obra de Nadir Afonso utilizando a técnica de guache;</li> <li>- Produzir discurso com a finalidade de recriação de uma história, tendo em conta os elementos do quadro observado.</li> </ul>	<p>A aula inicia-se com o término da reprodução da obra de Nadir Afonso. No momento seguinte a professora estagiária solicita que os alunos, ao observarem a obra criem um título que considerem o mais adequado para a mesma. Este título da obra servirá como título do texto a ser desenvolvido seguidamente.</p> <p>De seguida, a professora pede aos alunos que, em grande grupo, criem uma história remetendo para o título escolhido e imagem da obra. Neste momento de diálogo e troca de ideias a professora será a mediadora e anotarà no quadro o desenrolar da história que depois será transcrita para uma cartolina, onde irá constar o título e a imagem da obra.</p>	<p><b>Observação direta:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar se os alunos conseguem reproduzir a obra.</li> <li>- Observar se os alunos se conseguem basear nos elementos do quadro para a elaboração da história;</li> </ul> <p><b>Registo fotográfico.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Obra de Nair Afonso;</li> <li>- Cartolina;</li> <li>- Ardósia;</li> <li>- Tinta guache;</li> <li>- Pincéis.</li> </ul>

**Materiais para a Atividade:**

- Cartolina da história.

*Título:*

*História...*



**Anexo XIV – Teia do Projeto “A Tecnologia na Educação”, implementado no 4ºano do 1ºCEB**

<p><b><u>O que os alunos podem aprender:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprender ativamente recorrendo às TIC como forma de pesquisa de informação, na qual os alunos procuram, selecionam e tratam a informação necessária;</li> <li>- Realizar jogos didáticos em diversas plataformas online;</li> <li>-Recorrer às TIC para apresentar trabalhos em formato digital, individual ou em grupo;</li> <li>- Adquirir noções básicas de robótica, com recurso a robots manipuláveis.</li> </ul>	<p><b><u>Estratégias a serem desenvolvidas:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalho individual, a pares e em grupos;</li> <li>- Realizar atividades tecnológicas em pequenos ou grande grupo;</li> <li>- Proporcionar o contacto com materiais tecnológicos;</li> <li>- Elaborar materiais didáticos que possibilitem a aquisição de conhecimento;</li> <li>- Criar interdisciplinaridade curricular.</li> </ul>	<p><b><u>Como iniciar:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Partir dos interesses e motivações dos alunos;</li> <li>- Dar início a atividades tendo por base as conceções prévias dos alunos;</li> <li>- Partir do meio próximo do aluno;</li> <li>- Realizar jogos como incentivo à aprendizagem.</li> </ul>	<p><b><u>Recursos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tablets;</li> <li>- Robots;</li> <li>- Computadores;</li> <li>- Jogos em plataformas online (Kahoot; Padlet);</li> <li>- Telemóveis.</li> </ul>
<p><b><u>Conexões com outras matérias e saberes:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Programa e metas curriculares de Português;</li> <li>- Programa e metas curriculares de Matemática;</li> <li>- Programa de Estudo do Meio;</li> <li>- Programa de Expressões Artísticas e Físico-Motoras;</li> <li>- Cidadania e Desenvolvimento.</li> </ul>	<p><b><u>Tema: “A Tecnologia na Educação”</u></b></p>		<p><b><u>Apresentação final:</u></b></p> <p>- Jornal da turma, impresso e digital, no qual são apresentadas as aprendizagens dos alunos nas diversas áreas de conteúdos. O jornal impresso foi partilhado com a comunidade educativa, presente no contexto escolar e o jornal digital foi partilhado com os encarregados de educação na aplicação ClassDojo. Nestes jornais, para além das aprendizagens divulgadas pelos alunos estava incluída também uma breve descrição do nosso projeto.</p>
<p><b><u>Atividades em grupo:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogos em plataformas online (Kahoot);</li> <li>- Jogos recorrendo a tablets;</li> <li>- Trabalhos de pesquisa na internet, recorrendo a tablets;</li> <li>- Programação de robots.</li> </ul>	<p><b><u>Atividades individuais:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalho de pesquisa com apresentação em formato digital;</li> <li>- Utilização de computadores para pesquisa;</li> <li>- Recurso a telemóveis como forma de registo e partilha de atividades.</li> </ul>	<p><b><u>Avaliação:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Registos de observação;</li> <li>- Trabalhos realizados individualmente ou em grupo (processos/produtos);</li> <li>- Grelhas de avaliação;</li> <li>- Recolha de elementos audiovisuais;</li> <li>- Avaliações Semanais;</li> <li>- Portefólio de Aprendizagens.</li> </ul>	

**Anexo XV – Planificação da Atividade “Promoção de boas práticas ambientais e o estudo da política dos 5 R’s”**

Quinta-feira, 3 de maio de 2018						
Áreas / Tempo	Domínios / Subdomínios / Conteúdos	Objetivos	Duração (minutos)	Atividades e Estratégias	Recursos Materiais	Avaliação
Oferta Complementar 11h15 – 12h15	<p><b>Bloco 6 – A descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade</b></p> <p>A qualidade do ambiente.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar e observar alguns fatores que contribuem para a degradação do meio próximo;</li> <li>- Enumerar possíveis soluções;</li> <li>- Identificar e participar em formas de promoção do ambiente;</li> <li>- Reconhecer a importância da redução e reaproveitamento dos materiais em relação à sua própria reciclagem.</li> </ul>	10 (leitura)	<p>Entrada na sala.</p> <p>A aula inicia-se com a leitura, por parte dos alunos, de dois textos referentes à qualidade do ambiente e à preservação do mesmo, presentes no manual (pág. 160 e 161).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manual de Estudo do Meio;</li> <li>- Tablets;</li> <li>- Jogo Kahoot.</li> </ul>	<p><b>Observação direta:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar se os alunos respondem corretamente às questões do manual;</li> <li>- Verificar se os alunos executam uma participação ativa nos debates e discussões;</li> <li>- Analisar se os alunos respondem corretamente às questões do Kahoot;</li> <li>- Averiguar se os alunos cooperam em questão de trabalho em grupo.</li> </ul> <p><b>Produto Final – Ranking e Debate sobre o jogo.</b></p>
			10 (discussão e resposta às questões)	<p>Após a leitura e discussão sobre os textos, os alunos respondem às questões presentes no final da pág.161. De seguida procede-se à correção das questões.</p>		
			10 (debate)	<p>Com esta iniciação à temática, a professora questiona os alunos sobre o seu conhecimento relativo à contribuição de cada um para a proteção da Terra, executando assim um debate de ideias entre os colegas.</p>		
			10 (distribuição dos tablets e explicação do jogo)	<p>Após este momento inicial e os alunos estarem reunidos em grupos a professora distribui um tablet a cada um para a execução de um jogo sobre a qualidade do ambiente. Este jogo é realizado online no site Kahoot e foi elaborado pelas professoras com o intuito de ensinar de uma forma mais dinâmica e estimulante as temáticas abordadas na Oferta Complementar.</p>		
			15 (jogo)			

			<p>Antes de iniciar o jogo a professora realiza uma contextualização do mesmo e explica como este se executa.</p> <p>Neste jogo pretende-se que cada grupo responda em cooperação às questões apresentadas para que no final seja lançado um gráfico de ranking do jogo.</p> <p>Caso haja tempo, os alunos realizam os exercícios presentes no manual (pág.162) como forma de resumo à temática abordada.</p>		
--	--	--	---	--	--

**Alunos com Necessidades Educativas Especiais:**

Aluno 1 (14h30-15h15): O aluno encontra-se na sala a realizar atividades com materiais manipuláveis (jogos, puzzles, etc.) trazidos da unidade de ensino estruturado. Este aluno acompanha a turma somente em alguns períodos para socializar e não perder o vínculo afetivo com a mesma.

Aluno 2 (11h15-12h15): O aluno encontra-se na sala a realizar conjuntamente com a turma o jogo no Kahoot relativo à qualidade do ambiente. Sendo esta uma atividade mais prática o aluno consegue integrar-se na abordagem da mesma.

Aluno 3 (13h45-14h30): O aluno, no momento da concretização da prenda do Dia da Mãe encontra-se em conjunto com a turma no processo de coloração e dobragem. Sendo que no momento seguinte acompanha também a leitura da história e comunica com a turma partilhando a profissão que a sua mãe exerce e os momentos que partilha com esta.

**Observações:**

A pontuação realizada no jogo do Kahoot na aula de Oferta Complementar servirá para classificação na App ClassDojo.

## Materiais para a Atividade:

– Páginas do Manual de Estudo do Meio a serem trabalhadas;

160

**Já sei...**

- Já pensaste como podes contribuir para proteger a Terra?
- Discute com os teus colegas modos de o fazerem.

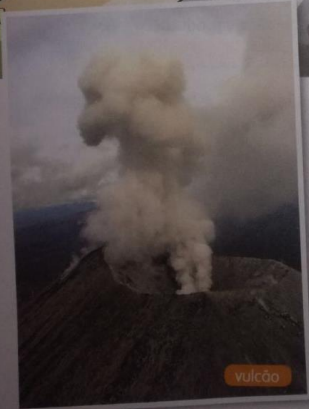

### A qualidade do ambiente

As atividades do Homem ameaçam muitas vezes o ambiente. Essa ameaça poderá afetar a qualidade de vida das pessoas e, sobretudo, a sua saúde.

A **poluição** é a libertação de substâncias nocivas no meio ambiente que, a partir de certos níveis, prejudicam os seres vivos e o meio.

É importante cuidar também do nosso património histórico evitando a sua degradação.

Para conservar o ambiente há regras que todos têm que seguir e respeitar. Procura identificar os fatores negativos nesta imagem.



**Saber mais...**

- A poluição também pode ter origem natural – **poluição natural**. Pode ser provocada pela erupção de vulcões, por exemplo.

**No teu caderno...**

Pesquisa sobre os principais fatores de poluição do ambiente na tua região.

161

### O nosso papel na preservação do ambiente

Em nossas casas devemos separar os **resíduos** domésticos (lixos) que vão para os ecopontos.

Alguns resíduos são transportados em camiões especiais para **aterros sanitários** onde serão recobertos com solo. Outros, por compostagem, são transformados em húmus – solo muito rico para a agricultura.


Aqueles que separamos e colocamos no **ecoponto** são levados para os **ecocentros** onde são tratados antes de seguirem para as indústrias de **reciclagem**.

Por exemplo: o cartão, os jornais e o papel são novamente utilizados na indústria do papel. Os plásticos e as latas são reciclados para variadas indústrias. O vidro é fundido e servirá novamente para a indústria do vidro.

### Esta é a política dos...

**5 R's**

- Reduzir**
- Recuperar**
- Reutilizar**
- Renovar**
- Reciclar**



Os resíduos líquidos das nossas casas e das fábricas são conduzidos para uma **ETAR – Estação de Tratamento de Águas Residuais**. Aí as lamas são separadas e as águas assim despoluídas seguem por condutas até ao alto-mar ou aos rios.


**No teu caderno...**


1. O que se deve fazer aos resíduos em nossa casa?
2. Sabes para onde o serviço de recolha de lixo os transporta? Pesquisa.


- Jogo do Kahoot relativo à qualidade do ambiente.


**Kahoot!** Find Kahoots My Kahoots My results FAQs Support New K! JoanaCCampos

**Questions (11)** [Show answers](#)

Q1: O que entendes por poluição?  30 sec

Q2: Como preservas o meio ambiente?  30 sec

Q3: O que é a reciclagem?  30 sec

Q4: O cartão, os jornais e os papéis depositam-se...  30 sec

**A qualidade do meio ambiente**  
A private quiz for schools

Play Challenge ☆ ⋮

Este jogo consiste numa abordagem didática à poluição e ao nosso papel na prevenção do meio ambiente.


0 favorites 2 plays 2 players

JoanaCCampos  
Created 2 days ago


Q10: A política dos 5 R's consiste em...  30 sec

- ▲ Resíduos, Reutilizar, Recuperar. ❌
- ◆ Reinventar, Restos, Reciclar, Renovar e Recuperar. ❌
- Reduzir, Reutilizar, Reciclar, Recuperar e Renovar. ✔️
- Reutilizar, Radioativos, Resíduos, Renovar e Reparar. ❌

**Questions (11)** [Show answers](#)

Q1: O que entendes por poluição?  30 sec

- ▲ Ambiente limpo e saudável. ❌
- ◆ Libertação de substâncias boas para o planeta. ❌
- Excesso de substâncias boas para o ser humano. ❌
- Libertação de substâncias nocivas para o meio ambiente. ✔️

Q8: No Eco ponto presente na imagem deposita-se...  30 sec

- ▲ Garrafas de vidro, frascos e boides. ✔️
- ◆ Roupas Velhas. ❌
- Latas de refrigerante. ❌
- Lâmpadas usadas. ❌

## Anexo XVI – Ranking de Avaliação da Atividade “Promoção de boas práticas ambientais e o estudo da política dos 5 R’s”

1	<b>A qualidade do meio ambiente</b>	
2	Played on	3 May 2018
3	Hosted by	JoanaCCampos
4	Played with	5 players
5	Played	11 of 11 questions
6		
7	<b>Overall Performance</b>	
8	Total correct answers (%)	94,44%
9	Total incorrect answers (%)	5,56%
10	Average score (points)	12317,20 points
11		

1	<b>A qualidade do meio ambiente</b>				
2	<b>Final Scores</b>				
3	Rank	Players	Total Score (points)	Correct Answers	Incorrect Answers
4	1	4	14085	11	0
5	2	3	13784	11	0
6	3	2	12796	10	1
7	4	5	12164	10	0
8	5	1	8757	9	2
9					
10	<b>Switch tabs/pages to view other result breakdown</b>				

## Anexo XVII – Planificação da Atividade “A carta”

Quarta-feira, 16 de maio de 2018						
Áreas / Tempo	Domínios / Subdomínios / Conteúdos	Objetivos	Duração (minutos)	Atividades e Estratégias	Recursos Materiais	Avaliação
Português 13h45 - 15h15	<b>Leitura e Escrita (LE4)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escrever uma carta, de acordo com as normas anteriormente apresentadas;</li> <li>- Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância.</li> </ul>	<b>15</b> (apresentação powerpoint)	<p>Entrada na sala.</p> <p>A aula inicia-se com a apresentação, por parte da professora, de um Powerpoint relacionado com a elaboração de uma carta. Ao longo da mesma surgem questões de exploração do tipo de texto, partindo sempre do conhecimento que os alunos já têm sobre a temática.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Powerpoint – carta;</li> <li>- Livro “O Gigante Egoísta”.</li> </ul>	<p><b>Observação direta:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar se os alunos conseguem escrever corretamente uma carta;</li> <li>- Observar a capacidade dos alunos de ler em voz alta as suas produções.</li> </ul> <p><b>Produto Final – Carta escrita ao Gigante Egoísta.</b></p>
	<u>Produção de texto:</u>		<b>30</b> (produção da carta)	<p>No final da apresentação surge um desafio para os alunos, estes terão de escrever uma carta ao Gigante Egoísta, personagem principal da história lida no dia anterior. Esta carta consiste num pedido ao Gigante para deixar de ser egoísta e permitir a entrada de outras pessoas no seu jardim. Este pedido terá como ponto de partida a seguinte frase “Sr. Gigante...Venho por este meio pedir-lhe para deixar de ser egoísta porque...”.</p>		
	<u>Leitura e audição:</u>		<b>25</b> (leitura das cartas)	<p>Após a produção das cartas, os alunos irão apresentá-las à restante turma e a professora verifica se os alunos cumpriram os requisitos necessários à elaboração de uma carta.</p>		
	- Escrever textos diversos – carta.		<b>15</b> (término da história)	<p>Com a partilha dos pedidos elaborados pelos alunos, a professora lê a continuação da história, presente no livro,</p>		

			<p>que acaba por terminar com um final inesperado. No entanto, as cartas escritas pelos alunos acabam por surtir efeito no combate ao egoísmo do gigante.</p> <p>No final da aula a professora recolhe as produções das cartas como forma de avaliar a textualização, bem como os requisitos necessários à elaboração de uma carta.</p>		
--	--	--	---	--	--

**Alunos com Necessidades Educativas Especiais:**

Aluno 1 (14h30-15h15): O aluno encontra-se na sala a realizar atividades com materiais manipuláveis (jogos, puzzles, etc.) trazidos da unidade de ensino estruturado. Este aluno acompanha a turma somente em alguns períodos para socializar e não perder o vínculo afetivo com a mesma.


Aluno 2 (11h15-12h15): O aluno encontra-se na sala a realizar conjuntamente com a turma a experiência relacionada com eletricidade por fricção. Sendo esta uma atividade mais prática o aluno consegue integrar-se na abordagem da mesma.

Aluno 3 (13h45-14h30): O aluno encontra-se na sala a realizar fichas estruturadas com conteúdos específicos adaptados ao seu défice cognitivo trazidas da unidade de ensino estruturado. Este aluno acompanha a turma somente em alguns períodos para socializar e não perder o vínculo afetivo com a mesma.

## Materiais para a Atividade:

– PowerPoint sobre a Carta.

**A Carta**



A carta é um tipo de texto escrito que se utiliza para se comunicar com alguém. A pessoa que escreve a carta corresponde ao remetente e a pessoa a quem se dirige a carta corresponde ao destinatário.

Santarém, 16 de maio de 2018

**Saudação** Exmos. Encarregados de Educação

**Introdução** Vimos por este meio pedir-lhes autorização para podermos ir ao Complexo Aquático no dia da criança.

Somos alunos da turma do 4ªA e gostávamos de festejar o dia da criança no Complexo Aquático de Santarém com tantas outras crianças.

Como nos empenhamos muito na escola e temos um bom comportamento achamos que merecemos esse prémio no nosso dia. As atividades são propostas pela Câmara Municipal, que nos fornece braçadeiras e protetor solar para estarmos sempre protegidos.

Para que tudo isto seja possível, pedimos desde já a vossa autorização para podermos festejar o nosso dia num local diferente.

**Despedida** Gratos pela compreensão ficamos a aguardar a vossa resposta.

Com os melhores cumprimentos,

A turma do 4ªA

Local e data

Desenvolvimento (corpo da carta)

Assinatura

**Envelope**

**Remetente: (Quem escreve e manda a carta)**  
Nome  
Morada

Selo

**Destinatário: (Quem recebe ou para quem vai a carta)**  
Nome  
Data

**A Carta**

### Para que serve uma carta?

Expressar sentimentos, emoções, pontos de vista ou ideias sobre um determinado assunto.

Agora vamos escrever uma carta ao...

Gigante Egoísta!

**Anexo XVIII – Grelha de Avaliação da Atividade “A Carta”**

Grelha de Avaliação Português – Produção Escrita (Carta)										1ºCiclo do Ensino Básico										4º ano					
Critérios		Alunos																							
		1	2	3	5	6	7	8	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24		
Obedeceu ao tema proposto?	Sim	X	X	--	X	--	X	--	X	X	X	--	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
	Não			--		--		--				--													
Baseou-se no esquema previamente traçado?	Sim	X	X	--	X	--	X	--	X	X	X	--	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
	Não			--		--		--				--													
Respeitou as características da carta?	Sim	X	X	--	X	--	X	--	X	X	X	--	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
	Não			--		--		--				--													
Estrutura (A carta tem...)	Cabeçalho – local e data, alinhados à direita?	Sim	X	X	--	X	--	X	--	X	X	X	--	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
		Não			--		--		--				--												
	Saudação inicial?	Sim	X	X	--	X	--	X	--	X	X	X	--	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
		Não			--		--		--				--												
	Corpo da carta – desenvolvimento dos assuntos?	Sim	X	X	--	X	--	X	--	X	X	X	--	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
		Não			--		--		--				--												
	Despedida?	Sim	X	X	--	X	--	X	--	X	X	X	--	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
		Não			--		--		--				--												

	Assinatura?	Sim	X	X	--	X	--	X	--	X	X	X	--	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Não			--		--		--					--											
Colocou corretamente os sinais de pontuação?	Sim	X	X	--	X	--	X	--	X	X	X	--	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Não			--		--		--				--												
Escreveu sem erros ortográficos?	Sim	X		--		--	X	--			X	--		X	X	X	X	X	X	X	X	X		X
	Não		X	--	X	--		--	X	X		--	X										X	
Teve cuidado com a caligrafia?	Sim	X	X	--	X	--	X	--	X	X	X	--		X	X	X	X	X	X	X	X	X		X
	Não			--		--		--				--	X										X	
Separou os assuntos por parágrafos, respeitando a estrutura do texto?	Sim	X	X	--	X	--	X	--	X	X	X	--	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Não			--		--		--				--												

**Observações:** Todos os alunos cumpriram os requisitos obrigatórios na constituição de uma carta. No entanto houve uma maior oscilação na turma no que concerne à textualização, surgindo alguns erros ou uma caligrafia mais descuidada.

**Anexo XIX – Tabela de identificação dos sujeitos docentes**

<b>Tabela de Identificação dos Sujeitos Docentes</b>						
<b>Código de Identificação dos Sujeitos</b>	<b>Género dos Sujeitos</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de Serviço</b>	<b>Lecionou sempre no mesmo estabelecimento</b>	<b>Tipo de Estabelecimento</b>	<b>Anos de Serviço no Estabelecimento</b>
E1	F	52 anos	22 anos	Sim	Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS)	30 anos
E2	F	52 anos	28 anos	Não	Público	2 anos
P1	F	54 anos	27 anos	Não	Público	3 anos
P2	F	43 anos	20 anos	Não	Público	5 anos
P3	F	48 anos	25 anos	Não	Público	9 anos
P4	M	42 anos	21 anos	Não	Público	1 ano

**Nota: No código de identificação dos sujeitos, a letra “E” significa Educador de Infância e a letra “P” significa Professor, estando de seguida um cardinal como forma de distinção.**

**Anexo XX – Tabela de identificação dos sujeitos discentes**

<b>Tabela de Identificação dos Sujeitos Discentes</b>			
<b>Código de Identificação dos Sujeitos</b>	<b>Género dos Sujeitos</b>	<b>Idade</b>	<b>Ano de Escolaridade</b>
A1	F	6	1ºano
A2	M	6	1ºano
A3	F	7	2ºano
A4	M	8	2ºano
A5	F	9	3ºano
A6	M	8	3ºano
A7	F	10	4ºano
A8	M	9	4ºano

**Nota: No código de identificação dos sujeitos, a letra “A” significa Alunos.**

## Anexo XXI – Guião das entrevistas realizadas às Educadoras

Bloco Temático	Objetivos	Formulário de Questões	Observações
<p><b>Identificação</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os sujeitos da amostra em estudo;</li> <li>• Caracterizar o percurso profissional dos sujeitos da amostra em estudo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual a sua idade?</li> <li>- Quanto tempo tem de serviço?</li> <li>- Sempre lecionou neste estabelecimento?</li> <li>- Se não, em que ensino lecionou, público ou privado?</li> <li>- Há quanto tempo se encontra neste estabelecimento?</li> </ul>	<p><u>Início da entrevista:</u> Muito boa tarde, a entrevista que lhe irei fazer servirá para um estudo para o meu relatório final de estágio. É de referir que no decorrer da mesma será sempre mantido o anonimato.</p> <p>Vamos então dar início à entrevista propriamente dita.</p>
<p><b>Definição de (in)disciplina</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definir o que se entende por disciplina;</li> <li>• Definir o que entende por indisciplina;</li> <li>• Identificar variáveis que interferem nos comportamentos das crianças a nível da disciplina e indisciplina.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Concorda com a utilização do termo “indisciplina” em contexto pré-escolar?</li> <li>- Se não, que terminologia considera ser uma substituição mais adequada?</li> <li>- Em contexto de sala como define uma criança disciplinada? E um grupo disciplinado?</li> <li>- A nível de sala, como define uma criança indisciplinada? E um grupo indisciplinado?</li> </ul>	<p>Em contexto de pré-escolar não se deve utilizar o termo indisciplina.</p> <p>Deste modo o questionamento às educadoras será feito tendo isso em conta e averiguando qual a expressão que usam relativamente à (in)disciplina.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- De um modo geral o que entende por indisciplina? E por disciplina?</li> <li>- Considera que existem fatores que condicionam a manifestação dos comportamentos das crianças a nível da disciplina/indisciplina?</li> </ul>	
<p style="text-align: center;"><b>Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar estratégias para gerir comportamentos de indisciplina;</li> <li>• Identificar estratégias para prevenir comportamentos de indisciplina;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como promove a disciplina na sua sala?</li> <li>- Como costuma intervir em casos de crianças /grupos indisciplinados?</li> <li>- Tem estratégias que utilize para gerir o grupo de forma a prevenir comportamentos de indisciplina?</li> <li>- Utiliza algumas formas de promoção da autorregulação das crianças para prevenir esses comportamentos?</li> </ul>	
<p style="text-align: center;"><b>Diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Verificar se existem diferenças entre rapazes e raparigas na manifestação de comportamentos de indisciplina;</li> <li>• Verificar se existem distinções na atuação do educador consoante o sexo das crianças.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pensa existirem diferenças relativamente aos comportamentos de indisciplina manifestados, entre rapazes e raparigas? Caso reposta afirmativamente, exemplifique.</li> <li>- Quando há comportamentos de indisciplina no grupo, a sua forma de</li> </ul>	

		atuar difere consoante o sexo da criança?	
<b>Indisciplina e Aprendizagens</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar o modo como a indisciplina interfere na aprendizagem.</li> </ul>	<p>- Na sua opinião a indisciplina interfere no processo de aprendizagem das crianças indisciplinadas? Se sim, porquê?</p> <p>- E no restante grupo da sala?</p> <p>- Quer acrescentar mais alguma coisa sobre este tema, que porventura não tenha sido abordado?</p>	

## Anexo XXII – Guião das entrevistas realizadas aos Professores

Bloco Temático	Objetivos	Formulário de Questões	Observações
<p><b>Identificação</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os sujeitos da amostra em estudo;</li> <li>• Caracterizar o percurso profissional dos sujeitos da amostra em estudo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual a sua idade?</li> <li>- Quanto tempo tem de serviço?</li> <li>- Sempre lecionou neste estabelecimento?</li> <li>- Se não, em que ensino lecionou, público ou privado?</li> <li>- Há quanto tempo se encontra neste estabelecimento?</li> </ul>	<p><u>Início da entrevista:</u> Muito boa tarde, a entrevista que lhe irei fazer servirá para um estudo para o meu relatório final de estágio. É de referir que no decorrer da mesma será sempre mantido o anonimato.</p> <p>Vamos então dar início à entrevista propriamente dita.</p>
<p><b>Definição de (in)disciplina</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definir o que se entende por disciplina;</li> <li>• Definir o que entende por indisciplina;</li> <li>• Identificar variáveis que influenciam o comportamento das crianças ao nível da disciplina e da indisciplina.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que entende por disciplina?</li> <li>- Em contexto de sala como define uma criança disciplinada? E um grupo disciplinado?</li> <li>- De que modo a disciplina é parte integrante da sua prática?</li> <li>- O que entende por indisciplina?</li> <li>- A nível de sala, como define uma criança indisciplinada? E um grupo indisciplinado?</li> <li>- Considera que existem fatores que</li> </ul>	

		condicionam a manifestação dos comportamentos das crianças a nível da disciplina?	
<b>Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar estratégias para gerir comportamentos de indisciplina;</li> <li>• Identificar estratégias para prevenir comportamentos de indisciplina;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Como promove a disciplina na sua sala?</li> <li>- Como costuma intervir em casos de crianças /grupos indisciplinados?</li> <li>- Tem estratégias que utilize para gerir a turma de forma a prevenir comportamentos de indisciplina?</li> <li>- Utiliza algumas formas de promoção da autorregulação das crianças para prevenir esses comportamentos?</li> </ul>	
<b>Dificuldades sentidas na gestão de comportamentos de indisciplina</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar as dificuldades na gestão do comportamento de alunos indisciplinados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Considera existir dificuldades relativamente à gestão dos comportamentos de indisciplina na sua sala? Caso responda afirmativamente, enumere quais.</li> <li>- Quando confrontado com essas dificuldades adequa a sua prática para que as mesmas, futuramente, não se venham a repetir?</li> </ul>	A segunda pergunta só é questionada caso a resposta anterior tenha sido afirmativa.

<p><b>Diferenças entre os sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Verificar se existem diferenças entre rapazes e raparigas na manifestação de comportamentos de indisciplina;</li> <li>• Verificar se existem distinções na atuação do professor consoante o sexo das crianças.</li> </ul>	<p>- Pensa existirem diferenças relativamente aos comportamentos de indisciplina manifestados, entre rapazes e raparigas? Caso reposta afirmativamente, exemplifique.</p> <p>- Quando há comportamentos de indisciplina no grupo, a sua forma de atuar difere consoante o sexo da criança?</p>	
<p><b>Indisciplina e Aprendizagens</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar o modo como a indisciplina interfere na aprendizagem.</li> </ul>	<p>- Na sua opinião a indisciplina interfere no processo de aprendizagem das crianças indisciplinadas? Se sim, porquê?</p> <p>- E no restante grupo da sala?</p> <p>- Quer acrescentar mais alguma coisa sobre este tema, que porventura não tenha sido abordado?</p>	

## Anexo XXIII – Guião das entrevistas realizadas aos Alunos

Bloco Temático	Objetivos	Formulário de Questões	Observações
<b>Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Legitimar a entrevista;</li> <li>• Criar um clima de empatia e motivação com o entrevistado.</li> </ul>	<p>- Gostava de saber como é que os alunos se comportam na escola. Será que me podes ajudar?</p> <p>- Posso gravar a entrevista? Só eu é que vou ouvir e o que me disseres será para me ajudares na minha escola.</p>	Criar uma relação de confiança com o entrevistado e informá-lo sobre o tema e o intuito da entrevista.
<b>Definição de (in)disciplina</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber se os alunos conhecem o termo indisciplina;</li> <li>• Compreender se os alunos sabem o significado de indisciplina.</li> </ul>	<p>- Já ouviste falar em indisciplina?</p> <p>- Se sim, o que achas que significa?</p>	<b>Definição de Indisciplina:</b> A indisciplina surge como uma desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo/a professor/a.
<b>Mau comportamento (associado à Indisciplina)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Verificar se os alunos têm consciência do mau comportamento da turma, associado à indisciplina;</li> <li>• Compreender se os alunos identificam algum tipo de atuação por parte do/a professor/a perante um mau</li> </ul>	<p>- A tua turma comporta-se mal?</p> <p>- Se sim, o/a professor/a faz alguma coisa quando se comportam mal? O quê?</p>	

	comportamento da turma.		
<b>Incumprimento de regras (associado à Indisciplina)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avalia o conhecimento que os alunos têm sobre as regras da sua sala de aula.</li> <li>• Compreender se existe algum tipo de atuação por parte do/a professor/a relativamente ao não cumprimento das regras pela turma.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Na tua sala há regras que todos devem cumprir?</li> <li>- Quais são elas?</li> <li>- É costume a tua turma cumprir essas regras?</li> <li>- O que é que o/a professor/a faz quando não cumprem as regras?</li> </ul>	

**Anexo XXIV – Guião das Notas de Campo**

<b>Dia -</b>	<b>Local -</b>
<b>Participantes -</b>	<b>Contexto/Situação -</b>
<b>O que vi/ouvi</b>  (descrição do observado...)	<b>O que refleti</b>  (reflexão do observado...)

## **Anexo XXV – Transcrição das entrevistas das Educadoras**

### **Educadora 1 - (E1)**

#### **Identificação:**

I. Qual a sua idade?

R: 52 anos.

II. Quanto tempo tem de serviço?

R: 22 anos.

III. Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Sim.

IV. Há quanto tempo se encontra neste estabelecimento?

R: Trinta anos.

#### **Definição de (in)disciplina:**

I. Concorde com a utilização do termo “indisciplina” em contexto pré-escolar?

R: Sim, sim concordo, acho que às vezes há indisciplina.

II. Em contexto de sala como define uma criança disciplinada? E um grupo disciplinado?

R: Um grupo disciplinado à partida é um grupo que cumpre as regras da sala, que obedece e que presta atenção àquilo que se lhe diz. Pronto respeitando por vezes certos comportamentos que eles tenham não tão... estamos a falar de crianças pequenas e, portanto, há indisciplina e indisciplina, há o estar irrequieto, há o ser irrequieto e há a criança indisciplinada. Quando a criança, na minha maneira de ver disciplinada é uma criança que cumpre as regras, que está bem, que presta atenção àquilo que se lhe diz.

III. A nível de sala, como define uma criança indisciplinada? E um grupo indisciplinado?

R: Um grupo mais indisciplinado terá a ver também com, depende das situações, há crianças indisciplinadas por situações que tenham na sua vida e pronto às vezes também vão

atrás uns dos outros. Também tem de existir na sala um ambiente de regras, essas regras devem ser debatidas com as crianças para que elas entendam aquilo que podem fazer o que não podem fazer. Às vezes há crianças que nunca conseguem chegar lá porque se calhar têm outros fatores extra, pronto e essas crianças terão que ser um bocadinho mais ajudadas, ter mais um bocadinho de apoio e se calhar temos de ser nós às vezes mais tolerantes.

IV. De um modo geral o que entende por indisciplina? E por disciplina?

R: É não cumprir as regras, é ser desobediente, é ser muito falador, mas falador quando é oportuno, quando não é oportuno acaba por se tornar indisciplinado.

E por disciplina será o oposto, será uma criança com regras que cumpre as normas. Mesmo não cumprindo todas, já se sabe não podemos exigir o máximo deles, eles também não são capazes de nos dar isso não é... Mas sendo debatido com eles as regras é diferente, depois também tem a ver com o ambiente de casa. É importante também saber os antecedentes da criança porque às vezes eles não são indisciplinados porque não são capazes de cumprir regras, é porque às vezes há outros fatores externos que os influenciam a ser indisciplinados.

V. Considera que existem fatores que condicionam a manifestação dos comportamentos das crianças a nível da disciplina/indisciplina?

R: Acaba por ser muito o fator externo que condiciona o comportamento das crianças.

### **Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina:**

I. Como promove a disciplina na sua sala?

R: É construindo as regras com eles, é explicando o que podem e não podem fazer. Pronto ajudando a criança a perceber as coisas, porque nesta idade eles são pequeninhos, temos de ser nós que vamos explicando “olha não podes fazer isto aos amigos porque eles ficam tristes, porque choram e tu não gostas de ver os teus amigos a chorar” quando eles se desentendem uns com os outros, “olha o teu amigo está a chorar, já viste ficou triste, não gostas que eles façam mal, pois não?” às vezes temos de polos um bocadinho no papel do outro, quando se desentendem uns com os outros. E às vezes quando é em relação ao adulto, porque eles às vezes também são indisciplinados, temos de ponderar também um bocadinho a nossa maneira de agir com eles, porque nem sempre é fácil, é ser um

bocadinho mais tolerante e tentar ajudar mais qualquer coisa, olha vamos lá ver como é que vamos atuar agora perante esta situação.

II. Como costuma intervir em casos de crianças/grupos indisciplinados?

R: Nunca tive nenhum grupo assim que fosse preciso uma intervenção fora da sala, ajuda. Mas pronto tento sempre falar com as crianças, falar com os pais, saber o que é que se está a passar e depois só em caso de realmente haver alguma coisa que justifique um pedido externo de ajuda, mas sempre com a família é que nós atuamos, de outra forma nós conseguimos gerir isso na sala, uns dias melhor outros dias pior, mas tentamos fazer ver à crianças que esse não é o comportamento mais correto.

III. Tem estratégias que utilize para gerir o grupo de forma a prevenir comportamentos de indisciplina?

R: Para a criança...também depende das situações não é, deixa lá ver, não me estou a lembrar agora de nenhuma em especial... Por exemplo, há uma coisa que eles gostam muito de fazer é ajudar-nos a nós, dizer assim “olha tu, vem cá aqui ao pé de mim e vem ajudar-me a fazer...” porque assim eles sentem-se valorizados e estão ocupados. Normalmente eu utilizo muito isso.

IV. Utiliza algumas formas de promoção da autorregulação das crianças para prevenir esses comportamentos?

R: É assim, a prática pedagógica também tem muita influência, se fizer uma aula de expressão físico-motora, uma aula de relaxe com eles ou expressão musical não é, se calhar também ajuda a criança a relaxar mais. Claro que é sempre composta por uma parte mais dinâmica, onde a criança possa exteriorizar e libertar as energias e depois por uma parte mais calma onde ela possa relaxar, mas depois também depende das situações.

#### **Diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina:**

I. Pensa existir diferenças relativamente aos comportamentos de indisciplina entre rapaz e rapariga? Caso reposta afirmativamente, exemplifique.

R: Não, eu acho que não. Eu acho que não há diferença, pelo menos nas situações que eu tive, também não forma situações muito problemáticas, mas há sempre crianças mais indisciplinadas. Mas nunca tive nada a ver com o sexo.

- II. Quando há comportamentos de indisciplina no grupo, a sua forma de atuar difere consoante o sexo da criança?

R: Não, isso é idêntico. Difere consoante a atitude que a criança está a ter na altura, uma estratégia para uma criança pode resultar, mas para outra pode não resultar. Mas agora a ver com o sexo acho que não tem a ver, tem a ver é com a criança em si.

### **Indisciplina e Aprendizagens:**

- I. Na sua opinião a indisciplina interfere no processo de aprendizagem das crianças indisciplinadas? Se sim, porquê? E no restante grupo?

R: Sim, sim, sim. Eu acho que sim, porque a nível de atenção da criança em si e também do grupo, porque acaba por influenciar o grupo porque destabiliza não é...

- II. Quer acrescentar mais alguma coisa sobre este tema, que porventura não tenha sido abordado?

R: Eu acho que, a indisciplina, quer dizer temos de ver porque é que ela acontece. Na sala se tem a ver com a organização do ambiente educativo, se a criança está bem integrada na sala ou não está, se tem a ver com a nossa postura como educadoras, porque nós é que nos temos de adaptar a eles, não são eles a nós... E, portanto, temos de arranjar estratégias de forma a conseguir resolver essa situação, mas claro que às vezes não conseguimos resolver tudo, às vezes é preciso uma ajuda externa. E devemos conversar com os pais sempre, saber a situação exterior e depois tentar adaptar as experiências às crianças e o que resulta para uma pode não resultar para outra, temos de fazer ali um estudo sobre a criança “vamos lá ver porque é que estás assim indisciplinado” e depois tentar negociar com ela e conversar com ela sobre as coisas.

## Educadora 2 – (E2)

### **Identificação:**

I. Qual a sua idade?

R: Vou fazer 52 anos.

II. Quanto tempo tem de serviço?

R: 28 anos.

III. Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Não, é o segundo ano.

IV. Se não, em que ensino lecionou, público ou privado?

R: Lecionei sempre no público.

V. Há quanto tempo se encontra neste estabelecimento?

R: Segundo ano.

### **Definição de (in)disciplina:**

I. Concorda com a utilização do termo “indisciplina” em contexto pré-escolar?

R: Sim eu concordo porque de facto há miúdos que não têm uma base de boa educação que não trazem de casa portanto eu penso que a boa educação não é a escola que a tem de dar portanto é uma coisa que é de família e de facto cada vez mais no pré-escolar se nota que os miúdos são um pouco indisciplinados, às vezes desobedientes. Mas isso também tem um pouco a ver com o dia a dia deles, penso que são crianças ainda muito pequenas penso que deviam estar mais em casa, descansar mais, dormir mais e passam muito tempo na escola, chegam muito cedo vão muito tarde e depois ainda há alguns que têm atividades depois de saírem daqui e penso que para esta idade os miúdos deviam estar menos tempo, deviam ter atividade mais calmas também. Pede-se muita concentração,

pede-se muito aos miúdos e eu penso que eles deviam passar menos tempo na escola. Penso que a base devia passar por aí, por isso é que as vezes eles andam muito stressados andam mais agitados, depois claro as educadoras querem desenvolver determinados trabalhos que com essa agitação às vezes também não conseguem e depois isto é uma bola de neve. Mas penso que a base era estar mais tempo em casa, descansar mais.

II. Em contexto de sala como define uma criança disciplinada? E um grupo disciplinado?

R: Eu acho que uma criança disciplinada é uma criança que brinca, mas sabe brincar, tenta não magoar o amigo, tenta partilhar o que tem com o amigo, no fundo tenta respeitar os que estão á sua volta. Isso será, portanto, uma criança que à partida não é considerada indisciplinada.

III. A nível de sala, como define uma criança indisciplinada? E um grupo indisciplinado?

R: Às vezes as crianças indisciplinas, quer dizer mais agitadas não são propriamente maus miúdos porque nós depois conhecemos e temos uma atitude de afeto para com eles e eles também se tornam miúdos afetuosos. Portanto são miúdos que às vezes em casa tem essa tal agitação toda de horários ou não têm também atenção dos pais porque passam pouco tempo com eles, ou por outras razões que nós às vezes nem sabemos e tornam-se realmente muito agitados e depois em sala de aula querem sempre ser os primeiros, querem sempre passar à frente do amigo, tentam sempre dar nas vistas, normalmente passa por aí, é a chamada de atenção permanente. E, portanto, nós temos alguns casos de miúdos que se nota que têm uma necessidade permanentemente de chamar a atenção do adulto e eu penso que isso tem a ver com o facto de estarem pouco tempo num ambiente relaxado e descontraído que deveria ser o seio familiar e penso que não têm isso, hoje em dia é muito comum.

IV. De um modo geral o que entende por indisciplina? E por disciplina?

R: Para mim a indisciplina passa sempre por não considerar o outro, portanto, ter o foco de atenção em si próprio e não considerar que está outro ao lado, que precisa também de atenção, que precisa que se partilhe coisas também com ele e, portanto, passa sempre por

aí, é a falta de respeito pelo outro. E isso não é só nos meninos do pré-escolar, é na vida, no geral, é a falta de respeito pelo outro e eu penso que isso é que dá a indisciplina.

Uma pessoa disciplinada é uma pessoa que tem respeito por si própria, uma criança que no fundo gosta de si própria, aceita-se como é e aceita também os outros como são, portanto, tenta que as coisas corram bem entre todos, é participativo, mas participa de uma forma organizada, respeita a vez do amigo, partilha coisas com o amigo, não magoa o amigo, portanto, tudo isto é uma forma de ser disciplinado, ou de ser educado, ou de ser civilizado.

V. Considera que existem fatores que condicionam a manifestação dos comportamentos das crianças a nível da disciplina/indisciplina?

R: Não é só a família que tem culpa, é a sociedade no geral porque é assim, a escola neste momento, quando digo escola digo instituição, a escola não está ao serviço das crianças. Se a escola estivesse ao serviço das crianças seria tudo muito mais tranquilo, não haveria o excesso de atividades que há, estão sempre a surgir atividades todas as semanas, portanto isto não está ao serviço da criança, isto está ao serviço do exterior, fazem-se muitas coisas, não digo que é nesta instituição mas sim na escola no geral, fazem-se muitas coisas que nem sequer é para a criança é para a comunidade, para o exterior e, portanto, eu penso que a escola está muito ao serviço do exterior, ao serviço também do capital, porque os pais têm muita necessidade de deixar os filhos na escola porque têm de trabalhar e trabalha o pai e a mãe, têm horários sobrecarregados, chegam a casa e o tempo para estarem com os filhos é muito pouco e portanto eu penso que, neste momento, a escola portuguesa não está ao serviço das crianças, está ao serviço muito da imagem, do exterior e ao serviço do capital.

### **Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina:**

I. Como promove a disciplina na sua sala?

R: É assim, tentamos promover, nem sempre conseguimos, mas tentamos promover, para já porque pretendemos, apesar de tudo, ter uma relação que às vezes vá oscilando entre uma certa diretividade, portanto não pode ser tudo não diretivo ou tudo sempre a respeitar sempre ao pormenor a vontade da criança, não pode ser, portanto, temos de ter alguma diretividade e também jogando com um bocado dos afetos à mistura, penso que são dois ingredientes que se conseguem que os meninos às vezes estabilizem, o afeto com alguma diretividade que é inerente.

II. Como costuma intervir em casos de crianças/grupos indisciplinados?

R: Não responde.

III. Tem estratégias que utilize para gerir o grupo de forma a prevenir comportamentos de indisciplina?

R: Nunca estive em salas com miúdos que eu considere indisciplinados no sentido da violência, da arrogância, da má educação extrema, nunca passei por esse tipo de experiência, mas se passasse, acho que essas crianças que manifestam mais indisciplina são as que precisam de maior afeto e portanto tentaria manter ou estabelecer com essas crianças essa relação de afeto e a partir daí perceber o que é que se passa com aquela criança, “será que há algum problema em casa?”, “será que problemas a outros níveis?”, tentaria conhecê-la e depois iria atuar como pudesse, logo arranjaria estratégias para isso, mas a base teria de ser estabelecer com ela uma relação de afetividade, para a tentar perceber e para a tentar conhecer.

IV. Utiliza algumas formas de promoção da autorregulação das crianças para prevenir esses comportamentos?

R: sim, eu tento com os grupos que estou a trabalhar, tento sempre criar neles um espírito de grupo, um espírito de autoajuda, de ajuda, de interajuda entre todos. Portanto, eu penso que se nós criarmos esse espírito de entreajuda e de os fazer perceber que o mundo não está virado só para si próprio que há outros meninos à nossa volta, há outros meninos com determinados tipos de problemas, às vezes até falo das coisas que acontecem com os amigos para eles perceberem que às vezes os amigos estão a passar por situações que às vezes não são muito boas e, portanto, tento-os preparar assim, pensando sempre também no outro.

#### **Diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina:**

I. Pensa existir diferenças relativamente aos comportamentos de indisciplina entre rapaz e rapariga? Caso reposta afirmativamente, exemplifique.

R: Existem. Eu acho que os rapazes no geral resolvem as coisas de uma forma mais objetiva, chegam e dizem e se for preciso dão duas palmadas ou um pontapé ou qualquer coisa ao amigo, mas passado um bocado aquilo passou e são amigos e não andam nas costas uns dos outros a arranjar enredos. As miúdas têm um comportamento muito

diferente, eu acho que as miúdas vão mais para o lado da intriga, do conflito, penso que as raparigas promovem mais o conflito do que os rapazes. Os rapazes promovem o conflito imediato que o resolvem e as raparigas prolongam esse conflito, portanto andam ali com queixinhas, com não sei o quê e, portanto, acho que há uma diferença sim.

- II. Quando há comportamentos de indisciplina no grupo, a sua forma de atuar difere consoante o sexo da criança?

R: Não, é igual para ambos. Porque eu acho que no jardim de infância nós temos que, se queremos que no mundo do trabalho homens e mulheres sejam tratados com igualdade e com respeito penso que não pode haver essa discrepância entre comportamentos para rapazes e comportamentos para raparigas, penso que todos têm de ter o comportamento adequado uns com os outros e não devemos enquanto educadoras a fazer essa diferenciação, pelo contrário.

### **Indisciplina e Aprendizagens:**

- I. Na sua opinião a indisciplina interfere no processo de aprendizagem das crianças indisciplinadas? Se sim, porquê? E no restante grupo?

R: Claro que sim. Há miúdos que têm uma excelente capacidade ao nível da aprendizagem, são miúdos que até ultrapassam muito a sua idade mas como são tão cabeças no ar, mas isso não é bem indisciplina é mais a sua agitação, a sua falta de concentração claro que vai condicionar a aprendizagem porque há crianças que às vezes não têm tanta capacidade de aprendizagem, mas são calmas, são ponderadas, ouvem, ouvem o outro, respeitam e portanto conseguem, às vezes, alcançar mais facilmente os objetivos do que uma criança que se percebe que tem uma capacidade às vezes até a cima da média mas que está sempre em constante agitação, em constante conflito às vezes até com ela própria e portanto ela terá mais dificuldade em alcançar os objetivos.

- II. Quer acrescentar mais alguma coisa sobre este tema, que porventura não tenha sido abordado?

R: Eu acho que a escola tem de se preparar para o que vem aí, porque acho que os tempos futuros não serão fáceis e penso que há um complexo, antes do 25 de abril as coisas eram exageradas, eram o oito, portanto as crianças eram tratadas como seres quase inferiores em que se faziam aqueles castigos, como pôr a criança à janela com orelhas de burro, e de coisas que se faziam em que se desconsideravam muito as crianças, principalmente as

crianças que tinham dificuldades de aprendizagem. E eu penso que depois do 25 de abril fomos para o oitenta, e ainda não estamos no meio termo, eu penso que a escola e todos os intervenientes têm que pensar bem e irem todos para o meio termo porque hoje em dia o que vigora é a criança mandar, portanto eu vejo crianças com três anos que mandam, que mandam nos pais, que decidem já tudo o que querem fazer, a roupa que querem, o que não querem, tudo e portanto chegam à escola e muitas ouvem na escola quase o primeiro não, às vezes a educadora tem de dizer que não e a menina fica um bocado escandalizada porque o “não” não se deve dizer. Os miúdos hoje estão habituados a ouvir basicamente a palavra sim e ao longo da vida deles, a vida não vai ser construída no “sim”, vai ser construída no “sim” e principalmente no “não” e portanto tem de haver frustração e se as crianças não forem frustradas vão ser crianças indisciplinadas porque educar passa sempre por ter de penalizar alguma coisa, educar não é esta coisa que vigora hoje defendida por muitos psicólogos, que eu sou completamente contra, que é centrarmo-nos sempre na criança, nas suas vontades, claro que a criança tem de ter vontades é um ser humano, tem de ser respeitado como tal, mas tem de haver limites, tem de haver balizas, criança tem que perceber que na vida tem de ter balizas porque depois a vida vai-lhe ensinar mais tarde essas balizas e penso que se logo desde pequena ela perceber que há essas balizas, que há coisas que nos condicionam conseguem aceitar mais tarde e isso vai prevenir a indisciplina e criarmos adultos frustrados, porque o grande problema é que nós não podemos estar só a pensar na criança com três anos, temos de estar a pensar num adulto com vinte, com trinta, com quarente e o que este tipo de educação que vigora atualmente nas nossas escolas é que vai criar adultos frustrados, é a minha opinião.

## **Anexo XXVI – Transcrição das entrevistas dos Professores**

Professora 1 – (P1)

### **Identificação:**

I. Qual a sua idade?

R: 54 anos.

II. Quanto tempo tem de serviço?

R: Já estou a completar os 27 anos de serviço.

III. Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Não.

IV. Se não, em que ensino lecionou, público ou privado?

R: Sempre no público.

V. Há quanto tempo se encontra neste estabelecimento?

R: Estou aqui há 3 anos.

### **Definição de (in)disciplina:**

I. O que entende por disciplina?

R: A disciplina de um modo geral, como eu a vejo, tem a ver com a forma como os alunos se comportam, lidam com as situações dentro e fora da sala de aula. A forma como lidam com os colegas, com as auxiliares, com os professores e vice-versa. A forma como socialmente interagem uns com os outros.

II. Em contexto de sala como define uma criança disciplinada? E um grupo disciplinado?

R: Tem muito a ver com isto, tem a ver com a forma como está atento ou não à aula, a forma como participa ou não no trabalho a realizar, como participa e interage com os colegas de forma sociável ou menos sociável, a forma como concretiza as tarefas em conjunto com os colegas ou individualmente quando é essa a situação. O grupo disciplinado é exatamente a mesma coisa, o grupo é composto por elementos. O elemento que possa estar dentro do grupo que não interaja socialmente com os colegas, que não permita o desenvolvimento das tarefas em colaboração está a perturbar a realização das tarefas desse grupo, portanto está a praticar aquilo que é a indisciplina, ou seja, está a perturbar a realização do trabalho do grupo.

III. De que modo a disciplina é parte integrante da sua prática?

R: É um bocadinho difícil conseguir aplicar o trabalho de uma professora que tem de ser desenvolvido ao longo das aulas se o aluno estiver sempre, de uma forma ou de outra, a “boicotar” o trabalho que é realizado. Quando esse trabalho é “boicotado”, ou seja, não se consegue concretizar utilizando as mais diversas estratégias, seja oralmente, seja aplicando material. É um bocado difícil quando estamos a lidar com um grupo e há um elemento que consegue realmente perturbar e fazer com que os colegas não consigam nem estar atentos, nem apreender aquilo que se está a ensinar na altura porque há ali alguém que de uma forma ou de outra consegue destabilizar e acaba por influenciar a aula, o que leva a que o trabalho tenha de ser alterado ou tenha de ser adiado ou tenha de ser repetido, dependendo das circunstâncias em que o comportamento, ou da forma como o comportamento está. É sempre um bocado complicado porque essa criança ou essas crianças que estão a ser indisciplinadas nessa ocasião conseguem de facto levar atrás os outros colegas também. E vocês na vossa prática estas semanas viram como é que isso funciona, quando ele conseguem estar e aplicar mesmo que tenham dificuldades, eles conseguem trabalhar e estão interessados em fazer o trabalho funciona de uma maneira, mas quando há alguém sistematicamente, ou oralmente ou na forma de estar na sala, consegue alterar e provocar

os outros, o trabalho concretiza-se de outra forma, não dá para fazer como estamos a planear, nunca é como nós estamos a planear, ou muito raramente é como estamos a planear.

IV. O que entende por indisciplina?

R: A indisciplina é sempre um oposto à disciplina, seja qual for a ação ou o ato que o aluno esteja a cometer. Indisciplina é o não permitir que o trabalho se desenvolva de forma positiva, seja em atos, seja em palavras, seja como for.

V. A nível de sala, como define uma criança indisciplinada? E um grupo indisciplinado?

R: Respondido anteriormente.

VI. Considera que existem fatores que condicionam a manifestação dos comportamentos das crianças a nível da disciplina/indisciplina?

R: Há muitos...Seja distúrbio psicológico, seja razões familiares, seja razões sociáveis, sejam razões até às vezes financeiras, porque a questão financeira tem muito a ver com a alimentação, a forma como estão, como estão em casa, como as coisas se desenvolvem em casa e na escola e tudo isso pode afetar a disciplina ou a indisciplina. Há muito fatores que podem levar à indisciplina, e às vezes é preciso perceber o que está por detrás, não é só o que se vê aqui na sala. O exemplo deste aluno que ficou agora aqui um bocadinho, a nível familiar reflete-se porque ele é um bocadinho o espelho da vida familiar dele e pronto ele acha aquilo normal porque é o que está habituado a viver, portanto é familiar é social é financeiro também e depois eles acham que a vida é mesmo assim e é assim que eles agem em qualquer circunstância.

### **Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina:**

I. Como promove a disciplina na sua sala?

R: Nem sempre é fácil promover porque há a pressão dos programas, há as metas curriculares, há tudo isso e a professora tem de chegar ao final do ano e ter o programa todo dado e como puderam ver os programas são muito extensos, não tem nada a ver com a

forma como os programas eram há 10 anos. A nível de 1ºano é muito exigente, há 10 anos não era nada disto, não havia esta exigência e os meninos têm de chegar ao final do ano, de uma forma muito simplista, a saber ler, contar, escrever umas frases, têm de ter uma bagagem de conhecimento já muito grande que é preciso ser muito bem trabalhada. Nem sempre é fácil lidar com a indisciplina da forma mais correta, às vezes vamos pelo caminho mais rápido que é pôr os meninos de castigo e às vezes a resposta não é essa, mas é o que ocorre mais rapidamente é “o menino portou-se mal, não deixou os colegas trabalhar então fica sem intervalo”, pronto eles realmente sentem essa penalização e custa-lhes um bocadinho. Às vezes há motivos mais profundos, mas nem sempre temos tempo para analisar isso com aquela profundidade que é necessária e tentar responder da forma mais correta porque estamos tão assoberbadas com os programas, e quando as turmas são mistas que é o caso, se fosse uma turma de 1ºano havia outro tempo e facilidade para lidar com a turma porque dava mais tempo para responder às questões. Agora com um 1º e 2º anos que são muito exigentes, ainda para mais com um 2º ano em que há muito alunos retidos, mais de 50% do grupo de 2ºano são retidos, estão a repetir isto pela segunda vez e eu estou a fazer um esforço enorme para ver se não retenho mais ninguém este ano e, portanto, às vezes não é muito fácil chegar ao fundo da questão e resolvê-la da forma mais eficaz e mais correta porque há uma pressão muito grande. São os pais que exigem, são as direções que exigem, são os colegas que exigem e há uma exigência muito grande para que os alunos cheguem ao final do ano e transitem, porque há aquela percentagem de alunos que são retidos, que se passarem para além da média nacional a pressão é imensa. De maneira que estamos sempre muito condicionadas para ver se os alunos chegam ao final do ano e transitem para que não passem para além daquela média nacional e então a nível de 2ºano a pressão é maior, porque há uma percentagem muito grande de alunos que são retidos, a maior parte porque no 1ºano não são retidos, transitam para o 2º ano e acabam por ser retidos.

II. Como costuma intervir em casos de crianças/grupos indisciplinados?

R: Respondido anteriormente.

III. Tem estratégias que utilize para gerir o grupo de forma a prevenir comportamentos de indisciplina?

R: Por norma a troca de lugares é uma estratégia utilizada por mim para prevenir os comportamentos dos alunos. Quando há mais distúrbios entre duas crianças que estejam ao lado uma da outra, mudo a disposição da sala para ver se melhora.

- IV. Utiliza alguma forma de promoção da autorregulação das crianças para prevenir esses comportamentos?

R: Promoção.... Normalmente no início do ano começa-se sempre com umas estratégias de diálogo com os alunos para eles próprios dizerem quais são as regras de comportamento dentro da sala de aula e fazem-se uns cartazes, onde são eles próprios que dizem quais são os comportamentos para depois os afixarmos. Só que a memória é muito seletiva e normalmente guarda aquilo que às vezes gostamos mais. É uma coisa que nós no início do ano costumamos fazer sempre, ou fazemos cartazes ou eles fazem um trabalho individual sobre uma regra de comportamento, eles próprios é que definem quais são as regras de comportamento no início do ano, mas é algo que é muito volátil, muito fácil de esquecer.

#### **Dificuldades sentidas na gestão de comportamentos de indisciplina:**

- I. Considera existir dificuldades relativamente à gestão dos comportamentos de indisciplina na sua sala? Caso responda afirmativamente enumere quais.

R: Há dificuldades relativas, consegue-se sempre de uma maneira ou de outra resolver a questão na altura, mas é algo que está constantemente a repetir-se. Podemos resolver na altura e até o aluno acaba por se acalmar, ou pelo menos não perturba tanto, mas depende dos alunos, há aluno que acatam mais facilmente e outros menos, é uma coisa que na altura até se resolve de uma forma ou de outra... Mas é algo que se repete com muita frequência, o aluno que por norma tem um comportamento muito irrequieto e perturbador e mesmo mau comportamento é cíclico.

- II. Quando confrontado com essas dificuldades adequa a sua prática para que as mesmas, futuramente, não se venham a repetir?

R: Tento pelo menos arranjar maneira de ter sempre tarefas para que eles estejam sempre ocupados, quando estão sempre ocupados, têm aquele trabalho para fazer e às vezes não têm tanto tempo para perturbarem de uma forma ou de outra, ou para terem atitudes relacionada com a indisciplina, ou que possam provocar perturbações na sala. Quando o aluno está sem ter uma tarefa para o ocupar é muito mais fácil tornar-se indisciplinado porque não tem nada para fazer, não está nada à frente dele que ele tem de cumprir porque a professora diz que quer o trabalho feito, aí é muito mais fácil ele perturbar a aula, tem de estar sempre ocupado.

### **Diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina:**

- I. Pensa existir diferenças relativamente aos comportamentos de indisciplina entre rapaz e rapariga? Caso reposta afirmativamente, exemplifique.

R: Aqui nesta sala há muito ténues, mas há salas em que há raparigas que conseguem ser muito mais indisciplinadas do que alguns rapazes. Temos o exemplo de uma turma ali ao lado que tem alguns elementos femininos, algumas alunas conseguem ser tão ou mais perturbadoras do que os rapazes. Depende dos alunos, aqui nesta sala não há essa questão, com exceção de uma aluna do 2ºano que consegue às vezes desgastar um bocadinho e pronto, mas no geral não há grandes diferenças, há raparigas que conseguem ser terríveis e perturbar o grupo, tal como os rapazes.

- II. Quando há comportamentos de indisciplina no grupo, a sua forma de atuar difere consoante o sexo da criança?

R: Não, normalmente reajo da mesma maneira seja rapaz seja rapariga para não haver distinções de género, porque eles próprios depois também sentem “porque é rapariga ou porque é rapaz”, normalmente tanto posso mostrar-me zangada com um rapaz como com uma rapariga, dependendo do comportamento e do tipo de comportamento. Há comportamentos perturbadores que podem ser apenas só isso e há comportamentos perturbadores que podem raiar a má educação e a falta de respeito o que nesse aspeto já é um bocadinho mais grave. E não, não faço distinção entre rapazes e raparigas no que diz respeito, penso que não faço em nenhum aspeto e no que diz respeito ao comportamento também não faço, pelo menos tento não fazer.

### **Indisciplina e Aprendizagens:**

- I. Na sua opinião a indisciplina interfere no processo de aprendizagem das crianças? Se sim, porquê? E no restante grupo?

R: Sim, sim, sim. Na própria e na dos colegas que estão mais ao pé porque é obvio que uma criança que tem ao lado um colega que não para quieto, acaba de uma maneira ou de outra por se distrair, quando mais não seja fica a olhar, pode não repetir esse comportamento, mas fica a olhar e acaba por perder o fio ao raciocínio, por perder a concentração e acaba por prejudicar o trabalho. É prejudicial para o próprio e para os colegas ao lado.

- II. Quer acrescentar mais alguma coisa sobre o tema, que porventura não tenha sido abordado?

R: Não, acho que este tema não se esgota, há sempre qualquer coisa que se pode dizer dependendo do tipo de indisciplina, como eu digo há aquela indisciplina que pode ser apenas por não estar quieto, porque se levanta porque se mexe, porque fala e há aquele tipo de indisciplina que é a falta de respeito e a falta de educação mesmo, que é muito complicado. Quando se tem um aluno que para além de se mexer e de chamar nomes aos colegas e passar e bater isso aí já é muito mais complicado, é um bocadinho mais grave e encontra-se com muita facilidade esse tipo de alunos e aí é mais difícil de dar resposta e de solucionar porque pode haver razões mais profundas por trás que têm de ser estudadas. Portanto isto é um tema que não se esgota e os psicólogos, dependendo das fases, vão dando respostas ou pelo menos vão explicando a indisciplina de uma maneira ou de outra.

## Professora 2 – (P2)

### **Identificação:**

- I. Qual a sua idade?

R: 43 anos.

- II. Quanto tempo tem de serviço?

R: 20 anos.

- III. Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Não.

- IV. Se não, em que ensino lecionou, público ou privado?

R: Sempre público.

- V. Há quanto tempo se encontra neste estabelecimento?

R: 5 anos.

**Definição de (in)disciplina:**

I. O que entende por disciplina?

R: Disciplina acaba por ser um conjunto de valores e de comportamentos que temos de assumir perante a sociedade, perante o grupo, perante a turma. Neste caso o respeito pelo outro, o respeito pelas regras, o saber estar, o saber esperar, engloba praticamente isto.

II. Em contexto de sala como define uma criança disciplinada? E um grupo disciplinado?

R: É uma criança que cumpre com as regras da sala de aula, sabe ouvir, sabe escutar, respeita a opinião dos outros mesmo que não seja a dele, espera pela sua vez, não interrompe, basicamente cumpre as regras de sala de aula para o bom funcionamento da mesma aula.

III. De que modo a disciplina é parte integrante da sua prática?

R: São muito importantes, os primeiros anos principalmente porque eles vêm muitas vezes com falta do saber estar e passamos a maior parte do tempo a educar estes comportamentos, o saber estar sentado corretamente, o saber esperar, o saber ouvir, que eu acho que é o grande problema dos miúdos de hoje em dia é o não saber ouvir, ainda nós não falámos já eles estão a interromper ou já estão a questionar aquilo que nós vamos dizer. E se calhar 50% do ano, se calhar 50% é muito, mas se calhar 40% passa por treinar e por apelar a este tipo de comportamentos porque quando há indisciplina nós não conseguimos, eles não estão bem, eles não conseguem trabalhar e nós não conseguimos que eles trabalhem portanto é educar para a disciplina.

IV. O que entende por indisciplina?

R: A indisciplina é isto mesmo, é o contrário não é. É o não saber respeitar os outros, não respeitar a sua vez de falar, é gozar com os outros, interromper os raciocínios, é não saber estar e não respeitar o espaço dos outros, não cumprir basicamente as regras de sala de aula que fazem com que haja um ambiente favorável à aprendizagem e ao bem estar de todos, porque ninguém gosta de estar sempre a ouvir ralar, ninguém gosta de estar sempre a ser interrompido ou perturbado, principalmente aqueles que querem realmente aprender e trabalhar e que gostam. E acho que para eles é muito penalizante.

V. A nível de sala, como define uma criança indisciplinada? E um grupo indisciplinado?

R: Respondido anteriormente.

VI. Considera que existem fatores que condicionam a manifestação dos comportamentos das crianças a nível da disciplina/indisciplina?

R: Sim, também é uma causa natural, os miúdos são todos diferentes, uns são mais agitados, outros são menos agitados, uns são mais colaborantes do que outros, mas estes comportamentos deveriam ser treinados em casa. Se desde sempre os habituarmos a saber esperar, porque hoje em dia o pai e a mãe estão a falar ou estão a falar com alguém e são interrompidos e pronto, interrompe-se a conversa que se está a ter para atender aos meninos, os meninos pedem qualquer coisa vai-se logo a correr, deixa-se estar a comer à mesa com um tablet ou com um jogo ou então à frente da televisão porquê? Porque é mais fácil é mais rápido e não há birras, toma banho quando quer, vai para a cama um bocadinho quando quer. Portanto quando não há regras e rotinas dentro de casa eles chegam à escola e têm muita dificuldade em ter estes comportamentos, de hábitos, de rotinas, de saberes e de cumprir, porquê? Porque em casa não precisam e eu tenho isso dentro da sala de aula e percebe-se perfeitamente que eles não estão habituados a partilhar nem a esperar, porque estão constantemente a interromper, não sabem pôr o dedo no ar, ou seja põem o dedo no ar, mas estão sempre a chamar. Portanto nota-se que hoje em dia os miúdos têm muito poucas regras, vão para o refeitório jogar espadachim com as facas, se vão para a casa de banho é para brincar e fazer asneiras. É assim eles são crianças eles precisam de fazer asneiras e nós até percebemos, mas eu acho que hoje em dia os pais são muito permissivos porque é mais fácil ir a um restaurante e estar com os amigos a falar enquanto o miúdo está sempre com o tablet ou a jogar. Ou numa viagem em vez de fazer uma birra e estarem a ter de o entreter com joguitos se calhar que fazíamos nós com os nossos pais, é mais fácil eles irem sempre agarrados a um telemóvel e eles não estão habituados a saber esperar nem a entreter-se porque andam sempre a saltar de brincadeira em brincadeira não acabam nada, os períodos de concentração são muito poucos e isto tudo junto depois numa sala de aula é muito difícil. Às vezes até estamos num período de muita concentração, num período muito calmo, mas basta um para destabilizar, ou pedir para ir à casa de banho que pronto é o caos.

**Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina:**

I. Como promove a disciplina na sua sala?

R: Primeiro tento que eles percebam e deem valor aos valores, ao valor da amizade, ao valor da partilha ao valor do respeito mútuo, recíproco, pronto dou-lhes exemplos, mostro-lhes vídeos, fazemos atividades que apelam ao cumprimento e à valorização das aproximações, das partilhas. E depois às vezes tem de ser através de recado para casa, em último caso, mas raramente porque eu tento tratar de tudo na sala de aula. Às vezes um castigo individual ou coletivo, há vários tipos de castigo, pode ser escrever uma frase, pode ser ficar sem o intervalo, porque eles não percebem, às vezes nem a bem nem a mal, por mais que uma pessoa tente apelar, por mais que uma pessoa esteja aqui individualmente a falar é difícil hoje em dia, porque estes miúdos têm tudo tão facilitado, não precisam de lutar para nada, portanto não valorizam. E como não valorizam para eles é-lhes igual, portanto às vezes é difícil.

II. Como costuma intervir em casos de crianças/grupos indisciplinados?

R: Por vezes parte por chamar o pai ou a mãe e tentar arranjar uma estratégia junto deles, porque para eles também é importante perceberem que o que se passa na escola é sabido em casa e vice-versa, porque se não há um retorno, se não há um conhecimento, não há consequências. E quando não há consequências para os atos, eles fazerem bem ou mal é igual e eu tento que eles percebam, quando eles fazem coisas boas as consequências são boas e quando eles fazem coisas menos boas não podem ter consequências boas outra vez, portanto vão ter uma consequência menos boa e essas consequências têm de acontecer, porque se não há consequências para os maus atos eles nunca vão perceber o que está errado e o que não está e mesmo percebendo o que é errado vão continuar a fazer porque nada se passa, nada acontece.

III. Tem estratégias que utilize para gerir o grupo de forma a prevenir comportamentos de indisciplina?

R: Sim, quer dizer há coisas que eu já sei que vão acontecer. Se eu estou a fazer uma exposição sobre uma coisa nova eu tenho de lhes explicar à priori que têm de saber ouvir porque muitas das perguntas que eles vão fazer, se me ouvirem eu vou responder, ou então, por exemplo, quando é alguma coisa mais difícil faço grupos de níveis em que há alguns que possam ajudar ou então aproximo-me mais daqueles grupos mais destabilizadores puxo-os mais para perto de mim. Portanto eu aqui na sala estou sempre a rodar os grupos, tanto trabalhamos em grupo, como individual, como estamos em filas, portanto a disposição da sala está sempre em mudança consoante as necessidades e aquilo que eu vejo. E depois é também o responsabilizar, eu acho que dar

responsabilidades aqueles miúdos que são mais malcomportados faz com que eles assumam essa responsabilidade e depois acabam por os seus comportamentos ficarem um bocadinho mais brandos. E às vezes é no imediato, o que hoje dá para um, amanhã não dá para outro, às vezes também dou recompensas porque eles também gostam de ouvir, nós não podemos estar sempre só a falar do que está mal, temos de dar recompensas aos que realmente têm mérito. Portanto ao dar recompensa aos que têm mérito também é uma maneira daqueles que são menos bem-comportados se calhar a quererem também lá chegar. Os reforços positivos, também dou muitos reforços positivos, quando eles fazem alguma coisa bem também gosto de dizer “estás a ver afinal tu és capaz, porque é que não és sempre assim, se consegues uma vez porque é que não fazes sempre”. Isto tudo vai consoante o estado de espírito, às vezes também estamos muito cansados, também somos mais intolerantes, mas eu até sou uma pessoa que me considero muito tolerante e embora possa ralhar muito também sou muito afetiva e eu acho que eles percebem isso. Portanto eles sabem porque é que o professor ralha, mas quando eles também precisam levam um beijinho, um abraço, um carinho, um reforço positivo e passa um bocadinho por aí.

IV. Utiliza alguma forma de promoção da autorregulação das crianças para prevenir esses comportamentos?

R: Sim, lá está, se eu sei que vou fazer uma atividade mais prática que eu sei que há miúdos que não sabem os limites, que não sabem parar, não sabem até onde é que podem ir eu tento fazer por exemplo grupos em que eles estejam inseridos e que haja alguém que consiga regular ou então eu estar inserida nesse tipo de grupo. Ou então começar por uma atividade em que eles estejam menos expostos, ou que consigam não ser tão agitados, portanto tem a ver com as atividades que vamos fazer, por exemplo há alturas em que aqui na sala, a professora bibliotecária disponibilizou-se, se tiver de fazer um texto, se eu sei que há dois ou três miúdos que têm mais dificuldades e que não vão escrever quase uma palavra eu mando-os para lá e eles estão num ensino mais individualizado, ou eu sento-me ao pé deles e eles estão num ensino mais individualizado e vou puxando, vou dando ideias. Portanto tem a ver com o tipo de atividades que nós vamos fazendo, se eles estão mais a vontade, se é uma atividade mais expressiva, ou se é uma atividade em que às vezes estes miúdos que até são os que em contextos normais são os mais extrovertidos, depois num contexto mais intimista acabam por se retrair.

**Dificuldades sentidas na gestão de comportamentos de indisciplina:**

- I. Considera existir dificuldades relativamente à gestão dos comportamentos de indisciplina na sua sala? Caso responda afirmativamente enumere quais.

R: Às vezes sim, a experiência vai-nos dando algum à vontade para trabalhar com a indisciplina. Eu vou-lhe dizer que eu este ano nunca tinha tido uma turma assim, o 2ºano não sei se foi por eles estarem a desabrochar, no 1ºano eles vêm um bocadinho a medo. O primeiro período foi terrível, desde que entrava na escola até sair eu tinha queixas, era na casa de banho, era no refeitório, era na biblioteca, era no corredor, era com as outras professoras, portanto, de indisciplina. Agora se nós dissermos assim “é por falta de educação?” não será bem propriamente, eles próprios não conseguem regular os limites e o comportamento deles e depois parece-me que em casa lhes acham muita piada e lhes permitem muita coisa e eles depois chegam aqui e são o que são. E não se sabem adequar aos meios e aos contextos e às vezes isso é que torna a indisciplina, porque não são comportamentos tão desajustados quanto isso, mas depois como todos eles são muito regulares e têm comportamentos em casa de muita permissão depois acaba por ser um bocado difícil e às vezes uma pessoa tem alguma dificuldade, mas eu tenho esperança que água mole em pedra dura tanto bate até que fura, portanto eles irão ficar moldados à minha imagem.

- II. Quando confrontado com essas dificuldades adequa a sua prática para que as mesmas, futuramente, não se venham a repetir?

R: Sim, por exemplo há uma coisa que eu detesto que é as bolas dos comportamentos e eu este ano já utilizei. É arranjar estratégias, se não dá esta vamos tentar outra, portanto nós vamos adequando, falamos com os colegas “olha eu faço isto e resulta”, vamos adequando e vamos tentando, em momentos resulta noutros momentos não resulta e vamos sempre variando estratégias e inventado e reinventado porque eu acho que nós nos estamos sempre a reinventar.

### **Diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina:**

- I. Pensa existir diferenças relativamente aos comportamentos de indisciplina entre rapaz e rapariga? Caso reposta afirmativamente, exemplifique.

R: Há. Há neste sentido, elas se for preciso são mais conflituosas, eles é aqueles comportamentos mesmo de rapaz, as brigas, as brincadeiras que começam numa brincadeira e acabam numa briga, o não saber parar, o não saber respeitar o outro, os limites, começa numa brincadeira e quando alguém diz que não, que chega, eles não sabem

respeitar, portanto os comportamentos são diferentes. Não quer dizer que eles sejam mais malcomportados, mas é diferente, elas são mais mesquinhas entre elas, conflituosas e o diz que disse, e o agora és minha amiga e agora não és. Enquanto que eles não, eles são mais na parte de violência e eu acho que isto tem muito a ver com o que eles veem em casa na televisão e nos jogos, porque eu acho que isso os altera. Hoje em dia se ligarmos a televisão é quase tudo transformers, é quase tudo luta e isso é as brincadeiras que eles trazem para a escola, porque hoje em dia já não se brinca, “não é?” aquilo que nós fazíamos do pião, da corda, do elástico, várias coisas que nós fazíamos eles já não sabem e já não jogam, portanto acabam por fazer aquilo que veem na televisão, que é basicamente as lutas.

- II. Quando há comportamentos de indisciplina no grupo, a sua forma de atuar difere consoante o sexo da criança?

R: Não, é igual para ambos.

### **Indisciplina e Aprendizagens:**

- I. Na sua opinião a indisciplina interfere no processo de aprendizagem das crianças? Se sim, porquê? E no restante grupo?

R: Muito porque eles não se concentram, eles não trabalham, eles não fazem, portanto se estão sempre a interromper, se nós estamos sempre a ralhar ou se eles não conseguem estar concentrados numa atividade, se não a conseguem fazer do princípio ao fim, nem ouvir, eles não conseguem aprender. Eu acho que a indisciplina tem muito a ver com isso e acaba também por destabilizar o restante grupo.

- II. Quer acrescentar mais alguma coisa sobre o tema, que porventura não tenha sido abordado?

R: Posso acrescentar que a escola pública a nível de professores está muito bem servida, e a nível de estruturas também, o que nos falta são as turmas mais reduzidas, por exemplo, trabalhar com uma turma de 26 alunos é muito difícil, por mais que eu queira organizá-los, separá-los eu não consigo, porque eles não cabem na sala, não tenho mesas nem cadeiras, por mais que eu queira individualizar o meu ensino não consigo. Por vezes nós vamos para casa a pensar que poderíamos fazer mais por aquele miúdo, que se calhar também é assim porque em casa também não tem estabilidade, porque em casa também não têm estrutura e acabamos por não conseguir porque eles são muitos. Eu acho que bastava reduzir as

turmas que eu acho que a nível de indisciplina, não é fazer níveis de curso ou grupos de nível, mas bastava reduzir o grupo a meio, em vez de porem professores de apoio, se calhar se cada turma tivesse até 15 alunos, em vez de 26 que são mais 11, que é uma grande diferenças, porque depois temos os indisciplinados, os com dificuldades de aprendizagem, temos os NEE, temos os que querem aprender, são turmas muito heterogéneas que depois é muito difícil conseguir trabalhar.

### Professora 3 – (P3)

#### **Identificação:**

I. Qual a sua idade?

R: 48 anos.

II. Quanto tempo tem de serviço?

R: 25 anos incompletos.

III. Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Não, estou cá há 9 anos.

IV. Se não, em que ensino lecionou, público ou privado?

R: Sempre no público.

V. Há quanto tempo se encontra neste estabelecimento?

R: 9 anos.

### **Definição de (in)disciplina:**

I. O que entende por disciplina?

R: Disciplina é os alunos saberem estar dentro de uma sala de aula, saberem o que é o espaço de uma sala de aula e comportarem-se com as devidas regras.

II. Em contexto de sala como define uma criança disciplinada? E um grupo disciplinado?

R: São aqueles alunos que estão atentos, que colocam as questões levantando o dedo primeiro para as colocar, não falam todos aos mesmo tempo, são educados, sabem esperar pela sua vez, sabem estar sentados, realizam as tarefas não se distraíndo com os materiais escolares e não brincando, são aqueles alunos interessados e empenhados.

III. De que modo a disciplina é parte integrante da sua prática?

R: Queria que ela fizesse parte todos os dias de toda a maneira aqui dentro da sala de aula e tento inculir isso nos meus alunos e tento-lhes passar a mensagem de que um aluno que está atento e que não se distrai e que não perturba o colega do lado poderá ter melhores resultados escolares porque está com atenção aquilo que eu estou a dizer. E tento, acho que passo um dia inteiro, no fundo, a chamá-los à atenção "isto é importante, se vocês não aprenderem isto depois não sabem aplicar, há coisas que vocês vão precisar para a vida inteira", muitas vezes falo pelos conhecimentos que se aprende na sala de aula, muitos não são tão essenciais, mas outros são, como o ver as horas, o saber os meses do ano são coisas que eles têm de aprender agora e que serão para o resto da vida e alguns, pronto, estão na brincadeira e acham que isto não importa nada.

IV. O que entende por indisciplina?

R: É exatamente o contrário. É estarem a conversar uns com os outros, é não cumprirem as regras, é não respeitarem o professor.

V. A nível de sala, como define uma criança indisciplinada? E um grupo indisciplinado?

R: É nesse contexto, de não cumprirem as regras...

VI. Considera que existem fatores que condicionam a manifestação dos comportamentos das crianças a nível da disciplina/indisciplina?

R: Sim, penso que sim. Penso que muitos deles é uma chamada de atenção, alguns é mesmo uma chamada de atenção para com eles, para darem nas vistas, outros porque não conseguem mesmo estar quietos e sossegados e calados e têm de estar sempre a intervir, sempre e intervir. Penso que sim, há sempre fatores que levam a que eles sejam indisciplinados.

#### **Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina:**

I. Como promove a disciplina na sua sala?

R: Temos o delegado e o subdelegado de turma, uma das coisas que eles acatam é quando está realmente muito barulho é o delegado ou o subdelegado que irá para o quadro e anotar o nome do colega que está a perturbar a sala de aula, depois já sabem, se tiverem um risquinho à frente do nome ficam 5 minutos sem intervalo, se tiverem dois ficam 10 minutos e por aí fora. Outras das vezes escrevem no caderno de casa, eles próprios escrevem o que é que fizeram de mal durante as aulas e os pais tomam conhecimento e assinam. Quando são coisas mais graves eu escrevo na caderneta, quando são ainda mais graves faço registo de ocorrência para ficar registado no processo do aluno, quando são aquelas coisas banais, mas que perturbam muito e que perturbam os outros muitas vezes tenho pena do grupo de alunos que eu tenho aqui principalmente as meninas que querem muito aprender, querem muito estar com atenção e eles continuam a perturbar, a perturbar. Vou tentando fazer esta estratégia, já no início do ano começam pelas regras e passam as regras para o caderno diário e sempre que não cumprirem uma regra eles escrevem no caderno de casa “eu não cumpri a regra tal...devo cumprir a tal regra” e vou por aí.

II. Como costuma intervir em casos de crianças/grupos indisciplinados?

R: Passa por escrever o nome no quadro, depois por comunicação aos pais e se for algo mais grave por registo de ocorrência com conhecimento do diretor, quando são coisas mesmo que transcendem os limites.

III. Tem estratégias que utilize para gerir o grupo de forma a prevenir comportamentos de indisciplina?

R: Eu penso que sim, dentro da sala de aula eu tento elogiar aqueles que se portam bem, mas também não menosprezo aqueles que se portam mal, pelo contrário. E acontece muito quando os alunos são retidos e vêm para uma turma nova, eu tive o caso este ano de um aluno que veio para esta turma e que teve sempre um mau comportamento e eu penso que eles às vezes encarnam o espírito de que já são mal comportados “então não adianta fazer nada porque eu sou mau eu não me consigo portar bem” e às vezes eu vou por aí “tu não és tão mau, tu consegues, tens de te esforçar para... tu és igual aos outros, tu não és assim tão mau” e vou buscar aquela parte boa deles, mais pela motivação e falar com eles com calma porque, este aluno em causa, se falarem com ele logo aos gritos, até mesmo no intervalo, ele faz muitos conflitos e se as auxiliares vão logo a gritar ou logo a puxar por um braço é terrível, ele responde da mesma maneira, ele parece que fica cego, nem sabe se é um adulto se é uma criança e responde assim, tem de ser com muita calma “vem cá falar comigo, o que é que se passou...”, com calma e fazer-lhes àqueles que realmente têm encarnado o espírito que são maus que eles têm alguma coisa de bom dentro deles, ninguém é mau, nem uma criança pode ser assim tão má. E então nós temos que elogia-los e mostrar aquilo que eles têm de bom, elogiar muitas vezes e fazê-lo ser o chefe da turma, muitas vezes também o mal comportado tem de ser chefe “olha agora ficas tu o responsável pela turma, vais-me dizer quem é que se vai portar mal”, ao ter esse poder ele pensa “então eu tenho de me portar bem porque tenho de dar o exemplo aos outros”. E eu vou por aí e funciona, isto funciona assim um tempo, uma semana, duas semanas, depois temos de mudar de estratégia porque depois já não funciona. E esta turma é uma pena, esta turma tem muitas capacidades, mas em termos de comportamento eles têm sempre que dizer, eles têm sempre que intervir, eles têm... é complicado dar aqui aulas.

IV. Utiliza alguma forma de promoção da autorregulação das crianças para prevenir esses comportamentos?

R: Sem ser aquilo que eu faço que é eles tomarem consciência de que também são bons...fiz também com eles o ano passado sofrologia, é uma técnica de relaxamento e fizemos o segundo período todas as manhãs, tínhamos cá uma técnica de sofrologia que os

ajudou a acalmarem-se pela manhã. É uma atividade muito engraçada, eles aderiram, participaram e eu tinha a esperança de que isto ia resultar, a partir da sofrologia de manhã às 09h00 da manhã, era meia hora, que as coisas ficassem mais calmas, mas não. Depois acabou a sofrologia aqui, ela deixou de vir, mas eu tinha as ferramentas para fazer e continuei a fazer, mas não, alguns perturbam. A primeira parte da sofrologia é eles porem-se de pé, com as pernas afastadas e imaginarem que as suas raízes estão na terra e a partir dali eles têm uma segurança, fazem as respirações e tudo isso, é pensar o que é que está mal dentro do corpo deles e depois tirarem esse mal todo, ou esse lixo todo para fora e sacodem o lixo para ficarem vazios, para ficarem puros, mas depois eles levaram isto muito para a brincadeira e não resolveu. Outras vezes também ponho uma música para eles se acalmarem, ao princípio também acham graça depois a seguir já começam a cantar, já começam a fazer gestos com a música. E tenho feito basicamente isto, às vezes eles também põem a cabeça na mesa e pensam em coisas boas, num sítio onde se sentissem bem naquele momento, imaginam o que é que lá estão a fazer, vou mudando as estratégias para ver se as coisas correm melhor.

#### **Dificuldades sentidas na gestão de comportamentos de indisciplina:**

- I. Considera existir dificuldades relativamente à gestão dos comportamentos de indisciplina na sua sala? Caso responda afirmativamente enumere quais.

R: Sim, às vezes é muito complicado como atuar porque nós sabemos como atuar, mas sabemos que não devemos atuar dessa forma e então ficamos ali um bocadinho “o que é que eu faço?”. Por vezes pensa-se assim “ele agora está-se a portar mal e eu até vou fingir que nem vejo para ver se isto passa. Eu até estou a ver o que é que ele está a fazer, mas vou ver se passa”, entretanto, tenho os outros logo a dizer “professora...” e então aí tenho de atuar porque senão, se eu não atuo tenho dois ou três logo a fazer a mesma coisa. Depois quando se atua e quando o aluno resiste é muito complicado, ainda a semana passada tive um pequeno que decidiu cortar o cabelo com a tesoura, claro que não tinha visto, mas os colega chamaram-me logo à atenção “professora ele está a cortar o cabelo” e eu “não fazes isso, dá cá a tesoura, vá guarda a tesoura” e quando eu estava a chegar aqui à secretária já ele estava com a tesoura a cortar mais cabelo e eu tirei-lhe a tesoura, mas ele não satisfeito porque lhe tirei a tesoura espalhou a material todo ele e deitou-se no chão da sala e depois perante isto o que é que se faz? Sabia bem o que é que deveria de fazer e então eu tive de dizer à turma “vamos deixá-lo, ele já se acalma. Se ele quer estar no chão deixemo-lo estar no chão até ele se cansar” e depois foi isso que aconteceu, passado um bocado olhei e ele já estava sentado, não se sentou no lugar dele, sentou-se na mesa do fundo, mas já estava a copiar as coisas do quadro e não disse mais nada. Ainda fez outra

antes, quando eu lhe tirei a tesoura, tirou tudo do estojo e partiu a régua ao meio e depois ainda partiu em diversos bocadinhos. São comportamento que uma pessoa não sabe como deve agir e é no momento quando aquilo se passa sabemos, muitas vezes que o melhor é respirarmos fundo e virarmos as costas e ver se aquilo passa.

- II. Quando confrontado com essas dificuldades adequa a sua prática para que as mesmas, futuramente, não se venham a repetir?

R: Sim, depois é conversar com todos “será aquilo um comportamento correto?”, também digo muitas vezes “quando vêm para a escola o que é os pais vos dizem? porta-te bem, estás-te a portar bem?, estás a fazer a tua mãe feliz?” às vezes fazê-los pensar também “quem é que gosta mais de ti? É a mãe, ninguém gosta mais de ti que a tua mãe” digo eu muitas vezes, se bem que agora as famílias já não são o que eram, ainda no outro dia tinha uma menina a chorar que a mãe também a abandonou e eu a dizer que as mães é que gostam mais dos filhos... deveria ser... E às vezes falo nisso, se a mãe soubesse do comportamento deles, se eu ligasse a câmara, como eu digo que tenho uma câmara aqui na sala de aula, e mandasse as filmagens para casa como é que os pais se sentiam ao ver certas atitudes que eles têm dentro da sala. E vou por aí fazê-los sempre reconhecer que estão errados.

### **Diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina:**

- I. Pensa existir diferenças relativamente aos comportamentos de indisciplina entre rapaz e rapariga? Caso reposta afirmativamente, exemplifique.

R: Nesta turma sim, mas não digo que as raparigas sejam melhores que os rapazes de um modo geral. Na turma isso verifica-se, tenho só uma menina que é capaz de ser pior que alguns dos rapazes, mas também tenho alguns meninos muito bonzinhos e aqueles rapazes que são bons às vezes castigam os outros, no sentido de “estás só a perturbar a aula hoje já não jogas futebol” e isso também é terrível para eles e eu digo “exatamente tem cartão vermelho, não cumpriu as regras não joga futebol” e há aqui uns meninos assim bem-comportados. Das meninas há aqui uma que se evidencia. Se é diferente... são comportamentos diferentes, elas mais pelas intrigas e pela chantagem, do género “já não sou tua amiga, já não brinco contigo...” qualquer coisa assim, acabando por ir mais pela chantagem, os rapazes é mais pela violência, é ao murro e ao pontapé e como eu às vezes digo “se eu resolvesse tudo ao murro e ao pontapé vocês iam daqui todos negros. As coisas não se podem resolver assim”.

- II. Quando há comportamentos de indisciplina no grupo, a sua forma de atuar difere consoante o sexo da criança?

R: Penso que não, seja rapaz ou seja rapariga quando é um caso mesmo de violência atuo de igual forma. Quando tenho uma menina que também arranca punhados de cabelo a outra menina é uma questão de violência e é preciso chamá-la à atenção e que aquilo doeu e que foi doloroso, o mesmo que quando é um menino que dá um pontapé no outro e que fica com a perna negra é igual.

### **Indisciplina e Aprendizagens:**

- I. Na sua opinião a indisciplina interfere no processo de aprendizagem das crianças? Se sim, porquê? E no restante grupo?

R: Sim, muito porque eles não estão com atenção, não estão concentrados para aprender, não estão dispostos a aprender. Estão mais preocupados em fazer algo para chamar a atenção da turma do que propriamente dispostos a aprender, e tudo isto acaba por afetar também o grupo.

- II. Quer acrescentar mais alguma coisa sobre o tema, que porventura não tenha sido abordado?

R: Estou a pensar... Não é que os meus encarregados de educação não sejam impecáveis, porque são, tenho aqui uns bons encarregados de educação, mas de uma maneira geral, eu acho que muitas vezes eles têm estes comportamentos em reflexo daquilo que ouvem em casa. Por isso, numa primeira reunião de pais, sempre que faço em setembro, peço aos pais que se têm alguma coisa para dizer que venham falar comigo e que em casa não tenho comentários do género “a tua professora não sabe que temos mais trabalho, não é só trabalho de casa... a tua professora isto...” portanto venham falar comigo. Porque eles ao ouvirem falar mal do professor em casa, ou quando são estas agressões graves acontece os pais virem-se queixar “se ele deu foi porque alguém também lhe fez a ele” isto não é correto. E eu acho que eles às vezes são reflexo daquilo que ouvem, daquilo que vivem em casa, porque cada vez mais há mais indisciplina, há mais insucesso, há mais falta de interesse perante a escola porque há tanta coisa melhor que oferecem à volta deles, que a escola passa para segundo plano e o professor passa também para segundo plano. Muitas vezes vêm para a escola como se fossem para o jardim e o respeito que havia antes mudou muito.

**Identificação:**

I. Qual a sua idade?

R: 42 anos.

II. Quanto tempo tem de serviço?

R: 21 anos de serviço.

III. Sempre lecionou neste estabelecimento?

R: Não.

IV. Se não, em que ensino lecionou, público ou privado?

R: Sempre público.

V. Há quanto tempo se encontra neste estabelecimento?

R: Há um ano.

**Definição de (in)disciplina:**

I. O que entende por disciplina?

R: Disciplina tem a ver com o facto de os alunos estarem predispostos para a aprendizagem e estarem com atenção e aptos para adquirir e fazer as aprendizagens.

II. Em contexto de sala como define uma criança disciplinada? E um grupo disciplinado?

R: Uma criança disciplinada ou um grupo disciplinado são crianças ou grupos que ouvem o que o professor tem a dizer, estão atentos, falam apenas e só quando têm autorização para o fazer e que não falam e não têm comportamentos desviantes com os colegas enquanto está a decorrer ou a instrução ou uma atividade que tenham de estar a fazer com mais concentração.

III. De que modo a disciplina é parte integrante da sua prática?

R: É a parte mais importante, acho que não há aprendizagem se não houver disciplina e uma turma indisciplinada é uma turma que tem muito mais dificuldade em conseguir aprender, porque não estão predispostos a adquirir os conhecimentos e as aprendizagens.

IV. O que entende por indisciplina?

R: Indisciplina é exatamente o oposto do que eu acabei de dizer. Acaba por ser um pouco situações de desvio, em que as crianças muitas das vezes não estão motivadas nem estão interessadas na matéria que está a ser abordada e então entram em comportamentos de desvio, o que muitas das vezes prejudica a sua aprendizagem e a aprendizagem dos seus colegas.

V. A nível de sala, como define uma criança indisciplinada? E um grupo indisciplinado?

R: Uma criança indisciplinada acaba por prejudicar tudo. Havendo um aluno que a maioria das vezes tem atos reveladores de indisciplina acaba por fazer com que o professor tenha que parar a aula, tenha fazer com que o aluno volte novamente a estar atento e que saia da situação de indisciplina e são momentos importantes para a aprendizagem que se perdem, quer o aluno em causa, quer os próprios colegas que acabam por não estar em aprendizagem nesses momentos.

VI. Considera que existem fatores que condicionam a manifestação dos comportamentos das crianças a nível da disciplina/indisciplina?

R: Sim, podem ser principalmente fatores de desmotivação, fatores relacionados com um ambiente de aula menos bom e pode ser também fatores relacionados com alunos que sintam a necessidade de ser o centro das atenções. E muitas das vezes criam esses momentos de indisciplina para que os colegas prestem atenção e achem muita graça aquilo que ele está a fazer e nesse momento é o momento deles em que são considerados o top e então acabam por entrar nesses comportamentos de desvio.

### **Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina:**

I. Como promove a disciplina na sua sala?

R: Eu geralmente promovo a disciplina na minha sala com um conjunto de regras que vão sendo trabalhadas logo no início do ano. Portanto e um conjunto de regras que eles sabem que não podem não cumprir e elas próprias acabam por fomentar dentro da sala de aula um

bom ambiente e situações propícias à aprendizagem. Fazendo como... à medida que as situações começam a surgir elas têm de ser imediatamente travadas, combatidas, não deixar que a situação evolua, porque há certas situações que se deixarmos que vá evoluindo acabamos por não ter mão, porque depois acaba por não ser só um aluno, acaba por entrar outra na brincadeira e é uma bola de neve e contagia os outros.

II. Como costuma intervir em casos de crianças/grupos indisciplinados?

R: Por norma, eu nunca tive assim casos de indisciplina muito graves, tive assim situações de indisciplina que logo desde início consegui controlar. Nunca tive situações incontroláveis, de ter de sair da sala, ou ter que fazer qualquer coisa, ou chamar alguém para tomar conta da turma por eu não conseguir, mas essas situações é como digo, é à medida que elas vão surgindo têm de ser logo combatidas, lembrando sempre que há aquelas regras que eles têm de cumprir e basicamente é por aí, fazê-los perceber que além de se estarem a prejudicar a eles estão também a prejudicar a turma na aprendizagem.

III. Tem estratégias que utilize para gerir o grupo de forma a prevenir comportamentos de indisciplina?

R: Está relacionado com a estipulação de regras logo desde início e manter sempre um bom ambiente de aula. Se a aula for uma aula divertida, se forem coisas motivantes e se for uma aula dinâmica eles nem vão ter tempo, por assim dizer, de entrarem em comportamentos de indisciplina. E à medida que o comportamento poderá estar a surgir é imediatamente dizer que não e que não e termina-se logo aí com a situação.

IV. Utiliza alguma forma de promoção da autorregulação das crianças para prevenir esses comportamentos?

R: Quando eu falo com eles e digo que há comportamentos que não são aceitáveis tento de certa forma fazê-los compreender, que quer em sala de aula, quer em sociedade há comportamentos que não são admissíveis e que há comportamentos que nós devemos ter e que temos de ter, não só dentro da sala de aula, mas também com os pais, com os colegas na rua, com pessoas mais velhas. Basicamente acabam por ser lições de moral que eu lhes dou de maneira a eles entenderem que há certas coisas que não são admissíveis, principalmente quando eles chegam a um terceiro a um quarto ano e que estão prestes a ir para o segundo ciclo. Basicamente é por aí, é tentar fazê-los entender que há situações que não devem ocorrer principalmente quando eles já têm alguma idade.

### **Dificuldades sentidas na gestão de comportamentos de indisciplina:**

- I. Considera existir dificuldades relativamente à gestão dos comportamentos de indisciplina na sua sala? Caso responda afirmativamente enumere quais.

R: Não, muito por causa dessa estipulação das regras e os pais muitas das vezes acabam por ser um bocadinho os responsáveis pelo facto de eles não cumprirem as regras. Por isso é que eu nas primeiras reuniões, em que eles me conhecem, eu explico-lhes muito bem a minha forma de funcionar e peço-lhes ajuda no sentido de haver uma ligação e uma entreajuda entre a escola e os pais, ou seja, as regras que eu vou tentando inculcar neles e os valores que eu vou tentando inculcar neles dia a dia, a ideia é que os pais os mantenham também em casa, para que não haja aqui uma disparidade entre o que se pode fazer em casa e o que se pode fazer na escola e o que se pode dizer também.

- II. Quando confrontado com essas dificuldades adequa a sua prática para que as mesmas, futuramente, não se venham a repetir?

R: A questão não se adequa de acordo com a resposta anterior.

### **Diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina:**

- I. Pensa existir diferenças relativamente aos comportamentos de indisciplina entre rapaz e rapariga? Caso responda afirmativamente, exemplifique.

R: Por norma, os rapazes tendem mais a serem indisciplinados dentro da sala de aula do que as raparigas. No entanto, turmas com mais raparigas são turmas em que há mais quezílias entre elas e que às vezes acabam por se transportar para dentro da sala de aula, geralmente turmas com mais raparigas noto que há sempre mais confusões, coisas que às vezes começam lá fora e que acabam por terminar dentro da sala, nos rapazes essas quezílias não acontecem, há é mais estas situações de indisciplina para se afirmarem perante a turma.

- II. Quando há comportamentos de indisciplina no grupo, a sua forma de atuar difere consoante o sexo da criança?

R: Não, é igual para ambos.

### **Indisciplina e Aprendizagens:**

- I. Na sua opinião a indisciplina interfere no processo de aprendizagem das crianças? Se sim, porquê? E no restante grupo?

R: Sem dúvida, porque situações de indisciplina não são geradoras de aprendizagem. Um aluno que está em indisciplina contamina toda uma turma e naquele momento em que o professor está a tentar resolver aquela situação de indisciplina não está a ensinar, não está a haver aprendizagem nesse momento. Quanto mais indisciplina houver dentro de uma sala de aula menos aprendizagem há por parte dos alunos, os alunos têm que estar aptos para poderem aprender, têm que estar prontos para receberem a informação e para poderem aprender, e se estiverem em indisciplina isso não acontece de certeza absoluta. E todos estes comportamentos acabam por contaminar a restante turma, porque lá está, o professor para estar a controlar esta situação de indisciplina não está nem a ensinar nem a ajudar aquele aluno nem os outros, há um momento de paragem, sejam dois, três, quatro ou cinco minutos, são dois, três, quatro ou cinco minutos que não estão a reverter a favor das aprendizagens.

- II. Quer acrescentar mais alguma coisa sobre o tema, que porventura não tenha sido abordado?

R: Não.

## **Anexo XXVII – Transcrição das entrevistas dos Alunos**

### **Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado:**

- I. Gostava de saber como é que os alunos se comportam na escola. Será que me podes ajudar?
- II. Posso gravar a entrevista? Só eu é que vou ouvir e o que me disseres será para me ajudares na minha escola.

A1 – Sim.

A2 – Sim.

A3 – Sim.

A4 – Sim.

A5 – Sim.

A6 – Sim.

A7 – Sim.

A8 – Sim.

### **Definição de (in)disciplina:**

- I. Já ouviste falar em indisciplina?

A1 – Não.

A2 – Não.

A3 – Mais ou menos.

A4 – Não.

A5 – Não.

A6 – Já.

A7 – Já.

A8 – Não.

- II. Se sim, o que achas que significa?

A3 – Não sei.

A6 – É quando nós faltamos às aulas ou não cumprimos as regras.

A7 – Acho que são pessoas desorganizadas, que não têm disciplina, que quebram algumas regras.

**Mau comportamento (associado à Indisciplina):**

I. A tua turma comporta-se mal?

A1 – Sim.

A2 – Sim.

A3 – Mais ou menos.

A4 – Tem dias.

A5 – Sim.

A6 – Mais ou menos.

A7 – Depende, há dias em que sim, há outros em que não e há pessoas específicas que fazem isso.

A8 – Tem dias.

II. Se sim, o/a professor/a faz alguma coisa quando se comportam mal? O quê?

A1 – A professora ralha.

A2 – A professora ralha.

A3 – A professora ralha para nós nos portarmos bem.

A4 – A professora manda-nos fazer tarefas, por exemplo a nossa turma ia trabalhar Estudo do Meio e depois portaram-se mal e fomos fazer tarefas de Estudo do Meio, tipo o habitat e as várias partes das plantas.

A5 – A professora ralha e põem os nomes no quadro.

A6 – Praticamente um colega meu vem sempre para esta sala (sala do 4ºano).

A7 – Sim faz, ou mete essa pessoa de castigo, ou chama a pessoa à atenção para não distrair os outros colegas.

A8 – Sim, põe-nos de castigo, ou retira pontos na ClassDojo.

**Incumprimento de regras (associado à Indisciplina):**

I. Na tua sala há regras que todos devem cumprir?

A1 – Sim.

A2 – Sim.

A3 – Sim.

A4 – Sim.

A5 – Sim.

A6 – Sim.

A7 – Sim.

A8 – Sim.

II. Quais são elas?

A1 – Não devo estar levantado, não devo comer na sala de aula, tenho de pedir autorização para ir à casa de banho e tenho de pôr o dedo no ar para falar.

A2 – Não comer na sala, não correr na sala, meter o dedo no ar...

A3 – Estar com atenção, pôr o dedo no ar quando queremos falar...

A4 – Não gritar, não sujar a sala e não ir à casa de banho sem a professora autorizar.

A5 – Não magoar os colegas, ouvir a professora com atenção, pôr o dedo no ar se quisermos falar.

A6 – Levantar o dedo quando queremos falar, não magoar os colegas...

A7 – Pormos o dedo no ar para falar e se quisermos falar com o colega do lado temos de falar baixo para não interferir com a aula.

A8 – Não podemos falar sem pôr o dedo no ar, não podemos levantar à toa...

III. É costume a tua turma cumprir essas regras?

A1 – Alguns cumprem, mas não são todos.

A2 – Não.

A3 – Às vezes.

A4 – Sim, alguns dias.

A5 – Eu sim e há mais alguns que sim, mas depois temos cinco pessoas na turma que destabilizam aquilo tudo.

A6 – Sim, às vezes não...

A7 – Não, algumas vezes sim, outras não, mas mais para o não.

A8 – Acho que sim...

IV. O que é que o/a professor/a faz quando não cumprem as regras?

A1 – A professora fica chateada e põe-nos fora da sala de aula.

A2 – A professora fica chateada.

A3 – A professora ralha connosco.

A4 – A professora dá-nos tarefas para fazermos durante o dia.

A5 – A professora ralha connosco.

A6 – Depois a professora mete-nos de castigo de vez em quando.

A7 – O professor chama-nos outra vez a atenção e depois nós temos de pensar se devemos continuar ou não. Normalmente depende das pessoas, algumas pessoas aceitam e outras não porque continuam a falar.

A8 – O professor tira-nos pontos.

**Anexo XXVIII – Tabela das entrevistas das Educadoras**

<b>Bloco temático</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Exemplos de unidade de sentido</b>	<b>Número de U.S.</b>	<b>Número de sujeitos</b>
Bloco 1 – Definição de (in)disciplina	Adequação do termo “indisciplina” em contexto de pré-escolar	Concordância com a adequação do termo	“Sim, concordo. Acho que às vezes há indisciplina.” (E1) “Sim eu concordo.” (E2) “cada vez mais se nota no pré-escolar que os miúdos são mais indisciplinados (...)” (E2)	3	2
	Definição de disciplina	Cumprimento de regras	“é um grupo que cumpre as regras da sala.” (E1) “obedece ao que se lhe diz.” (E1) “é uma criança que cumpre as regras.” (E1) “tem de existir um ambiente de regras na sala (...)” (E1)	4	1
		Estar atento	“uma criança que presta atenção àquilo que se lhe diz.” (E1)	1	1
		Brincadeira	“é uma criança que brinca.” (E2) “sabe brincar com os outros.” (E2)	2	1
		Respeito/Partilha	“tenta não magoar o amigo.” (E2) “tenta partilhar o que tem com o amigo.” (E2) “tenta respeitar os que estão à sua volta.” (E2)	3	1
	Definição de indisciplina	Irrequietude/Agitação	“há o estar irrequieto e há o ser irrequieto.” (E1) “são crianças mais agitadas.” (E2) “são miúdos que às vezes em casa têm essa agitação.” (E2) “(...) tornam-se realmente muito agitados.” (E2)	4	2
		Visibilidade	“querem ser sempre os primeiros.” (E2) “querem sempre passar à frente do outro.” (E2) “tentam sempre dar nas vistas.” (E2) “chamadas de atenção permanentes.” (E2) “necessitam permanentemente de chamar a atenção do adulto.” (E2)	5	1
	Comportamentos de indisciplina	Não cumprimento de regras	“não cumprir as regras” (E1) “ser desobediente.” (E1) “às vezes são desobedientes.” (E2)	3	2
		Má educação	“há miúdos que não têm uma base de boa educação.” (E2)	1	1
		Falar em demasia	“ser muito falado” (E1) “falar quando não é oportuno.” (E1)	2	1

		Desrespeito pelo outro	“não considerar o outro.” (E2) “ter o foco de atenção em si próprio e não considerar que está o outro ao lado.” (E2) “é a falta de respeito pelo outro.” (E2)	3	1
	Comportamentos de disciplina	Cumprimento de regras	“uma criança com regras, que cumpre as normas. (...)” (E1)	1	1
		Aceitação pessoal	“é uma pessoa que tem respeito por si própria” (E2) “gosta de si própria” (E2) “aceita-se como é.” (E2)	3	1
		Participação	“é participativo.” (E2) “participa de uma forma organizada.” (E2)	2	1
		Respeito pelo outro	“aceita os outros como são.” (E2) “respeita a vez do amigo.” (E2) “partilha coisas com o amigo.” (E2) “não magoa o amigo.” (E2)	4	1
	Fatores que condicionam a manifestação de comportamentos de disciplina/indisciplina	Fatores externos - Família	“fator externo que condiciona o comportamento das crianças.” (E1) “não é só a família que tem culpa.” (E2) “ambiente de casa.” (E1)	3	2
		Fatores externos - Sociedade	“está ao serviço muito da imagem, do exterior e ao serviço do capital.” (E2) “fazem-se muitas coisas que não é para a criança, é para a comunidade, para o exterior.” (E2) “a sociedade no geral.” (E2)	3	1
		Organização do Ambiente Educativo	“tem a ver com a organização do ambiente educativo.” (E1)	1	1
		Integração da criança na sala	“(…) se a criança está bem integrada na sala ou não está.” (E1)	1	1
		Postura da Educadora	“(…), se tem a ver com a nossa postura como educadoras.” (E1)	1	1

Bloco 2 – Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina	Estratégias de promoção de disciplina	Elaboração de regras conjuntas	<p>“é construir as regras com eles.” <b>(E1)</b></p> <p>“é explicando o que podem e não podem fazer (...).” <b>(E1)</b></p> <p>“temos de ser nós a explicar algumas coisas (...).” <b>(E1)</b></p> <p>“essas regras devem ser debatidas com as crianças para que elas entendam aquilo que podem ou não fazer.” <b>(E1)</b></p> <p>“debatido com eles as regras.” <b>(E1)</b></p>	5	1
		Afeto e Diretividade	<p>“promover uma relação que às vezes vá oscilando entre uma certa diretividade.” <b>(E2)</b></p> <p>“temos de ter alguma diretividade e também jogando com um bocado dos afetos à mistura.” <b>(E2)</b></p> <p>“o afeto com alguma diretividade que é inerente.” <b>(E2)</b></p>	3	1
	Intervenção face a situações de indisciplina	Conversas com as Crianças	<p>“tento sempre falar com as crianças.” <b>(E1)</b></p> <p>“às vezes temos de colocá-los um bocadinho no lugar dos outros.” <b>(E1)</b></p>	2	1
		Conversas com a Família	<p>“sempre com as famílias é que nós atuamos” <b>(E1)</b></p> <p>“falar com os pais, saber o que se está a passar.” <b>(E1)</b></p> <p>“devemos conversar com os pais sempre, saber a situação exterior.” <b>(E1)</b></p>	3	1
		Penalizar	<p>“educar passa por penalizar alguma coisa (...).” <b>(E2)</b></p>	1	1
		Conversar/Compreender	<p>“perceber o que é que se passa com aquela criança.” <b>(E2)</b></p> <p>“tentaria conhecê-la e depois iria atuar como pudesse.” <b>(E2)</b></p> <p>“tentar negociar com as crianças e conversar com elas sobre as coisas/attitudes.” <b>(E1)</b></p>	3	2
	Estratégias de gestão de grupo preventivas da indisciplina	Valorizar a criança	<p>“eles sentem-se valorizados.” <b>(E1)</b></p>	1	1
		Adaptar à criança	<p>“adaptar as experiências às crianças.” <b>(E1)</b></p>	1	1
		Ocupação da Criança	<p>“há uma coisa que eles gostam muito de fazer é ajudar-nos.” <b>(E1)</b></p> <p>“(…) e estão ocupados.” <b>(E1)</b></p>	2	1
		Afetividade	<p>“crianças que manifestam mais indisciplina são as que precisam de maior afeto.” <b>(E2)</b></p> <p>“tentaria manter ou estabelecer com essas crianças essa relação de afeto.” <b>(E2)</b></p>	3	1

			“estabelecer com ela uma relação de afetividade.” (E2)		
	Estratégias de promoção da autorregulação das crianças	Relaxamento através da prática pedagógica	“se fizer uma aula de expressão físico-motora” (E1) “uma aula de relaxe com eles” (E1) “expressão musical.” (E1) “atividades mais calmas.” (E2)	4	2
		Entreajuda	“tento criar neles um espírito de grupo.” (E2) “um espírito de autoajuda, de ajuda.” (E2) “interajuda entre todos.” (E2) “pensar sempre também no outro.” (E2)	4	1
Bloco 3 – Diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina	Diferenças de comportamentos entre rapazes e raparigas	Inexistência de diferenças	“não, eu acho que não, acho que não há diferença.” (E1)	1	1
		Rapazes	“Eu acho que os rapazes no geral resolvem as coisas de uma forma mais objetiva, chegam e dizem (...) dão duas palmadas ou um pontapé.” (E2) “os rapazes promovem o conflito imediato.” (E2)	2	1
		Raparigas	“as miúdas vão mais para o lado das intrigas, do conflito.” (E2) “penso que as raparigas promovem mais o conflito do que os rapazes.” (E2)	2	1
	Atuação diferenciada consoante o sexo	Igual atuação	“Não, é idêntica” (E1) “Não, é igual para ambos.” (E2) “Não pode haver essa discrepância (...) não devemos enquanto educadoras fazer essa diferenciação.” (E2)	3	2
Bloco 4 – Indisciplina e Aprendizagem	Interferências da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem	Destabilização do grupo	“acaba por influenciar o grupo, destabilizando-o.” (E1)	1	1
		Atenção na Aprendizagem	“Sim, sim, a nível de atenção da criança e também do grupo.” (E1) “Claro que sim. (...) a sua falta de concentração claro que vai condicionar a aprendizagem.” (E2) “uma criança em constante agitação, em constante conflito com ela própria terá mais dificuldade em alcançar os objetivos.” (E2)	3	2

**Anexo XXIX – Tabela das entrevistas dos Professores**

<b>Bloco temático</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Exemplos de unidade de sentido</b>	<b>Número de U.S.</b>	<b>Número de sujeitos</b>
Bloco 1 – Definição de (in)disciplina	Definição de disciplina	Comportamento/Interação	<p>“a forma como os alunos se comportam” <b>(P1)</b></p> <p>“lidam com os colegas, com as auxiliares e com os professores.” <b>(P1)</b></p> <p>“A forma como socialmente interagem uns com os outros.” <b>(P1)</b></p> <p>“valores e comportamentos que temos de assumir perante a sociedades, perante o grupo, perante a turma.” <b>(P2)</b></p> <p>“é os alunos saberem o que é o espaço de uma sala de aula e comportarem-se com as devidas regras.” <b>(P3)</b></p>	5	3
		Respeito pelo outro	“respeito pelo outro, respeito pelas regras (...)” <b>(P2)</b>	1	1
		Cumprimento de regras	<p>“comportarem-se com as devidas regras.” <b>(P3)</b></p> <p>“o saber esperar.” <b>(P2)</b></p> <p>“respeito pelas regras.” <b>(P2)</b></p>	3	2
		Mobilização das competências cognitivas	<p>“(…) estarem com atenção (...)” <b>(P4)</b></p> <p>“aptos para adquirir (...)” <b>(P4)</b></p> <p>“o facto de os alunos estarem predispostos para a aprendizagem” <b>(P4)</b></p> <p>“fazer as aprendizagens.” <b>(P4)</b></p>	4	1
		Saber estar	<p>“saber estar (...)” <b>(P2)</b></p> <p>“saberem estar dentro de uma sala de aula.” <b>(P3)</b></p>	2	2
	Comportamentos de disciplina	Atenção	<p>“tem a ver com a forma como está atento ou não à aula.” <b>(P1)</b></p> <p>“são aqueles alunos que estão atentos.” <b>(P3)</b></p> <p>“realizam as tarefas não se distraindo e não brincando.” <b>(P3)</b></p> <p>“estão atentos (...)” <b>(P3)</b></p> <p>“são aqueles alunos interessados e empenhados.” <b>(P3)</b></p>	5	2
		Participação	<p>“a forma como participa ou não no trabalho a realizar.” <b>(P1)</b></p> <p>“como participa e interage com os colegas.” <b>(P1)</b></p> <p>“a forma como concretiza as tarefas em conjunto com os colegas ou individualmente.” <b>(P1)</b></p>	3	1

		Regras	<p>“criança que cumpre as regras da sala de aula.” (P2)</p> <p>“basicamente cumpre as regras de sala de aula.” (P2)</p> <p>“sabe ouvir (...)” (P2)</p> <p>“sabe escutar (...)” (P2)</p> <p>“respeita a opinião dos outros (...)” (P2)</p> <p>“espera pela sua vez sem interrompe.” (P2)</p> <p>“que colocam as questões levantando o dedo primeiro para as colocar.” (P3)</p> <p>“não falam todos ao mesmo tempo.” (P3)</p> <p>“são educados (...)” (P3)</p> <p>“sabem esperar pela sua vez.” (P3)</p> <p>“falam apenas e só quando têm autorização para o fazer.” (P4)</p>	11	3
		Comportamento	<p>“sabem estar sentados.” (P3)</p> <p>“são crianças ou grupos que ouvem o que o professor tem a dizer.” (P4)</p> <p>“que não falam e não têm comportamentos desviantes com os colegas.” (P4)</p>	3	2
	Integração de disciplina na sua prática	Educar Comportamentos	<p>“passamos a maior parte do tempo a educar estes comportamentos.” (P2)</p> <p>“passa por treinar e apelar a este tipo de comportamentos.” (P2)</p> <p>“educar para a disciplina.” (P2)</p> <p>“(…) passo um dia inteiro a chamá-los à atenção.” (P3)</p>	4	2
	Definição de indisciplina	Atitudes/Comportamentos	<p>“é o não permitir que o trabalho se desenvolva de forma positiva, seja em atos, seja em palavras.” (P1)</p> <p>“não saber estar e não respeitar o espaço dos outros.” (P2)</p> <p>“é gozar com os outros.” (P2)</p> <p>“é não respeitarem o professor.” (P3)</p> <p>“há aquela indisciplina que pode ser apenas por não estar quieto, porque se levanta, porque se mexe, porque fala.” (P1)</p> <p>“a falta de respeito e a falta de educação mesmo.” (P1)</p>	6	3
		Incumprimento de Regras	<p>“é não cumprirem as regras.” (P3)</p> <p>“é o não saber respeitar o outro (...)” (P2)</p> <p>“não respeitar a sua vez de falar (...)” (P2)</p>	3	2

		Desmotivação	“as crianças muitas das vezes não estão motivadas nem estão interessadas na matéria.” <b>(P4)</b>	1	1
	Comportamentos de indisciplina	Perturbar	“um elemento (...) que não permita o desenvolvimento das tarefas em colaboração está a perturbar a realização do trabalho.” <b>(P1)</b> “interromper os raciocínios.” <b>(P2)</b> “uma criança indisciplinada acaba por prejudicar tudo. (...) fazer com que o professor tenha de parar a aula (...)” <b>(P4)</b>	3	3
		Incumprimento de Regras	“não cumprir basicamente as regras de sala de aula.” <b>(P2)</b> “não cumprirem as regras...” <b>(P3)</b>	2	2
	Fatores que condicionam a manifestação de comportamentos de disciplina/indisciplina	Fatores Externos – Ambiente Familiar	“Há muitos (...) sejam razões familiares, sejam até razões financeiras.” <b>(P1)</b> “a forma como estão em casa, como as coisas se desenvolvem em casa.” <b>(P1)</b> “Todos estes comportamentos deveriam ser treinados em casa.” <b>(P2)</b> “quando não há regras e rotinas dentro de casa eles chegam à escola e têm muita dificuldade em ter estes comportamentos (...)” <b>(P2)</b> “muitas vezes eles têm estes comportamentos em reflexo daquilo que ouvem em casa.” <b>(P3)</b> “acho que eles às vezes são reflexo daquilo que ouvem, daquilo que vivem em casa.” <b>(P3)</b>	6	3
		Físico/Psicológicos	“Há muitos... (...) seja distúrbio psicológico.” <b>(P1)</b> “situações que tenham a ver com a alimentação, a forma como estão.” <b>(P1)</b> “É uma causa natural, os miúdos são todos diferentes, uns mais agitados, uns menos agitados, uns mais colaborantes do que outros.” <b>(P2)</b>	3	2
		Chamadas de Atenção	“muitos deles é uma chamada de atenção, alguns é mesmo uma chamada de atenção para com eles, para darem nas vistas.” <b>(P3)</b> “fatores relacionados com alunos que sintam a necessidade de ser o centro das atenções (...)” <b>(P4)</b>	2	2
		Irrequietude	“não conseguem mesmo estar quietos e sossegados, têm de estar sempre a intervir.” <b>(P3)</b>	1	1

		Desmotivação	“podem ser principalmente fatores de desmotivação.” <b>(P4)</b>	1	1
		Ambiente Educativo	“fatores relacionados com um ambiente de aula menos bom.” <b>(P4)</b>	1	1
Bloco 2 – Estratégias utilizadas para gerir/prevenir comportamentos de (in)disciplina	Estratégias de promoção de disciplina	Valorização de valores	“tento que eles percebam e deem valor aos valores, ao valor da amizade, ao valor da partilha, ao valor do respeito mútuo.” <b>(P2)</b>	1	1
		Aquisição de regras	“no início do ano começam pelas regras e passam as regras para o caderno diário.” <b>(P3)</b> “promovo a disciplina com um conjunto de regras que vão sendo trabalhadas logo no início do ano.” <b>(P4)</b>	2	2
		Castigos	“sempre que não cumprem as regras escrevem no caderno diário.” <b>(P3)</b> “o delegado ou o subdelegado irá para o quadro e anotar o nome do colega que está a perturbar a sala de aula (...).” <b>(P3)</b>	2	1
		Comunicado para Casa	“escrevem no caderno de casa o que fizeram e os pais tomam conhecimento.” <b>(P3)</b> “coisas mais graves eu escrevo na caderneta.” <b>(P3)</b>	2	1
		Registo de Ocorrência	“casos ainda mais graves faço registo de ocorrência para ficar registado no processo do aluno.” <b>(P3)</b>	1	1
		Agir de Imediato	“à medida que as situações começam a surgir elas têm de ser imediatamente travadas, combatidas, não deixar que a situação evolua.” <b>(P4)</b> “(…) tive assim situações de indisciplina que logo desde início consegui controlar.” <b>(P4)</b> “à medida que elas vão surgindo têm de ser logo combatidas (...).” <b>(P4)</b>	3	1
		Intervenção face a situações de indisciplina	Castigos/ Penalizações	“às vezes vamos pelo caminho mais rápido que é pôr os meninos de castigo (...).” <b>(P1)</b> “penalizações.” <b>(P1)</b> “às vezes um castigo individual ou coletivo.” <b>(P2)</b> “escrever o nome no quadro, já sabem que ficam de castigo.” <b>(P3)</b>	4
	Comunicados para casa		“às vezes tem de ser através de recados para casa.” <b>(P2)</b> “comunicação aos pais.” <b>(P3)</b>	2	2
	Registo de Ocorrência		“se for algo mais grave por registo de ocorrência com conhecimento do diretor.” <b>(P3)</b>	1	1

		Autorreflexão	“fazê-los perceber que além de se estarem a prejudicar a eles estão também a prejudicar a turma na aprendizagem.” <b>(P4)</b>	1	1
Estratégias de gestão de grupo preventivas da indisciplina		Organização do Ambiente Educativo	“a troca de lugares (...) para prevenir os comportamentos dos alunos.” <b>(P1)</b> “rodar os grupos de trabalho.” <b>(P2)</b> “tanto trabalhamos em grupos (...)” <b>(P2)</b> “como individual (...)” <b>(P2)</b> “como estamos em filas.” <b>(P2)</b> “a disposição da sala está sempre me mudança consoante as necessidades.” <b>(P2)</b> “faço grupos de níveis em que há alunos que possam ajudar outros.” <b>(P2)</b> “(...) ou então aproximo-me mais daqueles grupos mais destabilizadores.” <b>(P2)</b> “manter um bom ambiente de aula.” <b>(P4)</b>	9	3
		Responsabilizar a criança	“dar responsabilidade aqueles miúdos que são mais malcomportados faz com que eles assumam responsabilidade.” <b>(P2)</b> “fazê-los ser o chefe da turma.” <b>(P3)</b>	2	2
		Reforços Positivos	“os reforços positivos (...)” <b>(P2)</b> “dou muitos reforços positivos.” <b>(P2)</b> “(...) levam um reforço positivo.” <b>(P2)</b> “elogiar aqueles que se portam bem.” <b>(P3)</b> “buscar aquela parte boa deles, mais pela motivação.” <b>(P3)</b> “temos que elogiá-los e mostrar aquilo que eles têm de bom, elogiar muitas vezes.” <b>(P3)</b>	6	2
		Ocupação da Criança	“se a aula for uma aula divertida (...) eles nem vão ter tempo de entrarem em comportamentos de indisciplina.” <b>(P4)</b> “tento pelo menos arranjar maneira de ter sempre tarefas para que eles estejam sempre ocupados (...) assim não têm tempo para perturbar.” <b>(P1)</b>	2	2
		Recompensar	“dou recompensas (...) temos de dar recompensas aos que realmente têm mérito.” <b>(P2)</b>	1	1
		Afetos	“sou muito afetiva (...)” <b>(P2)</b>	1	1
		Estipulação de Regras	“a estipulação de regras logo desde início.” <b>(P4)</b>	1	1

		Aulas dinâmicas	“se forem coisas motivantes e se for uma aula mais dinâmica.” (P4) “mostro-lhes vídeos, fazemos atividades que apelam ao cumprimento e à valorização das aproximações, das partilhas.” (P2)	2	2	
		Agir de Imediato	“à medida que o comportamento poderá estar a surgir é imediatamente dizer que não e que não e terminar-se logo aí com a situação.” (P4)	1	1	
		Retorno à Calma	“dizer à turma «vamos deixá-lo, ele já se acalma.»” (P3) “respiramos fundo e viramos as costas e ver se aquilo passa.” (P3)	2	1	
	Estratégias de promoção da autorregulação das crianças	Construção de regras	“diálogo com os alunos para eles próprios dizerem quais são as regras de comportamento dentro da sala de aula (...)” (P1)	1	1	
		Valorização da Criança	“tomarem consciência de que também são bons.” (P3)	1	1	
		Pedagogia de Relaxamento	“Fiz com eles sofrologia, é uma técnica de relaxamento.” (P3) “Outras vezes também ponho uma música para eles se acalmarem.” (P3) “também põem a cabeça na mesa e pensam em coisas boas.” (P3)	3	1	
		Conversas	“acabam por ser lições de moral que eu lhes dou.” (P4)	1	1	
		Autorreflexão	“tentar fazê-los entender que há situações que não devem ocorrer.” (P4)	1	1	
	Bloco 3 -Dificuldades sentidas na gestão de comportamentos de indisciplina	Dificuldades na gestão dos comportamentos de indisciplina	Existência de dificuldades	“Há dificuldades.” (P1) “Às vezes sim, a experiência vai-nos dando algum à vontade para trabalhar com a indisciplina.” (P2) “Sim, às vezes é muito complicado como atuar.” (P3)	3	3
			Comportamentos Cíclicos	“um aluno que por norma tem um comportamento muito irrequieto e perturbador e mesmo mau comportamento é cíclico.” (P1)	1	1
Inadequação			“não se sabem adequar aos meios e aos contextos.” (P2)	1	1	
Autorregulação			“eles próprios não conseguem regular os limites e o comportamento deles (...)” (P2)	1	1	

		Causas familiares	“em casa acham-lhes muita piada e lhes permitem muita coisa.” <b>(P2)</b>	1	1
		Turmas extensas	“por mais que eu queira individualizar o meu ensino não consigo (...) acho que bastava reduzir as turmas.” <b>(P2)</b> “são turmas muito heterogêneas que depois é muito difícil conseguir trabalhar.” <b>(P2)</b>	2	1
		Inexistência de dificuldades	“Não, muito por causa dessa estipulação das regras.” <b>(P4)</b> “nas primeiras reuniões peço ajuda aos pais, no sentido de haver uma ligação e entreaajuda entre a escola e os pais (...) as regras que eu vou tentando inculcar neles e os valores, a ideia é que os pais os mantenham também em casa.” <b>(P4)</b>	2	1
	Estratégias para ultrapassar essas dificuldades	Anotações de Comportamento	“utilizo às vezes as bolas dos comportamentos (...).” <b>(P2)</b>	1	1
		Adaptação de Estratégias	“É arranjar estratégias, se não dá esta vamos tentar outra.” <b>(P2)</b> “vamos adequando e vamos tentando (...).” <b>(P2)</b>	2	1
		Conversa em Grupo	“sim, depois é conversar com todos «será que aquele comportamento está correto?».” <b>(P3)</b>	1	1
		Autorreflexão	“fazê-los pensar.” <b>(P3)</b> “fazê-los sempre reconhecer que estão errados.” <b>(P3)</b>	2	1
Bloco 4 – Diferenças entre sexos na manifestação de comportamentos de indisciplina	Diferenças de comportamentos entre rapazes e raparigas	Existência de diferenças	“sim, há diferenças (...).” <b>(P1)</b> “Há sim. (...).” <b>(P2)</b> “os comportamentos são diferentes. (...).” <b>(P2)</b> “são tipos de comportamentos diferentes (...).” <b>(P3)</b> “Por norma sim (...).” <b>(P4)</b>	5	4
		Rapazes	“eles têm aquele comportamento de rapaz, as brigas (...).” <b>(P2)</b> “eles são mais na parte da violência.” <b>(P2)</b> “os rapazes é mais pela violência.” <b>(P3)</b> “os rapazes tendem a ser mais indisciplinados.” <b>(P4)</b> “nos rapazes há é mais situações de indisciplina para se afirmarem perante a turma.” <b>(P4)</b>	5	3

		Raparigas	<p>“elas se for preciso são mais conflituosas (...).” <b>(P2)</b></p> <p>“elas são mais mesquinhas entre elas, mais conflituosas e o diz que disse (...).” <b>(P2)</b></p> <p>“elas mais pelas intrigas e pela chantagem (...).” <b>(P3)</b></p> <p>“(...) turmas com mais raparigas são turmas em que há mais quezílias entre elas (...).” <b>(P4)</b></p>	6	4
	Atuação diferenciada consoante o sexo	Igual atuação	<p>“Não, normalmente reajo da mesma maneira.” <b>(P1)</b></p> <p>“tanto posso mostrar-me zangada com um rapaz como com uma rapariga.” <b>(P1)</b></p> <p>“Não, não faço distinção.” <b>(P1)</b></p> <p>“Não, é igual para ambos.” <b>(P2)</b></p> <p>“Penso que não, seja rapaz ou seja rapariga (...) atuo de igual forma.” <b>(P3)</b></p> <p>“Não, é igual para ambos.” <b>(P4)</b></p>	6	4
Bloco 5 – Indisciplina e Aprendizagem	Interferências da indisciplina no processo de ensino e aprendizagem		<p>“Sim, sim. Na própria e na dos colegas que estão mais ao pé (...).” <b>(P1)</b></p> <p>“É prejudicial para o próprio e para os colegas ao lado.” <b>(P1)</b></p> <p>“Muito porque eles não se concentram, (...) eles não conseguem aprender.” <b>(P2)</b></p> <p>“e acaba também por destabilizar o restante grupo.” <b>(P2)</b></p> <p>“Sim, muito porque eles não estão com atenção, não estão concentrados, não estão dispostos a aprender (...) e tudo isso acaba por influenciar o grupo.” <b>(P3)</b></p> <p>“Sem dúvida, porque situações de indisciplina não são geradoras de aprendizagem.” <b>(P4)</b></p> <p>“Um aluno que está em indisciplina contamina toda uma turma (...) não está em aprendizagem.” <b>(P4)</b></p> <p>“uma turma indisciplinada é uma turma que tem muito mais dificuldades em conseguir aprender.” <b>(P4)</b></p> <p>“Quanto mais indisciplina houver dentro de uma sala de aula menos aprendizagem há por parte dos alunos.” <b>(P4)</b></p>	9	4

**Anexo XXX – Tabela das entrevistas dos Alunos**

<b>Bloco temático</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Exemplos de unidade de sentido</b>	<b>Número de U.S.</b>	<b>Número de sujeitos</b>
Bloco I – Definição de (in)disciplina	Definição de indisciplina	Incumprimento de regras	“não cumprimos as regras.” (A6) “que quebram algumas regras.” (A7)	2	2
		Desorganização	“Acho que são pessoas desorganizadas, que não têm disciplina.” (A7)	1	1
		Faltar às aulas	“É quando nós faltamos às aulas.” (A6)	1	1
Bloco II - Mau comportamento (associado à Indisciplina)	Atuação do professor perante o comportamento	Ralha	“A professora ralha.” (A1) “A professora ralha.” (A2) “A professora ralha para nós nos portarmos bem.” (A3) “A professora ralha.” (A5)	4	4
		Realização tarefas extra	“A professora manda-nos fazer tarefas.” (A4)	1	1
		Castigo	“põem os nomes no quadro.” (A5) “mete essa pessoa de castigo.” (A7) “põe-nos de castigo.” (A8)	3	3
		Trocar de sala	“um colega meu troca sempre de sala.” (A6)	1	1
		Chamada de atenção	“chama a pessoa à atenção para não distrair os outros colegas.” (A7)	1	1
		Retirada de pontos ClassDojo	“retira pontos na ClassDojo.” (A8)	1	1
Bloco III - Incumprimento de regras (associado à Indisciplina)	Regras de sala de aula	Comportamento/Atitude a praticar	“tenho de pedir autorização para ir à casa de banho.” (A1) “tenho de pôr o dedo no ar para falar.” (A1) “meter o dedo no ar.” (A2) “Estar com atenção.” (A3) “pôr o dedo no ar quando queremos falar.” (A3) “ouvir a professora com atenção.” (A5) “pôr o dedo no ar se quisermos falar.” (A5) “Levantar o dedo quando queremos falar.” (A6) “não magoar os colegas” (A6) “Pormos o dedo no ar para falar.” (A7)	10	6

		Comportamentos/Atitudes a não praticar	<p>“Não devo estar levantado.” <b>(A1)</b>  “não devo comer na sala de aula.” <b>(A1)</b>  “Não comer na sala.” <b>(A2)</b>  “não correr na sala.” <b>(A2)</b>  “Não gritar.” <b>(A4)</b>  “não sujar a sala.” <b>(A4)</b>  “não ir à casa de banho sem a professora autorizar.” <b>(A4)</b>  “Não magoar os colegas.” <b>(A5)</b>  “não magoar os colegas” <b>(A6)</b>  “Não podemos falar sem pôr o dedo no ar.” <b>(A8)</b></p>	10	6
	Atuação do professor perante o incumprimento de regras	Ralha	<p>“A professora ralha connosco.” <b>(A3)</b>  “A professora ralha connosco.” <b>(A5)</b></p>	2	2
		Fica chateada	<p>“A professora fica chateada.” <b>(A1)</b>  “A professora fica chateada.” <b>(A2)</b></p>	2	2
		Realização de tarefas extra	<p>“A professora dá-nos tarefas para fazermos durante o dia.” <b>(A4)</b></p>	1	1
		Castigo	<p>“A professora mete-nos de castigo de vez em quando.” <b>(A6)</b>  “põe-nos fora da sala de aula.” <b>(A1)</b></p>	2	2
		Chamada de atenção	<p>“O professor chama-nos outra vez a atenção.” <b>(A7)</b></p>	1	1
		Retirada de pontos ClassDojo	<p>“O professor tira-nos pontos.” <b>(A8)</b></p>	1	1

**Anexo XXXI – Nota de Campo elaborada no contexto de 1ºano**

<b>Dia</b> – 11 de janeiro de 2018	<b>Local</b> – Instituição Y Sala de 1ºano
<b>Participantes</b> – Aluno e Professora	<b>Contexto/Situação</b> – Aula de Estudo do Meio
<b>O que vi/ouvi</b>  <p>Numa aula de Estudo do Meio realizada no espaço exterior da escola a professora teve de definir regras para o desenvolvimento produtivo da aula, uma vez que esta se desenvolvia num espaço diferente do habitual.</p> <p>Após essa imposição de regras por parte da professora a aula decorreu, inicialmente, da melhor maneira, a professora explicou a atividade, que se tratava de um percurso pelos vários locais escolares (biblioteca, casas de banho, refeitório, recreio...) em que em cada local os alunos enunciavam o que poderiam ou não realizar nos mesmo.</p> <p>Assim, a professora pretendia que os alunos alcançassem um consenso entre as atitudes ou não a ter para que posteriormente preenchessem um quadro de atitudes.</p> <p>Em determinado momento a algazarra e o descontrolo já era tal que a professora já não conseguia guiar os alunos na atividade.</p>	<b>O que refleti</b>  <p>Na minha opinião a atividade seria uma mais valia para aqueles alunos, se tivesse sido iniciada de um outro modo.</p> <p>O facto das regras terem sido impostas pela professora fez com que não fossem totalmente compreendidas e posteriormente praticadas pelos alunos.</p> <p>Na minha opinião as regras deveriam ter sido debatidas em conjunto professora-alunos, tendo os alunos possibilidade de intervir e dar a sua opinião relativamente às regras a praticar no espaço exterior.</p> <p>Deste modo, a prática educativa teria sido muito mais favorável ao conhecimento e à aquisição de regras, seja no interior ou exterior da sala, sendo esta falta de regras uma lacuna da turma.</p>

**Anexo XXXII – Nota de Campo elaborada no contexto de Jardim de Infância**

<b>Dia</b> – 17 de maio de 2017	<b>Local</b> – Instituição X Sala Amarela
<b>Participantes</b> – Crianças e Educadora	<b>Contexto/Situação</b> – Brincadeira Livre (Construções de chão)
<b>O que vi/ouvi</b>  Num dos momentos de brincadeira livre, pude observar o início de uma disputa entre duas crianças (rapaz - A e rapariga - B), querendo uma destruir a construção da outra. Consegui aperceber-me que a educadora observava a situação dando-lhes tempo, na esperança de que conseguissem resolver esse conflito entre elas. Porém, o que aconteceu foi exatamente o contrário, a criança (A) destruiu a construção e a criança (B) irritada projeta uma peça de madeira em direção à criança (A), acabando por lhe ferir o lábio.  Quando a educadora se deparou com a situação interveio de imediato, alertando para a situação que se gerou em torno de um conflito. Chamando a atenção da criança (B) por ter provocado uma agressão e da criança (A) por ter “testado os limites” ao destruir a construção. Contudo fez distinção na forma como comunicou com ambas as crianças, falando de forma mais meiga para a rapariga, criança (B) e de forma mais rígida para o rapaz, criança (A).	<b>O que refleti</b>  Na minha opinião é importante que seja dado esse tempo às crianças para que tentem resolver os conflitos por si, uma vez que essa capacidade tem de ser desenvolvida, porém, se a situação se descontrola ao ponto de iniciarem uma agressão, é importante que a educadora ou a auxiliar estejam atenta para evitar um mal maior.  Considero que após um conflito tem de existir sempre uma conversa, seja só com as crianças intervenientes ou mesmo com todo o grupo, como forma de esclarecer o acontecimento e prevenir futuros casos, argumentando sobre a gravidade da situação. E melhor do que ser a educadora a originar o debate, serem as próprias crianças a debater o certo e o errado, sempre com mediação de um adulto.  Na minha opinião, considero que também o facto de os intervenientes serem de géneros distintos isso não poderá afetar a nossa forma de agir perante o desacato.

**Anexo XXXIII – Nota de Campo elaborada no contexto de 4ºano**

<b>Dia</b> – 12 de maio de 2018	<b>Local</b> – Instituição Z Sala de 4ºano
<b>Participantes</b> – Aluno, Aluna e Professora AEC (Atividades Extracurriculares)	<b>Contexto/Situação</b> – Aula de Experiências (Atividades Extracurriculares)
<b>O que vi/ouvi</b>  Num início de atividade de uma aula experimental em contacto de AEC a professora organizou a turma em pequenos grupos mistos.  Quando começou a explicação da experiência um aluno e uma aluna (do mesmo grupo de trabalho) começaram a insultar-se verbalmente, tendo os colegas chamado a atenção da professora para o incidente.  A professora quando se deparou com a situação, sem se aperceber de quem lhe deu início pediu ao aluno que se ausentasse da sala por uns minutos para se acalmar, ficando a aluna a assistir à aula dentro da sala.  O aluno saiu da sala a “refilar”, uma vez que não tinha tido culpa do incidente.	<b>O que refleti</b>  Após ter assistido à repreensão por parte da professora, achei que esta não foi a mais adequada, visto que ela não tinha verificado qual dos alunos teria iniciado a situação.  Deste modo, na minha opinião, a atitude mais correta teria sido ou uma repreensão mútua, porque ambos estavam envolvidos nas agressões verbais, ou então tentar, em conjunto com a restante turma compreender quem lhe teria dado início e o porquê.  O facto da professora não ter dado a palavra a nenhum dos alunos para compreender o que despontou a situação fará com que num futuro estas situações se voltem a repetir por parte das alunas uma vez que a punição recairá sempre em torno dos alunos.

